

Giselle Aparecida da Luz

CARTOGRAFIA DE UMA RETÓRICA EMANCIPATÓRIA:
a viagem pelo olhar de Cecília Meireles,
Margaret Ursula Mee e Virginie Hériot



Belo Horizonte
2021

GISELLE APARECIDA DA LUZ

**CARTOGRAFIA DE UMA RETÓRICA EMANCIPATÓRIA: a
viagem pelo olhar de Cecília Meireles, Margaret
Ursula Mee e Virginie Hériot**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do
Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos da Faculdade de Letras da
Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial à obtenção do grau de Doutora
em Linguística.

Área de concentração: Linguística do Texto e do
Discurso
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso
Orientadora: Profa. Dra. Emília Mendes

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2021

L979c

Luz, Giselle Aparecida da.

Cartografia de uma retórica emancipatória [manuscrito]: a viagem pelo olhar de Cecília Meireles, Margaret Ursula Mee e Virginie Hériot / Giselle Aparecida da Luz. – 2021.

284 f. : il., fots., tabs., grafs., p&b., color.

Orientadora: Emília Mendes.

Area de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.

Tese (doutorado)– Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras

Bibliografia: f. 238-252.

Anexos: f. 253-283.

1. Meireles, Cecília, 1901-1964. – Crítica e interpretação – Teses. 2. Hériot, Virginie, 1890-1932. – Teses. 3. Mee, Margaret. – Teses. 4. Análise do discurso narrativo – Teses. 4. Retórica – Teses. 5. Viagens na literatura – Teses. 6. Mulheres na literatura – Teses. 7. Análise do discurso – Teses. I. Mendes, Emília. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 809.923



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

**CARTOGRAFIA DE UMA RETÓRICA EMANCIPATÓRIA: a viagem pelo olhar de Cecília Meireles,
Margaret Ursula Mee e Virginie Hériot**

GISELLE APARECIDA DA LUZ

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 29 de junho de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Emilia Mendes Lopes - Orientadora

UFMG

Prof(a). Maria Carmen Aires Gomes

UFV

Prof(a). João Bôsco Cabral dos Santos

UFU

Prof(a). Ivan Vasconcelos Figueiredo

UFSJ

Prof(a). Janaína Dias Barcelos

UFRN

Belo Horizonte, 29 de junho de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Emilia Mendes Lopes, Professora do Magistério Superior**, em 30/06/2021, às 11:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Janaina Dias Barcelos, Usuário Externo**, em 30/06/2021, às 14:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ivan Vasconcelos Figueiredo, Usuário Externo**, em 30/06/2021, às 15:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Carmen Aires Gomes, Usuário Externo**, em 30/06/2021, às 17:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **João Bôsko Cabral dos Santos, Usuário Externo**, em 02/07/2021, às 10:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0770410** e o código CRC **54E79C05**.

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me apoiaram e persistiram, até mesmo quando os recursos eram escassos, para que juntos pudéssemos realizar este sonho compartilhado. Dedico também a todas as mulheres que lutaram no passado, as que lutam no presente e as que lutarão no futuro pelo acesso a uma sociedade mais justa e igualitária.

AGRADECIMENTOS

Uma pausa para agradecer. Uma pausa para relembrar memórias e vivências que nos trouxeram até aqui. Uma pausa para narrar-se e deixar-se ser narrada. Para tal pausa evocamos a reflexão que Cecília Meireles¹ propõe sobre a viagem “A arte de viajar é uma arte de admirar, uma arte de amar. É ir em peregrinação, participando imensamente de coisas, de fatos, de vidas com as quais nos correspondemos desde sempre e para sempre. É estar constantemente emocionado, e nem sempre alegre, mas, ao contrário, muitas vezes triste, de um sofrimento sem fim, porque a solidariedade humana custa, a cada um de nós, algum profundo despedaçamento.”

Tomando a pesquisa como percurso empreendido em terras muitas vezes por nós desconhecidas, parafraseamos Cecília ao tomarmos a arte de pesquisar como uma arte de amar, uma arte de andar constantemente acompanhado de diversas indagações, a arte de abrir-se para ser interpelado pelo tema de pesquisa, pelas obras estudadas e pelas pessoas que nos acompanharam ao longo de nossa viagem. A arte de experienciar o momento de pausa para expressar nossa gratidão.

Agradeço a Deus pela vida, pelos sonhos e por se fazer presente em todos os momentos de minha caminhada.

Agradeço à minha família por ser minha fonte de aconchego, de segurança e de renovação das forças. Sou grata à minha mãe, Eunice, meu grande exemplo de coragem e luta, por me fazer compreender desde cedo a importância da resiliência diante dos desafios da vida e por me fazer acreditar que tudo daria certo. Sou grata a meu pai, Moacir, por sempre me apoiar a cada novo projeto que lhe apresentava, fazendo destes projetos e sonhos seus também. Sou grata às minhas irmãs Lucélia, Fátima e Sandra, ao meu irmão Bruno, à minha sobrinha Beatriz pelo ombro amigo e pelas palavras de carinho e cuidado que sempre encontrei neles.

Agradeço ao Jean-Yann, pelos diálogos que tornaram a travessia mais leve. Sou grata pela partilha de documentários e de livros que me possibilitaram refletir tanto sobre a pesquisa quanto sobre a vida em seu sentido amplo. Sou grata pelo apoio e acolhimento incondicional em cada etapa desta pesquisa.

¹ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de viagem*, vol.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999a.

Agradeço imensamente à minha orientadora professora Emília Mendes pela orientação tão cuidadosa, competente, dedicada e instigadora. Sou grata pela sensibilidade e empatia com que me acolheu nos momentos de insegurança e medo sobre o processo de pesquisa diante do cenário político vivenciado. Obrigada pela partilha tão generosa de artigos, livros e documentários que me auxiliaram diretamente no desenvolvimento deste estudo.

Às minhas amigas Aline e Andréia, agradeço pelo carinho, cuidado e companheirismo que encontrei em vocês desde minha vinda para Belo Horizonte para cursar a graduação em 2009. Obrigada pelos inúmeros diálogos e partilhas que ressignificaram os momentos de angústia e trouxeram novos sopros de motivação para prosseguir em nosso trajeto.

À minha amiga Danielle, sou grata pela partilha dos sonhos e inquietações desde o período da graduação. Agradeço pela escuta sempre sensível e atenta e pelo auxílio com a revisão da escrita e com as traduções do inglês.

À minha amiga Thayrine, agradeço pela amizade e pelas trocas tão enriquecedoras no âmbito da educação.

Ao meu amigo Filipi, sou grata pelos diálogos tão enriquecedores no campo da história e pelas partilhas tão significativas na vivência do reino.

À professora francesa Dany Guillou-Beuzit, agradeço pela abertura ao diálogo e pela gentileza de partilhar comigo o dossiê sobre a Virginie Hériot que havia elaborado e apresentado em uma conferência na França.

À equipe técnica da Biblioteca Walter Wey e do Centro de Documentação e Memória (Cedoc-Pinacoteca) agradeço pela atenção e apoio desde o primeiro contato por e-mail na busca por obras raras de Margaret Mee. Gratidão pelo auxílio nas consultas presenciais e pelos diálogos tão enriquecedores possibilitados graças à imensa generosidade na partilha do saber e vasto profissionalismo de toda a equipe técnica envolvida.

Minha gratidão a todos os professores que colaboraram com a presente pesquisa através das disciplinas que cursei em meu percurso no doutorado, agradeço à professora Béatrice Turpin, à professora Ida Lúcia Machado, à professora Helcira Lima, à professora Kátia Baggio, à professora Marlise Matos, à professora Maria Carmen Aires Gomes, ao professor Christian Plantan, ao professor Patrick Dahlet e ao professor Rui Grácio. Gratidão pela partilha do saber e pelos convites a constante reflexão.

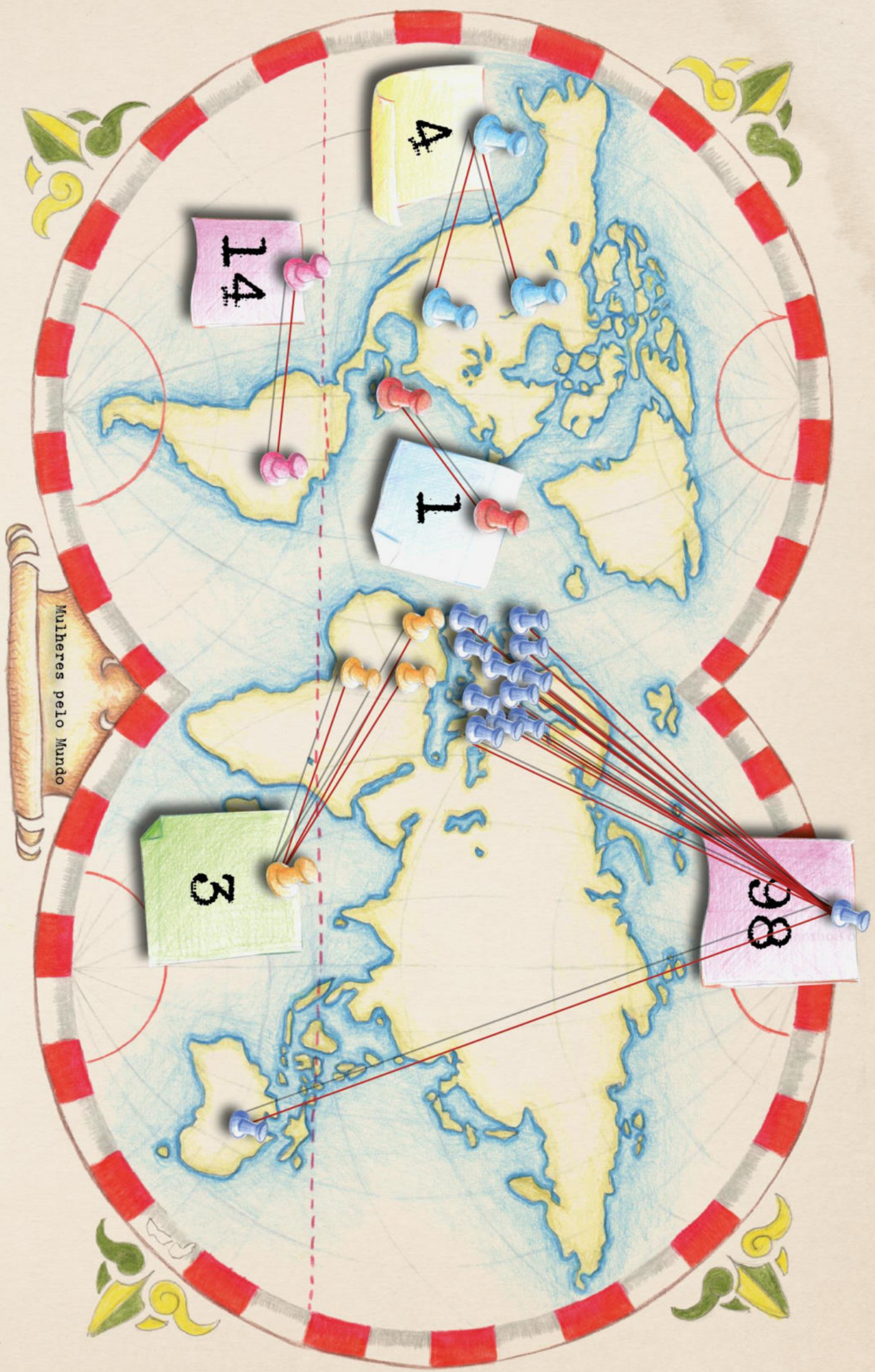
À Lara Valéria² pelas artes tão delicadas que atuaram como fios norteadores para a tessitura de nossos cadernos de viagem.

Ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Poslin), da Faculdade de Letras da UFMG, sou grata por me receberem e pela oportunidade de aprendizado.

À CAPES, sou imensamente grata pela bolsa concedida que tornou possível a realização da presente pesquisa.

² Para conhecer mais sobre o trabalho de Lara Valéria visitar Instagram: @natocadorato

“Perguntaram-me para onde vou agora. Quem sabe para onde vai, jamais? [...] Para qualquer lado que vá, tudo será maior que qualquer sonho.” (Cecília Meireles, Crônicas de viagem, vol.2, 1999a)



Mulheres pelo Mundo

14

4

1

3

98

RESUMO

Cartografar as vivências de mulheres que ousaram viajar, no contexto do século XX, e problematizar os discursos que silenciavam e apagavam as identidades plurais das viajantes, eis a esteira sobre a qual buscamos nos situar. Sendo assim, a presente pesquisa tem como objetivo analisar o transitar emancipatório de Cecília Meireles (1998), Margaret Ursula Mee ([2009]2010) e Virginie Hériot (1933) através das viagens que realizaram. Para tanto, tomaremos como categorias de base para nosso estudo, o *ethos*, como eixo central, os recursos de narratividade e os efeitos patêmicos, como eixos subjacentes. Para este estudo nos embasaremos nos trabalhos de Amossy (2006, 2010), Charaudeau (2007b), Galinari (2012, 2014), Maingueneau (1984, 2005, 2008) e Mendes (2011, 2012), no que diz respeito às provas retóricas; nos estudos de Charaudeau ([1983] 2010), Machado e Mendes (2013), Peytard (1983) e Vasconcellos (2005), sobre o papel do narratário na construção discursiva; assim como nos trabalhos de Genette (1995), em relação à voz narrativa e a questão da focalização. Por meio da análise de nosso *corpus*, verificamos a recorrência dos *ethé* das narradoras viajantes através de três eixos: em primeiro lugar por meio do eixo *como as viajantes transitam pelo mundo*, em que teríamos a construção discursiva do *ethos* de exploradora, nas três viajantes mencionadas; do *ethos* de viajante, em Cecília Meireles e Virginie Hériot; e do *ethos* de persistente, em Margaret Mee e Virginie Hériot; em segundo lugar, por intermédio do eixo *como percebem o mundo*, por meio da construção discursiva do *ethos* de benevolente, nas três escritoras estudadas; do *ethos* de conservacionista em Margaret Mee; e do *ethos* de intelectual, em Cecília Meireles e Margaret Mee; e, por fim, a partir do terceiro eixo *como são vistas pelo mundo*, através da construção discursiva do *ethos* de legitimada observado nas três viajantes que serviram de base para nossa pesquisa. Notamos, ainda, o emprego do narratário através das perguntas retóricas, do uso do vocativo e do pronome indicador de segunda pessoa. A partir de nossa análise das narrativas de viagem de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot pudemos verificar que, para essas mulheres, viajar é um ato de resistência e problematização do *status quo* sexista, que restringia às mulheres ao espaço privado. Para as viajantes, narrar implica em tomar consciência de sua existência e de seu lugar no mundo e reivindicar seus direitos.

Palavras-chave: Análise do discurso. Retórica. Provas retóricas. Identidade. Mulher viajante.

RESUMÉ

Cartographier les vies de femmes qui ont osé voyager au XXe siècle et problématiser les discours qui tassaient et effaçaient les identités plurielles des voyageuses, voilà le parcours sur lequel nous cherchons à nous situer. Dans ce cadre, la présente étude vise à analyser le parcours émancipateur de Cecilia Meireles (1998), Margaret Ursula Mee ([2009]2010) et Virginie Hériot (1933) à travers les voyages qu'elles ont réalisés. À cette fin, nous prendrons comme catégories de base pour notre étude, l'*ethos*, comme axe central, les ressources de la narration et les effets pathémiques, comme axes sous-jacents. Pour cette étude, nous nous appuierons sur les travaux d'Amossy (2006, 2010), de Charaudeau (2007b), de Galinari (2012, 2014), de Maingueneau (1984, 2005, 2008) et de Mendes (2011, 2012), en ce qui concerne les épreuves rhétoriques; dans les études de Charaudeau ([1983] 2010), Machado et Mendes (2013), Peytard (1983) et Vasconcellos (2005), sur le rôle du narrateur dans la construction discursive; ainsi que les travaux de Genette (1995) sur la voix narrative et la question de la focalisation. Qui plus est, en se basant sur l'analyse de notre *corpus*, nous constatons la récurrence des *ethés* des narratrices voyageuses. Elles suivent trois orientations : tout d'abord l'axe sur *comment les voyageuses traversent le monde*, dans lequel nous aurions la construction discursive de l'*ethos* d'exploratrice, parmi les trois voyageuses mentionnées; de l'*ethos* de voyageuse s'agissant de Cecilia Meireles et de Virginie Hériot; et de l'*ethos* de persistante pour Margaret Mee et Virginie Hériot; en seconde lieu, via l'axe *comment elles perçoivent le monde*, nous aurions la construction discursive de l'*ethos* de bienveillante, parmi les trois écrivaines étudiées; de l'*ethos* d'écologiste pour Margaret Mee; et de l'*ethos* d'intellectuel pour Cecilia Meireles et Margaret Mee; et, enfin, à partir du dernier axe *comment ils sont vus par le monde*, nous aurions la construction discursive de l'*ethos* de légitimée observée chez les trois voyageuses qui ont servi de base à notre recherche. Nous remarquons aussi l'emploi du narrateur par le biais de questions rhétoriques, l'usage de la vocation et le pronom indicateur de la deuxième personne. À partir de notre analyse des récits de voyage de Cecilia Meireles, Margaret Mee et Virginie Hériot nous avons pu constater que, pour ces femmes, voyager est un acte de résistance et de problématisation du *statu quo* sexiste, qui limitait les femmes à l'espace privé. Pour les voyageuses, raconter implique de prendre conscience de leur existence et de leur place dans le monde et de revendiquer leurs droits.

Mots clés: Analyse de discours. Rhétorique. Les preuves rhétoriques. Identité. Femme voyageuse.

ABSTRACT

Mapping the experiences of women who dared to travel, in the context of the Twentieth Century, questioning the discourses that silenced and erased the plural identities of women's travelers, this is the belt on which we seek to place ourselves. Therefore, this research aims to analyze the emancipatory route of Cecília Meireles (1998), Margaret Ursula Mee ([2009] 2010) and Virginie Hériot (1933) through their travels. To this end, we will take *ethos* as the central axis as well as the narrative techniques and the pathemic effects as the underlying axes. The theoretical basis come from Amossy (2006, 2010), Charaudeau (2007b), Galinari (2012, 2014), Maingueneau (1984, 2005, 2008) and Mendes (2011, 2012) regarding the rhetorical appeals; the notion of tone from Auchlin (2001); the contributions from Charaudeau (2007a) about socio-discursive imaginary; the studies of Bauman (2005), Hall (2006) and Kauffman (2001, 2008) about identity; the contributions from Authier-Revuz (1982, 1990) with respect to the use of discursive heterogeneity; the investigations of the role of the narratee in the discursive construction proposed by Charaudeau ([1983], 2010), Machado & Mendes (2013), Peytard (1983) and Vasconcellos (2005); as well as the work of Genette (1995) in relation to the narrative voice and the term focalisation. The analysis of our *corpus*, showed a recurrence of the traveling narrator's *ethé* through three axes: *how these travelers transit by the world*, in which we have the discursive construction of the explorer *ethos* in the three traveling narrators; as well as the traveler *ethos*, both in Cecília Meireles and Virginie Hériot; and the persistent *ethos* in Margaret Mee and Virginie Hériot. The second axis concerns *how they perceive the world*, through the discursive construction of the benevolent *ethos*, in the three studied writers; the conservationist *ethos* in Margaret Mee; and the intellectual *ethos* in Cecília Meireles and Margaret Mee. Finally, the last axis shows *how they are seen by the world*, through the discursive construction of the legitimacy *ethos* observed in the three travelers who served as the basis for our research. The studies also demonstrate the use of the narratee through rhetorical questions, the use of the vocative and the use of second-person pronouns. Through our analysis about the travel narratives of Cecília Meireles, Margaret Mee and Virginie Hériot we were able to verify that, for women, traveling is an act of resistance and questioning the sexist status quo, which restricted women to private space. For these traveling women, narrating implies becoming aware of their existence in the world and claiming their rights.

Keywords: Discourse analysis. Rhetoric. Rhetorical appeals. Identity. Woman traveler

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1: Capas das obras analisadas inicialmente.....	33
Figura 2: Viajantes Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot	61
Figura 3: Cecília Meireles	68
Figura 4: Cecília Meireles	70
Figura 5: Cecília Meireles a bordo do navio Cuyabá	72
Figura 6: Cecília Meireles em Ouro Preto, Minas Gerais	74
Figura 7: Margaret Mee.....	77
Figura 8: Margaret Mee conversando com habitantes locais	79
Figura 9: Margaret Mee na varanda de sua casa em Santa Tereza, Rio de Janeiro.....	80
Figura 10: Margaret Mee em uma de suas expedições na Floresta Amazônica.....	81
Figura 11 - <i>Aechmea meeana</i> (Bromeliaceae), 1978	82
Figura 12- <i>Neoregelia margaretae</i> (família Bromeliaceae), 1979	83
Figura 13 - <i>Sobralia margaretae</i> (família Bromeliaceae), 1977	83
Figura 14- Matéria sobre Margaret Mee.....	85
Figura 15- Matéria sobre Margaret Mee na revista <i>Veja</i> Fonte: <i>Veja</i> , 17 de outubro de 1990.	86
Figura 16- Matéria sobre Margaret Mee no <i>Jornal da Tarde</i>	88
Figura 17- Matéria sobre Margaret Mee em <i>O Estado de São Paulo</i>	89
Figura 18- Matéria sobre Margaret Mee na revista <i>Isto é</i>	90
Figura 19: Virginie Hériot em seu primeiro ailée, ex-Aar, ex-Meteor IV.....	92
Figura 20: Virginie Hériot, sua mãe e seus irmãos a bordo do Katoomba (1904).....	93
Figura 21- Matéria sobre Virginie Hériot no jornal <i>L'Intransigeant</i>	95
Figura 22 - Foto de Virginie Hériot com alguns dos prêmios que recebeu em sua carreira	97
Figura 23: Capas das obras analisadas	110
Figura 24- Constituição do <i>ethos</i> em Maingueneau	132
Figura 25- Esquema da relação: identidade, <i>ethos</i> , estereótipos, imaginários e representações.....	138
Figura 26: Mapa da Amazônia	173
Figura 27: Margaret Mee desenhando a Flor-da-lua	187
Figura 28: Flor-da-lua.....	188

GRÁFICO

Gráfico 1 - Comparação dos ethé explorador, de viajante e de turista	116
--	-----

QUADROS

Quadro 1– Cartografia de 120 mulheres viajantes	26
Quadro 2- Grade de análise - Esquematização das categorias de análise com a síntese de nossa grade de análise das narradoras viajantes	112
Quadro 3 - Modos de organização do discurso	149
Quadro 4 - Gêneros associados à temática da viagem.....	153
Quadro 5 - Quadro Machado e Mendes (2013).....	159
Quadro 6- Crônicas de Viagem, vol.1, 1998, Cecília Meireles.....	253
Quadro 7 - Flores da Floresta Amazônica, (2010 [2009]),.....	266
Quadro 8 – Sur mer: impressions et souvenirs, 1933,.....	278

TABELAS

Tabela 1- Cruzeiros realizados por Virginie Hériot (1900-1932)	94
Tabela 2- Contextualização temporal escritoras viajantes	100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CM	Cecília Meireles
LR	Local de Referência
MM	Margaret Mee
NI	Não Identificado (o local)
VH	Virginie Hériot

SUMÁRIO

PONTO DE PARTIDA.....	22
I) O despertar para o início da presente viagem.....	23
II) Caminhos iniciais.....	32
III) Recalculando o trajeto.....	36
IV) Planejamento da presente viagem.....	37
CADERNO 1: BREVE PANORAMA DA HISTÓRIA DAS VIAGENS.....	41
Considerações iniciais.....	41
1.1 História da viagem e do turismo.....	42
1.1.1 Resignificar para significar.....	42
1.1.2 As diversas fases da viagem e do turismo.....	43
1.2 Entre o público e o privado.....	47
1.2.1 Entre imaginários sociodiscursivos sobre as mulheres.....	47
1.2.2 As consequências dos imaginários sociodiscursivos sobre as mulheres.....	51
1.2.3 A dicotomia generificada do público e do privado.....	54
1.2.4 Do não-lugar ao lugar reivindicado pelas mulheres..	58
1.3 Mulheres viajantes: um lugar na História.....	60
Considerações finais.....	66
CADERNO 2: MAPEAMENTO DAS ESCRITORAS VIAJANTES.....	67
Considerações iniciais.....	67
2.1 Entre a vida e as obras da educadora-viajante brasileira Cecília Meireles.....	68
2.1.1 Na trilha biográfica de Cecília Meireles (1901-1964)..	68
2.1.2 O início da escritora brasileira nas letras.....	69
2.1.3 O transitar de Cecília Meireles pela Literatura Brasileira.....	70
2.1.4 A relação de Cecília Meireles com a educação.....	72
2.1.5 A experiência de viagem em Cecília Meireles.....	73
2.1.6 A escrita como uma forma de viagem.....	75
2.1.7 Convites e prêmios.....	75
2.2 Entre a vida e as obras da artista botânica e conservacionista inglesa Margaret Mee.....	76
2.2.1 Na trilha biográfica de Margaret Mee (1909-1988).....	76
2.2.2 As expedições de Margaret Mee para a Floresta Amazônica.....	78
2.2.3 Reconhecimento das contribuições de Margaret Mee e homenagens recebidas.....	81
2.2.4 Margaret Mee na imprensa.....	84

2.3 Entre a vida e as obras da navegadora francesa Virginie Hériot	92
2.3.1 Na trilha da biografia de Virginie Hériot (1890-1932)	92
2.3.2 A descoberta da paixão pela navegação	93
2.3.3 Reconhecimento e premiações.....	95
Considerações finais.....	98
CADERNO 3: MAPEAMENTO DO CONTEXTO HISTÓRICO DAS OBRAS	100
Considerações iniciais	100
3.1 Contextualização da França (1900-1932) -Virginie Hériot	101
3.2 Contextualização Brasil (1941-1952) - Cecília Meireles.....	102
3.3 Contextualização Brasil e Inglaterra (1956-1988) - Margaret Mee.....	103
Considerações finais.....	105

2ª PARTE DO DIÁRIO DE VIAGEM: APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....

107	
CADERNO 4: METODOLOGIA.....	108
Considerações iniciais	108
4.1 Descrição, estabelecimento do <i>corpus</i> e construção da grade de análise.....	109
4.1.1 <i>Primeira etapa: Revisão bibliográfica e estabelecimento do quadro teórico</i>	111
4.1.2 <i>Segunda etapa: Estudo individual de cada obra e levantamento de categorias</i>	111
4.1.2.1 Os <i>ethé</i> das narradoras viajantes.....	113
4.1.2.2 <i>Ethos</i> de exploradora	113
4.1.2.3 <i>Ethos</i> de viajante.....	115
4.1.2.4 <i>Ethos</i> de persistente	117
4.1.2.5 <i>Ethos</i> de benevolente	118
4.1.2.6 <i>Ethos</i> de conservacionista.....	120
4.1.2.7 <i>Ethos</i> de intelectual.....	121
4.1.2.8 <i>Ethos</i> de legitimada.....	122
4.1.3 <i>Terceira etapa: Levantamento de constantes e variáveis</i>	123
Considerações finais.....	124
CADERNO 5: ARCABOUÇO TEÓRICO.....	125
Considerações Iniciais	125
5.1 Uma imersão nas provas retóricas.....	125
5.1.1 A inter-relação das provas retóricas	126
5.1.2 Entre os sentidos do silêncio e o <i>logos</i>	128
5.1.3 Contextualização sobre a noção do <i>ethos</i>	130
5.1.4 No que se embasa o <i>ethos</i> ?.....	134
5.1.5 Uma proposta de estudos para o <i>ethos</i> e a identidade.....	138
5.1.6 Efeitos Patêmicos.....	140
5.2 Identidade	144

5.2.1 Das identidades centradas e fixas às identidades em processo de deslocamento e negociação.....	145
5.2.2 O papel do outro no processo de construção identitária.....	146
5.2.3 Uma proposta de caminho para a reflexão sobre a identidade das narradoras viajantes.....	147
5.3 Recursos de narratividade.....	148
5.3.1 O gênero discursivo Narrativa de viagem.....	148
5.3.1.1 Modos de organização do discurso.....	149
5.3.1.2 Gêneros discursivos - múltiplas vozes das mulheres viajantes e delimitações de conceitos.....	151
5.3.2 Heterogeneidade discursiva.....	155
5.3.3 Os sujeitos das narrativas.....	157
5.3.3.1 Uma abordagem polifônica dos sujeitos da linguagem.....	157
5.3.3.2 A voz narrativa e a focalização.....	162
Considerações finais.....	164

3ª PARTE DO DIÁRIO DE VIAGEM: A TRAVESSIA POR ENTRE AS NARRATIVAS DE VIAGEM.....165

CADERNO 6: ANÁLISE.....	166
Considerações iniciais.....	166
6.1 <i>Ethé</i>	167
6.1.1 <i>Ethé</i> - como transitam pelo mundo.....	167
6.1.1.1 <i>Ethos</i> de exploradora.....	168
6.1.1.1.1 <i>Ethos</i> de exploradora de Cecília Meireles.....	168
6.1.1.1.2 <i>Ethos</i> de exploradora de Margaret Mee.....	169
6.1.1.1.3 <i>Ethos</i> de exploradora de Virginie Hériot.....	175
6.1.1.2 <i>Ethos</i> de viajante.....	178
6.1.1.2.1 <i>Ethos</i> de viajante de Cecília Meireles.....	178
6.1.1.2.2 <i>Ethos</i> de viajante de Virginie Hériot.....	182
6.1.1.3 <i>Ethos</i> de persistente.....	184
6.1.1.3.1 <i>Ethos</i> de persistente de Margaret Mee.....	184
6.1.1.3.2 <i>Ethos</i> de persistente de Virginie Hériot.....	189
6.1.2 <i>Ethé</i> - como percebem o mundo.....	192
6.1.2.1 <i>Ethos</i> de benevolente.....	193
6.1.2.1.1 <i>Ethos</i> de benevolente de Cecília Meireles.....	193
6.1.2.1.2 <i>Ethos</i> de benevolente de Margaret Mee.....	195
6.1.2.1.3 <i>Ethos</i> de benevolente de Virginie Hériot.....	198
6.1.2.2 <i>Ethos</i> de conservacionista.....	202
6.1.2.2.1 <i>Ethos</i> de conservacionista de Margaret Mee... ..	202
6.1.2.3 <i>Ethos</i> de intelectual.....	206
6.1.2.3.1 <i>Ethos</i> de intelectual de Cecília Meireles.....	206
6.1.2.3.2 <i>Ethos</i> de intelectual em Margaret Mee.....	208
6.1.3 <i>Ethé</i> - como são vistas pelo mundo.....	211
6.1.3.1 <i>Ethos</i> de Legitimada das três escritoras viajantes.....	211

6.2 Recursos de narrativa.....	215
6.2.1 Heterogeneidade discursiva: mostrada e constitutiva	215
6.2.2 Narratário.....	216
6.2.2.1 Perguntas retóricas.....	216
6.2.2.1.1 Perguntas retóricas em Cecília Meireles.....	216
6.2.2.1.2 Perguntas retóricas em Margaret Mee.....	217
6.2.2.1.3 Perguntas retóricas em Virginie Hériot.....	219
6.2.2.2 Pronomes indicadores de segunda pessoa.....	221
6.2.2.2.1 Pronomes indicadores de segunda pessoa em Virginie Hériot.....	221
6.2.2.3 Vocativo.....	223
6.2.2.3.1 Vocativo em Cecília Meireles.....	223
Considerações finais.....	225

4º PARTE DO DIÁRIO DE VIAGEM: O VISLUMBRE DE MÚLTIPLOS

HORIZONTES.....	227
FIM DO DIÁRIO: CONCLUSÕES.....	228
REFERÊNCIAS.....	238
BIBLIOGRAFIA DAS MULHERES VIAJANTES.....	251
ANEXO.....	253
Anexo A: Quadros das narradoras viajantes: Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot.....	253
Quadro 6- Crônicas de Viagem, vol.1, 1998, Cecília Meireles	253
Quadro 7 - Flores da Floresta Amazônica, (2010 (2009)),.....	266
Margaret Mee.....	266
Quadro 8 - Sur mer: impressions et souvenirs, 1933,.....	278
Virginie Hériot.....	278



Ponto de partida

I) O despertar para o início da presente viagem

Uma viagem se inicia quando começamos a sonhar acordados com ela. Contudo, será que todas as viagens se dariam da mesma forma? Será que todos os deslocamentos geográficos seriam motivados pelas mesmas razões? Será que todos os sujeitos vivenciariam tais experiências com a mesma intensidade e percepção? Assim, diante de tais indagações tão instigadoras, cara leitora e caro leitor, convido³-os a se aventurarem juntamente comigo em tal jornada em busca da vivência das múltiplas nuances e formas da viagem, através de um movimento para além da busca apenas pelo fim do caminho, considerando a proficuidade de desfrutar do processo de travessia por entre os diversos cenários e visões de mundo.

Em tal ponto, nossa leitora e nosso leitor talvez possam estar se perguntando: afinal o que teria levado alguém a pesquisar sobre o tema da viagem, mais especificamente sobre as narrativas das mulheres viajantes, no âmbito dos estudos discursivos, literários e históricos? Aos que aceitaram o nosso convite para imergir conosco nesta aventura, gostaria de propor uma reflexão sobre a forma como fui interpelada por tal tema e as razões que me motivaram a desenvolver o presente estudo.

Uma despreziosa pesquisa na oferta de disciplinas no Programa de Pós-Graduação em História da UFMG (PPGH-UFMG) colocou-me em contato com a disciplina⁴ *Identidades e Alteridades: o debate sobre a diversidade no mundo contemporâneo*, ofertada pela professora Kátia Gerab Baggio. Fortemente interpelada pelo título e pelo programa da disciplina, realizei minha matrícula. Ao longo do curso me deparei com a discussão sobre a narrativa de viagem e o papel que os viajantes assumem diante de sua construção narrativa. No curso, entrei em contato com o livro *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*, da historiadora Stella Maris Scatena Franco (2008). Conhecer a referida obra me impactou consideravelmente por duas razões: primeiramente, porque me possibilitou revisitar o que seria o início da minha imersão nos estudos sobre a forma como as mulheres são vistas e retratadas discursivamente, isto é, meu início na pesquisa sobre gênero ainda no período graduação. Nos anos de 2013 a 2014, tive a oportunidade de participar de uma pesquisa de iniciação

³ O presente texto é resultado de muitos diálogos e reflexões, por tal razão optei por redigi-lo na primeira pessoa do plural. Contudo, em alguns momentos, como o referido, peço licença para a leitora e para o leitor para adotar a primeira pessoa do singular tendo em vista se tratar de momentos em que partilho o meu percurso acadêmico, pessoal e sócio-histórico.

⁴ Cursei tal disciplina, como eletiva, no 1º semestre de 2017, isto é, em meu primeiro semestre no doutorado no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, na FALE/UFMG.

científica, orientada pela professora Ida Lúcia Machado, sobre a análise de releituras feitas dos contos de fadas em que as mulheres são apresentadas como protagonistas de suas histórias⁵. A segunda razão de meu impacto deveu-se ao fato de verificar o ensurdecedor silêncio das fontes quando se referiam às narrativas de mulheres viajantes.

Minha inquietude perante tal constatação tomou o lugar da euforia inicial da descoberta de um tema que tanto me afetava, por inúmeras razões, dentre elas algumas que só fui descobrir no processo de desenvolvimento da presente pesquisa. Acompanhada, assim, de uma grande inquietude, iniciei o processo de busca – em bibliotecas físicas quanto nas bibliotecas virtuais – dos relatos de mulheres viajantes com o intuito de realizar um mapeamento tanto das obras de escritoras viajantes quanto de estudos que foram desenvolvidos sobre tais obras. Tal processo de revisão bibliográfica, que serviu de base para o supramencionado mapeamento, se desenvolveu no período de oito meses (agosto de 2017 a abril de 2018).

Em minhas pesquisas, deparei-me com o estudo de Berger (1964) que me ajudou a visualizar panoramicamente a forma como as viagens foram, durante muito tempo, narradas majoritariamente pela voz masculina. O supracitado estudioso realizou uma pesquisa sobre o acervo de viajantes e autores estrangeiros que passaram pelo Rio de Janeiro (1531-1900). O autor ressalta que foram levantados 153 livros de viagem na primeira metade do século XIX, sendo que, da lista apurada foram localizados efetivamente 80 livros; de tais livros, apenas 5 deles foram escritos por mulheres. Outros trabalhos que abordam a discussão da voz masculina sobre as narrativas de viagem são: Fernandez-Armesto (2009); Figueiredo (2010); Fonseca (2008); Sampaio e Teschauer

⁵ Em nossa pesquisa de Iniciação científica buscamos nos debruçar sobre a forma como a campanha de prevenção contra a AIDS (1998), idealizada pela agência *Grey* em parceria com a associação *Sida Info Service*, tomou como base os contos *Cinderela*, *Pele de Asno*, *Branca de Neve* e o desenho animado *Sherazade* buscando ressignificá-los. Nosso estudo teve por finalidade observar as estratégias empregadas pelos sujeitos envolvidos na situação comunicacional no processo de revisitação e ressignificação dos contos tomados como base. Para tanto, embasamo-nos nas contribuições de Charaudeau ([1983] 2010), em relação ao quadro comunicacional para estudo dos sujeitos da linguagem; bem como nos estudos de Machado (2001, 2002, 2012), no que diz respeito aos sujeitos envolvidos no processo comunicacional e o emprego da paródia. No decorrer de nossa pesquisa verificamos que a campanha (1998) se situava no campo do discurso propagandístico ao apresentar uma visada de informação, podendo ser compreendida como uma campanha de prevenção orientada por um contrato de benefício social. Notamos ainda que a campanha se embasou tanto em elementos narrativos quanto argumentativos. Ao apresentar elementos que propõem uma revisitação dos contos de fadas, o Sujeito Comunicante visa seduzir seu interlocutor e, através do acionamento de tal intertexto, ele ousa misturar estilos, autores e épocas colocando em prática as estratégias de captação através da dramatização. Assim, ao se deparar com o *ethos* discursivo de uma mulher livre para tomar suas próprias decisões e empoderada, o interlocutor é convidado para realizar um duplo movimento: debruçar-se novamente sobre os contos e os imaginários associados a tais narrativas em que a mulher é apresentada como um ser frágil, passivo e indefeso; para, em seguida, problematizar tais imaginários e discursos pautados em um *status quo* sexista.

(1955); Taunay e Azevedo (1933) e Verne (1975), para citar apenas alguns dos trabalhos da ampla documentação encontrada.

Diante dos desafios vivenciados ao buscar mapear as escritoras viajantes, observei que seria esclarecedor revisitarmos as contribuições de Perrot (2007) em relação aos estudos que ela desenvolveu sobre a história das mulheres no decorrer dos séculos.

Ao refletir sobre a forma como a história das mulheres foi escrita ao longo do tempo, Perrot (2007, p.16) afirma que “As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal.” Desse modo, para a historiadora francesa, narrar a história das mulheres seria uma forma de romper com o silêncio e a invisibilidade a que as mulheres foram submetidas durante tanto tempo.

Perrot (2007) aponta ainda que outra razão do silenciamento da história das mulheres está relacionada ao silêncio das fontes. A historiadora ressalta que o acesso das mulheres à escrita foi tardio, mesmo as poucas produções domésticas das mulheres eram rapidamente destruídas, tendo em vista o pouco valor que era atribuído à produção feminina. A estudiosa destaca que as mulheres, ao invés de serem efetivamente descritas, eram apenas imaginadas e representadas dando lugar à propagação de inúmeros estereótipos, por esta razão observa-se uma assimetria sexual das fontes.

Tomando como base tais reflexões do campo da historiografia sobre as mulheres, bem como os desafios experienciados na busca das obras das escritoras viajantes, senti-me profundamente impelida a prosseguir com a pesquisa em tal campo e como me lembrou, muito sensatamente, minha orientadora professora Emília Mendes, em uma reunião: assim como é importante analisar as vozes em um discurso é também extremamente relevante nos atentarmos para os silêncios. A partir daí, dei continuidade à pesquisa: em busca dos silêncios.

Considerando o silêncio ensurdecedor a que as mulheres foram submetidas durante tantos anos, senti-me interpelada a imergir nas narrativas e vivências das mulheres viajantes com as quais entrei em contato no decorrer do presente estudo tanto através da leitura, quanto através da participação em encontros presenciais e virtuais (Email, Instagram, por exemplo). Ao realizar tal movimento, pude entrar em contato com diversas narrativas de mulheres que ousaram reivindicar para si o espaço público o que tornou possível a elaboração do quadro 1 *Cartografia de 120 mulheres viajantes*. Tomamos como ponto de partida para tal cartografia as mulheres viajantes que encontramos em

nossa pesquisa inicial (agosto de 2017 a abril de 2018), não obstante gostaríamos de destacar que demos continuidade a tal mapeamento ao longo de nossos quatro anos de pesquisa.

Quadro 1– Cartografia⁶ de 120 mulheres viajantes⁷

(continua)

	Nome	Ciclo de vida	País
1	Egéria	Século IV d.C	Itália
2	Margery Kempe	1373-1438	Inglaterra
3	Mencia de Calderón	1514-1564	Espanha
4	Catalina de Erauso	1585/1592-1650	Espanha
5	Lady Mary Wortley	1689-1762	Inglaterra
6	Elizabeth Montagu	1718-1800	Inglaterra
7	Lady Mary Coke	1727-1811	Inglaterra
8	Sophie Von La Roche	1731-1807	Alemanha
9	Jeanne Baret	1740-1807	França
10	Lady Anna Miller	1741-1781	Inglaterra
11	Eliza Fay	1756-1816	Inglaterra
12	Mary Wollstonecraft	1759-1797	Inglaterra
13	Maria Edgeworth	1767-1849	Inglaterra
14	Lady Hester Lucy Stanhope	1776-1839	Inglaterra
15	Maria Graham	1785 - 1842	Inglaterra
16	Rose de Saulces de Freycinet	1794-1832	França

⁶ Tal cartografia de 120 mulheres viajantes é narrada de forma iconográfica na página 7 do presente estudo.

⁷ O referido quadro apresenta as viajantes com as quais nos deparamos no decorrer de nosso processo de revisão bibliográfica. Ele pretende surgir como um convite para outras leitoras e leitores, interessados em imergir nesse universo das mulheres viajantes, darem continuidade a essa lista de maneira colaborativa através de futuras pesquisas.

Quadro 1– Cartografia de 120 mulheres viajantes

(continua)

	Nome	Ciclo de vida	País
17	Henriette d'Angeville	1794-1871	França
18	Ida Pfeiffer	1797-1858	Aústria
19	Louise Bourbonnaud	18..-1915	França
20	Suzanne Voilquin	1801-1877	França
21	Harriet Martineau	1802-1876	Inglaterra
22	Flora Tristan	1803-1844	França
23	George Sand	1804-1876	França
24	Marie d'Agoult	1805-1876	Alemanha
25	Mary Jane Seacole	1805-1881	Jamaica
26	Jane Elizabeth Digby	1807-1881	Inglaterra
27	Cristina Trivulzio Belgiojoso	1808-1871	Itália
28	Nisia Floresta	1810-1885	Brasil
29	Adèle Hommaire de Hell	1819-1883	França
30	Léonie d'Aunet	1820-1879	França
31	Carla Serena	1824-1884	Bélgica
32	Adèle Toussaint	1826-1911	França
33	Anne de voisins d'Ambre	1827-18...	França
34	Marianne North	1830-1890	Inglaterra
35	Isabel Burton	1831-1896	Inglaterra
36	Isabella Lucy Bird	1831-1904	Inglaterra
37	Olympe Audouard	1832-1890	França
38	Alendrine Tinné	1835-1869	Holanda
39	Ellen Brownin	1836-1932	Inglaterra
40	Lady Anne Blunt	1837-1917	Inglaterra
41	Florence Baker	1841-1916	Romênia
42	Isabelle Massieu	1844-1932	França
43	Marie d'Ujfalvy-Bourdon	1845-1904	França
44	Mary French Sheldon	1847-1936	Estados Unidos
45	Hubertine Auclert	1848-1914	França

Quadro 2– Cartografia de 120 mulheres viajantes

(continua)

	Nome	Ciclo de vida	País
46	Princesa Teresa da Baviera	1850-1925	Alemanha
47	Josefina Álvares de Azevedo	1851-1913	Brasil
48	Jane Dieulafoy	1851-1916	França
49	Alice Pestana	1860-1929	Portugal
50	Mary Eliza Bakewell Gaunt	1861-1942	Austrália
51	Mary Kingsley	1862-1900	Inglaterra
52	Ethel Brilliana Tweedie	1862-1940	Inglaterra
53	Ella Sykes	1863-1939	Inglaterra
54	Madame B. Chantre	1866-1952	França
55	Alice Moderno	1867-1946	França
56	Raymonde Bonnetain	1868-19..	França
57	Gertrude Lowthian Bell	1868-1926	Inglaterra
58	Alexandra David-Néel	1868-1969	França
59	Andrée Viollis	1870-1950	França
60	Francesca French	1871-1960	Bélgica
61	Isabelle Eberhardt	1877-1904	Suíça
62	Mildred Cable	1878-1952	Inglaterra
63	Karen Blixen	1885-1962	Dinamarca
64	Marion Sénones	1886-1977	França
65	Virginie Hériot	1890-1932	França
66	Rosita Forbes	1890-1967	Inglaterra
67	Agatha Christie	1890-1976	Inglaterra
68	Marga d'Andurain	1893-1948	França
69	Louise Weiss	1893-1983	França
70	Freya Stark	1893-1993	França

Quadro 3– Cartografia de 120 mulheres viajantes

(continua)

	Nome	Ciclo de vida	País
71	Odette du Puigaudeau	1894-1991	França
72	Maryse Bastié	1898-1952	França
73	Maria Archer	1899-1932	Portugal
74	Anita Conti	1899-1997	França
75	Vivienne Watteville	1900-1957	Inglaterra
76	Cecília Meireles	1901-1964	Brasil
77	Thérèse Rivière	1901-1970	França
78	Marguerite Yourcenar	1903-1987	França
79	Ella Maillart	1903-1997	Suíça
80	Margaret Bourke-White	1904-1971	Estados Unidos
81	Adalzira Bittencourt	1904-1976	Brasil
82	Germaine Tillion	1907-2008	França
83	Annemarie Schwarzenbach	1908-1942	Suíça
84	Simone de Beauvoir	1908-1986	França
85	Gisela Freund	1908-2000	Alemanha
86	Gabrielle Roy	1909-1983	Canadá
87	Margaret Mee	1909-1988	Inglaterra
88	Denise Griaule	1909-1998	França
89	Mary McCarthy	1912-1989	Estados Unidos
90	Jacqueline Auriol	1917-2000	França
91	Jan Morris	1926-	Inglaterra
92	Dervla Murphy	1931-	Irlanda
93	Maria Ondina Braga	1932-2003	Portugal
94	Françoise Sagan	1935-2004	França
95	Jocelyne Ollivier-Henry	1945-	França
96	Sarah Hobson	1947-	Inglaterra
97	Robyn Davidson	1950-	Austrália

Quadro 4– Cartografia de 120 mulheres viajantes

(conclusão)

	Nome	Ciclo de vida	País
98	Christina Dodwell	1951-	Nigéria
99	Laurence de la Ferrière	1957-	Marrocos
100	Christine Janin Désir	1957-	Itália
101	Catherine Destivelle	1960-	Argélia Francesa
102	Martha Medeiros	1961-	Brasil
103	Catherine Chabaud	1962-	França
104	Alexandra Boulat	1962-2007	França
105	Alexandra Lucas Coelho	1967-	Portugal
106	Ffiona Campbell	1967-	Inglaterra
107	Peggy Bouchet Seule	1973-	França
108	Solenn Bardet	1975-	França
109	Priscilla Telmon	1975-	França
110	Isabelle Vayron	1975-	França
111	Silvinha Mantovani	1978-	Brasil
112	Gilsimara Caresia	1979-	Brasil
113	Juli Hirata	1980-	Brasil
114	Carolina Belo	1981-	Brasil
115	Mellina Hernandez Reis	1983-	Brasil
116	Sarah Outen	1985-	Inglaterra
117	Isa Gama	1987-	Brasil
118	Aline Campbell	1988-	Brasil
119	Manuela Ramos	1993-	Brasil
120	Ayesha Zangaro	1994-	Brasil

Fonte: Elaborado pela autora⁸

Em tal ponto do presente estudo nossa leitora e nosso leitor podem estar se indagando: mas, afinal, quais os critérios serviram de base para a seleção das viajantes Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot? Para nossa seleção de *corpus*,

⁸ Tal cartografia foi elaborada pela autora ao longo da pesquisa do doutorado (2017-2021).

embasamo-nos no critério temático (mulheres que viajaram e narraram, de forma factual⁹, suas experiências) e no critério temporal (século XX). Ao nos debruçarmos sobre a literatura de viagem nos deparamos com inúmeras definições e designações sobre os diferentes gêneros discursivos e tipos textuais (CUNHA, 2012), tendo em vista tal pluralidade de vozes, no tocante aos gêneros discursivos relacionados à temática da viagem, revisitaremos alguns estudos das áreas da literatura, história, bem como do jornalismo. Em nosso estudo, tomaremos as produções discursivas das viajantes Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot como pertencentes ao gênero discursivo narrativa de viagem, abordaremos tal ponto de forma mais aprofundada na seção 5.3.1.

Dessa maneira, tomando como base a problemática do silenciamento das mulheres, o recorte temático e temporal, assim como o acesso aos textos factuais produzidos pelas viajantes, considero que o estudo das obras de Cecília Meireles (1998), de Margaret Ursula Mee ([2009]2010)¹⁰ e de Virginie Hériot (1933), traduz-se como uma possibilidade de submergir na narrativa de mulheres que ousaram, em pleno século XX, romper com um modelo de maior fixidez espacial associado às mulheres, buscando para si a oportunidade de transitar e experienciar novas descobertas e novos sentidos. Dessa maneira, a investigação de tais narrativas de viagem se justifica por fatores de ordem prática e teórica. Tal trabalho pode contribuir para área dos Estudos da linguagem, considerando-se a possibilidade de reflexão sobre os fenômenos argumentativos e retóricos que foram empregados pelas escritoras; para o campo dos Estudos literários, haja vista as contribuições de tais obras para o estudo da literatura de viagem; para a área da História tendo em conta a importância de tais narrativas factuais para a compreensão do que se passava no contexto do século XX nos diversos países percorridos; bem como para a área da Sociologia considerando-se a possibilidade de estudo sobre a situação vivenciada pelas mulheres no contexto do século XX e a reflexão no modo como tais registros nos ajudam a compreender muitos dos desafios vivenciados na atualidade.

⁹ No presente estudo tomamos como base para o conceito de factualidade as contribuições de Mendes (2004) que ressalta se tratar de um mecanismo de produção do fato, isto é, a factualidade propicia o reconhecimento de uma situação que seja possível de acontecer. A referida estudiosa salienta ainda que a factualidade pode ser vista em qualquer gênero discursivo.

¹⁰ A referida obra relata as expedições que Margaret Mee escreveu durante 1956 a 1988.

II) Caminhos iniciais

O presente estudo vivenciou dois momentos de organização: após uma análise inicial do nosso *corpus*¹¹, elaboramos nosso projeto de pesquisa que foi submetido para avaliação, configurando, assim, nossa organização inicial; em um segundo momento, após revisitarmos nosso *corpus*, com a finalidade de realizarmos uma análise mais minuciosa, nos deparamos com novos dados que nos orientaram para a nossa etapa atual de estruturação de pesquisa. Contextualizaremos, a seguir, os dois referidos momentos de nossa pesquisa.

Nosso *corpus* inicial reunia as seguintes obras:

- *Crônicas de viagem* vol. 1 (1998), *Crônicas de viagem* vol. 2 (1999a) e *Crônicas de viagem* vol. 3 (1999b), de Cecília Meireles.
Total: 867 páginas
- *La détresse et l'enchantement* ([1984]1996), de Gabrielle Roy.
Total: 513 páginas
- *Flores da Floresta Amazônica* ([2009]2010¹²), de Margaret Ursula Mee.
Total: 165 páginas
- *Sur mer: impressions et souvenirs* (1933), de Virginie Hériot.
Total: 226 páginas

¹¹ Em nossa pesquisa adotamos o termo *corpus*, ao invés do termo *corpora*, tendo em vista o estudo desenvolvido sobre os gêneros discursivos relacionados ao tema da viagem. Na seção 5.3.1, do presente trabalho, apresentamos as razões pelas quais optamos por classificar as obras analisadas como pertencendo ao gênero discursivo Narrativa de viagem.

¹² A referida obra reúne os diários feitos por Margaret Ursula Mee em que registra suas viagens à Floresta Amazônica de 1956 a 1988. Trata-se de uma edição bilíngue da obra (português-inglês).

Figura 1: Capas das obras analisadas inicialmente



Corpus de pesquisa inicial



Fonte: Hériot (1993), Mee ([2009] 2010), Meireles (1998, 1999a, 1999b), Roy ([1984] 1996)].

Em nossa proposta inicial (FIGURA 1), visávamos realizar uma análise das obras das autoras provenientes do Brasil, do Canadá, da França e da Inglaterra no século XX. As referidas produções totalizavam o volume de 1.771 páginas a serem consideradas como base para nosso estudo. Após uma análise mais criteriosa e diante da riqueza dos dados com os quais nos deparamos, verificamos a necessidade de realizar um recorte com o objetivo de explorarmos ao máximo os dados.

Em nosso projeto de pesquisa nos propusemos analisar de que maneira se daria a construção identitária, num espaço público, das escritoras Cecília Meireles (1998, 1999a, 1999b), Gabrielle Roy ([1984]1996), Margaret Ursula Mee ([2009]2010) e Virginie Hériot (1933) em suas produções discursivas de narrativas de viagens à luz dos estudos retóricos e argumentativos. Para tanto, adotamos dez categorias que serviram de base para tal etapa de estudo: espaço, identidade e a alteridade, língua, zonas de contato, sensação de expatriação, diferenciação entre viajante e turista, relações de gênero, nostalgia do viajante, alimentação, espaço da expedição e da aventura.

Numa primeira organização de nosso estudo, defendemos a tese segundo a qual o deslocamento das mulheres no espaço suscita mudanças em suas vidas e, como consequência, leva a um tipo de ação política ligada a uma reflexão sobre a questão da identidade destas mulheres viajantes por deslocá-las de um espaço privado para um espaço público e desconhecido.

Elencamos quatro hipóteses que serviram de base para nossa primeira estruturação da pesquisa.

Partimos da hipótese inicial de que encontraríamos nas narrativas de Cecília Meireles (1998, 1999a, 1999b), de Gabrielle Roy ([1984]1996), de Margaret Ursula Mee ([2009]2010) e de Virginie Hériot (1933) uma reivindicação em relação ao espaço, de modo que tal luta diria respeito à busca pelo acesso não apenas ao *Oikos*¹³, mas pelo direito de poder transitar na *Pólis*.

No segundo momento, supomos que tais deslocamentos das escritoras pelos espaços trariam à tona a presença da zona de contato que apresentaria: ora um movimento de convergência, ora de divergência. Nas obras de Cecília Meireles (1998, 1999a, 1999b), de Margaret Ursula Mee ([2009]2010), bem como na obra de Virginie Hériot (1933), seria

¹³ Dentre as acepções e discussões no âmbito da Teoria Política para os termos gregos *Pólis* e *Oikos*, no presente estudo consideraremos a definição apontada por Florenzano (2001) que apresenta *Oikos* como se referindo ao âmbito da casa, isto é, o espaço privado, ao passo que *Pólis* diria respeito à cidade, isto é, o espaço público.

possível observar que a zona de contato se daria através da convergência das relações sociais entre as referidas escritoras e os novos espaços em que transitavam. Ao passo que na obra de Gabrielle Roy ([1984]1996), teríamos um duplo movimento na zona de convergência: a escritora partiria do movimento de divergência dos modelos e valores diferentes aos que partilhava e, em seguida, abrir-se-ia ao movimento de convergência e acolhida do outro.

No terceiro cenário, deduzimos que a forma como cada escritora transitaria por cada espaço nos possibilitaria compreender as diferenças entre elas. Enquanto Cecília Meireles (1998,1999a, 1999b) ressaltaria seu interesse por conhecer o maior número possível de línguas e dialetos através de suas viagens a diferentes países, teríamos Gabrielle Roy ([1984]1996) que buscaria viajar por países que partilhavam sua língua materna (francês) e a sua segunda língua (inglês).

Por fim, conjecturamos que, ao se aventurarem para conhecer novos países e imergir em culturas diferentes de seu local de origem, Cecília Meireles (1998, 1999a, 1999b), Gabrielle Roy ([1984]1996), Margaret Ursula Mee ([2009]2010) e Virginie Hériot (1933) buscariam negociar as distâncias culturais e sociais através da aprendizagem da língua local e da imersão na cultura do país visitado.

Estabelecemos um quadro teórico tomando como base as contribuições de Forget (2003), em relação ao papel do outro no processo de construção identitária; o trabalho de Hartog ([1980]1990), no que diz respeito à retórica da alteridade; os estudos de Meyer (1998), sobre a lógica da identidade e da diferença no âmbito dos estudos retóricos; o trabalho de Bakhtin (1998), no que tange à reflexão sobre o tempo e o espaço; bem como a pesquisa de Bédard (2010), acerca da escrita como espaço de resistência.

Assim sendo, adotamos um caminho metodológico, para o presente estudo, que se deu através de três etapas: primeiramente, a realização cuidadosa de uma revisão bibliográfica sobre vida e obras das escritoras viajantes, bem como sobre a história das viagens. Em seguida, realizamos um estudo individual de cada obra de nosso *corpus*. Seguido de tal estudo, fizemos um levantamento de constantes e variáveis nas narrativas. E, finalmente, nos dedicamos à análise das referidas obras.

III) Recalculando o trajeto

Tendo em vista a riqueza dos novos dados que encontramos ao nos debruçarmos novamente sobre nosso *corpus*, observamos a necessidade de considerarmos tais descobertas e propor uma reelaboração em nosso projeto de pesquisa. Apresentamos, de forma breve, o trajeto definitivo de nossa pesquisa, tendo em vista que abordaremos tal momento de forma detalhada na seção 4.1 sobre a descrição e estabelecimento do *corpus*.

Em nossa nova rota, pautamo-nos em apurar os dados das obras¹⁴ de Cecília Meireles (1998), Margaret Ursula Mee ([2009]2010) e Virginie Hériot (1933) com o objetivo de analisar o transitar emancipatório de Cecília Meireles (1998), Margaret Ursula Mee ([2009]2010) e Virginie Hériot (1933) através das viagens que realizaram. Para tal estudo, baseamo-nos em três categorias de análise: *ethos*, como eixo central; recursos de narratividade (heterogeneidade discursiva, narratário) e efeitos patêmicos, como categorias subjacentes.

Os questionamentos reformulados, a partir da primeira versão de nosso projeto, que servem de base para o presente estudo são:

- Por que Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot optaram por serem viajantes e narradoras?
- O que as levou a sair do espaço privado para o espaço público?
- Enquanto mulheres viajantes, de que maneira ocorreu, em seus textos, uma mudança na forma de pensar e ver o mundo?
- E ainda, como as referidas escritoras lidaram com as diferenças linguísticas, culturais e sociais ao longo de suas viagens?

Defendemos a tese segundo a qual o deslocamento das mulheres no espaço suscita mudanças em suas vidas e, como consequência, leva à construção discursiva da imagem de si que se apresentará através de múltiplas facetas dos *ethé* por meio dos quais podemos chegar à construção identitária das narradoras viajantes.

Tomando como base nosso novo recorte, nossas hipóteses iniciais de pesquisa foram parcialmente reformuladas.

Partimos da hipótese inicial de que nas narrativas de viagem de Cecília Meireles (1998), Margaret Ursula Mee ([2009]2010) e Virginie Hériot (1933) encontraríamos uma

¹⁴ No caderno 4 do presente estudo, esclarecemos, mais detalhadamente, as motivações para a seleção feita de nosso *corpus*.

reivindicação em relação ao espaço, de modo que tal luta diria respeito à busca por não mais ter acesso apenas ao *Oikos*, mas pelo direito de poder transitar na *Pólis*.

No segundo momento, pressupomos que a forma como cada escritora transitaria e se narraria a cada espaço nos possibilitaria compreender as construções discursivas dos diferentes *ethé* das narradoras viajantes.

Por fim, conjecturamos que ao se aventurarem para conhecer novos países e imergir em culturas diferentes de seu local de origem, Cecília Meireles (1998), Margaret Ursula Mee ([2009]2010) e Virginie Hériot (1933) buscariam mais do que simplesmente transitar por tais espaços e culturas, buscariam imergir em tais cenários realizando um movimento ora de aproximação ora de distanciamento que colaboraria para o processo de reflexão sobre a relação da identidade e da alteridade de tais mulheres.

Mantivemos, em nossa revisitação e reorganização de nosso projeto de pesquisa, a metodologia proposta inicialmente.

IV) Planejamento da presente viagem

Ancorando-nos na esteira dos estudos discursivos, acreditamos que assim como o ato de linguagem, em seu processo de produção, pode ser visto como uma expedição e uma aventura (Charaudeau ([1983]2010, p.56), o ato de se debruçar sobre a linguagem também constitui uma grande aventura: em direção à nós mesmos e às nossas inquietudes e indagações. Tendo isso em vista, após nos debruçarmos sobre as motivações e inquietações que nos conduziram para o desenvolvimento do atual estudo, bem como discutirmos sobre as diferentes etapas vivenciadas ao longo de nosso trajeto de analistas do discurso, gostaríamos de apresentar, a seguir, a organização que propomos para nosso estudo.

A organização dos cadernos de nossa tese tem como intuito propor-lhes, cara leitora e caro leitor, uma viagem pelos diversos momentos que vivenciamos em nosso estudo. Inúmeras são as formas que podemos empregar para registrar e rememorar momentos que nos sensibilizaram e emocionaram em experiências que tivemos no decorrer de nossas vidas. Tendo em vista o impacto do presente estudo em nossa percepção como sujeitos, propomos a apresentação de nossos estudos por meio da subdivisão de nosso diário de viagem, denominado academicamente como tese, em quatro partes: na primeira parte proporemos a contextualização sócio-histórica de nosso

trabalho, na segunda parte apresentaremos os apontamentos teórico-metodológicos, na terceira parte realizaremos uma viagem por entre as narrativas de viagem das escritoras Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot, e, por fim, na quarta parte destacaremos as conclusões a que chegamos no presente estudo.

Na primeira parte de nosso diário de viagem, *Contextualização sócio-histórica*, teremos os três primeiros cadernos de nosso diário. No caderno 1, buscaremos refletir sobre a história da viagem e o lugar social que foi atribuído à mulher em tal cenário. Para tanto, dividiremos tais discussões em três seções: 1.1 A história da viagem e do turismo, 1.2 Entre o público e o privado e 1.3 Mulheres viajantes: um lugar na história. No caderno 2, nos debruçaremos sobre o mapeamento das biografias das escritoras Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot. No caderno 3, apresentaremos uma contextualização histórica do que se passava quando cada obra de nosso *corpus* foi escrita. Para isso, proporemos uma reflexão sobre o contexto da França (1900-1932), seção 3.1, do Brasil (1941-1952), seção 3.2, assim como da Inglaterra em diálogo com o Brasil (1956-1988), seção 3.3.

Na segunda parte de nosso diário de viagem, *Apontamentos teórico-metodológicos*, teremos dois cadernos. No caderno 4, discorreremos sobre a metodologia na qual nos embasamos em nossa pesquisa. Assim sendo, abordaremos, em tal caderno, a descrição, estabelecimento do *corpus* e a construção da grade de análise. No caderno 5, apresentaremos nosso arcabouço teórico com o intuito de propor um diálogo entre a análise do discurso, a argumentação, a retórica e os estudos literários através da evocação das contribuições de Amossy (2006, 2010), Charaudeau (2007b), Galinari (2012, 2014), Maingueneau (1984, 2005, 2008) e Mendes (2011, 2012), no que diz respeito às provas retóricas; os estudos de Auchilin (2001), em relação ao tom; as contribuições de Charaudeau (2007a), sobre os imaginários sociodiscursivos; os trabalhos de Bauman (2005), Hall (2006) e Kauffman (2001, 2008), sobre identidade; os estudos de Machado & Pageaux (1988), Martinez (2012) e Ribeiro (2010) em relação ao gênero discursivo narrativa de viagem; as contribuições de Authier-Revuz (1982, 1990), em relação ao emprego da heterogeneidade discursiva; os estudos de Charaudeau ([1983] 2010), Machado e Mendes (2013), Peytard (1983) e Vasconcellos (2005), sobre o papel do narratário na construção discursiva; assim como os trabalhos de Genette (1995), em relação à voz narrativa e a questão da focalização.

Na terceira parte de nosso diário de viagem, *A travessia por entre as narrativas de viagem*, teremos o caderno 6, em buscaremos realizar a análise da *Crônica de viagem*

(1998), volume 1, de Cecília Meireles, da obra *Flores da Floresta Amazônica* ([2009]2010), de Margaret Mee, e da obra *Sur mer: impressions et souvenirs* (1933), de Virginie Hériot; assim como proporemos uma reflexão, nas considerações finais, sobre o que verificamos a partir dos resultados encontrados por meio da análise das narrativas de viagem e o que tais recorrências nos possibilitaram inferir.

Na quarta parte de nosso diário de viagem, *O vislumbre de múltiplos horizontes*, teremos o *Fim do diário: conclusões*, em que procuraremos realizar a retomada dos objetivos, tese e hipóteses que serviram de base para o presente trabalho para, em seguida, apresentar as conclusões às quais nos deparamos mediante as análises dos dados que encontramos nos estudos das narrativas de viagem de Cecília Meireles (1998), Margaret Mee ([2009] 2010) e Virginie Hériot (1933).

1890 - 1932



1º parte do diário de viagem:
Contextualização sócio-histórica

CADERNO 1: BREVE PANORAMA DA HISTÓRIA DAS VIAGENS

[...] viajar é essencialmente descobrir, descobrimo-nos a nós e o reflexo das nossas vidas nas etapas da viagem, assim como descobriremos o outro sem o conforto das referências que nos são imediatas.

(SÔNIA SERRANO)

Considerações iniciais

Cara leitora, caro leitor: Já pararam para pensar sobre uma viagem que sempre sonharam em fazer e as razões que os motivaram a ansiar por realizá-la? Teria sido uma história que vocês ouviram ainda quando crianças? Teria sido um trecho de um livro que vocês leram e que lhes possibilitou viajar por entre as páginas fazendo-lhes ansiar por caminhar fisicamente por aqueles espaços narrados? Teria sido um filme que vocês viram e lhes emocionou de tal maneira, através de sua fotografia e trilha sonora, que lhes possibilitou imergir em uma cultura até aquele momento desconhecida?

Inúmeras podem ter sido as razões que lhes motivaram para realizar uma determinada viagem: algumas conscientes e outras até mesmo inconscientes que serão descobertas ao longo de seu trajeto como viajante. O que gostaríamos de destacar com tal reflexão é: o ato de se deslocar não é despropositado.

Deslocamo-nos com o propósito, mesmo que inconsciente, de ressignificar algo apresentado como estático e cristalizado, deslocamo-nos com o intuito de, para além de ouvir e ler a respeito de determinado assunto e cultura, abrimo-nos para tatear e sentir por nós mesmos tais experiências em sua plenitude. Embora possamos ter motivações diferentes para cada partida, algo nos une: a busca por experienciar algo para além das contenções sociais, especialmente aquelas que procuram emoldurar nós mulheres a um imaginário de mulher ideal. Neste processo de busca, acabamos por nos (r)encontrar e partilhar da travessia com outras mulheres que possuem inquietudes e anseios semelhantes.

Para tal busca, consideramos ser pertinente refletirmos como se construiu socialmente o processo de viagem, isto é: quais os momentos vivenciados ao longo da

história que nos possibilitaram chegar às formas de viagens que vivemos na contemporaneidade? Se pensarmos nos relatos de viagens da Idade Média, por exemplo, e ainda da Idade Moderna: quais os relatos mais conhecidos e que foram mais divulgados durante muito tempo? De que forma refletir sobre a relação entre o público e o privado no processo de constituição da vida em sociedade nos ajudaria a compreender o lugar que durante muito tempo foi atribuído às mulheres viajantes? Essas são algumas das questões que pretendemos refletir no presente caderno.

Assim sendo, propomos, a seguir, uma reflexão que se dará em três momentos: partiremos de uma breve contextualização sobre a História das viagens, em seguida, abordaremos a discussão sobre a relação entre o espaço público e o privado no processo da vivência da vida em sociedade e, por fim, nos debruçaremos sobre a experiência da narradora viajante.

1.1 História da viagem e do turismo

Partindo dos sentidos atribuídos aos sintagmas viagem e turismo, buscaremos refletir sobre as fases e as consequências de cada contexto histórico para os modos como se construiu socialmente a percepção sobre o deslocamento geográfico através da viagem e do turismo.

1.1.1 Ressignificar para significar

Ao nos debruçarmos sobre a História das viagens nos deparamos com a distinção de dois termos: viagem e turismo. Afinal, em quais momentos tais termos surgiram e como foram empregados? E, ainda, de que maneira refletir sobre eles nos auxiliaria a tecer o contexto histórico que nos auxiliaria a imergir nas diferentes fases vividas pelos viajantes? Para tal reflexão propomos dois movimentos: partiremos da reflexão sobre o significado de cada termo para, posteriormente, abordarmos as diferentes etapas vivenciadas em tais cenários.

Tomando a palavra como repleta de significados e múltiplas possibilidades de ressignificações, observamos que a viagem é apresentada em contraponto com o turismo. Enquanto a viagem seria perpassada por uma ideia de itinerância em busca da experienciação do processo do deslocar-se e da vivência do aprendizado a ele atribuído,

o turismo estaria relacionado a uma busca pela vivência da chegada a um destino final com o foco no conforto e no descanso.

Ao ponderar sobre a origem etimológica da palavra viagem, Serrano (2017) salienta que tal palavra no inglês é representada por *travel*, que teria como base o francês *travail* que, por sua vez, origina do termo em latim *tripalium* referindo-se a um instrumento de tortura. Neste sentido, deslocar-se geograficamente implicaria vivenciar algo para além do conhecido, abrir-se para os novos aprendizados e a saída da zona de conforto. A jornalista portuguesa dialoga com Theroux¹⁵ (2011, *apud* SERRANO, 2017) que compreende a experiência da viagem como um processo de “perder a inocência”, isto é, trata-se de um processo de vivenciar o desconforto da travessia abrindo-se para ressignificar referências que serviram como base e, muitas vezes, como única forma de enxergar o mundo em seu ponto de partida.

No que diz respeito ao turismo, Cunha (2010) aponta que tal palavra teve sua base no inglês *tourism*, que se origina provavelmente do francês *tourisme*. Segundo o referido estudioso, a palavra turismo estaria associada a uma dimensão de uma viagem ou excursão realizada por prazer a locais que suscitam interesse.

1.1.2 As diversas fases da viagem e do turismo

Planejar uma viagem na contemporaneidade adquire um aspecto bem diferente da realidade experienciada nos séculos passados, tendo em vista as possibilidades de transporte, os meios de comunicação e ainda as facilidades de acesso à alimentação. Com intuito de imergirmos brevemente nos diferentes momentos e formatos de viagens que nos possibilitaram chegar às configurações que observamos na atualidade, gostaríamos de propor uma discussão que buscará considerar quatro grandes momentos da História com o intuito de ponderar de que forma a conjuntura histórica e as condições de vida de cada época possibilitaram a formatação de modelos específicos de viagens.

Ao refletir sobre os diferentes momentos e formatos de viagens no decorrer da história, Serrano (2017) ressalta que o ato de se deslocar estava totalmente atrelado ao momento de maior ou menor estabilidade vivida por uma determinada sociedade. A

¹⁵ THEROUX, Paul. Why we travel, In: *The New York Times*, 1 abril de 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/04/03/travel/03Cover.html?pagewanted=all&_r=o>. Acesso em: 11 janeiro 2021.

estudiosa destaca o contexto do Império Romano, no século II, que, ao contar com um momento de poucos conflitos sociais e políticos, realiza uma melhoria nas estradas, o que possibilitou o surgimento de diversos formatos de viagens, como as peregrinações rumo à Terra Santa. No entanto, tal período de peregrinações dá lugar às Cruzadas que conferem um caráter de busca por manutenção de um domínio territorial, além da conquista de outros novos domínios através de uma abordagem de agressividade e de superposição sobre os outros povos e culturas.

Com o Renascimento, observa-se uma intensificação na busca pela expansão e, conseqüentemente, nas viagens de exploração. Em tal cenário surgem narrativas como as de Camões, segundo ressalta Serrano (2017). A autora destaca que a partir de tais cenários teremos ainda a aparição dos relatos das viagens rumo à Ásia, como no caso de Marco Polo.

Em seguida das peregrinações e das Cruzadas, tem-se as viagens de exploração. De acordo com Serrano (2017) tais viagens se pautavam em um caráter científico e comercial tendo como pano de fundo as influências de disciplinas como a História e as Ciências Naturais. A estudiosa ressalta ainda a viagem que Alexander von Humboldt realizou na América do Sul.

Como uma releitura europeia humanista das peregrinações e Cruzadas, Serrano (2017) destaca o aparecimento do *Grand Tour*, no contexto do século XVII, que funciona como uma espécie de ritual de passagem vivenciado por jovens de família rica que, ao finalizarem seu período de estudos, partiam para outros países para conhecer outras formas de pensamento, de culturas e de política para com isso estarem mais habilitados para a via adulta quando retornassem para seus países de origem. Barbosa (2002) ressalta que, em sua origem, o *Grand Tour* restringia-se aos homens membros da aristocracia e era realizado em companhia de um tutor que o orientaria ao longo de suas viagens que incluíam Paris e Roma como destinos obrigatórios. De acordo com Serrano (2017), é a partir do século XVIII que tal formato de viagem começa a se tornar mais popular e acessível para a população com menos recursos e ainda abrindo-se para as mulheres e as crianças.

Por fim, com o intuito de compreendermos mais profundamente as formas plurais de turismo que observamos na atualidade, consideramos importante discutir sobre a conjuntura histórica que possibilitou a criação de novos modelos de deslocamento geográfico. Ao refletir sobre as diferentes formas de viagem, Barretto (1995) argumenta que para compreendermos a organização do turismo tal como observamos nos dias de

hoje é necessário considerar que ele sempre esteve atrelado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico.

Imaginemos uma pessoa que trabalhava 10 horas por dia, sem direito às horas extras trabalhadas, sem receber o 13º salário, sem ter licença maternidade, sem ter folga durante algum dia da semana e muito menos férias. Cara leitora, caro leitor, vocês conseguem imaginar esse cenário? Tendo tais questões em vista, convido-lhes a adicionarem a tal panorama outro ponto para reflexão: de que forma essa pessoa nas condições de trabalho conseguiria viajar? Neste sentido, captamos um pouco mais da essência do que Barretto (1995) aponta: o modo de produção a que o sujeito está circunscrito determina se ele conseguirá viajar de fato.

Outro ponto elencado por Barretto (1995), no que diz respeito ao turismo, são as contribuições do desenvolvimento tecnológico para a ampliação do turismo. Um dos itens presentes em nossa lista de planejamento para uma viagem certamente é a questão do como chegaremos a determinado local, isto é, pensar em qual o melhor meio de transporte para chegar à determinada região. Hoje contamos com inúmeras opções que relacionam diferentes formas de viagens e valores, mas como era no passado? Barbosa (2002) aponta que as condições das estradas eram precárias no contexto do século XVIII e não tinham manutenção. Dessa forma, ao se considerar a qualidade das vias, a fragilidade dos veículos e ainda os períodos de chuva e neve, é possível se observar um cenário desafiador para o viajante.

Quais teriam sido os fatores que colaboraram para a ampliação das possibilidades da realização de diferentes formatos de viagens e o despontar do turismo que vivemos na atualidade? Segundo Barretto (1995), com a Revolução Industrial, no século XIX, observa-se o despontar do turismo moderno através do despontar da classe média. A estudiosa ressalta a importância da mudança na ótica da ferrovia de Liverpool-Manchester, em 1830, que se volta para o transporte do passageiro e não exclusivamente da carga, isto é, observa-se o investimento nos meios de transporte que tornarão mais rápidos, confortáveis e baratos, se comparados aos modelos vistos até aquele momento. Além do transporte, a supracitada autora destaca ainda que o investimento em segurança, em salubridade - através do tratamento das águas e do esgoto -, o processo de alfabetização da população, bem como a reivindicação dos trabalhadores com o intuito de terem seus direitos assegurados a fim de que pudessem ter acesso às férias, como uma oportunidade para descansar da árdua jornada de trabalho, são elementos que colaboraram para o avanço do turismo no contexto do século XIX. Cabe ainda ressaltar outro fator

apresentado por Barbosa (2002) em relação ao aparecimento da indústria aérea comercial, depois da Segunda Guerra Mundial, que proporcionou uma abertura maior para viagens internacionais.

Tendo em vista tais cenários destacados que favoreceram o desenvolvimento do turismo a partir do século XIX, Thomas Cook inicia um movimento em busca de pensar de que forma poderia oferecer um serviço de viagem com um preço reduzido em relação aos gastos com o transporte, através de viagens em grupos. De acordo com Barbosa (2002), o ano de 1841 marca um dos momentos que ressignificaria o modo de se viajar, em tal ano Thomas Cook freta um trem para realizar um *tour* com aproximadamente 500 pessoas, essa experiência constituiria o primeiro *tour* em grande escala realizado pelo viajante. Cook investe no que viria a ser a primeira agência de turismo que buscava propor viagens coletivas com um preço mais reduzido. De acordo com Barbosa (2002), Thomas Cook, ao investir em um modelo de turismo que poderia ser realizado em grupos maiores e com parcerias com diferentes companhias de trem e rede hoteleira nos locais que seriam visitados, acaba por tornar o turismo mais acessível para pessoas da classe trabalhadora e da classe média.

Ao refletirmos sobre os diferentes momentos vivenciados no decorrer da história da viagem e do turismo compreendemos que durante muito tempo a viagem foi acessível apenas para um grupo que poderia pagar um alto preço pelo deslocamento, pela alimentação, pela estadia, e ainda o que consideramos o mais alto dos preços – o direito de circular pelo espaço público em segurança. Foram necessárias incansáveis lutas por parte dos trabalhadores com o intuito de verem resguardados seus direitos trabalhistas e, com isso, poderem usufruir do direito ao descanso, através das férias. Retirar de tais indivíduos tais direitos seria tratá-los como sujeitos ou como objetos? Por que ao invés de pensarmos na manutenção de privilégios de alguns, não caminharíamos rumo à defesa do direito de todos? Neste ponto, concordamos com Condorcet (1790) quando diz que aquele que vota contra o direito do outro, seja por questão de sua religião, de sua raça ou ainda de seu sexo, na realidade, está abrindo mão de seus próprios direitos.

Após este breve sobrevoo sobre alguns dos momentos que marcaram a constituição da história da viagem e do turismo, gostaríamos de convidá-los, prezada leitora e prezado leitor, para refletir: Será que existiram apenas homens que viajaram no contexto das peregrinações, das explorações e do *Grand Tour*? Ao refletirem sobre seus estudos em relação a tais períodos em suas aulas de História em seu ensino fundamental e Médio, vocês conseguiriam se lembrar de quantas mulheres apareceram em seu livro

didático ou ainda se tal tema apareceu em sua discussão com seus colegas? Será que realmente não existiram mulheres viajantes ou será que foram silenciadas? Mas afinal, qual a importância do processo de narrar-se em tal cenário? Lysardo-Dias (2016) argumenta que o ato de narrar sua própria história implica em produzir sua própria existência, isto é, quando nos narramos saímos do silenciamento e da inexistência reivindicando um lugar e voz na sociedade. É em tal esteira, de problematização dos silenciamentos a que foram atreladas às mulheres viajantes, que se insere Serrano (2017) ao propor sua obra *Mulheres viajantes*. O presente estudo enquadra-se em tal movimento que busca revisitar as mulheres viajantes atribuindo-lhes o lugar e vez que lhes cabe por direito. Abordaremos tais pontos mais detalhadamente em nossa análise sobre as narrativas de viagem das referidas escritoras viajantes, no contexto do século XX, no caderno 6 do presente trabalho.

1.2 Entre o público e o privado

A maneira como as mulheres são discursivizadas, no decorrer da história acaba por gerar imaginários que endossam a visão sobre quais locais elas poderão ocupar e transitar.

1.2.1 Entre imaginários sociodiscursivos sobre as mulheres

Após refletirmos sobre os diferentes momentos históricos vivenciados pela viagem e pelo turismo e o lugar que foi atribuído às mulheres no início do *Grand tour*, por exemplo, passamos a nos indagar: afinal, em que se embasavam os discursos que buscavam atrelar a mulher ao espaço do privado? Que imaginários¹⁶ existiam sobre elas? Para tal discussão, propomos um breve sobrevoo sobre as contribuições de Olympe de Gouges¹⁷ (1748-1793) e Mary Wollstonecraft¹⁸ (1759-1797), no século XVIII na França

¹⁶ O conceito de imaginários sociodiscursivos é mais amplamente discutido na seção 5.1.4 No que se embasa o *ethos*.

¹⁷ Olympe de Gouges. Disponível em: < https://data.bnf.fr/11905505/olympede_gouges/>. Acesso em: 27 março 2020.

¹⁸ Mary Wollstonecraft. Disponível em: < https://data.bnf.fr/11929372/mary_wollstonecraft/>. Acesso em: 27 de março 2020.

e na Inglaterra, bem como André Léo¹⁹ (1824-1900) e Nísia Floresta²⁰ (1810-1885), no século XIX na França e no Brasil.

Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges foram contemporâneas e, embora em países diferentes, observaram a ocorrência de processos de segregação aos quais as mulheres foram submetidas na esfera pública. Posicionaram-se em defesa dos direitos das mulheres. Olympe de Gouges, ao refletir sobre as pautas da Revolução Francesa e o documento que oficializaria os direitos individuais e coletivos, questiona onde estaria a coerência e o critério de universalidade da *Declaração dos direitos do homem e do cidadão* se a mulher nem ao menos é mencionada no documento que representava o marco da Revolução Francesa e seus princípios. Afinal se trataria de liberdade, igualdade e fraternidade para quem? Apenas para os homens? Onde estaria o critério de universalidade, influenciado pela doutrina dos direitos naturais²¹? Diante de tal cenário, Olympe reivindica que as mulheres sejam inseridas no documento oficial e, para tanto, propõe uma contraproposta intitulada *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*, em 1791, em que propõe que as mulheres sejam consideradas também como cidadãs, assim como os homens, como destaca Moraes (2016).

Situando-se também na esteira dos direitos civis e políticos das mulheres, Mary Wollstonecraft publica sua obra *Reivindicação dos direitos da mulher*, em 1792, em que questiona o processo de confinamento ao âmbito familiar e a impossibilidade de acessar aos direitos civis e políticos que as mulheres são submetidas, comparando tal tipo de atitude ao mesmo tipo de argumentação utilizado por tiranos que desconsideram a razão tendo em vista sua ganância por usurpar o trono. Diante dos argumentos aos quais se depara, Wollstonecraft questiona o emprego do argumento da diferença sexual que é utilizada como base para justificar as diferenças de acesso aos direitos:

Fortaleça a mente feminina, expandindo-a, e haverá um fim à obediência cega; mas, como o poder busca a obediência cega, os tiranos e os homens sensuais estão certos quando se esforçam por conservar a mulher no escuro, pois os primeiros querem somente escravas, e os últimos um brinquedo. WOLLSTONECRAFT, ([1792] 2016) p.45.

¹⁹ André Léo. Disponível em: < https://data.bnf.fr/fr/12183784/andre_leo/ >. Acesso em: 27 março 2020.

²⁰ Nísia Floresta. Disponível em: < https://data.bnf.fr/fr/12368913/nisia_floresta/ >. Acesso em: 27 de março 2020.

²¹ Para mais informações consultar: LUZ, Giselle Aparecida. *Dos bastidores à tribuna: argumentos e contra-argumentos de André Léo na construção dos direitos das mulheres na França do século XIX*. 2017. 175 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

Wollstonecraft, ao buscar compreender as possíveis razões para a situação vivenciada pelas mulheres, salienta que o fato de as mulheres serem mantidas no escuro e alheias ao que ocorre no espaço público, tornando-se assim desconhecedoras de seus direitos, está intimamente relacionado a uma forma tirana de agir em que as mulheres são vistas como escravas e brinquedos domésticos que devem estar à disposição dos homens para quando quiserem e da forma que julgarem pertinente.

Partindo do século XVIII na Inglaterra para o século XIX na França, verificamos um ponto de contato entre Mary Wollstonecraft e André Léo no que diz respeito aos questionamentos sobre os discursos que buscavam atrelar as mulheres ao espaço privado. Com a finalidade de compreender onde estaria a base das teses do filósofo, político e econômico francês Pierre-Joseph Proudhon (1858)²² em relação à inferioridade física, moral e intelectual das mulheres, André Léo revisita o tratado do referido filósofo e dedica-se a compreender de que forma são construídas suas teses em relação à mulher. Em seu ensaio *La femme et les moeurs: liberté ou monarchie* (1869), André Léo apresenta uma contra-argumentação às teses de Proudhon, destacando que tais teses embasavam-se em um viés de naturalização das diferenças sexista e misógino. A esse respeito, Luz (2017) ressalta que:

[...] André Léo (1869) problematiza as teses de Proudhon (1858) que atrela a inferioridade física e intelectual da mulher à maternidade. Segundo o pensamento da autora francesa, a mulher não seria mais fraca e, por isso, inferior ao homem, mas possuiria forças que são diferentes, considerando-se todos os esforços que a maternidade e o cuidado da casa exigem da mulher; do mesmo modo que, por ser mãe, não seria inferior intelectualmente ao homem. A referida escritora desvincula a discussão da capacidade intelectual da mulher de sua condição física, indo à fonte real do problema: a falta de acesso à instrução. (LUZ, 2017, p.127)

Dessa forma verificamos que, semelhantemente a Mary Wollstonecraft, André Léo problematiza as teses que buscam atrelar a mulher ao privado tendo em vista sua constituição física, e busca argumentar em defesa do acesso à educação pública, gratuita e laica como uma forma de empoderamento e real emancipação da mulher, propondo, assim, um movimento de desnaturalização das diferenças, como ressalta Luz (2017).

No Brasil, no contexto do século XIX²³, Nísia Floresta²⁴ surge como uma das precursoras do feminismo no país através de sua obra *Direitos das mulheres e injustiça*

²² PROUDHON, Pierre-Joseph. *De la justice dans la Révolution et dans l'Église*, tome 3. Paris: Garnier frères. 1858.

²³ Para mais informações sobre o feminismo no Brasil, no contexto do século XIX, consultar: MENDES, Emília & LUZ, Giselle. *Feminina feminista*. Belo Horizonte: Fale Editora, 2021.

²⁴ Para mais informações sobre Nísia Floresta, consultar: DUARTE (1991) e SILVA (2020).

dos homens, em 1832, obra esta que a própria autora qualifica como “uma livre tradução” de *A vindication of the rights of woman*, mais tarde traduzida para o português com o título *Reivindicação dos direitos das mulheres*, de Mary Wollstonecraft. Em tal obra, Nísia Floresta busca problematizar a ideia de uma superioridade masculina que geraria, como consequência, um processo de marginalização das mulheres tendo em vista os inúmeros preconceitos vivenciados por tais mulheres. A escritora brasileira também reconhece a importância da educação da mulher como aponta Duarte (2010):

Aliás, a estreita relação entre o cuidado com a educação feminina e o adiantamento de uma nação foi precisamente a grande tese que Nísia defendeu no *Opúsculo humanitário*, em consonância com o pensamento filosófico e utópico mais avançado de seu tempo. O progresso social de uma nação depende do grau de emancipação feminina e do lugar reservado às mulheres na sociedade. Era o novo lema e urgia defendê-lo. (DUARTE, 2010, p. 19.)

A escritora brasileira via na educação uma fonte para o progresso social tendo em vista que seria mediante a emancipação também das mulheres que tal progresso seria alcançado.

A historiadora francesa Michelle Perrot (1988), ao buscar revistar tais imaginários sobre as mulheres que as atrelaram ao privado, argumenta que a exclusão vivenciada pelas mulheres ia na contramão do ideal de igualdade que era defendido após a Revolução Francesa. Assim sendo, com o intuito de justificar tal processo de segregação evocavam os discursos naturalistas da medicina e da biologia, no contexto do século XIX, propondo uma distinção entre os homens como os seres dotados da razão e da habilidade para a decisão, ao passo que as mulheres seriam vistas como os seres frágeis, sensíveis e sentimentais que dependiam, desta forma, do gênio masculino para tomar as decisões das mais básicas às mais complexas.

Após refletirmos sobre os múltiplos imaginários sociodiscursivos construídos sobre as mulheres e os lugares que elas deveriam ocupar, propomos, a seguir, uma reflexão sobre as múltiplas formas que os espaços privado e público foram pensados no decorrer da história.

1.2.2 As consequências dos imaginários sociodiscursivos sobre as mulheres

Em tal ponto de nosso estudo cabe-nos indagar: afinal quais as consequências de tais imaginários sociodiscursivos sobre a vida das mulheres a curto, médio e longo prazo? Segundo a historiadora francesa Perrot (2007), conforme abordamos na seção *I - O despertar para o início da presente viagem*, as mulheres têm vivenciado um processo de invisibilidade que esteve atrelado a duas razões: primeiramente, ao fato de terem sido marginalizadas socialmente sendo restritas à esfera do privado e não podendo circular livremente no espaço público, tendo em vista que o silêncio e invisibilidade das mulheres, em algumas sociedades, é visto como a garantia da tranquilidade, pois sua aparição em grupo pode causar *stasis*, isto é, a desordem, como apontavam os gregos; e, em segundo lugar, deve-se ao fato dos silêncios das fontes, ou seja, como transitam pouco na esfera pública e são pouco vistas, não se fala muito delas.

Ao refletir sobre a forma como homens e mulheres constroem suas experiências nos espaços público e privado, Serrano (2017) destaca que historicamente o mundo do exterior e visível foi considerado como pertencendo aos homens, ao passo que “[...] das mulheres se espera que “assentem e poupem, tomem conta da casa, falem com poucos, guardem tudo dentro delas”. O mundo do interior, do invisível, da ausência de descoberta.” (Serrano, 2017, p. 27-28). Observamos, dessa forma, que o resultado de tais segregações sociais mais do que interferir apenas na compreensão da mulher como uma cidadã, como todos os outros, possuidora não apenas de deveres, mas também de direitos como o de “ir e vir” livremente, acabaria por gerar também outro efeito sobre as mulheres ao ser colocada em dúvida tanto as suas identidades quanto as suas capacidades e competências como um sujeito social, afinal, como tais mulheres poderiam compreender e vivenciar todas as suas potencialidades sem poder experimentar a troca com outros através do processo da alteridade que colaboraria justamente para ressignificar sua identidade? Qual seria então o real lugar a que a mulher foi associada no decorrer da história?

Com a finalidade de ampliarmos nossa reflexão sobre a questão dos lugares, propomos um diálogo com o campo da antropologia através das contribuições do estudioso Marc Augé (1994) para, assim, propormos um diálogo com as áreas da sociologia, bem como da historiografia para contar a história sexuada da opinião pública que ainda precisa ser discutida, como destaca Perrot (1990).

Ao considerar a forma como a supermodernidade²⁵ tem lidado com o espaço, o antropólogo francês Marc Augé (1994) salienta que estamos em um mundo em que ainda não aprendemos a olhar e, como consequência disso, precisamos nos descolar do que aprendemos com o intuito de nos abrimos para reaprender a ponderar o modo como concebemos o espaço.

Considerando tais características da supermodernidade, Augé (1994) salienta que a forma como abordará o termo “lugar” se refere ao lugar do sentido que inscreve e encontra seu simbolismo no lugar antropológico. Tendo em vista tal contextualização terminológica, o antropólogo ainda esclarece que:

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar de circunscrito e específico. (AUGÉ, 1994, p.73) (grifo nosso)

Compreendemos que o referido estudioso se embasa na hipótese de que a supermodernidade produz não-lugares, ou seja, espaços que não serão identitários, nem relacionais, nem históricos, atuando, assim, na contramão do lugar antropológico que, por sua vez, possibilitaria ao sujeito se conectar com quem ele é através das relações sociais e do contexto histórico tanto da sua história pessoal como daqueles que estão ao seu redor e ainda dos que vieram antes deles.

Para o supracitado antropólogo, enquanto o lugar diria respeito ao lugar antropológico que possibilitaria a criação de um social orgânico no intuito de vivenciar as múltiplas identidades através das relações construídas pela linguagem, o não-lugar, por sua vez, criaria uma tensão solitária tendo em vista que a ele caberia o papel de mediar o conjunto de relações do sujeito e com os que estão ao seu redor apenas em relação indireta com suas finalidades.

Mas de quais formas poderíamos exemplificar a presença dos não-lugares? De acordo com Augé (1994), o não-lugar seria responsável por constituir a identidade partilhada dos passageiros, dos clientes em uma determinada loja de conveniência, dos motoristas "domingueiros", assim como dos viajantes que podem ora vivenciar o espaço

²⁵ De acordo com Augé (1994) a supermodernidade teria como ponto de partida três figuras de excesso: a superabundância factual, a superabundância espacial e a individualização das referências.

como um espectador, olhando para o que acontece ao seu redor como um medo espetáculo ora experienciar o espaço como um protagonista, misturando-se assim ao espaço e deixando-se por ele ser perpassado. Falaremos mais sobre essa diferenciação do viajante na seção 4.1.2.3 em que proporemos a diferenciação entre o turista e o viajante.

Augé (1994) aponta que a relação que um passageiro de um ônibus, de um trem, de um avião ou ainda de um cliente ao passear pelos corredores do supermercado estabelece com o espaço será uma relação contratual, isto é, quando o passageiro for pegar o seu transporte e for solicitado sua passagem ou ainda quando o cliente for empurrar seu carrinho de compras no supermercado, ambos serão lembrados do contrato que o compele a agir de determinada maneira. O supramencionado estudioso apresenta ainda que tanto o passageiro quanto o cliente somente conquistarão o anonimato depois de terem confirmado quem de fato são e qual a sua identidade, tendo assim assinado o contrato. Como farão isso? No caso do cliente, através do pagamento que faz no caixa do produto que deseja comprar, por exemplo. Dessa maneira, o usuário do não-lugar se vê sempre impelido a reafirmar sua inocência.

Mas afinal, qual relação entre toda esta discussão e aquela que propomos no presente caderno? Ao relacionarmos as contribuições de Augé (1994) e a forma como as mulheres foram discursivizadas, no decorrer da história, passamos a nos indagar: no fim das contas qual o lugar atribuído às mulheres? Seria o entre-lugar da zona intermediária do público e privado? Em nosso estudo, partimos da base de que o sistema patriarcal acabou por outorgar às mulheres o espaço do não-lugar, isto é, o lugar do silenciamento e da invisibilidade ao negar-lhe os meios para se constituir enquanto sujeito dialógico que ao vivenciar o público poderia também transitar pelos múltiplos processos da alteridade e ressignificar sua própria identidade através dos relacionamentos interpessoais e consigo mesma, bem como através da certeza de sua real inscrição na história.

O não-lugar feminino, assim como o não-lugar do passageiro, também é regido por um contrato que denominaremos, no presente estudo, de *contrato comunicacional*²⁶

²⁶ O analista do discurso Charaudeau ([1983]2010) argumenta que para uma troca comunicativa seja bem-sucedida é necessário que os parceiros considerem a existência de um *contrato comunicacional* que guiará cada troca linguageira, possibilitando aos parceiros que se reconheçam, assim como o seu objetivo ao falar e ainda possibilitará que compreendam o objeto temático e as circunstâncias em que estão inseridos. Tomamos tal contrato comunicacional do referido estudioso, que visa abordar todas as comunicações, de forma ampla e contextualizada, como base para a elaboração do que denominaremos de *contrato comunicacional sexualizado* com o propósito de estudar especificamente o não-lugar da mulher no decorrer da história.

*sexualizado*²⁷, pois a forma como a história das mulheres foi escrita nos possibilita compreender que ora elas foram completamente silenciadas ora elas foram narradas de forma estereotipada pelo olhar masculino que se pautou em discursos de naturalização das diferenças em que as mulheres eram descritas como frágeis e emotivas, devendo-se restringir à esfera do privado para sua própria proteção e dos que estavam ao seu redor.

Partindo de nosso *corpus* de análise, nos indagamos: quando afinal uma mulher viajante vivenciaria claramente a execução do contrato comunicacional sexualizado²⁸? Cara leitora e caro leitor, já pararam para observar que quando uma mulher opta por viajar sozinha, ou ainda com suas amigas, o quanto é questionada sobre a razão pela qual viaja sozinha? Muitas vezes estão em duas, três ou até mesmo um grupo de dez mulheres, vocês notarão que a pergunta persistirá. Antes mesmo que inicie sua viagem, ao escolher seu local de destino, a mulher precisará considerar cuidadosamente o local onde irá se alojar e quais os meios de transportes acessíveis no local de seu destino não apenas como mais um item de sua lista, mas como itens essenciais para segurança, afinal durante muito tempo as mulheres se viram aprisionadas a um contrato que buscou associá-las a um não-lugar. Dessa maneira, a mulher, assim como o passageiro mencionado por Augé (1994), experienciou, durante uma parte significativa da história da humanidade, o não-lugar que lhe impossibilitou compreender sua identidade, subjetividade e pluralidade nas trocas relacionais, vislumbrando, assim, a triste realidade da solidão e da similitude.

1.2.3 A dicotomia generificada do público e do privado

Com o intuito de compreender mais a respeito da dicotomia generificada estabelecida no decorrer da história entre os espaços público e privado, revisitamos o estudo de Aboim (2012) que propõe uma reflexão sobre as múltiplas interpretações dadas ao espaço privado. A socióloga portuguesa, embasando-se nas contribuições de

²⁷ Pateman (1993) propõe uma leitura da teoria do contrato que, ao se ancorar em uma ideologia do patriarcado, faria da mulher objeto ao invés de sujeito do contrato. A autora apresenta que o contrato sexual abordaria a gênese do direito político pelo viés patriarcal, ou ainda, instância sexual, isto é, implicaria no poder que homens detêm sobre as mulheres. Segundo a estudiosa, o contrato original (contrato social) seria descrito pelos teóricos do contrato clássico dos séculos XVII e XVIII, ao passo que o contrato sexual seria uma dimensão suprimida e relegada ao profundo silêncio. No âmbito do contrato social a esfera pública seria vista como o espaço da liberdade civil, ao passo que a esfera privada não seria vista como local de grande relevância para a vida política. Tendo isso em vista, a referida autora salienta que ignorar a existência do contrato matrimonial, também imputado sexualmente, seria como ignorar metade do contrato social.

²⁸ No presente estudo visamos lançar as bases iniciais para a discussão sobre o que denominaremos *contrato comunicacional sexualizado*. Temos como finalidade dar continuidade a tal reflexão em estudos posteriores.

Weintraub (1997), ressalta quatro significações que encontramos com frequência em relação ao binômio privado e público.

A primeira interpretação dada para o binômio público e privado surge no interior do modelo da economia liberal, como destaca Weintraub²⁹ (1997 *apud* Aboim, 2012). De acordo com o estudioso, no liberalismo, através de seus fundadores Locke e Adam Smith, propõe-se uma diferenciação entre Estado e mercado relacionado à concepção do público e privado, ressaltando, assim, a importância de regulamentar como se dariam as relações entre Estado, economia e população. Weintraub (1997 *apud* Aboim, 2012) apresenta que é justamente neste ponto da história do liberalismo que a família, em comparação com os outros eixos como Estado, economia e sociedade civil, é levada a representar o espaço mais privado de todos, enquanto o Estado ocuparia o polo oposto, do local público.

Em uma referência à acepção proposta por Tocqueville, Arendt ou Habermas, a segunda interpretação da esfera pública, evocada por Weintraub (1997 *apud* Aboim, 2012), considera a esfera pública como a sociedade civil vital para a criação de uma comunidade efetiva ativa de cidadãos aptos para manter uma sociedade democrática, para tanto diferencia-se a sociedade civil do Estado e do mercado. Em tal ponto, evoca-se a distinção entre a *polis*, como o espaço para o estabelecimento da igualdade entre os cidadãos, ao passo que o *oikos*, isto é, o privado, conforme entendido por Aristóteles, como o local da naturalização das desigualdades entre o escravo e senhor, assim como entre o homem e a mulher, como destaca Weintraub (1997 *apud* Aboim, 2012).

A terceira interpretação do espaço público diz respeito às reflexões propostas por Ariès, Shorter, Jacobs, Elias e Sennett. Conforme Weintraub (1997 *apud* Aboim, 2012) aponta, na perspectiva dos referidos autores, o público é visto não apenas como o espaço da sociabilidade em contraposição ao espaço de reclusão doméstico e da família, isto é, tais estudiosos propõem uma reflexão do espaço público para além apenas do olhar político. Aboim (2012) argumenta ainda que os supramencionados autores, cada um à sua maneira, propõem um movimento de ressignificação do espaço público como um local possível de gerar laços de solidariedade e sociabilidade pública coletiva em benefício das relações privadas.

E por fim, a quarta acepção sobre o público e o privado é apresentada pelo feminismo. Weintraub (1997 *apud* Aboim, 2012) apresenta que as proposições do

²⁹ WEINTRAUB, Jeff. The Theory and Politics of the Public/Private Distinction. In: WEINTRAUB, Jeff; KUMAR; Krishan (Ed). *Public and Private in Thought and Practice*. Chicago: University of Chicago Press, 1997. p. 1-42.

feminismo, desde a sua primeira vaga na Inglaterra e ainda nos EUA nos finais do XIX, relacionam o privado à família ao passo que o público ao fazer político e econômico, na busca por apresentar a existência de uma construção moderna da dicotomia estabelecida entre o público e o privado que estabelecerá relações desiguais entre o homem e a mulher, pautando-se, portanto, na naturalização das diferenças e tendo como consequência a exclusão das que são tidas como mais frágeis do espaço público.

Tendo em vista as quatro acepções sobre os espaços público e privado, Aboim (2012, p.97) propõe “[...] uma interpretação crítica das fronteiras entre espaço coletivo de cidadania e de sociabilidade e espaço individual de intimidade e desigualdade numa perspectiva de gênero”. A socióloga sugere que os espaços público e privado sejam considerados em uma relação de cumplicidade, sem com isso desconsiderar sua complexidade e tensão, haja vista que a forma de se compreender a vida privada e os formatos de se pensar a vivência familiar e sua intimidade foram significativamente influenciados pela forma de se compreender e experienciar a vida pública no decorrer da história da humanidade.

Revisitando os estudos de Ariès (1973) e Shorter (1995), Aboim (2012) destaca a influência da forma de vivenciar o público e o privado pelas camadas burguesas das cidades industriais no contexto do século XIX, tendo em vista que tal cenário enquanto ao masculino caberia a participação na produção industrial e na participação da vida política, conferindo-lhe, assim, o status de chefe de família e detentor das decisões, ao feminino concerniria o âmbito do cuidado e das responsabilidades maternais e domésticas no espaço privado.

Em tal ponto observamos a relevância das pautas feministas que diante de tais discursos de marginalização das mulheres apresentam uma contra-argumentação às teses que atrelavam o feminino ao privado. Aboim (2012) aponta que graças às lutas pela igualdade propostas na esfera pública nota-se um convite para ressignificação sobre a forma como era concebido e vivenciado o espaço privado, dessa forma as demandas de tal espaço, até então silenciadas, passam, pouco a pouco, a serem ouvidas e consideradas na esfera pública.

Tendo em vista os movimentos propostos pelo feminismo, Aboim (2012) destaca três contribuições primordiais de tais ações: primeiramente, no que diz respeito a desconstrução de uma ideia de neutralidade sobre a forma como tais esferas eram concebidas; em seguida, refere-se à discussão sobre a forma de se repensar o espaço privado atrelando-o a esfera pública, isto é, considerando as pautas privadas como

assuntos de relevância pública a fim de se caminhar rumo a uma sociedade mais igualitária em que todos cidadãos tenham efetivamente acesso aos mesmos direitos; e, por fim, concerne a proposta de decomposição da própria diferenciação do público e do privado, problematizando a ideia do espaço privado como realidade ontologicamente anterior ao público, e cuja ascensão, entre a diferenciação público e privado, possibilitaria gerar a desordem e atitudes egocêntricas e narcísicas.

A partir das discussões propostas em seu estudo, Aboim (2012) argumenta que a regulação pública do privado ocorre em dois níveis: o primeiro nível refere-se ao avanço da igualdade moral em que o indivíduo é visto, como ponto de partida para a reflexão de uma sociedade democrática, para tanto, ele é considerado para além de uma visão que naturalizaria as diferenças, sendo visto como um cidadão como todos os outros; o segundo nível diz respeito ao movimento de incentivar a vivência da justiça distributiva e a materialização de formas de igualdade no interior do modelo de vida familiar.

Neste ponto, retomando a proposta de uma relação de cumplicidade entre as esferas pública e privada proposta por Aboim (2012), consideramos relevante destacar o diálogo que a referida socióloga portuguesa estabelece com Fraser sobre a forma como ocorre a divisão do trabalho profissional. Fraser³⁰ (1992, 1997 *apud* Aboim, 2012) problematiza tanto o modelo universal de ganha pão implícito em várias famílias que tende a incentivar as mulheres a participar do mercado de trabalho de modo injusto; quanto o modelo que situa as tarefas domésticas no âmbito do informal, tendo em vista que se ressignifica a forma como se vivencia o privado e as tarefas domésticas e do cuidado com a família que são considerados como informais e acabam por sobrecarregar as mulheres. Diante de tal cenário, Fraser (1992, 1997 *apud* Aboim, 2012) apresenta como uma proposta para tal dilema o modelo do “cuidador universal” que tanto os homens como as mulheres seriam motivados a experienciar uma realidade de real divisão das responsabilidades públicas e privadas possibilitando, assim, uma ampliação na ideia de cidadania universal.

Aboim (2012) argumenta que na atualidade é possível pensar em uma incorporação de uma retórica da igualdade no âmbito do espaço doméstico graças aos movimentos de problematização da marginalização vivenciada pelas mulheres atreladas

³⁰ FRASER, Nancy. “Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy.” In: CALHOUN, Craig (Ed.). *Habermas and the Public Sphere*. Princeton: Princeton University Press, 1992. p. 107-142.

_____. *Justice Interruptus: Critical Reflections on the “Postsocialist” Condition*. Nova Iorque: Routledge, 1997.

anteriormente apenas ao privado. A estudiosa ressalta ainda que é devido a tal movimento que se observa uma progressiva reflexão sobre a cidadania das mulheres.

Situando-se também em tal esteira sobre a reflexão da segregação sexual vivenciada pelas mulheres, a historiadora Perrot (1988) argumenta que a esfera pública, vista como o lugar do fazer político, é considerada como local reservado aos homens, sendo, assim, negado às mulheres. Perrot (2007) salienta ainda que as múltiplas formas de confinamento vivenciadas pelas mulheres estavam na realidade associadas ao medo que os homens tinham das mulheres no espaço público e de vê-las em movimento, afinal, quem poderia imaginar e conter a potencialidade de mulheres seguras de si e de seus direitos ocupando e transitando livremente pelos espaços públicos?

1.2.4 Do não-lugar ao lugar reivindicado pelas mulheres

Diante do não-lugar vivenciado pelas mulheres no decorrer da história qual seria, então, a saída para tal contexto? A historiadora brasileira Del Priore (2013, p.171), ao refletir sobre a questão da independência do indivíduo e a forma como tal sintagma é compreendido, sendo relacionado a uma forma de se viver como se deseja, propõe uma ampliação na forma como tal palavra é comumente empregada ao sugerir que a ideia de independência considere, de forma ampla, a vivência com valores que possibilitem que a vida valha a pena ser vivida. Dessa forma despeta, notamos que, para além de atrelar a apenas a um estado de espírito e a um sentimento de autonomia, a historiadora associa o sintagma independência ao sintagma resistência que em sua raiz significa “ficar de pé”, neste ponto Del Priore (2013) destaca:

E ficar de pé implica manter vivas, intactas dentro de si, as forças da lucidez. Essa é uma exigência que se impõe tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz. Sobretudo nesses últimos, quando costumamos achar que está tudo bem, que está tudo “numa boa”; quando recebemos informações de todos os lados, sem tentar, nem ao menos, analisá-las, e terminamos por engolir qualquer coisa.

Resistir como forma de ser independente é, talvez, uma maneira de encontrar um significado no mundo. Daí que, para celebrar a independência, vale mesmo é desconstruir o mundo, desnudar suas estruturas, investigar a informação. Fazer isso sem cansaço para depois termos vontade de, novamente, desejá-lo, inventá-lo e construí-lo; de reencontrar o caminho da sensibilidade diante de uma paisagem, ao abrir um livro ou a porta de um museu. Independência, sim, para defendermos a vida, para defendermos valores para ela, para que ela tenha um sentido. Independência de pé, com lucidez e prioridades. Clareza, sim, para não continuarmos a assistir, impotentes, ao espetáculo da própria impotência. (DEL PRIORE, 2013, p.141)

Compreendemos, assim, que a historiadora convida seu leitor para um processo de ressignificação dos sentidos construídos, ao longo da história, sobre o termo independência. Diante de tais pontuações de Del Priore, notamos que, para imergirmos nas entrelinhas das narrativas das mulheres viajantes, é necessário considerar como o masculino concebeu e se apoderou do termo independência associando-o ao espaço do público, ao passo que aqueles que são tidos como dependentes e indefesos, por exemplo mulheres e crianças, “deveriam” ser atrelados ao espaço do privado. Desnudar as estruturas sociais, como bem destaca a referida estudiosa, é o caminho em direção à busca da vivência da independência.

Tal busca pela independência pode ser observada nas mulheres viajantes através de um duplo movimento: primeiramente, através do deslocamento discursivo-literário e, em seguida, através do deslocamento físico-geográfico. Abordaremos mais detalhadamente o movimento de deslocamento físico-geográfico na próxima seção 1.3 *Mulheres viajantes: um lugar na História*, tendo em vista que na presente seção discutiremos sobre o deslocamento discursivo-literário.

Ao se debruçar para compreender a forma como as mulheres romperam com o silenciamento do privado, Perrot (1998) destaca que a forma encontrada pelas mulheres para serem ouvidas e ganharem influência nas esferas públicas foi através das correspondências, inicialmente, e, em seguida, por meio da literatura. A historiadora francesa argumenta que é através da palavra e de sua veiculação que se realiza o processo de constituição da esfera pública; assim, notamos que, com o intuito de romperem com o *contrato comunicacional sexualizado*, as mulheres, ao começarem a se valer da escrita, ressaltam mais do que sua sobrevivência, reafirmam sua resistência, isto é, “ficam de pé” em defesa da independência delas.

Mas, afinal, qual seria o impacto de tais narrativas das mulheres para a reflexão sobre sua identidade e seu lugar na sociedade? A historiadora brasileira Rago (2013), ao revisar as contribuições de Artières (1998), aponta que o ato de escrita das mulheres implicaria o movimento de se inscrever na história da humanidade. A inscrição de uma mulher na sociedade, através de sua ocupação dos espaços públicos, quando somada a de outras mulheres que também ousam “ficar de pé” e reivindicar para si seu lugar e voz, tem o poder de revolucionar uma sociedade inteira. Bachelet (2014, p.16) ressalta que “Quando uma mulher entra na política, a mulher muda, mas quando muitas mulheres

entram na política, muda a política³¹.” (tradução nossa). Parafraseando Bachelet (2014), acreditamos que quando uma mulher ousa se narrar, problematizando assim um *status quo sexista* que a marginalizara durante tanto tempo, quando ousa viajar sozinha, e narra para outras mulheres suas impressões e aprendizados, ela não apenas inicia o processo de desconstrução de seus medos e ressignificação de sua identidade, ela inicia o processo de convidar outras mulheres a viajarem também e mudarem a forma de compreender, em certa medida ainda no século XXI, o espaço público. Assim, em uma paráfrase contextualizada para a nossa pesquisa, ressaltamos: quando uma mulher ocupa o espaço público através da vivência de uma viagem, a mulher muda, mas quando muitas mulheres³² viajam e ousam ocupar e transitar livremente pelo espaço público, muda-se a forma de se compreender a sociedade.

Rago (2013) aponta que, para as mulheres, o processo de escrita de si revela um trabalho de reflexão sobre suas subjetividades possibilitando que tal escrita adquira uma proporção política de luta pelo direito de não apenas sobreviver, mas de existir efetivamente através de suas singularidades.

1.3 Mulheres viajantes: um lugar na História

Considerando o duplo movimento realizado pelas mulheres com o intuito de romper com o silenciamento a que foram submetidas – a narração de suas vivências e a busca pela ocupação do espaço público – buscaremos, a seguir, refletir sobre como se deu a constituição das mulheres viajantes e quais desafios vivenciados por elas na procura por não apenas transitar, mas, em suma, por ocupar os espaços públicos de forma igualitária problematizando o contrato comunicacional sexualizado que se pautava em um *status quo sexista*.

Ao ousarem narrarem-se, por meio da escrita, as mulheres realizaram um deslocamento discursivo-literário que lhes permitiu se ouvirem novamente, conforme abordamos na seção 1.2.4, e ao realizarem um movimento de deslocamento físico-geográfico o que será que tais mulheres experienciaram? E, ainda, em que sentido tal

³¹ “Cuando una mujer entra en política, la mujer cambia, pero cuando muchas entran en política, cambia la política”.

³² Tive a oportunidade de participar do *II Encontro de mulheres viajantes*, no dia 08 de março de 2020, organizado pela jornalista e turismóloga Gilsimara Caresia, idealizadora do projeto *GilsGo*, que me permitiu entrar em contato com centenas de mulheres viajantes de diversas idades, destinos distintos e que possuíam um objetivo em comum: ressignificar suas existências através da experiência da viagem. Para mais informação consultar o site: <<https://encontromulheresviajantes.com.br/>>. Acesso em: 06 março 2020.

deslocamento realizado pelas viagens colaboraria para a resignificação das identidades das mulheres viajantes? Tais questões nortearão nossas discussões na presente seção.

Transitar no espaço público possibilitou que as mulheres se deparassem com uma contraposição aos imaginários que as restringiam ao contexto do *oikos* (FIGURA 2).

Figura 2: Viajantes Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot



Cecília Meireles



Margaret Mee



Virginie Hériot

Fonte: Meireles³³, Mee³⁴, Hériot³⁵

Serrano (2017) argumenta que existia uma tensão, até à segunda metade do século XX, entre o que era esperado das mulheres, isto é, que ficassem em casa e cumprissem seus deveres conjugais e maternos, ressaltando, assim, o imaginário do anjo doméstico; e, no

³³ FOLHA DE SÃO PAULO. Cecília Meireles refletiu sobre carros e aparências em crônicas publicadas na Folha em 1964. Disponível: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/03/cecilia-meireles-refletiu-sobre-carros-e-aparencias-em-cronicas-publicadas-na-folha-em-1964.shtml>>. Acesso em: 23 de abril de 2021.

³⁴ DURBARTON OAKS. Margaret Mee in the Amazon. Disponível em: <<https://www.doaks.org/resources/online-exhibits/margaret-mee-portraits-of-plants/margaret-mee-in-the-amazon>> Acesso em: 23 abril de 2021.

³⁵ JALLAT, Denis. Les voyages à la voile de Virginie Hériot (1928): au service de la France et de la bourgeoisie des affaires. In: DINET, Dominique; GRANDHOMME, Jean-Noël; LABOULAIS, Isabelle. *Les formes de voyages: approches interdisciplinaires*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 2010. Disponível em: <<https://books.openedition.org/pus/8177>>. Acesso em: 23 abril 2021.

outro extremo seria colocada a mulher viajante. Segundo a estudiosa, tal tensão é vislumbrada no relato de viagem, porque não se supõe que a mulher saia do íntimo da casa para transitar geograficamente, social e mesmo politicamente pelos espaços públicos.

Ao refletir sobre a forma como as meninas eram educadas no contexto do século XVIII, Mary Wollstonecraft (2016 [1792]) busca compreender quais as possíveis consequências de tal modelo vivenciado pelas mulheres em sua época:

Por que se diz às meninas que elas parecem anjos ou que uma gentil e inocente fêmea é o objeto que mais se aproxima da ideia que formamos de anjos do que qualquer outro, senão para rebaixá-las como mulheres? Ao mesmo tempo, diz-se a elas que só se parecem com anjos quando são jovens e bonitas; conseqüentemente, sua pessoa, e não suas virtudes, recebe essa homenagem. (WOLLSTONECRAFT, 2016 [1792], p.126)

Wollstonecraft (2016 [1792]) ao revisitar o imaginário que associa à mulher a um anjo ou ainda ao aspecto da gentileza e inocência de fêmea lança luz sobre um elemento esclarecedor: tais características são empregadas apenas para as mulheres jovens e consideradas bonitas nos padrões da sociedade da época. Neste ponto, observamos que para além de um imaginário que restringiria a mulher a um local, trata-se de um imaginário que aprisionaria a mulher a um ideal de beleza que necessariamente passaria pela juventude e pelos padrões de beleza ditados pela sociedade. Como seriam vistas então as mulheres que ousassem quebrar tais padrões sociais?

A historiadora brasileira Del Priore (2006) destaca que as mulheres que, de alguma forma, escapassem do arquétipo da mulher frágil, boa mãe e doce, eram vistas como antinaturais. Ao considerar o movimento realizado pelas mulheres em começar a transitar o espaço público através da imersão em atividades físicas, Del Priore (2013) destaca que o fato das mulheres começarem a pedalar e a jogar tênis na Europa dividiu opiniões, pois não faltou quem considerasse tal atitude como algo imoral e que poderia prejudicar seu papel de mãe; devendo tais mulheres, assim, dedicar-se unicamente ao lar. A supramencionada historiadora ressalta que a impressão de que as reações passavam é de que era como se as mulheres tivessem ocupado um espaço que não lhes cabia por direito e tivessem começado a realizar uma atividade própria aos homens. Não obstante, a estudiosa ressalta a importância das atividades físicas externas como uma forma de oxigenar a mente e fortalecer o organismo. Situando-se também na esteira dos defensores

da atividade física como uma forma de ter qualidade de vida, Viscondessa da³⁶ ... (1853, *apud* Mendes & Luz 2021) busca incentivar às diretoras das escolas no Brasil, no contexto do século XIX, a inserir na grade de aulas o curso de ginástica para as meninas como uma forma de auxiliar tanto no tratamento de doenças respiratórias como na prevenção de outras doenças.

Se as mulheres que saíam do espaço privado para fazer uma atividade física eram vistas como antinaturais, como será que eram vistas as mulheres que ousavam viajar para outras cidades e países? Serrano (2017) apresenta que a mulher viajante era vista pela sociedade como sendo duplamente transgressora: primeiramente, pois ousava reivindicar para si também o direito de transitar no espaço público através do livre deslocamento físico-geográfico e, em seguida, por propor que as mulheres usassem roupas que eram tidas como masculina, como o caso da calça. Assim, a referida autora conclui que uma mulher que viajava sozinha era alvo de espanto, curiosidade e ainda escândalo para a sociedade que a considerava como um sexo frágil e que ela se colocaria em risco ao imaginar a possibilidade de viajar sozinha.

Neste ponto, observamos um diálogo entre Serrano (2017) e Perrot (2007) que argumenta que a mulher que viaja sozinha é vista como suspeita, pois, segundo a historiadora francesa, enquanto o homem público é visto como uma honra e um herói, a mulher que transita por tal cenário é tida como uma vergonha, uma criatura inquietante.

Considerando os movimentos realizados pelas mulheres no decorrer do século XIX, Perrot (1988) aponta que as mulheres se deslocam mais do que se imaginaria tendo em vista que saem dos campos para as cidades para trabalhar como domésticas ou costureiras e ainda viajam. A historiadora francesa argumenta que tendo em vista tais movimentos realizados pelas mulheres começa a se observar uma alteração nas fronteiras tanto geográficas quanto entre os sexos.

Um dos mais significativos deslocamentos físico-geográficos, ao mesmo tempo discursivo-literários, realizado pelas mulheres foi a conquista do direito de realizar o *Grand Tour* que era feito, anteriormente, majoritariamente pelos homens. A esse respeito, Perrot (1990) apresenta que no mundo protestante a viagem passa a fazer parte da última etapa da educação das meninas, tendo em vista que possibilitaria a prática de outros idiomas e abriria o horizonte para um possível futuro trabalho na área de tradução. A

³⁶ VISCODESSA da ... Efeitos saudáveis da ginástica. *Jornal das Senhoras*, 1853, tomo III, p.206-207. In: MENDES, Emília & LUZ, Giselle. *Feminina feminista*. Belo Horizonte: Fale Editora, 2021, p.160-163.

supramencionada autora aponta como exemplo, no contexto do século XX, as viagens realizadas pela viajante, tradutora e escritora Marguerite Yourcenar (1903-1988). Perrot (1998) aponta ainda que as mulheres que não podiam realizar o descolamento físico-geográfico, através da leitura das narrativas de viajantes como Marguerite Yourcenar, realizavam o deslocamento discursivo-literário.

A forma como tais mulheres se deslocavam entre os mais diversos espaços traziam à tona o anseio delas por ter acesso às informações e aos conhecimentos que lhes tinham sido negados na esfera do privado, como destaca Serrano (2017). Neste ponto indagamo-nos: será que as mulheres ao começarem a viajar e ter acesso às mais diversas informações começariam a ver as fronteiras geográficas e sexuais serem efetivamente desfeitas? Ou será que mesmo transitando os mesmos espaços que os homens ainda existiriam diferenças na forma como ambos os sexos vivenciariam nesses espaços?

Ao considerar o contexto do século XVIII, no âmbito da sociedade inglesa, Wollstonecraft (2016 [1792]) apresenta as diferenças entre as viagens que eram realizadas pelos homens e pelas mulheres. Para a autora, o homem ao viajar tem como foco o destino final e é justamente com ele que se preocupa, ao passo que a mulher, por sua vez, pensaria em todo o processo do período durante o trajeto temendo possíveis ocorrências incidentais. Outra diferença que é apresentada entre as viagens realizadas pelas mulheres em contraposição a dos homens é ressaltada por Serrano (2017) para quem a diferença estaria associada à forma como cada história é contada e recebida pelo público. Segundo tal estudiosa, a história da viajante ao ser narrada seria alvo de constrangimentos e questionamentos pelo fato de ser uma mulher contando uma aventura.

Ao se debruçar sobre o modo como as mulheres vivenciavam as viagens, Perrot (1990) apresenta que as mulheres realizam uma viagem-ação, isto é, para além de buscar apenas ter acesso à cultura local, as viajantes buscavam uma “saída” para a situação que experienciavam na esfera privada de silenciamento que legitimava a manutenção das fronteiras entre os sexos. A historiadora francesa Perrot (2005) destaca ainda que as mulheres buscaram sair tanto fisicamente quanto moralmente dos papéis que lhe foram impostos durante tanto tempo, através de tal movimento elas buscaram “ficar em pé” face aos discursos sexistas, reivindicando para si um lugar de fala e o direito de construir sua própria opinião e expressá-la.

A resistência das mulheres viajantes se observa também no movimento de ressignificação que elas iniciam não apenas de seu lugar no mundo, mas de quem efetivamente são. Ao considerar o processo de viagem e os impactos sobre o viajante,

Peixoto³⁷ (1987, *apud* Figueiredo, Ruschmann, 2004) destaca que ao procurar conhecer o mundo, na realidade o viajante está à procura de sua identidade através do transitar por diversos locais e imergir em diferentes culturas.

Segundo Peixoto (1987, *apud* Figueiredo, Ruschmann, 2004) o viajante constrói sua identidade através do movimento da desconstrução de uma ideia, de uma busca de uma zona de conforto e de um enraizamento. Trata-se de abrir-se para a partida e para as sensações de estranhamento em face do novo que lhe permitirá ressignificar sua identidade. Neste ponto, vemos um diálogo com a discussão que Augé (1994) propõe sobre o não-lugar do viajante. Dessa maneira, ao considerar os deslocamentos realizados pelas mulheres viajantes, notamos mais do que uma busca por ter uma casa, verificamos a busca por ser sua própria casa, seu próprio teto.

Ao considerarmos todos os movimentos realizados pelas mulheres na busca por ressignificar sua própria identidade e seu lugar na sociedade, será que poderíamos afirmar que as fronteiras entre os gêneros foram efetivamente rompidas e que na atualidade ambos podem transitar os espaços públicos da mesma maneira? Para tal reflexão evocamos uma questão que a viajante brasileira Manuela Ramos (2019, p. 36) destaca em seu livro “E como é ser mulher sozinha na estrada? Essa é uma pergunta que se tornou muito frequente enquanto viajo. Percebi que provooco certo espanto em ser uma menina viajante solo.” Cara leitora e caro leitor, vocês já ouviram ou presenciaram outras situações similares em que mulheres foram interpeladas por alguém ao se abrirem para uma experiência de viagem solo? Qual era o tom da indagação direcionada a tais mulheres viajantes?

O triste fato é que as mulheres, ainda no século XXI, para além de serem questionadas verbalmente, correm o risco de perderem suas vidas, como foi o caso das argentinas³⁸ Maria José Coni (22 anos) e Marina Manegazzo (21 anos), assassinadas ao realizarem um mochilão no Uruguai. Cabe destacar que os discursos veiculados sobre o referido caso, ao invés de problematizar o que havia ocorrido com as viajantes, começaram a apresentar questões sobre as razões pelas quais as mulheres teriam se colocado em risco ao ousarem viajar sozinhas, isto é, sem a figura masculina. Tais indagações nos inserem nas discussões apresentadas anteriormente em que as mulheres viajantes são vistas com um olhar de espanto, devendo restringir-se a esfera do privado. O espaço do privado seria então o local da segurança? Como se daria a relação para muitas

³⁷ PEIXOTO, Nelson Brissac. *Cenários em ruínas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

³⁸Disponível

em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160306_salasocial_assassinato_argentinas_ab>. Acesso em: 15 abril 2020.

mulheres no contexto do século XXI no âmbito do privado? Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)³⁹ aproximadamente 60% das mulheres em países das Américas sofrem violência proveniente de seus parceiros. Diante tais dados notamos a necessidade crucial de repensar os modelos de relações e a forma como a mulher ainda é vista e tratada em nossos dias.

Considerações finais

Ao longo do caderno 1, buscamos propor uma reflexão sobre a história da viagem e do turismo, seção 1.1, por meio da reflexão sobre as diferentes etapas que se vivenciou no decorrer da história para chegarmos aos modelos plurais que temos na atualidade para transitar pelos espaços. Tivemos ainda como intuito também buscar problematizar as formas como o público e o privado foram considerados e justificados, de forma generificada, durante muito tempo, tendo consequências significativas sobre a história das mulheres, seção 1.2. Para tanto, evocamos, através do diálogo entre os estudos discursivos, literários e historiográficos, os imaginários sociodiscursivos que foram construídos sobre as mulheres e as consequências de tais imaginários, assim como procuramos refletir sobre o não-lugar atribuído às mulheres e por elas questionado. Por fim, buscamos compreender o papel das mulheres viajantes na História tendo em vista os desafios por elas vivenciados, seção 1.3, assim suas contribuições que levaram a repensar a sociedade como um todo.

Considerando tais desafios enfrentados pelas mulheres, no próximo caderno discorreremos sobre a biografia de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot que, assim como outras mulheres viajantes que tivemos a alegria de conhecer no decorrer no presente estudo, ousaram reivindicar para si um lugar na história.

³⁹ Tais dados foram apresentados em 29 de novembro de 2018. Disponível em:<https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5812:quase-60-das-mulheres-em-paises-das-americas-sofrem-violencia-por-parte-de-seus-parceiros&Itemid=820>. Acesso em: 15 abril 2020.

CADERNO 2: MAPEAMENTO DAS ESCRITORAS VIAJANTES

Considerações iniciais

Uma viajante que se abre para desbravar as cidades e capitais, outra que anseia por explorar as belezas e riquezas da Floresta Amazônica e outra que se lança ávida por navegar por mares nunca dantes navegados. Espaços geográficos transitados diversos, contudo, o anseio pela redescoberta de si é partilhado. Nossa proposta, no presente caderno, é propor uma imersão na vida e na obra de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot⁴⁰ com o intuito de buscar compreender o caminho trilhado por cada viajante e que lhes possibilitou suas descobertas e aprendizados. A escolha de tais mulheres viajantes teve como ponto de partida nosso recorte temático, isto é, as mulheres viajantes. Assim sendo, demos início a nosso trabalho de pesquisa sobre mulheres viajantes que acabou por gerar nossa *Cartografia das 120 mulheres viajantes*, presente no quadro 1 de nosso estudo. Em seguida, propusemos um recorte temporal em que buscamos focar nossos estudos sobre as viajantes do século XX que publicaram textos factuais sobre suas viagens.

Inicialmente abordaremos na seção 2.1 a trajetória de vida e o percurso de escrita de Cecília Meireles enquanto educadora-viajante brasileira. Em seguida, na seção 2.2, apresentaremos a biografia de Margaret Mee com o intuito de contextualizar suas experiências tanto na Inglaterra quanto no Brasil e seu papel como conservacionista. E por fim, nos debruçaremos na vida de Virginie Hériot, seção 2.3, com o objetivo de observar de que forma ela descobriu o amor pela navegação e como se deu seu percurso em tal âmbito.

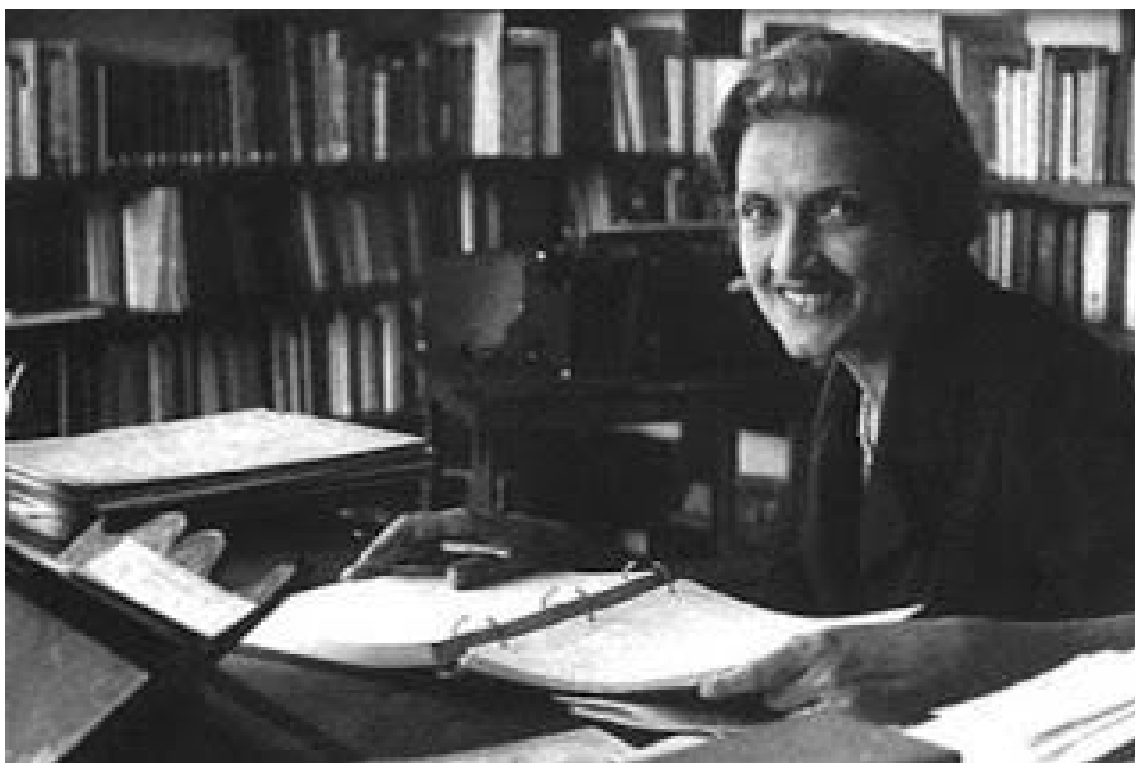
⁴⁰ Em nosso trabalho optamos por apresentar as escritoras viajantes adotando como critério a ordem alfabética para realizar a menção dos nomes, com exceção do caderno 3, em que adotamos a sequência cronológica, tendo em vista se tratar de uma contextualização histórica do que se passava quando cada narrativa de viagem foi escrita.

2.1 Entre a vida e as obras da educadora-viajante brasileira Cecília Meireles

2.1.1 Na trilha biográfica de Cecília Meireles (1901-1964)

Professora, poeta, ensaísta, jornalista, folclorista, tradutora e cronista⁴¹ (FIGURA 3), Cecília Benevides de Carvalho Meireles nos revela um polimorfismo literário e abertura para transitar nas áreas do saber. Tal ânsia por vivenciar o novo nos coloca em contato com um dos papéis de Cecília Meireles que perpassaria todos os outros: o de educadora-viajante.

Figura 3: Cecília Meireles



Fonte: Fenske, 2011⁴².

⁴¹Grupo editorial Global editora. Disponível em: <<http://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=4124>>. Acesso em: 28 de outubro de 2019.

⁴² FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). *Cecília Meireles: poeta e educadora*. Templo Cultural Delfos, fevereiro/2011. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2011/02/cecilia-meireles-poetiza-educadora.html>> Acesso em: 23 abril 2021.

Cecília Meireles nasceu no dia 7 de novembro de 1901⁴³, no Rio de Janeiro. Foi criada por sua avó materna, Jacinta Garcia Benevides, pois perdeu sua mãe quando tinha três anos e não chegou a conhecer seu pai. Em 1922, casou-se com Fernando Correia Dias, artista plástico, e juntos tiveram três filhas. Em 1940, após cinco anos do falecimento de Dias, Cecília casou-se com Heitor Vinícius da Silveira Grilo. A supracitada escritora faleceu aos 63 anos, em 9 de novembro de 1964, no Rio de Janeiro, vítima de câncer.

2.1.2 O início da escritora brasileira nas letras

A participação de Cecília Meireles no campo da escrita literária se deu através da publicação do livro *Espectros*, 1919, em que a autora se identifica com os escritores brasileiros que buscavam relacionar a herança simbolista ao espírito da modernidade, como ressalta Prado (2011).

O referido autor destaca ainda que Cecília Meireles atuou ativamente como cronista, publicando mais mil e quinhentas crônicas em vários jornais sobre temáticas diversificadas. No âmbito da educação escreveu, por exemplo, para o periódico *Diário de Notícias*, de 1930 a 1933; bem como para o jornal *A Manhã* em que teve uma coluna intitulada “Professores e Estudantes”, de 1941 a 1943. Outra temática ainda abordada por Cecília Meireles foi o folclore nacional que servia também como tema de algumas de suas conferências. E será através da premiação de sua obra *Viagem*, de 1938, que Meireles passará a fazer parte do grupo de renomados escritores brasileiros.

As obras de Cecília Meireles tiveram grande alcance e difusão (FIGURA 4). Suas poesias, por exemplo, foram traduzidas⁴⁴ para o espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, húngaro, hindí e urdu, e ainda musicada por Alceu Bocchino, Luis Cosme, Letícia Figueiredo, Ênio Freitas, Camargo Guarnieri, Francisco Mignone, Lamartine Babo, Bacharat, Norman Frazer, Ernest Widma e Fagner.

⁴³ Grupo editorial Global editora. Disponível em: <<http://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=4124>>. Acesso em: 28 de outubro de 2019.

⁴⁴ Disponível em: < <https://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=4124-cecilia-meireles> >. Acesso em: 28 de outubro de 2019.

Figura 4: Cecília Meireles



Fonte: Acervo/Estadão⁴⁵

Cecília Meireles transitava de forma plural pelo universo das letras deixando-se ser por elas tocada e impactada o que acabou por gerar o reconhecimento de seu trabalho em diversos países.

2.1.3 O transitar de Cecília Meireles pela Literatura Brasileira

Ao nos debruçarmos na produção bibliográfica de Cecília Meireles observamos que suas obras apresentam características e temáticas que estão relacionadas aos diversos contextos em que foram produzidas, isto é, a cada “eu-aqui-agora” que a escritora brasileira vivenciou e ressignificou a sua própria maneira. Segundo Loundo (2007) um olhar mais atento às obras de Meireles nos possibilitará imergir em uma pluralidade de abordagens e temáticas que terão como base desde resquícios do Simbolismo até um leve flerte com o movimento Modernista.

No que diz respeito ao transitar da escritora brasileira pelas águas simbolistas, Loundo (2007) ressalta que, embora Cecília Meireles tenha recebido inicialmente

⁴⁵ ACERVO ESTADÃO. A escritora Cecília Meireles. Disponível em:<<https://fotos.estadao.com.br/fotos/acervo,a-escritora-cecilia-meireles,976249>>. Acesso em: 26 abril de 2021.

influências do grupo neo-simbolista de *Festa*, a autora desconsidera posteriormente os escritos de tal período (*Nunca mais ... e Poemas dos poemas* [1923]) e os exclui de sua *Obra poética*. Ao ponderar sobre tal contexto da vida e produção autoral de Meireles, Bosi (1981) argumenta que, além da referida escritora excluir de sua produção os textos que tinha escrito em tal fase, não restaram temáticas de tal momento nas produções da escritora brasileira com exceção, provavelmente, de alguma nuance de tradicionalismo nas opções estéticas da maturidade.

De acordo com Loundo (2007) o início da aproximação de Cecília Meireles com o movimento Modernista se deu através da publicação da coletânea *Viagem* (1939). O supramencionado estudioso destaca como características de tal movimento uma proposta da eliminação da rotina de emulação artística que se baseava em suas heranças coloniais, assim como buscava o desenvolvimento de uma consciência estética nacional a fim de se alcançar excelência e liberdade no processo de criação literária.

O tema da viagem surge inicialmente na obra de Cecília Meireles como uma forma de anti-viagem modernista, como ressalta Neto (2001). Para o referido estudioso, Meireles transita pelas bases do modernismo ao evocar o lugar da velocidade para suas reflexões, resignificando-o através da relação que faz com a existência humana evocando os temas da transitoriedade e fugacidade dos elementos ao nosso redor como a flor, música e a infância, por exemplo. Dessa maneira, por meio da evocação da transitoriedade da existência, a educadora-viajante brasileira aborda os temas tanto dos deslocamentos imaginários quanto dos deslocamentos geográficos como algo abertura para uma constante resignificação (FIGURA 5). Paiva (2006), ao se debruçar sobre as temáticas abordadas por Meireles, apresenta que em suas obras é possível ainda observar as inquietações e questionamentos do ser humano através da evocação dos temas da essência do ser, o silêncio, a solidão, a dor, o amor, assim como a transitoriedade, conforme vimos também em Neto (2001).

Figura 5: Cecília Meireles a bordo do navio Cuyabá



Fonte: Dias, In: Meireles, 2015 ⁴⁶,p.63.

Tomando como base a escolha de formas, metros e temas pautados na tradição lírica, como por exemplo a portuguesa e a inglesa, Cecília Meireles é apresentada por Hansen (2007) como uma poeta moderna, mas não modernista. Lamego (1996) destaca as nuances cosmopolita, intertextual e o afastamento de uma visão reduzida ao regionalismo como pontos que a aproximariam de um modernismo universalista. Em tal ponto, cabe ainda ressaltar que Meireles, para além de buscar se encaixar na formação de correntes literárias, apresentava-se antes como uma intelectual aberta ao mundo, como aponta a supramencionada estudiosa.

2.1.4 A relação de Cecília Meireles com a educação

Profundamente engajada com a causa da educação no país, Cecília forma-se como professora aos 16 anos e demonstra desde nova sua paixão pelo ensino:

Sempre gostei muito de ensinar. Trabalhei na Escola Deodoro, ali junto ao relógio da Glória. Fui professora de Literatura da Universidade do Distrito Federal. Criei a primeira biblioteca infantil, ali onde era o Pavilhão Mourisco. Criança que não tivesse onde ficar podia encontrar o livro que lhe faltava,

⁴⁶ O artista Fernando Correia Dias embarcou com Cecília Meireles, em 20 de setembro de 1934, no navio *Cuyabá*, em direção à Lisboa. A escritora brasileira realizou tal viagem à convite do Governo português para realizar no país uma série de conferências sobre literatura brasileira. A viagem, que teve duração de 22 dias, resultou tanto em crônicas diárias escritas por Meireles e que se tornaram o livro *Diário de Bordo*, assim como em ilustrações feitas por Dias publicadas na referida obra de Meireles. Para mais informações consultar: MEIRELES, Cecília. *Diário de bordo*. São Paulo: Global, 2015.

coleção de selos, moedas, jogos de mesa, sonhos, histórias e as explicações de professoras prontas e atentas. Acabou, depois de quatro anos, mas frutificou em São Paulo onde hoje existe até biblioteca infantil para cegos. Também ensinei História do Teatro na Fundação Brasileira. O resto da minha atividade didática está nas conferências em que sempre procuro transmitir algo. (MEIRELES In: Bloch [1964], 1989)

Defensora da importância do acesso e estímulo da leitura para todos, inaugura em 1934 a primeira biblioteca infantil nacional, no Rio de Janeiro. Contudo, tal biblioteca é alvo de críticas por apresentar obras tidas como subversivas e é fechada em 1937, pelo Interventor do Distrito Federal, como nos apresenta Prado (2011).

Em defesa da educação no país e filiando-se aos ideais da Escola Nova⁴⁷, Cecília Meireles assina o *Manifesto dos Pioneiros da Educação*⁴⁸, de 1932. Tal Manifesto foi redigido por Fernando de Azevedo e assinado por 26 intelectuais, dentre eles 23 homens e 3 mulheres⁴⁹ (Armanda Álvaro Roberto, Cecília Meireles e Noemy Silveira). Em tal manifesto se reivindicava que o Estado tornasse acessível à população uma educação pública, gratuita, mista e laica que possibilitasse o desenvolvimento da autonomia do sujeito pela educação através da abordagem de temas que visassem estimular o interesse dos alunos para a aprendizagem; para tanto se propunha um modelo de escola comunitária, com iguais condições de acesso e permanência, que buscasse devolver as múltiplas habilidades e capacidades dos estudantes.

2.1.5 A experiência de viagem em Cecília Meireles

Cecília Meireles revela um olhar atento, um coração disposto e uma mente aberta para as descobertas que o percurso da viagem poderia lhe possibilitar. A viajante brasileira enxerga a viagem como uma possibilidade de alargar o horizonte humano, pois, para Meireles, não se trata meramente de tirar uma foto e fazer turismo⁵⁰. Trata-se de se permitir surpreender pelos encontros com pessoas desconhecidas que se tornarão conhecidas e da imersão na cultura de tais indivíduos (FIGURA 6).

⁴⁷ Disponível em: <<http://escolanovapucminas.blogspot.com/2011/11/propostas-da-escola-nova.html>>. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

⁴⁸ Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/ManifestoPioneiros>>. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

⁴⁹ VIDAL, Diana Gonçalves. *80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate*. In: Educ. Pesqui., São Paulo, v. 39, n. 3, p. 577-588, jul./set. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n3/aop1177.pdf>>. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

⁵⁰ MEIRELES, Cecília. Entrevista. In: BLOCH, Pedro. *Pedro Bloch Entrevista*, Bloch Editores, 1989. [1964]. Disponível em: <<https://www.revistabula.com/496-a-ultima-entrevista-de-cecilia-meireles/>>. Acesso em: 28 de outubro.

Figura 6: Cecília Meireles em Ouro Preto, Minas Gerais



Fonte: Duarte (2014)⁵¹

Em entrevista ao jornalista Bloch ([1964] 1989), Cecília Meireles deixa transparecer seu anseio por conhecer o outro e penetrar em sua realidade e história conectando-se a ele. A viajante brasileira afirma:

“Tenho um vício terrível” — me confessa Cecília Meireles, com ar de quem acumulou setenta pecados capitais. “Meu vício é gostar de gente. Você acha que isso tem cura? Tenho tal amor pela criatura humana, em profundidade, que deve ser doença.” “Em pequena (eu era uma menina secreta, quieta, olhando muito as coisas, sonhando) tive tremenda emoção quando descobri as cores em estado de pureza, sentada num tapete persa. Caminhava por dentro das cores e inventava o meu mundo. Depois, ao olhar o chão, a madeira, analisava os veios e via florestas e lendas. Do mesmo jeito que via cores e florestas, depois olhei gente. Há quem pense que meu isolamento, meu modo de estar só (quem sabe se é porque descendo de gente da Ilha de São Miguel em que até se namora de uma ilha pra outra?), é distância quando, na realidade, é a minha maneira de me deslumbrar com as pessoas, analisar seus veios, suas florestas. (MEIRELES *In*: Bloch [1964], 1989)

⁵¹ DUARTE, Elemara. Acervo pessoal de Cecília Meireles pode ser aberto. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/acervo-pessoal-de-ccc%C3%ADlia-meireles-pode-ser-aberto-1.233878>>. Acesso em: 23 abril 2021.

Cecília Meireles brinca com as palavras e seus múltiplos sentidos para expressar seu interesse por relacionar-se com as pessoas através do transitar dos espaços encantando-se com os locais e as pessoas neles inseridas. Para realizar tal movimento de imersão, a referida escritora buscava estudar as línguas e os dialetos dos locais para onde viajava com o intuito de “melhor penetrar a alma dos povos”⁵², como diria a própria autora.

A educadora-viajante brasileira realizou viagens tanto de erudição, com o intuito de ampliar seus conhecimentos sobre as outras culturas, quanto viagens de serviço para dar cursos no exterior, bem como para palestrar em congressos em que era convidada, conforme destaca Romano (2013).

2.1.6 A escrita como uma forma de viagem

Filho (2007) aponta que Cecília Meireles não se restringia apenas a uma forma de produção, pois era múltipla e se permitia transitar entre os diversos tipos de linguagem. A autora brasileira escreveu poesias e crônicas com temáticas diversificadas e para públicos diferentes. Meireles também escreveu, por exemplo, livros voltados para o público infanto-juvenil. Ao refletir sobre a forma que se deu a organização dos três volumes das *Crônicas de Viagem* de Cecília Meireles, Romano (2012) explica que se trata de uma compilação de crônicas que a escritora brasileira escreveu para a imprensa na época de 1940 a 1960. Tais crônicas foram reunidas e organizadas pelo estudioso Leodegário de Azevedo Filho.

2.1.7 Convites e prêmios

Tendo em vista a trajetória de Cecília Meireles e suas contribuições para a sociedade, a escritora-viajante foi homenageada e reconhecida através dos seguintes prêmios e condecorações⁵³:

- 1939: *Prêmio de Poesia Olavo Bilac* concedido pela Academia Brasileira de Letras pelo livro *Viagem*.

⁵² BLOCH (1989 [1964]).

⁵³ Disponível em: <<http://globaleditora.com.br/autores/biografia/?id=4124>>. Acesso em: 28 de outubro de 2019.

- 1953: Recebe como condecoração, das mãos do presidente indiano, o título de Doutor Honoris Causa, da Universidade de Delphi⁵⁴.
- 1962: *Prêmio de Tradução/Teatro*, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).
- 1963: *Prêmio Jabuti* de Tradução de Obra Literária, pelo livro *Poemas de Israel*, concedido pela Câmara Brasileira do Livro;
- 1964: *Prêmio Jabuti* de poesia pelo livro *Solombra*;
- 1965: *Prêmio Machado de Assis*, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra.

Apresentamos essa lista apenas para destacar algumas das homenagens recebidas por Cecília Meireles em reconhecimento à relevância de seu trabalho. Tais homenagens atuam como uma ferramenta de legitimação e reconhecimento da relevância intelectual e social daquela que lutara por tantos anos em defesa da educação pública, gratuita, mista e laica e que inaugurara a primeira biblioteca infantil nacional, no Rio de Janeiro, sendo alvo de diversas críticas, contudo ela não desiste.

2.2 Entre a vida e as obras da artista botânica e conservacionista inglesa Margaret Mee

2.2.1 Na trilha biográfica de Margaret Mee (1909–1988)

Professora, escritora, artista botânica (FIGURA 7), ambientalista, conservacionista e ativista política, Margaret Ursula Mee nasceu em 1909, em Chesham, no condado de Buckingham, Inglaterra. Gadelha ([2009] 2010) nos apresenta que a artista botânica inglesa demonstrou desde cedo uma grande aptidão para o campo das artes o que lhe possibilitou estudar tanto na Escola de Arte de Watford como, posteriormente, na Escola de Arte em Liverpool.

⁵⁴ OLIVEIRA, Gisele Pereira. Cecília Meireles e a Índia: das provisórias arquiteturas ao “êxtase longo de ilusão nenhuma”. *Religare* 9 (2), 153-161, dezembro de 2012. Disponível em <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/religare/issue/view/1226/showToc>>. Acesso em: 19 abril 2019.

Figura 7: Margaret Mee



Fonte: Frame coletado no documentário *Margaret Mee e a Flor da lua*⁵⁵, (2013).

Margaret Mee atuou ativamente em diversas áreas do saber e em defesa de causas sociais, nas quais acreditava, tais como as lutas e reivindicações do movimento sindical e a causa feminista na Europa, como bem pontua Brautigam (2009).

No âmbito das artes plásticas, Margaret Mee trabalhou como desenhista em De Havilland, no contexto da Segunda Guerra Mundial, e, em seguida, quando a guerra acaba, ela se matricula na escola de Artes de St. Martin, local onde conhece o artista Greville Mee que se tornou seu companheiro para a vida toda. Brautigam (2009) destaca ainda que tendo em vista a dedicação e empenho de Margaret seu trabalho acaba se tornando conhecido pelo artista Victor Pasmore, o que lhe garantiria uma bolsa de estudos na Escola de Artes Camberwell.

⁵⁵ MARGARET MEE E A FLOR DA LUA. Direção: Malu de Martino. Documentário. Brasil: BRETZ FILMES (RIMO), 2013. 1 disco (78 min.), son., color., legendado.

A vinda da artista inglesa ao Brasil estaria atrelada a dois fatores: por um lado, teríamos o ativismo político da viajante inglesa que lutou ativamente contra a pobreza em seu país, e ainda contra Guerra Civil Espanhola e contra o movimento fascista na Inglaterra⁵⁶. Ela acabou recebendo diversas ameaças tendo em vista seus posicionamentos e começou a enfrentar dificuldade de encontrar trabalho em seu país; por outro, teríamos ainda a necessidade de realizar uma viagem ao Brasil, devido ao quadro de doença vivenciado por Catherine, irmã de Margaret Mee que vivia no país. Considerando tais fatores, Margaret Mee decide viajar para São Paulo, em 1952, acompanhada de seu marido Greville. Segundo Brautigam (2009), o impacto que o Brasil exerceu sobre Margaret Mee foi tamanho, que fez com que, em 1956, a artista iniciasse sua primeira expedição através do Rio Gurupi, tal viagem seria apenas a primeira de muitas que viriam pela frente. Depois das expedições realizadas no Brasil, a artista viajante retorna para a Inglaterra e falece em 30 de novembro de 1988 em decorrência de um acidente de carro em seu país.

2.2.2 As expedições de Margaret Mee para a Floresta Amazônica

Margaret Mee inicia em 1956, aos 47 anos, suas expedições na Floresta Amazônica com destino a Murutucum, no rio Gurupi⁵⁷. Foram, ao todo, quinze viagens exploratórias que a conservacionista inglesa realizou ao longo dos anos 1956 a 1988. Mee partiu para sua expedição acompanhada de sua amiga Rita com quem vivenciou diversos desafios ao longo do trajeto de suas 15 expedições, bem como incríveis experiências de descobertas e contato com a população local e com a floresta.

No decorrer de suas viagens exploratórias Margaret Mee busca imergir na cultura local e, dessa maneira, se abre para a riqueza dos saberes locais. Para tanto, Mee instala-se em habitações no meio da floresta e conta com o apoio dos habitantes de tais regiões para as atividades que desenvolvia (FIGURA 8):

⁵⁶ ESTAÇÃO CABO BRANCO – CIÊNCIA CULTURA & ARTES. Exposição sobre a vida e obra de Margaret Mee está em cartaz. Disponível em: < <https://joaopessoa.pb.gov.br/estacaocb/?p=2798> > Acesso em: 21 de agosto de 2021.

⁵⁷ GADELHA, Raimundo. Introdução. In: MEE, Margaret Ursula. *Flores da Floresta Amazônica: a arte botânica de Margaret Mee*. São Paulo: Escrituras Editora, 2010 [2009].

Figura 8: Margaret Mee conversando com habitantes locais



Fonte: frame coletado no documentário *Margaret Mee e a Flor da lua*, (2013).

Para Margaret Mee, uma das formas mais singulares de expressar o impacto vivenciado em suas expedições, e o contato que tivera com a realidade local, era através das ilustrações, em aquarela, que realizava. Segundo Gadelha ([2009] 2010), Mee tinha o costume de fazer esboços coloridos diretamente no local em que havia observado a planta para, posteriormente, realizar uma ilustração maior e com todos os detalhes no estúdio que tinha em sua casa.

O cuidado e a atenção que artista botânica reservava aos detalhes de cada planta são destacados no trabalho de Almeida (2014):

Ilustrou espécies da flora amazônica, destacando-se pela sua forma de representar em aquarela, com tons semelhantes às naturais, além da aproximação da Ilustração com a espécie real. Durante a sua vida de ilustradora Margaret Mee passou também a pesquisar sobre o que se ilustrava, tornando então conhecedora da flora brasileira, sobretudo, de orquídeas e bromélias, mesmo sem essa formação acadêmica[...] Fazia seus os esboços e rascunhos ainda no ambiente natural, onde buscava chegar através da mistura da aquarela a uma cor semelhante à original da espécie observada, terminando suas ilustrações em seu ateliê. (ALMEIDA, 2014, p.44)

Conforme podemos observar, mais do que apenas buscar “retratar por retratar”, Mee procura conhecer mais a respeito da flora brasileira com a finalidade de capturar de forma

mais profunda a beleza das plantas. Ao fazer isso, notamos que a artista, ao buscar capturar uma imagem, acaba sendo capturada por ela e por toda a realidade a ela atrelada.

No que diz respeito ao período de cada expedição de Margaret Mee, Gadelha ([2009] 2010) aponta que geralmente tais viagens duravam em torno de quatro meses. Dessa forma, nos intervalos entre uma expedição e outra, Margaret Mee voltava para sua casa (FIGURA 9) para lecionar, pintar e realizar os outros trabalhos em que estava envolvida como, por exemplo, as pesquisas que desenvolveu no Instituto de Botânica, de São Paulo entre os anos de 1960 e 1965.

Figura 9: Margaret Mee na varanda de sua casa em Santa Tereza, Rio de Janeiro



Fonte: frame coletado no documentário *Margaret Mee e a Flor da lua*, (2013).

As viagens exploratórias realizadas por Margaret Mee (FIGURA 10) resultaram em inúmeras contribuições para a sociedade brasileira, dentre elas, a organização do livro *Flores da Floresta Amazônica: a arte botânica de Margaret Mee* que reúne os textos diretamente extraídos dos diários feitos por Mee durante suas viagens para a Floresta Amazônica de 1956 a 1988. A obra apresenta em torno de 60 dos principais trabalhos da referida viajante, como nos aponta Gadelha ([2009] 2010).

Figura 10: Margaret Mee em uma de suas expedições na Floresta Amazônica



Fonte: Frame coletado no documentário *Margaret Mee e a Flor da lua*, (2013).

Em suas viagens que fazia à Floresta Amazônica, Margaret Mee passou anos procurando a Flor da Lua⁵⁸, para que pudesse retratá-la por meio da pintura, a artista tem a alegria de encontrá-la e pintá-la, por ocasião de seu aniversário de 79 anos. No mesmo ano, ela viaja para os Estados Unidos para palestrar sobre a necessidade vigente de conservação da Floresta Amazônica, como ressalta Brautigam (2009).

2.2.3 Reconhecimento das contribuições de Margaret Mee e homenagens recebidas

Em sua narrativa de expedição, Margaret Mee, mais do que descrever simplesmente as belezas da Floresta Amazônica, narra a situação que via em algumas comunidades e locais da floresta. A este respeito Almeida (2014) argumenta que:

Margaret Mee passou a atentar-se para questões ambientais, tais como a crescente comercialização de produtos naturais encontrados na região, sendo considerada uma conservacionista da Floresta Amazônica. Após anos de experiência, aprendeu o suficiente para escrever um relatório para o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF, depois transformado em IBAMA), no qual destacou a devastação contínua e crescente, além do modo de vida dos habitantes e animais da região. (ALMEIDA, 2014, p. 47)

⁵⁸ MARGARET MEE E A FLOR DA LUA. Direção: Malu de Martino. Documentário. Brasil: BRETZ FILMES (RIMO), 2013. 1 disco (78 min.), son., color., legendado.

Assim, notamos que Mee deixa-se impactar e permite-se impactar pelo que vê ao longo de suas viagens. Após se deparar com cenas de desmatamentos e queimadas busca valer-se de sua voz e de sua arte como uma ferramenta de luta em defesa da floresta brasileira, tanto em solo nacional quanto em outros países, como nos Estados Unidos e em seu próprio país. Dessa forma, notamos que outra contribuição trazida pelo trabalho da supramencionada conservacionista estendeu-se desde as contribuições no que diz respeito ao campo dos estudos botânicos quanto ao que se refere ao seu engajamento com a luta pela preservação da fauna e flora brasileiras.

Cabe ainda ressaltar a contribuição que as ilustrações realizadas por Margaret Mee fornecem para a taxonomia vegetal. Gadelha ([2009], 2010) afirma que graças às expedições realizadas e registradas por Mee, através das ilustrações, nove novas espécies, desconhecidas pela ciência até aquele momento, foram registradas, incluindo algumas que levaram o nome da artista botânica em sua homenagem: *Aechmea meeana*, *Neoregelia margaretae* e *Sobralia margaretae*. Nas figuras, a seguir, apresentamos as referidas flores (FIGURAS 11-13):

Figura 11 - *Aechmea meeana* (Bromeliaceae), 1978



Fonte: STIFF, CRANE, 2001, p.26.

Figura 12- *Neoregelia margaretae* (família Bromeliaceae), 1979



Fonte: STIFF, CRANE 2001, p.30.

Figura 13 - *Sobralia margaretae* (família Bromeliaceae), 1977



Fonte: BRAUTIGAM, 2006, p.242.

Além de ser homenageada através dos nomes dados às plantas supramencionadas, Margaret recebeu alguns títulos, condecorações e um espaço em seu nome com o intuito de relembrar a importância do legado que a artista inglesa deixou para a posterioridade. Destacamos, algumas das homenagens recebidas, a seguir:

- Em 1976, Margaret Mee recebe o título de Membro da *Ordem do Império Britânico* (M.B.E).
- Em 1979, a artista botânica recebe a condecoração mais elevada que poderia ser atribuída a estrangeiros – a *Ordem do Cruzeiro do Sul*.
- Em 1988, após sua morte, é fundada a organização *Margaret Mee Amazon Trust*⁵⁹ que tem como objetivo desenvolver pesquisas no que diz respeito à conservação da Floresta Amazônica através da concessão de bolsas para estudantes no campo da botânica e ilustradores botânicos brasileiros que tenham interesse em aprofundar seus estudos em tal área tanto no Reino Unido quanto no Brasil.

As expedições realizadas por Margaret Mee à Floresta Amazônica revelam uma mulher viajante aberta aos desafios, encantada por novos aprendizados e resiliente diante das dificuldades apresentadas. O reconhecimento das contribuições de Mee atua como uma resposta que problematiza os discursos machistas que a viajante inglesa escutara, por tantas vezes, em que se questionava o que uma mulher fazia em meio à floresta sem a figura masculina. Margaret Mee mostrou a que veio: aprender através da escuta efetiva com os habitantes locais, deixar-se impactar com a beleza da Floresta Amazônica, buscar narrar o que via através de seus desenhos e posicionar-se através de sua escrita em defesa da Floresta Amazônica.

2.2.4 Margaret Mee na imprensa

Conforme Margaret Mee realizava suas expedições para a Floresta Amazônica e trabalhava cuidadosamente em seus desenhos tão ricos em detalhes, a artista ia se tornando conhecida tanto para os interessados nas temáticas nas quais abordava quanto

59

Disponível

em:

<http://www2.eca.usp.br/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=66:margaret-mee-e-a-ilustracao-cientifica&catid=14:folios&Itemid=10>. Acesso em 04 de novembro de 2019.

pelos jornais da época que começaram a demonstrar interesse de contar sua história para os outros, como podemos observar na matéria do *Estado de São Paulo* (FIGURA 14):

Figura 14- Matéria sobre Margaret Mee

Brasil edita aquarelas inglesas da Amazônia

THEREZA JORGE

RIO — Pouco antes de morrer, a pesquisadora, botânica e artista plástica Margareth Mee pôde assistir à edição, na Inglaterra, da obra que justificou sua vida: o livro *In Search of Flowers of The Amazon Forest* (Em Busca das Flores da Floresta Amazônica) com aquarelas, fotografias e os diários das 15 expedições que empreendeu durante os 30 anos que viveu no Brasil. Esse mesmo álbum de luxo vai ser agora impresso pela editora Salamandra. Os três mil exemplares de *Em Busca das Flores da Floresta Amazônica* terão apenas uma proposital diferença da edição inglesa. A capa brasileira terá a reprodução do desenho da sua última e importante descoberta, a flor-da-lua (*Selenicereus*). Parte da tiragem do livro

será comercializada, segundo o editor Geraldo Jordão Pereira, da Salamandra, "a Peso de Ouro". O valor, porém, ainda não foi definido. O certo é que toda a renda arrecadada será doada à Fundação Botânica Margareth Mee. Os outros 1.500 exemplares serão distribuídos como brinde de fim de ano pela Shell do Brasil.

Desde 1956, quando iniciou suas viagens, já com 47 anos, Margareth procurou denunciar a devastação da Amazônia, o que mais tarde chamaria a atenção de ecólogos de todo o mundo. Em sua obra revelou a existência de bromélias, orquídeas e outras espécies da flora e da fauna em extinção até chegar à sua última descoberta, a flor-da-lua.

Margareth presenciou, sob os raios da lua cheia, noite adentro, a floração dessa planta. Sentada numa cadeira colocada no topo da embarcação, perto da boca do Rio Guelras, na subida do Negro e a nove horas de Manaus, deslumbrou-se com o que viu. Dois fotógrafos que a acompanhavam registraram todo o processo do desabrochar da flor-da-lua, mais tarde desenhado por ela.

O professor Luiz Egmydio de Mello Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, um dos prefaciadores da edição brasileira, define as expedições de Margareth Mee como "uma saga de entendimento e paixão". Seu amigo, o poeta mineiro Afonso Romano de Sant'Anna, disse que Margareth "surpreendeu uma metáfora da vida" ao presenciar a flor-da-lua, que cresce da semente escura até o desabrochar na claridade, entre a lua nova e a cheia.



Fonte: JORGE, Tereza. *Estado de São Paulo*, 19 de dezembro de 1989.⁶⁰

⁶⁰ JORGE, Thereza. *Brasil edita aquarelas inglesas da Amazônia*. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 19 DEZ. 1989. Acessado através da base de dados da biblioteca Walter Wey que pertence à Pinacoteca de São Paulo.

Em tal matéria, figura 14, verificamos que Mee é apresentada como uma pesquisadora, botânica e artista plástica que buscou denunciar a devastação da Amazônia tanto através de sua produção verbal quanto através de sua produção icônica.

No ano seguinte, 1990, ocorreu uma exposição intitulada “Margaret, uma mulher na Amazônia”⁶¹, no Centro Cultural do Banco do Brasil no Rio de Janeiro, em que foram apresentadas sessenta das aquarelas feitas pela artista inglesa. Tal exposição é mencionada em uma matéria da revista *Veja*:

Figura 15- Matéria sobre Margaret Mee na revista *Veja*



Fonte: *Veja*, 17 de outubro de 1990.⁶²

⁶¹ NOGUEIRA, P; Ribeiro, M. C.; LAFFAYETTE, E. *Cartaz de exposição Margaret Mee: uma mulher na Amazônia*, 1990. Disponível em: < <https://acervo.mis-sp.org.br/iconografia/cartaz-da-exposicao-margaret-mee-uma-mulher-na-amazonia> > Acesso em: 24 junho 2020.

⁶² ENCANTO AMAZÔNICO: exposição reúne sessenta aquarelas de Margaret Mee, a inglesa que documentou a flora da selva da selva brasileira. *Veja*, São Paulo, 17 de outubro de 1990, p.103. Acessado através da base de dados da biblioteca Walter Wey que pertence à Pinacoteca de São Paulo

Notamos que a matéria, figura 15, ao se referir a Margaret Mee apresenta que “Não havia ninguém que segurasse aquela inglesinha franzina e elétrica” e ainda a destaca como alguém que era defensora da ecologia. Dos inúmeros desafios vivenciados pela artista, no decorrer de sua viagem na Floresta Amazônica, observamos, através da referida matéria, que Mee em uma de suas viagens no barco acabou se desequilibrando e caindo em um rio cheio de piranhas e, em outra ocasião, precisou se defender de um garimpeiro embriagado que queria invadir sua barraca, como Mee costumava dizer: “A natureza não é perigosa, e sim os homens”.

No ano de 1992 os jornais falavam sobre uma nova exposição⁶³ de Margaret Mee em que seriam apresentadas cinquenta e nove aquarelas inéditas da artista e 21 aquarelas inacabadas no Masp. O *Jornal da Tarde*⁶⁴, figura 16, o jornal *O Estado de São Paulo*⁶⁵, figura 17, e a revista *Isto É*⁶⁶, figura 18, escreveram sobre tal exposição:

⁶³ MARGARET Mee. *Uma mulher e a Mata Atlântica*. São Paulo, 1992. Catálogo de exposição, 1992, MASP.

⁶⁴ AS BELAS IMAGENS DA NATUREZA: Margaret Mee expõe no Masp. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 25 de maio 1992. Acessado através da base de dados da biblioteca Walter Wey que pertence à Pinacoteca de São Paulo.

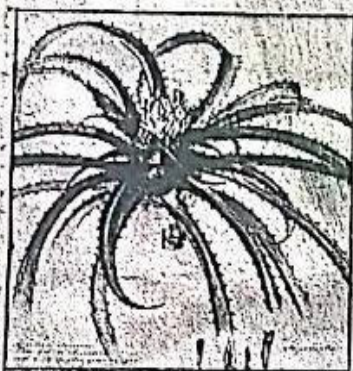
⁶⁵ EXPOSIÇÃO: Masp mostra as aquarelas ecológicas de Margaret Mee. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 de maio de 1992. Acessado através da base de dados da biblioteca Walter Wey que pertence à Pinacoteca de São Paulo.

⁶⁶ BARDI, P.M. Jardim tropical: uma amostra de aquarelas da inglesa Margaret Mee no Masp revela a beleza da flora brasileira. *Isto É*, São Paulo: 24 de junho de 1992.

Figura 16- Matéria sobre Margaret Mee no *Jornal da Tarde*

AS BELAS IMAGENS DA NATUREZA

Margareth Mee expõe no Masp



Bromélia

Ela foi uma espécie de Indiana Jones de saias. Como o personagem do cinema, a inglesa Margaret Mee se embrenhava na selva, enfrentava onças, descia corredeiras em canoas e, revólver em punho, botava para correr os invasores do seu acampamento — apesar da aparência magra e pálida. Ela fez 15 expedições à selva, ao longo de seus 36 anos de Brasil, onde se fixou em 1952. Os tesouros perdidos que a ilustradora botânica buscava eram plantas e flores da selva — e os registrou em milhares de desenhos e aquarelas de técnica impecável. Uma parte desse precioso conjunto — um dos mais completos e belos jamais realizados — será exposto no Masp. São 59 aquarelas que salvam da devastação 56 espécies de bromélias. E ainda 21 obras inacabadas, fotos e objetos pessoais da ilustradora que, por ironia, morreu num acidente de automóvel, na Inglaterra, aos 79 anos, em 1988.

Figura 17- Matéria sobre Margaret Mee em *O Estado de São Paulo*

O ESTADO DE S. PAULO |
QUARTA-FEIRA, 27 DE MAIO DE 1992

EXPOSIÇÃO



Masp mostra as aquarelas ecológicas de Margaret Mee

Defensora do meio ambiente e batalhadora da causa dos índios brasileiros, a inglesa Margaret Mee é considerada uma das mais importantes ilustradoras botânicas do mundo. A partir de hoje, às 18h30, o Masp (Av. Paulista, 1.578) expõe os trabalhos da artista que morreu em 1988, num acidente automobilístico. A mostra inclui 59 aquarelas inéditas de Mee, 21 aquarelas inacabadas, além de fotos e objetos pessoais que ela utilizava para realizar seus trabalhos.

A artista veio pela primeira vez ao Brasil, em 1952, aos 43 anos de idade e encantou-se pela flora do País. Quando viajou pela Mata Atlântica, se voltou, para a pintura botânica. Iniciou sua carreira de ilustradora no Instituto de Botânica de São Paulo, em 1960, quando foi contratada para ilustrar uma monografia de bromeliáceas. Assim, Margaret tornou-se famosa, tanto no País, quanto no Exterior, ajudando a divulgar e compreender a flora brasileira. De 1958 a 1978 ela fez diversas viagens pelo interior do País, mantendo contato com botânicos e conhecendo os diversos ecossistemas.

"Sei que a minha morte não significará o fim do meu trabalho. Onde quer que eu esteja, tentarei influenciar aqueles que estão destruindo o planeta para que dêem à natureza uma chance de sobreviver", disse. Na abertura da exposição será lançado o livro **Bromélias Brasileiras**, de Margaret Mee.

Fonte: *O Estado de São Paulo*, 27 de maio de 1992.

Figura 18- Matéria sobre Margaret Mee na revista *Isto é*

P. M. BARDI

Jardim tropical

Uma mostra de aquarelas da inglesa Margaret Mee no Masp revela a beleza da flora brasileira

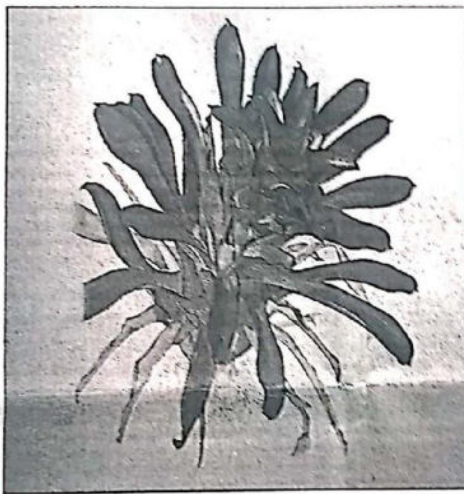
O Museu de Arte de São Paulo está apresentando uma mostra de aquarelas que homenageia uma figura de relevo no campo da ecologia: a senhora Margaret Mee (Chesham, Buckinghamshire 1909 – Londres 1988). Quando eu dirigia o museu organizei duas exposições de seus trabalhos que, como a de agora, foram bastante admiradas.

Margaret veio para o Brasil em 1952 para exercer sua profissão de pintora e, como tantos colegas europeus, logo se encantaria com a nossa natureza. A esta se dedicou numa surpreendente demonstração de amor, durante todo o período em que viveu em nosso país.

No momento em que estiveram reunidas no Rio de Janeiro

Três espécies de flores pintadas por Margaret nos anos em que viveu no Brasil: registro apaixonado de uma defensora da natureza

personalidades do mundo inteiro para discutir o futuro do planeta, reevocar as figuras que emergiram na defesa e na exaltação da natureza para preservar o que representa absolutamente nossa permanência sobre a Terra é um ato de devoção. Margaret, além de defensora, foi a memorável contempladora



da singularidade da Mata Atlântica com as bromélias que ela reproduziu magnificamente.

A exposição reúne uma coleção aquarelas dessas flores pertencente ao IBI – Instituto Botânico de São Paulo – e a outra série de espécies variadas, cedida por colecionadores. A série de bromélias compreende 59 trabalhos, nos quais são figuradas 56 tipos existentes em vários lugares do Brasil. Radicada no Rio de Janeiro, Margaret permaneceu longo período na Amazônia, produzindo um patrimônio de arte de alto valor e registrando a maravilha de nossa flora, em grande parte desconhecida por nós. Enquanto se difundia no ar o veneno da poluição, uma cara senhora colhia o que estava restando do verde: bromélias, plantas e outras flores – as conservava em suas obras.

Depois de séculos e séculos, a perplexidade sobre a continuidade dos astros vem em quando aparece. As comunicações alarmantes neste nosso tempo estão aumentando. A conferência Rio 92 aconteceu justamente para se descobrir paliativos para a degradação. Um jornal denuncia em título evidente: "Conflito Norte-Sul põe Terra em risco." E mesmo assim se vive

Esperamos que o resultado da iniciativa seja positivo para todas as nações. Concluí esta nota com as últimas palavras de Margaret: "Sei que minha morte não significará fim de meu trabalho. Onde quer que este tentarei influenciar aqueles que estão destruindo o planeta, para que dêem à natureza uma chance de sobreviver."



Margaret é apresentada no *Jornal da tarde*, figura 16, como “uma espécie de Indiana Jones de saias” tendo em vista às aventuras que vivenciou em meio a Floresta Amazônica em meio aos rios com suas corredeiras descidas em uma canoa, o encontro com alguns garimpeiros que queriam invadir sua barraca, etc. O jornal *O Estado de São Paulo*, figura 17, descreve Margaret como sendo defensora do meio ambiente e batalhadora pela causa dos índios brasileiros. A revista *Isto É*, figura 18, também apresenta a artista inglesa como protetora e ainda como contempladora da singularidade da Mata Atlântica.

Em 2009, em comemoração aos 100 anos de vida e aos trabalhos desenvolvidos por Margaret Mee, foi organizada a exposição *Margaret Mee: 100 anos de vida e obra*⁶⁷, com a curadoria de Sylvia de Botton Brautigam. A exposição⁶⁸ reuniu 52 aquarelas da espécie das Bromélias, bem como 3 obras da coleção particular e ainda 5 quadros pertencentes à Academia Brasileira de Ciência⁶⁹. Tal exposição foi mencionada em inúmeros sites como *Catraca Livre*⁷⁰, *Rio & Cultura*⁷¹ e *Agência Minas*⁷².

⁶⁷ MARGARET MEE: *100 anos de vida e obra*. Rio de Janeiro: [s.n], 71 p. 2009. Catálogo de exposição. Centro Cultural Correios.

⁶⁸ A referida exposição percorreu os seguintes locais: Pinacoteca do Estado de São Paulo (2009), Centro Cultural Correios, RJ (2009), Palácio das Artes/Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte (2010), Museu Nacional do conjunto cultural da República, Brasília (2011) e Centro Cultural Correios, Recife (2013). Disponível em: < <http://www.pvdi.com.br/portfolio/exposicao-margaret-mee/> >. Acesso em: 25 de junho de 2020.

⁶⁹ Agenda: Margaret Mee - 100 anos de vida e obra @ Espaço Cultural Correios JF. Disponível em:< <https://www.zinecultural.com/agenda/margaret-mee-100-anos-de-vida-e-obra>>. Acesso em: 05 de novembro de 2019.

⁷⁰ CATRACA LIVRE. Pinacoteca apresenta “Margaret Mee: 100 anos de vida e obra”. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/pinacoteca-apresenta-margaret-mee-100-anos-de-vida-e-obra/>>. Acesso em: 25 de junho de 2020.

⁷¹ RIO E CULTURA. Margaret Mee – 100 Anos de Vida e Obra e seu Legado Os Novos Artistas Botânicos Disponível em:< http://www.rioecultura.com.br/expo/expo_resultado2.asp?expo_cod=1404>. Acesso em: 25 de junho de 2020.

⁷² AGÊNCIA MINAS. Fundação Clóvis Salgado recebe mostra em homenagem a Margaret Mee. Disponível em: <<http://www.2005-2014.agenciaminas.mg.gov.br/multimedia/galerias/fundacao-clovis-salgado-recebe-mostra-em-homenagem-a-margaret-mee-2/>>. Acesso em: 25 de junho de 2020.

2.3 Entre a vida e as obras da navegadora francesa Virginie Hériot

2.3.1 Na trilha da biografia de Virginie Hériot (1890–1932)

Marinheira, navegadora, velejadora e embaixadora da marinha francesa (FIGURA19), Virginie Claire Désirée Marie Hériot⁷³ nasce em 25 de julho de 1890 em Le Vésinet, uma comuna francesa.

Figura 19: Virginie Hériot em seu primeiro ailée, ex-Aar, ex-Meteor IV



Fonte: Revista Le chasse-marée⁷⁴

Filha do comandante Zacharie Olympe Hériot, herdeiro dos *Grands Magasins du Louvre*⁷⁵ e de Anne Marie Dubernet. Jallat (2010) ressalta que Virginie Hériot fazia parte de uma família parisiense pertencente à grande burguesia dos negócios de sua época. A

⁷³ VIRGINIE Hériot: Madame de la mer. Disponível em: < http://histoire-vesinet.org/virginie-heriot.htm?fbclid=IwAR0oqX0eJ2ua8IEW-hI3xS3_8hLjaNE12yjtWM8sk7o1Ei8iZiAkWGELQ8>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

⁷⁴ LE CHASSÉ-MARÉE. Virginie Hériot à tire-d'aile. Revue n°273. Disponível em: <<https://www.chasse-maree.com/virginie-heriot-a-tire-daile/>>. Acesso em: 24 abril 2021.

⁷⁵ Trata-se de uma antiga loja parisiense construída em 1855 por Alfred Chauchard et Auguste Hériot, que atuavam na área comercial. Tal loja foi aberta no primeiro andar do Grand Hôtel du Louvre. Disponível em: <https://data.bnf.fr/fr/12208256/grands_magasins_du_louvre/>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

navegadora se casa com o visconde François Marie Haincque de Saint-Senoch, em 2 de maio de 1910. Hériot partilha com seu companheiro suas aventuras no oceano até o nascimento de seu filho Hubert em 5 de janeiro de 1913. O casal se divorcia em junho de 1921.

2.3.2 A descoberta da paixão pela navegação

Virginie Hériot descobre sua paixão pela navegação, aos 14 anos, por ocasião do primeiro grande cruzeiro⁷⁶ que ela teve oportunidade de participar em 1904:

Figura 20: Virginie Hériot, sua mãe e seus irmãos a bordo do Katoomba (1904)



Fonte: Société d'Histoire du Vesinet⁷⁷

Hériot embarca em tal aventura que marcaria sua vida acompanhada de sua mãe, seu irmão Auguste e sete amigos da família (FIGURA 20). Tal cruzeiro foi tão impactante para Hériot que, ao final deste, já estava decidida que seria marinheira. Seu empenho e dedicação são tão intensos que quando tinha 19 anos já havia percorrido 40.000 milhas.

⁷⁶ VIRGINIE Hériot: Madame de la mer. Disponível em: < http://histoire-vesinet.org/virginie-heriot.htm?fbclid=IwAR0oqX0eJ2ua8IEW-hI3xS3_8hLjaNE12yjtWM8sk7o1Ei8iZiAkWGELQ8>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

⁷⁷ SOCIÉTÉ D'HISTOIRE DU VESINET. Virginie Hériot, madame de la mer. Disponível em:< <http://histoire-vesinet.org/virginie-heriot.htm>>. Acesso em: 26 de abril de 2021.

Com o intuito de destacar os 28 cruzeiros feitos por Virginie Hériot e sua paixão pela navegação, apresentamos, na tabela 1, o registro de tais cruzeiros presentes na obra *Sur mer: impressions et souvenirs*, de 1933:

Tabela 1- Cruzeiros realizados por Virginie Hériot (1900-1932)

Ano	Local	Milhas Náuticas
1900	Cowes, Costa inglesa, na Mancha	350
1901	Cabo Norte	2.000
1902	Holanda, Dinamarca, Escócia, Irlanda	1.700
1903	Mediterrâneo Oriental	5.500
1904	Veneza, Sicília, Corfu	2.200
1905	Palestina, Constantinopla, Noruega, Spitsbergen	8.700
1906	África espanhola, norte da Escócia	4.800
1907	Espanha, Sicília, Spitsbergen, Kiel	8.000
1908	Veneza, Constantinopla, Islândia, Ilhas Faroé, Shetland	8.300
1909	Egito, Palestina, Espanha	6.500
1910	Veneza, Sicília	5.800
1911	Ilhas Britânicas, Holanda, Bélgica	1.500
1912	Córsega, Baleares, Espanha, Portugal	3.800
1913	Argélia, Tunísia	4.600
1914	Mediterrâneo (cruzeiro interrompido)	3.600
1920	Bretanha	500
1921	Mediterrâneo	3.800
1922	Ryde, Bretanha, Espanha	1.900
1923	De Roterdão à Havre	1.754
1924	Côte d'Azur, Noruega, Cowes, Arcachon, Gênova	9.220
1925	Costa, Côte d'Azur, Espanha	7.960
1926	Mediterrâneo, Báltico, Espanha	11.076
1927	Gênova, Bordeaux, Ryde	3.452
1928-1929	Amsterdã, Gênova, Espanha, Inglaterra, Lisboa	6.500
1930	Argélia, Tunísia, Suécia, Antuérpia, Espanha	12.049
1931	Marrocos, Córsega, Cowes, Bretanha, Antuérpia	8.954
1932	Gênova, Veneza, Grécia, Egito, Síria, Le Havre, Arcachon	8.667

Fonte: Livro *Sur mer: impressions et souvenirs*, de 1933, p.9-10.

Conforme podemos ver nos cruzeiros realizados por Hériot, notamos que a navegadora, ao longo dos 28 anos em que esteve ao mar, percorreu em torno de 143.232 milhas náuticas, o que equivaleria a aproximadamente 265.265 quilômetros percorridos. Assim, podemos notar que a velejadora francesa passou grande parte de sua vida no mar e em tal

cenário vivenciou momentos marcantes de sua existência como, por exemplo, o nascimento de seu filho Hubert (1913) que a acompanharia ao longo seus cruzeiros juntamente com seu tutor⁷⁸.

Com a finalidade de eternizar as sensações e impressões que vivenciara a cada expedição, Hériot escreve desde poemas até diários de bordo⁷⁹, que versam sobre a temática do mar, como a obra *Sur mer: impressions et souvenirs* que tomamos como base no presente trabalho.

2.3.3 Reconhecimento e premiações

No jornal francês *L'Intransigeant*, figura 21, Virginie Hériot é apresentada como a primeira navegadora do mundo, assumindo, dessa maneira, um papel de grande importância no que diz respeito à conquista do direito das mulheres de transitarem por espaços que durante muito tempo foram limitados aos homens, bem como lhes abre uma possibilidade de visualizar uma ampliação na discussão sobre o acesso das mulheres às mais diversificadas profissões.

Figura 21- Matéria sobre Virginie Hériot no jornal *L'Intransigeant*⁸⁰



Fonte: *Intransigeant*, 28 outubro de 1925.

⁷⁸ GUILLOU-BEUZIT, Dany. L'usage d'Internet à travers un exemple : Virginie Hériot, navigatrice, 1890-1932, 2019, notas da conferência proferida na L'association Art et culture, 2017. Tais notas foram recebidas por email em 16 de setembro de 2018.

⁷⁹ Virginie Hériot (1890-1932). *BNF*. Disponível em: < https://data.bnf.fr/fr/12150390/virginie_heriot/ >. 06 de novembro de 2019.

⁸⁰ A matéria sobre Virginie Hériot está ilegível na imagem apresentada. Para ler o texto na íntegra, convidamos nossa leitora e nosso leitor para consultar: R. PEYRONNET DE TORRES. Une Française, Mme Virginie Hériot, est la première yachtwoman du monde. *L'Intransigeant*. 28 de outubro de 1925, p.4. Disponível em: < <https://www.retronews.fr/journal/l-intransigeant/28-octobre-1925/44/906849/4> >. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

Outro jornal francês da época que fala sobre Virginie foi o *L'Echo de Paris*⁸¹, de 19 de dezembro de 1928:

Se o esporte masculino nem sempre oferece aos franceses satisfações de amor-próprio, é preciso reconhecer que, por ser relativamente recente entre nós, o esporte feminino nos dá grandes compensações. Miss Suzanne Lenglen não foi a rainha do tênis? A senhorita e a senhora Thion de la Chaume não estão no topo das jogadoras de golfe internacional? Por último, a senhora Virginie Hériot não foi nomeada pelos ingleses sob o nome de “The Queen of Yachting”? Vale a pena recordar, nesta ocasião, que nossas aviadoras, nomeadamente as senhoritas Bolland e Maryse, fazem parte da elite da aviação no mundo. (Tradução nossa)⁸²

Observamos que Virginie Hériot é apresentada como a “Rainha do iatismo” e inserida no mesmo patamar de outras mulheres que se destacaram no campo da aviação, como Adrienne Bolland e Maryse Bastié. Tendo em vista o silenciamento vivenciado na história das mulheres, mencionar tais heroínas e seus grandes feitos implica em narrar e reafirmar suas existências problematizando, dessa forma, o processo de marginalização da presença das mulheres em tais espaços, como destacam Le Bars e Lacombe (2011) ao refletirem, em seu estudo, sobre o aumento da participação das mulheres em regatas.

Velejar e participar das competições reunia duas das grandes paixões de Virginie Hériot: a navegação e a possibilidade de representar seu país. Como embaixadora da marinha francesa, Hériot trabalhou para incentivar a construção da base naval esportiva francesa. Jallat (2010) destaca que o ministro da marinha francesa apresentou Hériot como a embaixadora do esporte náutico na França.

No tocante às competições das quais Virginie Hériot participou, Jallat (2010) salienta que a navegadora francesa saiu vitoriosa 85 vezes das 300 regatas que ela concorreu. Qual a importância de tais vitórias e dos reconhecimentos recebidos por Hériot? Ao refletirmos sobre os desafios vivenciados por uma mulher ao mar, capitã de uma embarcação, diante de uma sociedade machista que buscava descredibilizar o direito do livre transitar das mulheres, ser nomeada como a rainha do iatismo é extremamente significativo. Traz à tona o resultado das lutas de tantas mulheres marinheiras, aviadoras,

⁸¹ G. de L. La nouvelle goulette de la « Reine de Yachting ». *L'Echo de Paris*, 19 de dezembro de 1928, p. 5. Disponível em: <<https://www.retronews.fr/journal/l-echo-de-paris/19-decembre-1928/120/582121/5>>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

⁸² « Si le sport masculin n'apporte pas toujours aux Français des satisfactions d'amour-propre, il faut convenir que, pour être assez récent chez nous, le sport féminin nous vaut de belles compensations. Mlle Suzanne Lenglen n'a-t-elle pas été la reine du tennis ? Mlle et Mme Thion de la Chaume ne figurent-elles pas en tête des joueuses de golf international ? Enfin, Mme Virginie Hériot n'est-elle pas désignée par les Anglais sous le nom de "The Queen of Yachting" ? Il n'est pas inutile de rappeler, à cette occasion, que nos aviatrices, telles Mlles Bolland et Maryse, sont au premier rang des aviatrices dans le monde. »

tenistas, professoras, artistas que atuaram em defesa de que o lugar das mulheres é onde elas quiserem ocupar.

Destacamos, abaixo, algumas das premiações⁸³ conquistadas por Hériot ao longo de suas competições:

Figura 22 - Foto de Virginie Hériot com alguns dos prêmios que recebeu em sua carreira



Fonte: Site École Navale⁸⁴

- 1924 : Aile III – *Coupe d’Or* de SM Alphonse XIII (Saint-Sébastien, Espanha).
 1925 : Aile IV – *Coupe Rylard* (Genova), *Coupe de la Méditerranée* (Itália), *Coupe Cumberland* (Ryde, Inglaterra), *Championne de France*.
 1925 : Aile V – *Coupe de Copenhague* (Dinamarca), *Coupe Porte* (Elsenor, Dinamarca), *Coupe des Etrangers* (Finlândia).
 1927 : Petite Aile II – *Coupe du Cercle de la Voile de Paris*, nomeada « *One Ton Cup* » (Ryde, Inglaterra).
 1928: Aile IV – Campeã do mundo, medalha de ouro, 9º Jogos Olímpicos (Holanda), *Coupe d’Italie* (Holanda), *Coupe Rylard* (Genova).
 1928: Petite Aile II – *Prix d’honneur* (Deauville), *Coupe Clerc-Rampal*, *Prix d’Honneur* (Le Havre), Melhor Classificação, Bilbao, *Coupe de SM La reine da Espanha* (São Sebastião, Espanha).
 1930 : Aile VI – *Coupe Macomber*, *Coupe Thalassa*.

⁸³ *HERIOT Virginie: La grande dame du yachting. École Navale.* Disponível em <<https://web.archive.org/web/20081207202554/http://www.ecole-navale.fr/HERIOT-Virginie.html>>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

⁸⁴ *HÉRIOT Virginie: La grande dame du yachting. École Navale.* Disponível em <<https://web.archive.org/web/20081207202554/http://www.ecole-navale.fr/HERIOT-Virginie.html>>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

No início de 1932, por ocasião de uma tempestade enquanto navegavam, Virginie Hériot foi gravemente lesionada no fígado e nas costelas. Embora tenha sido orientada a dar uma pausa nas corridas, a velejadora continua sua viagem rumo aos próximos destinos. Ela falece aos 42 anos, em 28 de agosto de 1932, a bordo do Ailée II⁸⁵.

Considerações finais

A partir desse breve sobrevoo pela vida de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot podemos conhecer com mais detalhes, cores e sons as vivências das referidas viajantes. Assim, compreendemos que Cecília Meireles era uma educadora-viajante, pois a despeito dos espaços em que se transitava ela carregava consigo a fome pelo saber e o mais profundo desejo de partilhar tudo que havia aprendido. Tal engajamento pela partilha do saber pode ser observado na escritora brasileira desde muito cedo quando, aos 16 anos, forma-se como professora e depois disso não para de lutar em defesa do acesso à uma educação pública, gratuita, mista e laica, conforme destacamos anteriormente. Notamos que Margaret Mee, ao se mudar para São Paulo e descobrir sua grande paixão por realizar expedições para a Floresta Amazônica, traz consigo da Inglaterra seu amor pelo ensino, pela escrita, pelas artes, assim como seu engajamento político em defesa das causas sociais que acreditava. Ao adentrar na Floresta Amazônica e entrar em contato com os habitantes locais assim como a fauna e a flora, a viajante se entrega por completo a tal experiência e se posiciona em defesa da floresta que estava sendo totalmente destruída, tendo em vista interesses financeiros de alguns. E ainda, em relação à Virginie Hériot percebemos que, embora tenha nascido em um contexto familiar que tenha lhe auxiliado a descobrir seu amor pela navegação desde seus 14 anos e lhe concedeu meios para realizar seu projeto pessoal, a navegadora francesa teve que se deparar com os preconceitos de gênero e precisou conquistar seu espaço no âmbito das competições de regata que era de difícil acesso para as mulheres no contexto em que estava inserida. A despeito das inúmeras dificuldades enfrentadas ao mar, Hériot não desiste de seu objetivo sendo a ser considerada como a “rainha do iatismo”.

⁸⁵ DHERS, Gilles. Virginie Hériot, vie et mort de «Madame de la mer». *Libération*. 22 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.liberation.fr/sports/2019/06/22/virginie-heriot-vie-et-mort-de-madame-de-la-mer_1735136?fbclid=IwAR3T_73XcpDtIsl2orOYaUPGi9ZiNjVYLTs2qAOZokLqvfrAW7IrBMZI65o>. Acesso em: 22 de junho de 2019.

Conhecer a biografia de nossas viajantes nos possibilitou conhecer mais de perto os desafios vivenciados por cada uma e nos possibilitou compreender que, a despeito de localização geográfica e profissão, as mulheres foram (e em muitos casos ainda o são!) vistas como seres que precisavam comprovar sua capacidade intelectual e física de executar determinadas tarefas e ainda eram solicitadas a justificar o porquê de terem interesse em ocupar determinados espaços. Por exemplo, o caso de Margaret Mee que, em certo contexto, em meio à floresta, foi indagada por um garimpeiro “Imagine encontrar uma mulher como você por aqui, cadê seu marido?⁸⁶”, como notamos, por tal excerto, o questionamento sobre as mulheres viajantes busca problematizar o livre transitar da mulher sem a presença masculina.

No próximo caderno proporemos um panorama histórico dos principais acontecimentos que serviram de pano de fundo para as narrativas de viagem que analisamos de Cecília Meireles, de Margaret Mee e de Virginie Hériot.

⁸⁶ MARGARET MEE E A FLOR DA LUA. Direção: Malu de Martino. Documentário. Brasil: BRETZ FILMES (RIMO), 2013. 1 disco (78 min.), son., col., legendado.

CADERNO 3: MAPEAMENTO DO CONTEXTO HISTÓRICO DAS OBRAS

Considerações iniciais

Partindo do pressuposto de que cada produção discursiva estaria associada a uma determinada situação de comunicação, isto é, a um momento sócio-histórico, propomos, a seguir, uma breve imersão nos principais acontecimentos que marcaram os anos em que Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot escreveram suas narrativas de viagem. Buscaremos seguir uma sequência cronológica conforme apresentamos na tabela 2:

Tabela 2- Contextualização temporal escritoras viajantes⁸⁷

Escritora	País	Período da viagem	Ano da publicação
Virginie Hériot	França	1900-1932	1933
Cecília Meireles	Brasil	1941-1952	1998
Margaret Mee	Brasil	1956-1988	2010 [2006]
	Inglaterra	1956-1988	

Fonte: Elaborado pela autora⁸⁸

⁸⁷ Com o intuito de contextualizar a nossa leitora e a nosso leitor sobre os fatos históricos que marcaram os períodos vividos pelas viajantes analisadas, no presente caderno para propor a contextualização histórica optamos por seguir uma cronológica das biografias das viajantes, isto é, partimos de Virginie Hériot, depois Cecília Meireles e por fim, Margaret Mee. No entanto, nos demais cadernos do presente estudo optamos por adotar a ordem alfabética iniciando, dessa maneira, por Cecília Meireles seguida por Margaret Mee e Virginie Hériot.

⁸⁸ Esta tabela foi desenvolvida por nós com o intuito de apresentar os fatos históricos por meio de uma sequência cronológica que buscasse contemplar o período de viagem de cada narradora, bem como o país de origem de cada uma e ano de publicação de suas narrativas de viagem.

Cara leitora e caro leitor: convidamos vocês para uma imersão por entre a contextualização histórica sobre o que se passava nos anos que correspondem ao período das viagens de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot.

3.1 Contextualização da França (1900–1932) –Virginie Hériot

Virginie Hériot retrata em sua narrativa alguns dos cruzeiros que realizou entre os anos de 1900 e 1932. Há alguns acontecimentos que gostaríamos de ressaltar brevemente que se passaram em tal período: como a *Belle époque* e a primeira guerra mundial, bem como suas consequências.

Segundo Prost (2013), a *Belle époque* corresponde a uma época de prosperidade e estabilidade em alguns países na Europa. Segundo o autor, após uma fase de estagnação econômica vivenciada na França (1873-1895), o país experimenta, nos anos de 1895 a 1914, um período de crescimento econômico. Essa prosperidade tem fim com a Primeira Guerra Mundial⁸⁹(1914-1918) em que a França, ao lado do Reino Unido, Rússia e Estados Unidos, declara guerra contra Alemanha, Áustria-Hungria, Império Otomano e Itália. Dentre as consequências⁹⁰ de tal conflito, observou-se em torno de 10 milhões de mortos, a derrocada dos impérios alemão, russo, austro-húngaro e otomano, a reformulação do mapa mundial e ainda uma grande crise econômica que atingiu os Estados Unidos e, em seguida, países da Europa como a França.

No que diz respeito às consequências da Primeira Guerra Mundial, Shirer (1969) apresenta que os Estados Unidos tiveram um período de crise econômica a partir de 25 de outubro de 1929 quando o mercado de ações desmoronou. O referido estudioso salienta que tal crise chegaria à França somente no outono de 1931. Neste ponto, Gangouly (2019) salienta que os reflexos de tal crise na França levaram a um recuo na produção industrial, um aumento na taxa de desemprego no país, na redução do poder de compra e em medidas deflacionistas. No que tange à política, Gangouly (2019) destaca que tal período entre guerras (1919-1938), de crise econômica, também trouxe à tona desafios políticos devido a rachaduras internas e divisões. O autor apresenta que após os acontecimentos de fevereiro de 1934, notou-se uma necessidade de promover a união das forças diante do

⁸⁹ Première guerre mondiale. In: *Encyclopédie Larousse*. Disponível em: <https://www.larousse.fr/encyclopedie/divers/Premi%C3%A8re_Guerre_mondiale/122569>. Acesso em: 2 de agosto de 2020.

⁹⁰ NEVES, Daniel. *Primeira guerra mundial*. In: Brasil escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/primeira-guerra.htm>>. Acesso em: 2 agosto 2020.

perigo fascista que se apresentava. Em tal esteira, surge o *Fronte Popular*, coordenada por Maurice Thorez, tendo o lema “o pão, a paz e a liberdade”. Alguns anos depois, Hitler colocaria fim ao tratado de Versalhes, tratado de paz que pôs fim oficialmente à primeira guerra, e dá início, nos anos seguintes, a política de conquista.

3.2 Contextualização Brasil (1941-1952) – Cecília Meireles

No Brasil, nos primeiros anos de viagem de Cecília Meireles, tem-se como pano de fundo o governo de Getúlio Vargas que teve início em outubro de 1930 através do governo provisório se estendendo até o Estado Novo, 1945, através de um golpe de estado que deu lugar a um governo ditatorial, como destaca Neto (2013). Vargas retornaria, posteriormente, através de voto direto.

Mundialmente, vivencia-se, no contexto dos 1939-1945, a Segunda Guerra Mundial⁹¹ que teve seu início oficial em 1º de setembro de 1939 quando a Alemanha, sob a liderança de Hitler, invadiu a Polônia. Diante de tal tomada, a França e o Reino Unido declaram guerra contra a Alemanha. Dessa maneira, tem-se duas alianças⁹²: os países aliados (inicialmente liderados pela França e Reino Unido e que depois passaram a contar com outros países como Estados Unidos e URSS como principais aliados) e os países do eixo (Alemanha, Itália e Japão).

Diante de tal cenário, o Brasil inicialmente manteve-se neutro e optou por não participar diretamente da segunda guerra, contudo, conforme apresenta a historiadora Del Priore (2017), o país passou a enfrentar fortes pressões dos Estados Unidos para que autorizasse as tropas norte-americanas usarem os portos e aeroportos do Norte-Nordeste, vistos como essenciais para a defesa do continente. A historiadora brasileira ressalta ainda que o fator decisivo para a entrada do Brasil na guerra foram os ataques recebidos em navios mercantes brasileiros de submarinos alemães, entre fevereiro e agosto de 1942.

Em tal cenário da Segunda Guerra Mundial, Skidmore (1982) salienta que os brasileiros começaram a refletir sobre o paradoxo de lutar por uma democracia no exterior enquanto persistia um modelo ditatorial no Brasil. Assim, em outubro de 1943, um grupo de intelectuais e políticos de Minas Gerais lançam um manifesto em que solicitam a

⁹¹ Segunda Guerra Mundial. Enciclopédia escolar. In: Escola Britannica. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/Segunda-Guerra-Mundial/482882>>. Acesso em: 03 agosto 2020.

⁹² A aliança do eixo na segunda guerra mundial. Holocaust Encyclopedia. In: United States Holocaust memorial museum. <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/axis-alliance-in-world-war-ii-abridged-article>>. Acesso em: 03 agosto 2020.

redemocratização do Brasil. No início de 1945, como destaca o supracitado estudioso, inúmeros protestos começam a ocorrer em questionamento ao processo de censura vivido no país. Como consequência de diversos movimentos realizados em oposição ao governo, Getúlio Vargas cai em outubro de 1945⁹³, retornando ao poder, em 1951, por voto popular e direto, conforme apresenta Skidmore (1982).

3.3 Contextualização Brasil e Inglaterra (1956-1988) - Margaret Mee

Tendo em vista, a trajetória de Margaret Mee, conforme abordamos na seção 2.2, consideramos ser importante contextualizar brevemente o que acontecia tanto no Brasil quanto na Inglaterra no período em que Mee realiza suas expedições na Floresta Amazônica.

Skidmore (1982) apresenta que os anos 50, no Brasil, são marcados como um período de grandes mudanças através do projeto que fazia parte do plano desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) denominado “50 anos de progresso em 5 de governo”. Segundo o supramencionado autor, a base do progresso deveu-se à grande expansão da produção industrial, nos anos de 1955 e 1961, tanto no âmbito das indústrias de aço, quanto nas indústrias mecânica, elétrica, de comunicações e de equipamentos de transportes. Conforme destaca Skidmore (1982), tal sucesso na política econômica de Kubitschek estava intimamente relacionado com sua habilidade de manter a estabilidade política. Ao ponderar sobre o processo de modernização vivenciado no país no período entre 1950 e 1980, Silva (2016) aponta que tais transformações desencadeadas no país levam a uma considerável mudança na fisionomia social, econômica e política no Brasil. A maior de todas as mudanças vividas no país, em tal cenário, em decorrência do processo de industrialização, é a inversão da relação campo/cidade, em que se teria o deslocamento do eixo econômico saindo do campo para a cidade, como aponta Silva (2016). Como consequência de tais transformações sociais e econômicas, a partir de 1950, o referido estudioso destaca que

⁹³ Diretrizes do Estado Novo (1937-1945). Queda de Vargas e o fim do estado Novo. *FGV CPDOC*. Disponível em: < <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/QuedaDeVargas> >. Acesso em: 3 agosto 2020.

ocorreu também uma alteração política no que tange o peso que possuíam os partidos tradicionais, de forma específica os partidos conservadores.

Os anos 60 são marcados pelo período de Ditadura Militar (1964-1985) no Brasil que teve seu início através de golpe militar⁹⁴ em 31 de março de 1964. Fausto (1995) salienta que o argumento utilizado como base para tal golpe teria sido aparentemente uma busca por proteger o país da corrupção e do comunismo, contudo o que se verificou a seguir foi a instituição de decretos, denominados Atos Institucionais (AI), que deram início a mudanças nas instituições do país. O referido estudioso destaca que no dia 9 de abril de 1964 foi baixado o AI-1, através de tal ato são revogadas as garantias democráticas da Constituição em vigor desde 1946⁹⁵. Ao abordar o AI-5, Fausto (1995) salienta que, através de tal ato, o núcleo militar do poder iniciou um processo de cassação de mandatos, remoção de direitos civis, censura aos meios de comunicação, assim como passou a se fazer uso da tortura como métodos do governo vigente obter as informações que desejava, bem como desmobilizar os movimentos de resistência ao Estado de exceção.

Nos anos 70 no Brasil tem-se continuidade ao período de ditadura através da censura, tortura e silenciamento daqueles que ousassem questionar tal governo autoritário. Em tal cenário, observa-se ainda que enquanto jovens lutavam por ideais que acreditavam em defesa de uma sociedade democrática, a classe média comemorava o “milagre econômico⁹⁶”.

Embora a ditadura tenha seu fim apenas em 1985, é possível verificar no início dos anos 80 um movimento em busca da redemocratização do país através da reivindicação de milhões de pessoas que foram às ruas no ano de 1984⁹⁷ para pedir o retorno das eleições diretas e para que tivesse fim o regime militar. Ao refletir sobre o contexto dos anos 80 no Brasil, Santagada (1990) ressalta que os analistas econômicos avaliam tal período como a “década perdida” em relação ao crescimento. De acordo com o referido estudioso, a área social sofre um grande impacto no país tendo em vistas as

⁹⁴ Golpe militar depõe governo constitucional. *Memorial da democracia*. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/golpe-militar-depoe-governo-constitucional#card-8>>. Acesso em: 3 agosto 2020.

⁹⁵ Ato 1 da ditadura rasga a constituição. *Memorial da democracia*. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/ato-1-da-ditadura-rasga-a-constituicao>>. Acesso em: 4 agosto 2020.

⁹⁶ Fatos históricos de 1970. *Puc Campinas*. Disponível em: <<https://www.puc-campinas.edu.br/museu-anterior/fatos-historicos-decada-de-1970/>>. Acesso em: 03 agosto 2020.

⁹⁷ Povo exige ir às urnas. *Memorial da democracia*. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/diretas-ja>>. Acesso em: 03 agosto 2020.

consequências das desigualdades sociais resultantes do “milagre econômico” (1968-1973), e, ainda, devido ao modelo econômico que foi empregado nos 25 anos anteriores.

No tocante à Inglaterra, o que acontecia no país nos anos em que Margaret Mee realizava sua expedição na Floresta Amazônica? Segundo Lemonnier (1997) o contexto dos anos 1950 na Inglaterra tem como característica o domínio político pela gestão dos Conservadores, assim como assinala uma época de grandes questionamentos e revoltas dos intelectuais de esquerda contra o conformismo ambiente e pela emergência socioeconômica das inúmeras faixas etárias do *baby boom* (1946-1964). Os anos 60 e o início dos anos 70 no país, segundo o referido estudioso, corresponde a um período de relativa prosperidade antes dos primeiros efeitos de uma crise econômica mundial. Os anos 80 são marcados pela “revolução thatcheriana” neo-liberal, através da 1ª ministra Margaret Thatcher (1979-1990), que teria em sua base o viés econômico, mas que levou a desdobramentos sociais e culturais, como salienta Lemonnier (1997).

Considerações finais

Refletir sobre o que acontecia no Brasil, na França e na Inglaterra no período em que Cecília Meireles, Virginie Hériot e Margaret Mee viajavam, e buscavam registrar suas memórias através da escrita, nos ajuda a compreender um pouco mais os desafios por elas enfrentados e as referências que, muitas vezes, evocam em suas narrativas de viagem.

Os anos das viagens realizadas por Virginie Hériot (1900-1932) ressaltam, no contexto da França, tanto as consequências da Primeira Guerra Mundial tendo em vista, por exemplo, a crise na bolsa de valores de Nova Iorque (1929) que acaba por refletir na crise econômica na França em 1931 e ainda, posteriormente, em uma crise política. O período das viagens de Cecília Meireles (1941-1952) foi marcado pela declaração de que o Brasil entraria na Segunda Guerra Mundial, sob o governo Vargas, ao lado dos países aliados. Tendo sido encerrada a guerra, a população começa a exigir a saída de Vargas, tendo em vista que os brasileiros não querem viver sob a condução de um governo ditatorial, haja visto o que tinham observado na segunda guerra. No que concerne às viagens realizadas por Margaret Mee (1956-1988), buscamos nos debruçar brevemente tanto sobre os principais acontecimentos no Brasil tendo em vista que a artista botânica se mudou para o país após uma trajetória consolidada na Inglaterra. No Brasil, nos anos de 1956-1988, tivemos na década de 50 o período do governo de Juscelino Kubitschek

(1956-1961) e o período que ficou conhecido como “50 anos de progresso em 5 de governo”, considerando as propostas de avanço que Kubitschek tinha para o país. Dos anos 60 aos 80 vivenciamos no país o período da ditadura militar. Enquanto, na Inglaterra os anos 50 foram marcados por predominância dos conservadores e uma revolta dos intelectuais. Nos anos 60 a Inglaterra passou por um período de grande prosperidade. E por fim, nos anos 80 o país vivenciou o período que ficou conhecido pela “revolução thatcheriana” neoliberal, por meio da primeira ministra Margaret Thatcher (1979-1990).

Após essa breve contextualização sobre os eventos históricos que ocorrem no período das viagens realizadas por Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot; no próximo caderno, buscaremos apresentar para nossas leitoras e nossos leitores quais os caminhos seguimos para a elaboração de nosso quadro teórico e de que forma tal quadro serviu de base para nosso estudo.

1901 - 1964



2º parte do diário de viagem:
apontamentos teórico-metodológicos

CADERNO 4: METODOLOGIA

Considerações iniciais

Nesta parte, discorreremos sobre o modo como organizamos nossa pesquisa. Para tanto, apresentaremos a descrição e o estabelecimento do *corpus*, assim como a construção de nossa grade de análise através da contextualização das três etapas que utilizamos em nossa pesquisa.

Partimos da descrição e estabelecimento do nosso *corpus* e da discussão sobre as categorias que criamos a partir de nossa análise das narrativas de viagem de Cecília Meireles (1998), de Margaret Mee ([2009] 2010) e de Virginie Hériot (1933). Em tal ponto, cabe ressaltar que as obras da viajante brasileira e da viajante inglesa se referem às viagens que elas realizaram no século XX: a obra *Crônicas de Viagens*, vol.1, de Cecília Meireles, (1998) reúne as crônicas sobre algumas das viagens nacionais e internacionais que a escritora brasileira fez no período entre 23 de outubro de 1914 a 1952. Destacamos no anexo A, no quadro 6 *Crônicas de Viagem, vol.1, 1998, Cecília Meireles*, no item 4 do referido quadro, o lugar em que cada crônica foi publicada, bem como seu ano de sua publicação, segundo consta ao final de cada crônica. Gostaríamos ainda de reiterar que, em algumas crônicas, apenas o ano da publicação é apresentado sem, assim, serem disponibilizadas informações adicionais como dia, mês e local de publicação; e a narrativa de *viagem Flores da Floresta Amazônica*, de Margaret Mee, ([2009] 2010), relata as expedições que viajante inglesa escreveu durante 1956 a 1988. Com o intuito de apresentar para nossa leitora e nosso leitor os locais visitados por Mee, apresentamos ao final do presente trabalho, no anexo A, no quadro 7 *Flores da Floresta Amazônica, 2010 [2009], Margaret Mee*, no item 4 Locais e datas do referido quadro; assim como apresentamos também os locais visitados por Virginie Hériot, no item 4 do quadro 8 *Sur mer: impressions et souvenirs*.

Em tal seção, apresentamos as três etapas em que nos pautamos em nossa pesquisa: na primeira etapa, nos dedicamos ao processo de revisão bibliográfica; na segunda etapa, nos debruçamos sobre o estudo individual de cada obra e levantamento de categorias que serviram de base para a elaboração de nossa grade de análise; e, na terceira etapa, nos concentramos no levantamento de constantes e variáveis através de uma análise

comparativa do nosso *corpus* pautados na condição de “contrastividade” proposta por Charaudeau (1996).

4.1 Descrição, estabelecimento do *corpus* e construção da grade de análise

Tendo em vista a riqueza dos dados encontrados nas obras analisadas, verificamos a necessidade de propor um recorte em nosso *corpus* inicial de pesquisa (figura 1). Optamos por deixar para futuras pesquisas, e não tomar como base no presente estudo, as obras *La détresse et l'enchantement*, de Gabrielle Roy ([1984]1996), *Crônicas de viagem* vol. 2 (1999a), assim como *Crônicas de viagem* vol. 3 (1999b) de Cecília Meireles. Dessa maneira, nosso *corpus* foi reorganizado da seguinte forma:

- *Crônicas de viagem* vol. 1 (1998⁹⁸), de Cecília Meireles.
Total: 293 páginas
- *Flores da Floresta Amazônica* ([2009]2010⁹⁹), de Margaret Ursula Mee.
Total: 165 páginas
- *Sur mer: impressions et souvenirs* (1933), de Virginie Hériot.
Total: 226 páginas.

Sendo assim, em nossa atual proposta de estudo, tomamos como base as obras de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot, totalizando o volume de 684 páginas de narrativas de viagem (figura 23):

⁹⁸ A referida obra reúne as crônicas que Cecília Meireles escreveu durante suas viagens de 23 de outubro de 1941 a 1952.

⁹⁹ A referida obra relata as expedições que Margaret Mee escreveu durante 1956 a 1988.

Figura 23: Capas das obras analisadas



Fonte: Hériot (1993), Mee ([2009] 2010), Meireles (1998).

Para nossa seleção de *corpus*, embasamo-nos no critério temático (mulheres que viajaram e narraram, de forma factual, suas experiências) e no critério temporal (século XX). Ao nos debruçarmos sobre a literatura de viagem nos deparamos com inúmeras definições e designações sobre os diferentes gêneros discursivos e tipos textuais (CUNHA, 2012), tendo em vista tal pluralidade de vozes, no tocante aos gêneros discursivos relacionados à temática da viagem, revisitaremos, no caderno 6, alguns estudos das áreas da literatura, história, bem como do jornalismo, com a finalidade de compreender como cada área lidaria com os gêneros discursivos do universo das viagens e, em seguida, apresentaremos a forma como compreendemos o gênero discursivo narrativa de viagem.

4.1.1 Primeira etapa: Revisão bibliográfica e estabelecimento do quadro teórico

Em nossa revisão bibliográfica, buscamos nos debruçar sobre a leitura de obras que nos possibilitaram compreender mais a fundo a situação vivenciada pelas mulheres no século XX, refletir sobre o processo das viagens em tal período e a (re)significação dos locais de partida e da construção dos *ethé* de tais viajantes e, conseqüentemente, a constituição das identidades de tais mulheres; bem como, no âmbito dos estudos da Retórica e da argumentação, que nos debruçaremos de maneira mais aprofundada no caderno 5, buscamos refletir sobre as construções das narrativas de viagem.

4.1.2 Segunda etapa: Estudo individual de cada obra e levantamento de categorias

Através de uma releitura atenta, seguida de fichamentos e anotações, retornamos às obras de Cecília Meireles (1998), Margaret Ursula Mee ([2009]2010) e Virginie Hériot (1933) com o intuito de verificar de que maneira determinadas temáticas e estruturas discursivas apareciam com certa recorrência em cada obra.

Após realizarmos uma análise mais detalhada, verificamos a necessidade de repensarmos nossas categorias iniciais. Desse modo, depois de nos debruçarmos cuidadosamente sobre as obras e refletirmos sobre os dados encontrados em nossa

segunda análise, elaboramos nossa grade de análise em que visamos verificar de que forma se dá a construção sociodiscursiva dos *ethé* das escritoras viajantes tendo em vista observar quais identidades seriam resultantes de tal processo. No presente estudo, consideramos as três provas retóricas (*ethos*, *pathos* e *logos*) como inter-relacionadas, conforme destacamos na seção 5.1.1, não obstante destacamos que optamos por considerar o *ethos* como uma categoria central para nossa análise sem com isso desconsiderar as outras provas retóricas como eixos subjacentes:

Quadro 2- Grade de análise - Esquematização das categorias de análise com a síntese de nossa grade de análise¹⁰⁰ das narradoras viajantes

1) <i>Ethé</i> ¹⁰¹	a) Exploradora b) Viajante x turista c) Persistente d) Benevolente e) Conservacionista f) Intelectual g) Legitimada
2) Recursos de narratividade ¹⁰²	a) Heterogeneidade discursiva b) Narratário
3) Efeitos patêmicos	Efeito patêmico de simpatia, efeito patêmico de empatia, efeito patêmico de indignação.

Fonte: Elaborado pela autora

¹⁰⁰ A referida grade de análise é apresentada no anexo A, do presente estudo, com as recorrências detalhadas de cada categoria nas obras analisadas.

¹⁰¹ Com o intuito de propormos uma definição ampla e contextualizada para os nossos *ethé* (exploradora, viajante x turista, persistente, benevolente, conservacionista, intelectual e legitimada), realizamos um estudo aprofundado de cada sintagma através dos dicionários AULETE (2007), AULETE (versão online), CUNHA (2010), MACHADO (1952-59) e NASCENTES (1932). Após realizarmos tal pesquisa, optamos por tomar como pano de fundo todas as definições vistas, considerando como fonte principal as definições propostas pelo dicionário Aulete (versão online).

¹⁰² No item *Recursos de narratividade* optamos por separar a heterogeneidade discursiva de narratário apenas por fins de análise.

Em nossa grade de análise apresentamos as três categorias nas quais nos embasaremos em nosso estudo: *Ethé* das narradoras viajantes, como eixo principal, recursos de narratividade (ligadas ao *logos*) e efeitos patêmicos, como categorias subjacentes.

4.1.2.1 Os *ethé* das narradoras viajantes

Considerando os diferentes formatos de viagem e o objetivo de nosso estudo, acreditamos ser importante refletir sobre os diferentes *ethé* construídos sociodiscursivamente os quais entramos em contato nas narrativas de viagem de Cecília Meireles, de Margaret Mee e de Virginie Hériot e que serviram de fio norteador para nossas análises. Partiremos de uma reflexão sobre o *ethos* de exploradora em contraposição ao *ethos* de viajante e ao *ethos* de turista; em seguida, abordaremos o *ethos* de persistente, o *ethos* de benevolente, o *ethos* de conservacionista e o *ethos* de legitimada.

4.1.2.2 *Ethos* de exploradora

O que levamos para uma viagem (sapatilha, tênis, livro, câmera fotográfica, etc.) e onde o colocamos (uma grande mala, uma mochila cargueira, etc.) diz muito sobre o tipo de viagem que buscaremos fazer, bem como colabora para uma construção de um *ethos* prévio. Debruçando-nos sobre as narrativas, verificamos a construção do *ethos* discursivo de exploradora. O dicionário Aulete¹⁰³ define o explorador como aquela pessoa dada a explorar, desvendar e descobrir um país ou região. Notamos que tais nuances aparecem nas obras analisadas, pois nos deparamos com a construção da imagem da mulher que anseia por explorar uma região desconhecida com o objetivo de imergir em novas culturas e descobrir diferentes realidades. Para nossa análise estamos entendendo essa categoria como o explorador que enxerga nos desafios, vivenciados ao longo de seu trajeto, uma mola propulsora para sua grande aventura. Em tal tipo de viagem nota-se uma busca por usufruir do processo sem perder de vista a chegada. Para exemplificar tal ocorrência, destacamos os trechos a seguir:

E foi assim que, apesar de muita gente se rir à minha custa, de me ameaçar com indigestão e talvez morte, se comesse empanadas *criollas* – e outras ironias muito portenhas – que me deixei levar a um lugar muito longe, que se

¹⁰³ Explorador. Disponível em: <<<http://www.aulete.com.br/explorador>>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

chama Flores, e onde há um clube absolutamente popular, com danças gaúchas típicas. [CM¹⁰⁴ (vol.1, 1998, p.165) – Frag 01]

Our first taste of tropical heat came as we stepped out of the plane at Belém airport, for even under the shade of the massive mango trees in which the little town abounded, the heat was intense.

We stayed in Belém for a few days, exploring, strolling through its fascinating port and market, and, when exhausted, sat in the shade outside our hotel drinking the delicious passion fruit juice of the region. [MM¹⁰⁵ (2010 [2009], p.13) – Frag 01]

Tivemos nossa primeira demonstração do calor tropical ao descer no aeroporto de Belém, pois, apesar da pequena cidade encontrar-se à sombra de vastas mangueiras, o calor era intenso.

Permanecemos em Belém por alguns dias, explorando, passeando no porto e visitando mercados fascinantes. Quando ficávamos cansadas, sentávamos em uma sombra fora do hotel e bebíamos um delicioso suco de maracujá da região. (trad. Elizabeth Olsen) [MM¹⁰⁶ (2010 [2009], p.13) – Frag 01]

Je voudrais pouvoir vous raconter ce que je vis alors, afin de vous faire mieux comprendre combien cette lutte contre la fureur de l’Océan est émouvante. [VH¹⁰⁷ (1933, p. 13) – Frag 01]

Eu gostaria de contar-lhes o que eu vi a fim de fazê-los compreender melhor o quanto esta luta contra o furor do oceano é comovente. (tradução nossa) [VH (1933, p. 13) – Frag 01]

Notamos que tanto Cecília Meireles, quanto Margaret Mee, como Virginie Hériot, abrem-se para viver o inusitado e imergir nas múltiplas experiências proporcionadas pela viagem, deixando de lado a busca pelo conforto para dar lugar à descoberta de lugares, sentidos e sabores até então desconhecidos por elas.

¹⁰⁴ Com a finalidade de situar nossa leitora e nosso leitor sobre os locais e datas em que cada narrativa de viagem foi escrita, apresentamos tais informações ao final do presente trabalho, no anexo A, no *quadro 4 Crônicas de Viagem, vol.1, 1998, Cecília Meireles*, no item 4 Locais e datas do referido quadro.

¹⁰⁵ Com o intuito de situar nossa leitora e nosso leitor sobre os locais e datas em que cada narrativa de viagem foi escrita, apresentamos tais informações ao final do presente trabalho, no anexo A, no *quadro 5 Flores da Floresta Amazônica, 2010 [2009], Margaret Mee*, no item 4 Locais e datas do referido quadro.

¹⁰⁶ No presente trabalho tomamos como base a tradução realizada por Elizabeth Olsen para a edição *bilingue Flores da Floresta Amazônica: a arte botânica de Margaret Mee = Flowers of the AMAZON FORESTS: the botanical art of Margaret Mee*, 2010 [2009].

¹⁰⁷ Tendo como objetivo situar nossa leitora e nosso leitor sobre os locais e datas das viagens feitas por Virginie Hériot, apresentamos tais informações na *tabela 1 Cruzeiros realizados por Virginie Hériot (1900-1932)*, na seção 2.3.2; assim como ao final do presente trabalho, no anexo1, no *quadro 6 Sur mer: impressions et souvenirs, 1933, Virginie Hériot*, no item 4 Locais e datas, do referido quadro.

4.1.2.3 *Ethos* de viajante

O *ethos* de viajante é construído discursivamente como aquele que busca transitar diferentes espaços. Segundo o Aulete¹⁰⁸, o viajante é a qualidade daquele que viaja. Em nosso ponto de vista, para além da definição do supramencionado dicionário, o viajante é aquele que se demonstra, assim como explorador, aberto para vivenciar o processo da viagem com o objetivo de descobrir novos lugares e deixar-se tocar pelo trajeto, sem com isso focar na chegada a um local específico, como acontece com o explorador.

Em sentido contrário ao *ethos* de viajante temos o *ethos* de turista. O dicionário Aulete apresenta o turista¹⁰⁹ como a pessoa que viaja para se recrear, isto é, um excursionista. O turista viaja ansioso aguardando o seu destino final, pois será a partir de tal momento que sua viagem se iniciará, sem com isso desfrutar do trajeto da viagem, isto é, do processo, como o fazem a exploradora e a viajante. O turista busca pelos pontos turísticos mais conhecidos e que já foram desbravados por outros antes dele, afinal seu objetivo é fazer turismo e recrear-se desfrutando de todo o conforto possível. Ao refletir sobre tal diferenciação entre o turista e o viajante, Cecília Meireles argumenta que:

Grande é a diferença entre o turista e o viajante. O primeiro é uma criatura feliz, que parte por este mundo com a sua máquina fotográfica a tiracolo, o guia no bolso, um sucinto vocabulário entre os dentes: seu destino é caminhar pela superfície das coisas, como do mundo, com a curiosidade suficiente para passar de um ponto a outro, olhando o que lhe apontam, comprando o que lhe agrada, expedindo muitos postais, tudo com uma agradável fluidez, sem apego nem compromisso, uma vez que já sabe, por experiência, que há sempre uma paisagem por detrás da outra, e o dia seguinte lhe dará tantas surpresas quanto a véspera.

O viajante é criatura menos feliz, de movimentos mais vagarosos, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa, descer à origem de tudo, amar loucamente cada aspecto do caminho, desde as pedras mais toscas às mais sublimadas almas do passado, do presente e do futuro - um futuro que ele nem conhecerá. (MEIRELES, vol.2, 1999, p.101.)

Observarmos, dessa maneira, que, enquanto o turista buscaria, através de sua viagem, conhecer o máximo de locais, no menor tempo possível, através do registro fotográfico e das compras sem se apegar ao local, o viajante, por sua vez, buscaria imergir nos espaços transitados e deixar-se tocar e impactar por cada cena vista ao longo de seu caminho.

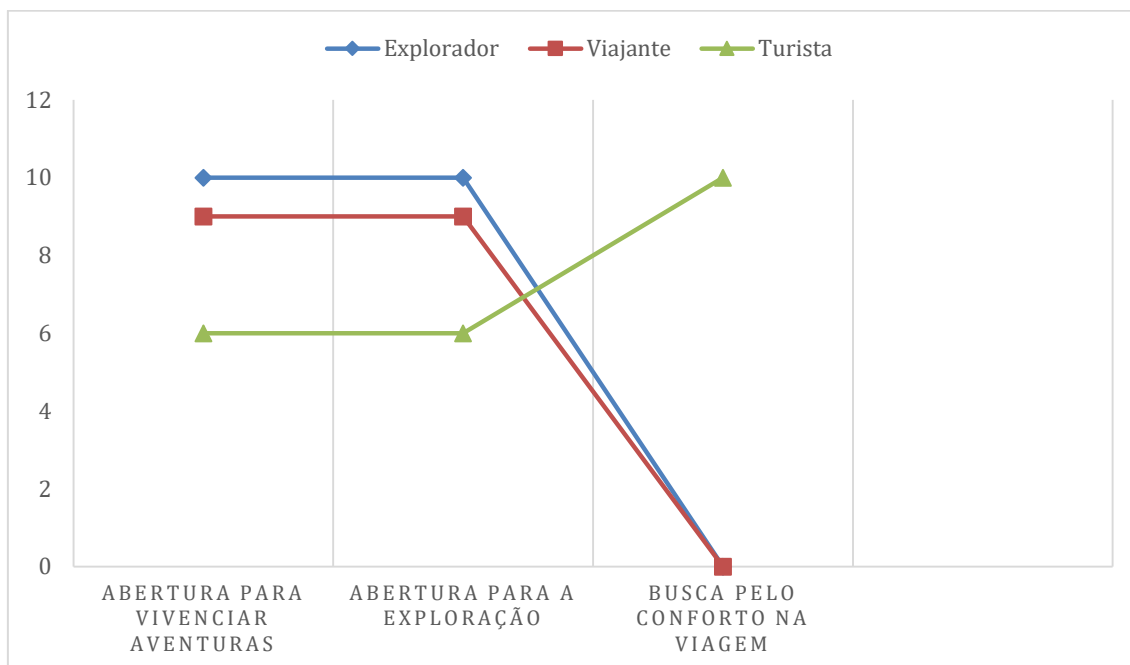
Neste ponto nossa leitora e nosso leitor podem estar se questionando: afinal, qual seria a diferença entre o explorador, o viajante e o turista? Se propusermos uma comparação entre o explorador, o viajante e o turista, no que diz respeito à abertura para

¹⁰⁸ Viajante. Disponível em: <<<http://www.aulete.com.br/viajante>>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

¹⁰⁹ Turista. Disponível em: <<<http://www.aulete.com.br/turista>>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

vivenciar a aventura, teríamos a seguinte gradação partindo de uma menor abertura para a aventura e maior busca de conforto (turista) até uma maior abertura para a exploração e menor preocupação com o conforto (explorador):

Gráfico 1 - Comparação dos *ethé* explorador, de viajante e de turista



Fonte: Elaborado pela autora

Apresentamos tal figura contendo uma comparação entre os três supramencionados *ethé* com o objetivo de ressaltar, de forma mais clara, a definição que propomos ao *ethos* de viajante que servirá de base para o presente estudo.

Tendo em vista os pontos abordados na presente seção, nossa pesquisa parte da definição dada por nós mesmos para o *ethos* de viajante como aquele que está em constante transitar seja este geográfico ou imaginário, pois está inserido em um estado constante de contemplação e transformação diante do que vivencia com o meio e com os outros. Para elucidar a forma como tal *ethos* de viajante se constrói discursivamente em nosso *corpus*, apresentamos os seguintes trechos:

Não, não é isto: quer-se a paisagem humana que está de outro lado dos sobretudo, dos chapéus e das luvas – essa coisa problemática e evidente a que alguns ainda insistem em dar o nome de alma. Tarefa difícil, sem dúvida, ambição desmedida, chegar-se de turista a um lugar, e ir-se à procura, justamente, dessa coisa tão frágil e misteriosa, que ora se acende e logo se esconde, como um inapreensível fogo-fátuo. [CM (vol.1, [1 de novembro de 1944], 1998, p.198) – Frag 02]

Là, je reste un instant en contemplation, suivant chaque arabesque, chaque pan de mur, et je pars en voyage. Je vais avec mes yeux le long des toutes choses, à la découverte. Je monte à l'assaut de cette cité musulmane intacte et je découvre une autre petite mosquée dérobée, et puis encore une autre toute cachée, une Fontaine, une petite place adorable.

Je passe un moment étonnant à contempler Mouley-Ldriss assise près du mur blanc de la mosquée, et je regarde ce grand décor, précieux comme une miniature, bien qu'il ne soit qu'abandon et ruines. [VH (vol.1, 1933, p.70) – Frag 02]

Assim, eu fico um momento em contemplação, seguindo cada arabesco, cada pedaço de parede, e parto em viagem. Eu vou com meus olhos ao longo de todas as coisas, à descoberta. Subi de assalto da cidade muçulmana intacta e descobri outra pequena mesquita secreta, e depois outra totalmente escondida, uma fonte, uma pequena praça adorável.

Passo um momento surpreendente contemplando Mouley-Ldriss sentada junto à parede branca da mesquita, e olho para esta grande decoração, preciosa como uma miniatura, embora seja apenas abandono e ruínas. (tradução nossa) [VH (vol.1, 1933, p.70) – Frag 02]

Por tais excertos notamos que tanto Cecília Meireles quanto Virginie Hériot constroem discursivamente o *ethos* de viajante como aquela que busca para além das aparências e das superfícies dos sujeitos e dos locais já conhecidos, procurando contemplar e aprender com aqueles com os quais entram em contato no intuito de conhecer os locais ainda não visitados.

4.1.2.4 *Ethos* de persistente

O *ethos* de persistente refere-se àquela que persevera em meio aos desafios vivenciados em uma viagem. Segundo o dicionário Aulete,¹¹⁰ o termo persistente revela a qualidade daquele que prossegue de forma contínua e duradoura. É possível verificar tal caráter de continuidade na construção discursiva do *ethos* da persistente. Para nossa análise, definimos o *ethos* de persistente como aquele que ao invés de lamentar diante de um imprevisto, visualiza nas adversidades uma oportunidade para aprendizado. Tal construção discursiva apresenta aquele que lida de forma resiliente com os desafios apresentados, seja pelos transportes usados em terra ou mar, bem como com as mudanças climáticas. Para ilustrar a construção discursiva de tal *ethos* nas obras de Margaret Mee e Virginie Hériot, apresentamos os seguintes trechos:

Cinco Bocas, the last rapids of the rapids of the voyage, were spectacular. A complicated meeting place of five streams, full of treacherous rocks and fast

¹¹⁰ Persistente. Disponível em: <<<http://www.aulete.com.br/persistente>>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

flowing currents, it was one of the most difficult to pass at that time of year (August) when the water was low. [MM (2010 [2009], p.30) – Frag 02]

A última corredeira da viagem, Cinco Bocas, foi um espetáculo. Um complicado encontro de cinco rios cheio de pedras traiçoeiras e fortes correntezas que, devido ao baixo nível das águas, foi um dos trechos mais difíceis, considerando a época do ano (agosto). (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.30) – Frag 02]

Rien ne m'a jamais plus encouragée que le découragement.
Les étapes faciles sont des périodes d'inertie qu'il faut savoir éviter.
C'est dans les difficultés que les âmes fortes se dénoncent et s'affirment.
Heureux ceux qui souffrent jeunes. Il sont à la meilleure école.
La maturité les trouve aptes à être heureux en offrant aux autres leur sérénité. [VH (1933, p.28-30) – Frag 03]

Nada me encorajou mais do que o desânimo.
As etapas fáceis são períodos de inércia que é preciso evitar.
É nas dificuldades que as almas fortes se apresentam e se afirmam. Felizes aqueles que sofrem jovens. Eles estão na melhor escola.
A maturidade os encontra aptos para serem felizes, oferecendo aos outros a sua serenidade. (tradução nossa) [VH (1933, p.28-30) – Frag 03]

Enquanto Mee constrói o *ethos* de persistente em meio aos desafios que viveu na floresta e nos rios na Amazônia, Hériot o faz por meio de suas experiências vivenciadas ao mar nos cruzeiros que realizou e nas competições de regata que participou.

4.1.2.5 *Ethos* de benevolente

O *ethos* de benevolente é construído discursivamente como aquele que demonstra sensibilidade para enxergar tanto as alegrias quanto as dores vivenciadas pelo outro, por meio de um olhar de acolhimento e empatia na busca por se colocar no lugar do outro. O dicionário Aulete¹¹¹ apresenta benevolente como aquele que demonstra benevolência, isto é, boa vontade para com os outros. Ao refletir sobre as contribuições do estudo do *ethos* aristotélico, Eggs (2005) ressalta que para Aristóteles um orador ao tomar a palavra inspiraria confiança ao se embasar em três aspectos: *la phrónesis* (a prudência), *l'areté* (virtude) e *l'eunóia* (benevolência). Ao assim fazê-lo, o orador construiria uma ponte com seu auditório demonstrando-se digno de confiança e, conseqüentemente, digno de ser escutado.

¹¹¹ Benevolente. Disponível em: << <http://www.aulete.com.br/benevolente>>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

Benevolência. Disponível em: << <http://www.aulete.com.br/benevolencia>>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

Em nossa pesquisa, tomamos o *ethos* do benevolente como aquele que manifesta uma predisposição em tratar ao outro com bondade e que busca compreender o outro. No contexto da viagem, nota-se que o benevolente, ao buscar reconhecer a sabedoria e habilidades dos povos com que entra em contato, acaba por realizar um movimento de aproximação da cultura e dos habitantes locais. Dessa maneira, busca conectar-se ao outro pelo que os aproxima e aprender com o que eles possuem de diferente. Podemos verificar a construção de tal *ethos* nos trechos a seguir:

Esse seria um encontro feliz. As cantigas de roda põem-nos todos de mãos dadas. E ao ritmo da tradição comum todos nos sentimos compreendidos mutuamente e mutuamente amados. [CM (vol.1, [12 de junho de 1943], 1998, p.61) – Frag 03]

A cabocla who lived in the hut arranged to take me in her canoe into the nearest igapó to collect. She was a pleasant, communicative woman, and from her I learned that we were in Rio Cuminá, not in Rio Cuminá-Mirim, which it was only possible to enter by navigating the falls. [MM (2010 [2009], p.151) – Frag 03]

A *cabocla* que vivia na choupana conseguiu me levar em sua canoa ao igapó mais próximo para procurar plantas. Uma mulher comunicativa e agradável que me disse que estávamos no rio Cuminá e não no Cuminá-Mirim – que somente seria acessível se navegássemos pelas cachoeiras. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.150) – Frag 03]

Mon brave marin avait une déchirure musculaire; j'avais une forte commotion et deux côtes cassées. [VH (1933, p. 116) – Frag 04]

Meu bravo marinheiro tinha uma laceração muscular; eu tinha uma forte concussão e duas costelas partidas. (tradução nossa) [VH (1933, p. 116) – Frag 04]

Notamos que Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot constroem o *ethos* de benevolente ao abrirem-se para imergir nas tradições locais como uma forma de se conectar aos habitantes locais e ao apresentarem um olhar atento para reconhecer as qualidades dos que as rodeavam, bem como uma escuta ativa para compreender as dores dos que estavam ao seu redor.

4.1.2.6 *Ethos* de conservacionista

Consideramos o *ethos* de conservacionista como aquele que traz à tona a imagem do sujeito que compreende a importância de cuidar conscientemente do meio ambiente e engajar-se na luta pela preservação e uso consciente dos recursos naturais. O dicionário Aulete¹¹² apresenta o conservacionista como aquele que é militante do movimento em defesa da preservação do meio ambiente e na busca pelo uso consciente dos recursos naturais. Em nosso estudo, tomamos o *ethos* de conservacionista como aquele que se posiciona de forma crítica à devastação e queimada das florestas e, com a finalidade de solucionar tal problema, entra em contato com o órgão responsável¹¹³ pela proteção e preservação do meio ambiente. Observamos a ocorrência de tal *ethos* em Margaret:

The object of my next journey to the waterways of the great Amazon was to travel to Rio Jufari, whose mouth I had sailed past several times. A few days later a friend drove me the 130 kilometres on the Manaus-Porto Velho road to Igarapé das Lages. The new road was a disaster, both for destruction of the forests and consequent erosion. Many stretches were flanked on either side by sheer precipices of eroding ground. Rio Preto must have been a lovely waterway, but mounds of excavated earth had been deposited in and beside it and, like most of the *igarapés*, it was cloaked by the road cutting across its course. Instead of the land being drained as nature intended, great pools of stagnant water had collected, in which trees had rotted and fallen. Thousands of trees must have perished in this way, to which the tragic appearance of the scenery bore witness. [MM (2010 [2009], p.123) – Frag 04]

O objetivo de minha próxima viagem pelas águas do rio Amazonas era visitar o rio Jufari, cuja foz eu já havia cruzado diversas vezes no passado. Após alguns dias, um amigo levou-me de carro pelos 130 quilômetros da estrada Manaus-porto Velho até Igarapé Lages. A nova estrada era um desastre, tanto pela destruição das florestas quanto pela consequente erosão. Diversos trechos haviam desmoronado em ambos os lados, com precipícios íngremes causados pela erosão do solo. O rio Preto deve ter sido um curso de água adorável, antes das montanhas de terras escavadas serem depositadas tanto dentro dele como em suas margens. Assim como a maioria dos *igarapés*, era um choque ver a estrada atravessando seu curso. Em vez de o solo escoar de acordo com a natureza, enormes piscinas de água foram formadas, e as árvores apodreciam e caíam. Milhares de árvores devem ter perecido desse modo, tendo a trágica aparência do cenário como testemunha. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.123) – Frag 04]

¹¹² Conservacionista. Disponível em: <<<http://www.aulete.com.br/conservacionista>>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

Conservacionismo. Disponível em: <<<http://www.aulete.com.br/%20conservacionismo>>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

¹¹³ Margareth Mee entrou em contato com o *Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal* (IBDF) no contexto de sua viagem para a Floresta Amazônica para solicitar uma atenção para tal área. O IBDF atualmente faz parte do IBAMA. Para mais informações consultar: <<https://www.ibama.gov.br/institucional/sobre-o-ibama>>.

Verificamos que o *ethos* de conservacionista é construído através da evocação da reação de choque diante da destruição das florestas e dos efeitos da erosão nas matas e nas estradas.

4.1.2.7 *Ethos* de intelectual

O intelectual é apresentado pelo dicionário Aulete¹¹⁴ como aquele que se interessa pela cultura, pela literatura e que busca conhecer de forma aprofundada determinado campo do saber. Em nosso estudo, definimos o *ethos* de intelectual como aquele que se mostra aberto ao diálogo e discussão crítica e, para tanto, evoca em suas discussões a fundamentação teórica de diferentes especialistas¹¹⁵ como um argumento de autoridade¹¹⁶. Tal *ethos* apresenta a imagem daquele que se interessa pelo saber em suas múltiplas nuances: seja através da arte, da literatura, da botânica, etc. O intelectual mais do que olhar para o meio e buscar compreendê-lo de forma superficial, busca imergir no cenário em que está inserido e abre-se para aprender desde dialetos, até então desconhecidos, bem como conhecer e utilizar o nome de plantas científicas. Notamos a ocorrência de tal *ethos* em Cecília Meireles e Margaret Mee:

Quanto ao tema, Mary Virginia Bales tentou classificar os *Spirituals* em duas categorias: os que se ocupam da Bíblia e das experiências religiosas pessoais, ou são *Denominational Songs*, - e os que têm estribilhos religiosos, mas são antes de caráter moral que religioso. [CM (vol.1, [30 de dezembro de 1942], 1998, p.10) – Frag 04]

In company with this orchid two species of bromeliads grew in the trees, *Tillandsia paraenses*, with its pink and silver foliage and cyclamen flowers, and a magnificent *Billbergia* whose leaves formed a tube protected by cruel black thorns. From this tube hung a lovely inflorescence, below a collar of magenta bracts, and above a complex spike of green calices crowned with yellow flowers.[MM (2010 [2009], p.28) – Frag 05]

Acompanhando esta orquídea, encontramos duas espécies de bromélias crescendo nas árvores: *Tillandsia paraenses*, com sua folhagem rosa e prata ciclâmen; e a magnífica *Billbergia*, cujas folhas formavam um tubo protegido por espinhos. Desse tubo pendia uma bela inflorescência, localizada sob um colar de brácteas magenta, e sobre um complexo espigão de cálices verdes

¹¹⁴ Intelectual. Disponível em: << <http://www.aulete.com.br/intelectual>>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

¹¹⁵ Nas obras que analisamos verificamos o embasamento em teóricos do campo da botânica, da educação, da etnomusicologia, bem como da medicina, por exemplo.

¹¹⁶ Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), ao refletirem sobre os procedimentos empregados pelo orador no processo de construção argumentativa, apresentam o argumento de autoridade que se pauta no prestígio de uma pessoa ou de mais pessoas que são especialistas em uma determinada área e que ao serem mencionadas em um determinado discurso acabam por atribuir um valor argumentativo tornando-o mais credível.

coroado por flores amarelas. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.28) – Frag 05]

O *ethos* de intelectual é construído nas supramencionadas viajantes através do embasamento em argumentos de autoridade no campo dos estudos historiográficos e sociais, como notamos em Cecília Meireles, e no campo da botânica, como observamos em Margaret Mee, por meio da evocação dos nomes científicos das plantas.

4.1.2.8 *Ethos* de legitimada

O dicionário Aulete¹¹⁷ apresenta que legitimado seria a qualidade daquele que foi tornado legítimo, autêntico, verdadeiro. É interessante pensar na definição do Aulete em diálogo com a reflexão proposta por Charaudeau:

Em análise do discurso, a noção de legitimação pode ser utilizada para significar que o sujeito falante entra em um processo de discurso, que deve conduzir a que reconheça que tem direito à palavra e legitimidade para dizer o que diz. Essa legitimidade pode derivar tanto de uma situação de fato (como em uma conversação amigável, na qual todo locutor, por definição, tem direito – sob certas condições conversacionais – de falar), quanto do lugar que lhe é dado por uma instituição qualquer (como quando um professor fala na sala de aula, ou quando uma personalidade política faz uma declaração na televisão). Mas é possível também que ele tenha necessidade de construir uma posição de legitimidade aos olhos de seu interlocutor. (CHARAUDEAU, 2008, p.295)

Segundo Charaudeau (2008), é o processo de legitimação que assegura ao sujeito o direito à palavra. Tal processo pode ocorrer tanto através de uma *autoridade institucional* que lhe assegura a autoridade de um saber como especialista em uma determinada área; quanto por uma *autoridade pessoal* em que o próprio sujeito no processo de conversação através de sua construção persuasiva face ao outro sujeito.

No presente estudo tomamos o *ethos* de legitimada como aquele que nos traz à tona a construção discursiva da imagem do sujeito que conquistou o direito a ter voz tendo em vista as contribuições que prestou para a sociedade. Tal *ethos* será observado através do reconhecimento público que tal indivíduo receberá: seja através da entrega de emblemas e insígnias, que indicarão sua relevância social, seja através de homenagens

¹¹⁷ Legitimado. Disponível em: <<<http://www.aulete.com.br/legitimado>>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

Legitimar. Disponível em: <<<http://www.aulete.com.br/legitimar>>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

públicas feitas pelos representantes do estado, seja através dos patrocínios que recebeu de órgãos de pesquisa ou até mesmo o convite para lecionar em uma instituição renomada considerando as suas contribuições sociais. Ressaltamos, a seguir, a ocorrência de tal *ethos* nas obras das três escritoras que analisamos:

Graças à gentileza da Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, acabo de receber dos Estados Unidos o Emblema da Vitória, que me envia Evangelina A. de Vaughan, dizendo que ele “simboliza todos os anelos da mulher americana, defensora dos ideais democráticos.” [CM (vol.1, [24 de março de 1943], 1998, p.35) – Frag 5]

In June, two years after my return from Anavilhanas, I was invited by the Federal University of Rio de Janeiro to stay and work at their outpost in Oriximiná on Rio Trombetas. [MM (2010 [2009], p.147) – Frag 6]

Dois anos após meu regresso das Anavilhanas, no mês de junho, fui convidada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro para trabalhar em seu posto de Oriximiná, no rio Trombetas. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.147) – Frag 6]

Lecteur assidu de l’Auto, n’ignorant rien de vos prouesses de yachtwoman aux Jeux Olympiques d’Amsterdam, ni de vos qualités de marin, j’aurais voulu baptiser mon langoustier: Virginie Hériot.
Je vous serais très reconnaissant si vous vouliez bien accepter que votre nom soit l’emblème de mon gagne-pain. [VH (1933, p. 136) – Frag 5]

Leitor assíduo do Auto, não ignorando nenhuma de suas proezas de *yachtwoman* nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, nem suas qualidades de marinheira, eu queria batizar meu langoustier como Virginie Hériot.
Eu lhe seria muito reconhecido se você quisesse aceitar que seu nome seja o emblema de meu ganha pão. (tradução nossa) [VH (1933, p. 136) – Frag 5]

Verificamos a construção discursiva do *ethos* de legitimada em Meireles através da menção do emblema que recebeu em reconhecimento a suas contribuições sociais, em Mee através do convite que recebe da Universidade Federal do Rio de Janeiro em reconhecimento as contribuições no campo da botânica e, por fim, em Hériot por meio da homenagem que recebeu do marinheiro René Faou que deu o nome da navegadora a seu barco.

4.1.3 Terceira etapa: Levantamento de constantes e variáveis

Tomando como base a proposta de Charaudeau (1996) no que diz respeito à condição de “contrastividade” necessária para o método de análise discursiva, isto é, a importância de realizar uma análise que considere o duplo movimento de partir do particular para o geral e do geral para o particular, realizamos um estudo comparativo das obras a fim de verificar em um primeiro momento quais temáticas e estruturas discursivas

eram constantes e perpassavam as narrativas de viagem de todas as escritoras; em seguida, buscamos observar quais temáticas e estruturas discursivas eram diferentes e não perpassavam a todas as obras. Tais movimentos foram realizados em nosso estudo com a finalidade de verificar de que forma tais pontos de contato foram construídos nas obras.

Considerações finais

No decorrer do caderno 4 buscamos destacar as etapas que vivenciamos no processo de organização de nosso estudo. Desse modo, partimos da primeira etapa em que buscamos nos dedicar a revisão bibliográfica dos estudos históricos e sociológicos desenvolvidos sobre a trajetória das mulheres viajantes e as construções das narrativas de viagem; na segunda etapa, após termos realizado um estudo individual de cada obra integrante de nosso *corpus*, estabelecemos as categorias que serviram de base para nossa grade de análise referente aos *ethé* das mulheres viajantes são elas: *ethos* de exploradora, *ethos* de viajante, *ethos* de persistente, *ethos* de benevolente, *ethos* de conservacionista, *ethos* de intelectual e *ethos* de legitimada; e, finalmente, na terceira etapa buscamos propor, por meio de uma análise contrastiva, o levantamento de constantes e várias através da análise das obras estudadas.

No caderno a seguir propomos uma discussão em relação ao arcabouço teórico através de uma reflexão sobre as provas retóricas, sobre a identidade e, por fim, sobre os recursos de narratividade em que abordamos o gênero discursivo narrativa de viagem, a heterogeneidade discursiva e os sujeitos das narrativas.

CADERNO 5: ARCABOUÇO TEÓRICO

Considerações Iniciais

Para se fazer uma encadernação manual é necessário que se defina o tamanho do caderno, o modelo de encadernação e ainda preparar a capa e o miolo da encadernação que servirá de base para o processo de costura que unirá a capa e as páginas do caderno. De modo semelhante, para a elaboração artesanal de nosso diário de viagem, precisamos cuidadosamente delimitar quais teóricos constituirão a base que fundamentará nosso estudo, isto é o que funcionará como esse elemento que sustentará e atuará como uma chave para a realização de uma análise coesa, tal como o miolo para a encadernação manual.

Para tal estudo, buscamos organizar um quadro teórico que nos possibilitasse, a partir dos principais pontos observados em nosso *corpus*, desenvolver nossa análise de forma bem fundamentada e coesa. Assim sendo, partindo de uma reflexão sobre as provas retóricas, seção 5.1, propomos revisitar as construções de estudiosos tanto da análise do discurso quanto da retórica para refletir sobre a inter-relação do *ethos*, do *pathos* e do *logos*; em seguida, propomos uma imersão nas reflexões da Sociologia no que diz respeito à construção identitária, seção 5.2, para pensarmos em uma base para a discussão sobre a identidade das narradoras viajantes; e, por fim, buscamos nos debruçar nos estudos sobre os recursos de narratividade, seção 5.3, através da reflexão sobre o gênero discursivo Narrativa de viagem, assim como a heterogeneidade discursiva e ainda o papel do narratário.

5.1 Uma imersão nas provas retóricas

Com o objetivo de propormos uma reflexão teórica que considere a pluralidade das possíveis leituras através do *ethos*, do *pathos* e do *logos*, propomos, a seguir, um duplo movimento: primeiramente, consideraremos a inter-relação das provas retóricas e a possibilidade das múltiplas análises através do imbricamento de tais provas retóricas; em seguida, tomando como base nosso objetivo de pesquisa, buscaremos imergir mais profundamente nas características do *ethos*, bem como do *pathos*.

5.1.1 A inter-relação das provas retóricas

Ao ponderar sobre as provas retóricas, Galinari (2014) propõe que tanto o *ethos* quanto o *pathos* sejam considerados como desdobramentos semântico-discursivos do *logos*, isto é, que sejam vistos como estritamente relacionados ao processo de enunciação através do *logos*. O estudioso sugere uma abordagem sobre o *logos* que não se limite apenas a uma acepção de “operações mentais”, tanto lógico-demonstrativas (Lógica Formal) quanto verossímeis/razoáveis (Retórica). O referido autor argumenta que seria necessário considerar o *logos* para além do “sentido estrito” da prova objetivo/proposicional. Assim sendo, Galinari (2014) propõe que seja feita uma leitura mais abrangente através das contribuições do pensamento sofisticado e/ou pré-aristotélico relacionando-o com a pluralidade da linguagem englobando desde a seleção lexical, até a formação das palavras, as modalizações, ritmo e entonação.

Tomando o discurso como ponto de partida para a realização do *ethos* e do *pathos*, Galinari (2014) observa a importância do trabalho do analista que, ao se deparar com as mais diversificadas produções discursivas, precisaria demonstrar uma competência prático-filosófica e uma flexibilidade para observar atentamente e, com o senso crítico aguçado, os discursos com os quais entra em contato. Segundo o supramencionado estudioso, cabe ao analista considerar as provas retóricas como uma espécie de três “ferramentas de leitura”, ou seja, o *ethos*, o *pathos* e o *logos* funcionariam como uma espécie de “lente de aumento” que possibilitaria imergir em múltiplas leituras e na compreensão do universo daquele que fala e daquele que escuta.

Tendo em vista as bases elencadas, Galinari (2014) propõe ainda um roteiro metodológico para o estudo das provas retóricas de uma maneira inter-relacionada dos meios de persuasão que se dará através de cinco passos.

O primeiro passo no roteiro diz respeito ao *logos* retórico/sofístico considerado como ponto de partida para o estudo de uma produção discursiva. Ao se deparar com o *logos* o estudioso ressalta a importância de considerar, por exemplo, quais são as visões de mundo de seu auditório e de que forma tais compreensões perpassarão aqueles a quem você se direciona, quais as circunstâncias de produção; isto é, em qual contexto ocorreu o discurso e qual o gênero discursivo que foi utilizado como base, bem como considerar a relação das produções discursivas com a *doxa* e/ou saberes partilhados, e ainda as possibilidades de gerar diversificados tipos de adesão como a adesão intelectual (fazer-

crer), tendo ainda as adesões comportamentais (fazer-fazer) e as adesões emotivas (fazer-sentir). Tomando tais reflexões de Galinari (2014) sobre o *logos* como base, buscamos apresentar, no caderno 3, as circunstâncias de produção das obras de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot através da contextualização histórica do que acontecia na época em que as obras foram escritas; assim como procuramos propor uma discussão, na seção 5.3.1, sobre o gênero discursivo utilizado em nosso *corpus* de pesquisa.

O segundo passo refere-se a uma leitura do *logos* como uma chave de interpretação e apreensão do *ethos* na instância da produção do discurso. Assim, nota-se a possibilidade do contato com a profusão de diversas pistas sobre os gostos, qualidades, defeitos, preferências políticas, por exemplo, do orador através de seu discurso, isto é, o *ethos* transpareceria através das marcas deixadas na produção discursiva.

O terceiro passo relaciona-se a uma busca por compreender de que forma o *logos* se desdobraria no *pathos* pautado na criação de pressuposições sobre quais os anseios, as expectativas e os desejos daqueles com quem o orador busca construir um diálogo. Em tal abordagem, Galinari (2014) considera o *pathos* como uma tentativa daquilo que busca suscitar em seu auditório, isto é, trata-se de um processo de negociação entre aquele que fala e aquele que ouve, tal gerenciamento argumentativo estará intimamente relacionado aos julgamentos responsivo-morais dos envolvidos na troca comunicativa.

O quarto passo apresenta uma leitura do *ethos* como um elemento fundador do *pathos*, isto é, ao se propor uma imagem de si, através de uma produção discursiva, o orador poderá acabar suscitando diversas emoções em seu auditório. Em tal ponto, vale ressaltar que tais emoções, que poderão ser suscitadas através do *ethos* de um determinado orador, estarão diretamente relacionadas aos saberes e crenças de cada indivíduo.

O quinto passo propõe que por meio da observação do *pathos*, e da tentativa de “fazer-sentir”, seja possível realizar a construção do *ethos*. Segundo Galinari (2014) uma imagem de si que seja altamente patêmica pode emergir durante um processo de leitura ou escuta em que o interlocutor se conecte com aquilo que é apresentado pelo locutor.

Ao refletir sobre as mais diversificadas dimensões possíveis do *logos*, Galinari (2012) destaca alguns pontos através dos quais seria possível observar tal prova retórica: a) os procedimentos e modalidades sintáticas, isto é, a sequência ou combinação das palavras; os tipos de tipos de relações interfrásticas e as funções sintáticas de base, por exemplo; b) os processos de formação de palavras, os indicadores da “pessoa” (pronomes pessoais), bem como os fatores de modalização, por exemplo; c) as representações, imagens ou visões de mundo; d) a composição fonética-fonológica, isto é, o material

sonoro do *logos*; e) os marcadores prosódicos; f) A estrutura narrativa do discurso; g) a estrutura do discurso; h) os silenciamentos e pressupostos, como o caso do “não-dito”.

Tendo em vista nosso objetivo de pesquisa e nossas categorias de análise, tomaremos como base as contribuições de Galinari (2012, 2014) na busca por propor uma análise inter-relacionada das provas retóricas, para tanto partiremos da materialidade discursiva, isto é, das narrativas de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot com o intuito de verificar de que forma se dá a construção discursiva dos *ethé* de tais viajantes através do embasamento em estratégias patêmicas, bem como buscaremos considerar as questões das representações, imagens ou visões de mundo e dos silenciamentos e dos “não-ditos”, como destaca Galinari (2012), como elementos norteadores para a compreensão tanto das narrativas das viajantes quanto da história das mulheres de uma forma mais ampla.

5.1.2 Entre os sentidos do silêncio e o *logos*

Galinari (2012) apresenta que uma das formas pelas quais o *logos* se materializaria discursivamente seria através dos silenciamentos e pressupostos como, por exemplo, os “não-ditos”. Na busca por aprofundar nossa reflexão a respeito do lugar do silêncio no processo de produção de sentido, proporemos um diálogo entre as contribuições do referido estudioso com os estudos de Orlandi (2007).

Ao refletir sobre as diferentes formas dos silêncios, Orlandi (2007) propõe uma diferenciação entre o “estar em silêncio” e o “pôr em silêncio”. Enquanto o primeiro diz respeito a uma certa forma de estar no sentido, considerando que as palavras em si já pressupõem uma contraposição de um silêncio, o segundo refere-se à existência de um processo de produção de sentidos que foram silenciados dando lugar a uma dimensão do “não-dito”.

Orlandi (2007) propõe ainda que seja feita a distinção entre o *silêncio fundador* que se relaciona ao silêncio que já existe nas palavras e que dá espaço para a produção dos significados através dos não-ditos; e a *política do silêncio* que se subdivide em silêncio constitutivo, no sentido de que todo dizer calaria algum sentido em algum momento, e silêncio local, que diria respeito à censura.

Debruçando-nos um pouco mais sobre a política do silêncio mencionada por Orlandi (2007), notamos que o *silêncio constitutivo* se faz presente em nosso dia a dia quando escolhemos usar uma palavra em detrimento de outra, o sentido que é construído

a partir da palavra escolhida acaba por “apagar” outras palavras. E o *silêncio local*, de que forma poderíamos compreendê-lo na prática? Um dos episódios que vivenciamos na história de nosso país, em que foi possível observar o referido silêncio, foi o contexto da ditadura militar (1964-1985) quando os direitos mais básicos das brasileiras e dos brasileiros foram negados. Referindo-se a tal contexto, Orlandi (2007) argumenta que o *silêncio local* está intimamente ligado ao processo da censura, isto é, quando o indivíduo se vê em uma situação em que não pode dizer o que pensa, tendo em vista que determinadas palavras e sentidos são totalmente censurados. Em tal contexto de censura, compreendemos que o silêncio seria ancorado naquilo que é apagado e totalmente marginalizado e excluído socialmente do campo das possíveis produções de sentido.

Considerando o âmbito da *política do silêncio*, Orlandi (2007) apresenta que o silêncio pode ser visto como fazendo parte tanto da *retórica da dominação* (da opressão), isto é, através do silenciamento de alguns sentidos como pode se observar no caso do apagamento visto, no decorrer da História, dos sentidos da negritude e do feminino em sua contextualização e realização social, por exemplo; quanto da *retórica do oprimido* (da resistência) que possibilitaria problematizar os silêncios com o intuito de ressignificá-los. A supramencionada estudiosa ressalta ainda que vale ressaltar que a censura, ao jogar com o que poderia ser efetivamente dito e com o que seria silenciado, acaba por marginalizar ao sujeito impossibilitando-o que se inscreva socialmente por meio de suas formações discursivas e, conseqüentemente, ao restringir os sentidos, restringe-se também os locais e as posições sociais que tais sujeitos podem ocupar, afetando, assim, o processo de construção identitária de tal indivíduo.

Para que os sentidos dos silêncios sejam efetivamente compreendidos é necessário, como apresenta a estudiosa Orlandi (2007), tomar em consideração a dimensão histórica-política do sentido bem como a historicidade do sujeito, isto é, os diversos processos de identificações vivenciados por tal indivíduo que estarão intimamente associados aos contextos vivenciados pelo sujeito e que auxiliará na constituição de sua identidade.

5.1.3 Contextualização sobre a noção do *ethos*

A concepção de *ethos* discursivo – tal como abordada pelos retóricos, pelos estudiosos da análise do discurso e por pesquisadores da análise argumentativa do discurso na contemporaneidade – passou por diversas etapas e abordagens de acordo com cada corrente teórica em que foi considerado. Amossy (2010) destaca quatro momentos em que o *ethos* e a noção da imagem de si são abordados ao longo da história.

O primeiro momento destacado por Amossy (2010) refere-se ao *ethos* retórico propagado por Aristóteles, concepção na qual o *ethos* é tido como a imagem que o orador constrói de si mesmo com a finalidade de mostrar a seu interlocutor que ele é digno de confiança e, portanto, crível. Para realizar a construção de sua imagem, tal orador embasa-se em três pontos: na prudência, na virtude, bem como na benevolência.

O segundo momento mencionado por Amossy (2010), diz respeito à “apresentação de si” no âmbito da microsociologia. A supracitada autora aponta que para Goffman a “apresentação de si” está associada aos elementos extraverbais, isto é, a forma como o indivíduo se veste, como gesticula, dentre outros pontos. Suas expressões físicas indicadas na encenação colaboram para a construção da imagem daquele que enuncia, e não necessariamente está preocupado com a fala em si. Dessa maneira, Goffman associa a “apresentação de si” ao processo de interação social.

O terceiro momento no qual Amossy (2010) se debruça é o do *ethos* discursivo, tal como compreendido na análise do discurso. A estudiosa ressalta o trabalho precursor de Dominique Maingueneau (1984, 2005, 2008), no âmbito dos estudos das ciências da linguagem e da análise do discurso, no que diz respeito à apresentação e à resignificação da noção de *ethos* pelo viés dos estudos discursivos. Em tal abordagem, o *ethos* é construído discursivamente e perpassa todas as práticas sociais e não somente aquelas práticas face a face.

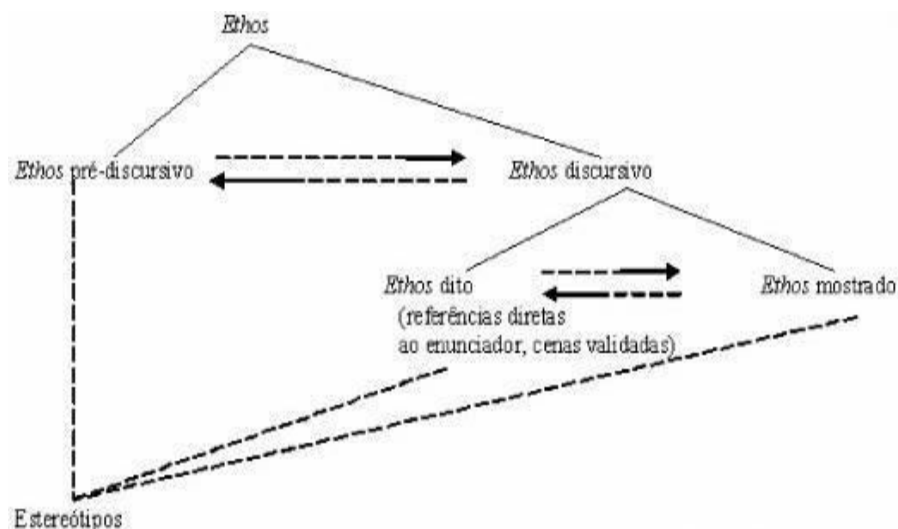
Para além de um olhar sobre o *ethos* que reduziria a uma manifestação através do discurso somente como estatuto de papel, Maingueneau (2005) argumenta que tal instância subjetiva se manifestaria também através da “voz” e do “corpo enunciante” que, por sua vez, estaria associado à uma situação discursiva. No que diz respeito à “voz”, o estudioso destaca que qualquer discurso escrito apresentaria uma vocalidade específica que nos possibilitaria relacioná-lo a uma fonte enunciativa através de um “tom” que poderia ser visto tanto no discurso escrito quanto no oral.

Em tal ponto observamos um diálogo das reflexões de Maingueneau (2005) com os estudos de Auchlin (2001) em relação ao “tom”. Segundo Auchlin (2001), o *ethos* está ligado ao ar, tom, estilo daquele que toma a palavra e seria a forma pela qual o locutor se diferenciaria dos que estão ao seu redor. Dessa forma, a construção da imagem do orador se daria de forma plural, no decorrer da enunciação discursiva, através do tom da voz, da escolha das palavras e dos argumentos, dos gestos, das mímicas, do olhar, da forma de se portar, das roupas que atuarão como indícios para a construção de tal imagem, como bem pontua o referido estudioso.

Maingueneau (2005) aponta que a determinação da vocalidade implicaria, por sua vez, a determinação de um corpo do enunciador que daria origem a uma instância subjetiva que desempenharia o papel de fiador. O autor destaca ainda que a construção do caráter e da corporalidade do fiador estará intimamente relacionada ao conjunto de representações sociais, isto é, aos imaginários sociodiscursivos, como abordaremos na seção 5.1.4.

Tomando como base a concepção da realização do enunciado através do tom de um fiador que deixará transparecer uma dinâmica corporal, Maingueneau (2005) argumenta que o leitor, em tal processo, não participaria apenas decodificando o sentido do enunciado, mas sim participaria “fisicamente” do mesmo universo do fiador. O supracitado estudioso ressalta ainda que a “cena da enunciação” seria constituída por três cenas: a “cena englobante”, a “cena genérica” e a “cenografia”. Enquanto a “cena englobante” diria respeito ao tipo de discurso (literário, religioso ou filosófico, por exemplo), a cena genérica se referiria ao contrato ligado a um gênero discursivo, como o guia turístico, o editorial; e, por fim, à cenografia que estaria relacionada a forma como o discurso seria enunciado por meio de uma cenografia professoral, poética, por exemplo.

Considerando tais pressupostos, Maingueneau (2005) propõe que o *ethos* seja considerado a partir de dois eixos: do *ethos* dito e do *ethos* mostrado como se pode observar na figura a seguir:

Figura 24- Constituição do *ethos* em Maingueneau

Fonte: MAINGUENEAU, 2005, p.83.

Maingueneau propõe que o *ethos* seja considerado tanto pelo viés do *ethos* pré-discursivo (o que seria nomeado por Ruth Amossy e Galit Haddad como *ethos prévio*, o qual adotaremos como base no presente estudo), isto é, através da imagem que o auditório constrói do orador antes mesmo que ele tome a palavra, quanto pelo viés do *ethos* discursivo que se dará através do processo de enunciação e das marcas textuais e gestuais utilizadas pelo orador para construir seu discurso. Dessa maneira, o *ethos* discursivo se desdobraria, por sua vez, nos registros do *ethos* dito e do *ethos* mostrado.

Maingueneau (2008) salienta que ao nos depararmos com a noção de *ethos* é necessário considerar a pluralidade dos pontos de vistas e, conseqüentemente, de suas interpretações, isto é, nem sempre o *ethos* visado pelo orador será necessariamente o *ethos* produzido tendo em vista a interação tanto do *ethos* pré-discursivo quanto do *ethos* discursivo que envolverá tanto o que é dito (*ethos* dito) quanto o que é mostrado (*ethos* mostrado) relacionando-se ainda aos saberes e crenças daqueles que participarão do processo de troca discursiva.

Tendo em vista as múltiplas abordagens sobre a noção do *ethos*, Maingueneau (2008) apresenta quais princípios serão basilares para a forma como compreenderá tal prova retórica: a) o *ethos* será tomado como uma noção discursiva, isto é, tal imagem seria construída por meio do discurso; b) o *ethos* estará relacionado a um processo *interativo* de influência sobre o outro; c) tal prova retórica estará associada a uma noção híbrida (sócio-discursiva) que poderá ser compreendida apenas se considerarmos a

situação de comunicação dos enunciados em questão que estarão, por sua vez, relacionados a uma conjuntura sócio-histórica específica.

Neste ponto das reflexões propostas por Maingueneau (2005), Amossy (2010) ressalta que se o orador deseja ser algo para seu auditório não basta que ele o diga, é necessário que ele encene seu propósito, isto é, que ele mostre tal anseio discursivamente através do uso de palavras e expressões com o intuito de que o leitor possa, através de sua imaginação, atribuir uma corporalidade ao discurso daquele que lhe dirige a palavra.

E, por fim, considerando como ponto de partida as contribuições das três vertentes, anteriormente listadas, a supramencionada estudiosa defende que a argumentatividade perpassaria de uma ponta a outra o discurso. Para tanto, Amossy (2006), argumenta que os textos seriam perpassados ora por uma visada argumentativa apresentando, assim, uma intenção direta e explícita de persuadir, ora por uma dimensão argumentativa, mesmo que de forma mais indireta, buscando tocar seu público-alvo. No presente estudo tomamos as diferentes narrativas de viagem, que constituem nosso *corpus*, como perpassadas por uma dimensão argumentativa e, dessa maneira, repletas de efeitos de persuasão detectáveis, como aponta Amossy (2006).

Amossy (2010) ao pensar sobre a noção do *ethos* discursivo argumenta que esse tem como finalidade tocar o seu auditório, sendo, dessa maneira, um *ethos* retórico. Considerando tais pontos, a supracitada estudiosa apresenta o *ethos* como uma imagem que é construída discursivamente nas trocas sociodiscursivas com o objetivo de tocar o auditório. A estudiosa ressalta que tal apresentação de si possibilitará ao orador construir uma ou mais identidades no processo de interação discursiva.

Tendo em vista as discussões apresentadas anteriormente sobre os diferentes conceitos para o *ethos*, ressaltamos que em nosso estudo consideraremos o *ethos* a partir do ponto de vista da imagem do sujeito de carne e osso, produtor da enunciação, e do ponto de vista do texto escrito por tal pessoa. Dessa maneira, buscaremos refletir sobre a imagem das mulheres viajantes, em carne e osso – Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot – e sobre a imagem que elas constroem em suas narrativas de viagem pelas cidades, florestas e mares.

5.1.4 No que se embasa o *ethos* ?

Amossy (2010) destaca que a construção do *ethos* se apoia no conjunto de valores e opiniões que são partilhados socialmente por cada comunidade, isto é, as representações sociais preexistentes. A supramencionada estudiosa salienta que tal representação social preexistente pertenceria a um imaginário coletivo.

Os imaginários são apresentados por Charaudeau (2007a) como provenientes dos discursos que, por sua vez, são pautados nos sistemas de pensamento que criam valores sociais e acabam por se depositar na memória coletiva, a tal procedimento o analista do discurso denomina de imaginários sociodiscursivos.

Neste ponto, com o intuito de compreendermos mais a fundo como se deu a formulação do conceito de imaginário sociodiscursivo empregado por Charaudeau (2006, 2007), propomos um breve sobrevoo aos conceitos e campos dos saberes revisitados pelo referido analista do discurso através do conceito de representações sociais, do campo da Psicologia Social, e do conceito de imaginário social apresentado por Castoriadis (1982).

Para compreendermos o conceito de imaginário social, conforme cunhado por Castoriadis (1982), é necessário nos indagarmos: afinal, como se daria a instituição da sociedade para Castoriadis? Segundo o supracitado estudioso a organização da sociedade estaria intimamente associada à instituição das significações imaginárias. Para tal autor, o significado se constituiria através de um processo de coparticipação de um termo e aquele a quem esse termo se refere.

Castoriadis (1982) apresenta que é a imaginação que nos torna possível criar o mundo e propor algo em relação ao meio em que estamos inseridos, do contrário, sem a imaginação, não seria possível dizermos nada que se passaria ao nosso redor. Assim sendo, o referido estudioso atribui um lugar de relevância ao imaginário relacionando sua atuação ao âmbito social-histórico e psíquico:

O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos. (CASTORIADIS, 1982, p.13)

Notamos que o imaginário diria respeito às imagens que seriam construídas sócio-historicamente, de forma contínua e indeterminada, através das quais seria possível atribuir significado ao vivenciado socialmente através de uma relação coparticipativa entre um termo e aquele a quem se refere, como ressaltamos anteriormente. Cabe ainda

ressaltar que para Castoriadis (1982) todo pensamento vai estar associado à história e à sociedade da qual faz parte, pois, para o supramencionado estudioso, o pensamento é “apenas um modo e uma forma do fazer social-histórico”. Dessa maneira, observamos que o estudo dos imaginários, por meio dos pensamentos externalizados pelos sujeitos, de forma muitas vezes inconsciente, em seus discursos, nos possibilita uma imersão nos saberes e crenças de cada sociedade.

Distanciando-se do sentido comumente empregado ao termo imaginários como sendo algo falso ou enganoso ou ainda uma invenção aleatória, Castoriadis (1982) apresenta o imaginário social como algo que faz parte indistinguível, daquilo que diz respeito ao ser humano, isto é, todos os seres humanos constroem e reproduzem imaginários sociais que estarão embasados no contexto social-histórico em que estiverem inseridos.

Outro conceito revisitado por Charaudeau (2006) para a elaboração do conceito de imaginário sociodiscursivo foi o de Representações Sociais. Para tanto, consideramos relevante nos debruçarmos nas discussões propostas por Moscovici (2001, 2003) em relação à tal temática. Ao se dedicar ao estudo das representações no âmbito da psicologia social, Moscovici (2001, 2003) busca propor uma discussão partindo da perspectiva sociológica apresentada por Durkheim (1978) quanto ao termo representações coletivas.

Neste ponto, nossa leitora e nosso leitor devem estar se perguntando: mas afinal quais os possíveis pontos de contato e quais as diferenças entre o que Durkheim (1978) propõe ao refletir sobre a representação coletiva e o que Moscovici (2001, 2003) tenciona ao abordar o que denominaria como representação social? Carvalho & Arruda (2008) ao se dedicarem ao estudo das representações sociais destacam que:

O conceito de representação coletiva de Durkheim procura dar conta de fenômenos que caracterizam e mantêm a vida em sociedade. Mas ao priorizar os processos de manutenção das instituições sua sociologia se mostra pouco preocupada em explicar a mudança. Evidentemente seu projeto era consolidar a sociologia como uma ciência nos moldes estabelecidos pela corrente positivista do século XIX. Ao eleger as representações sociais como seu objeto por excelência, Moscovici (2001) desenvolve uma teoria que prioriza a mudança. (CARVALHO & ARRUDA, 2008, p.449)

Tanto Durkheim quanto Moscovici tinham como finalidade propor um instrumento de análise que possibilitasse imergir nos fenômenos que constituíam a vida em sociedade. Contudo, notamos que um ponto que os diferenciaria seria que enquanto Durkheim (1978) prioriza os processos de manutenção das instituições, Moscovici (2001, 2003)

teria como prioridade se debruçar nas mudanças que poderiam ser vistas na sociedade como uma forma de compreender cada sociedade.

Mas afinal o que seriam as representações? Segundo Moscovici (2003), as representações surgem como produtos, pautados em uma natureza da mudança, que deixariam transparecer nossas ações e comunicações. De acordo com o supramencionado estudioso as representações seriam criadas e reproduzidas através das pessoas e grupos, ou seja, é por meio da vida em sociedade e da interação entre os indivíduos que tais representações sociais serão construídas.

Moscovici (2003) salienta que as representações sociais depois de criadas, no interior de grupos e trocas comunicativas entre os indivíduos, passam a ter vida própria, começam a circular e a gerar novas representações, ao passo que representações antigas passam a cair em desuso de tal forma que para serem compreendidas torna-se necessário retornar à representação que lhe deu origem.

Após este breve sobrevoo entre os conceitos de imaginários sociais e representações sociais cabe-nos indagar: afinal qual a diferença existiria entre os imaginários e as representações? De acordo com Guimarães & Mendes (2018) os imaginários e as representações tratam de coisas diferentes, mas que teriam uma finalidade em comum: explicar o mesmo fenômeno que ocorre socialmente. Contudo, de acordo com a corrente de estudos adotada a metodologia apresentará suas especificidades, como pudemos observar nas discussões de Castoriadis (1982, 1992) e Moscovici (2001, 2003).

Guimarães & Mendes (2018) salientam que, enquanto nos imaginários cada situação de comunicação seria responsável por apresentar seus imaginários, seja através da materialidade linguística seja através do icônico, e seria concedido ao analista o papel de interpretá-lo, como ressalta Charaudeau (2007a), não sendo necessário, dessa forma, delimitar uma fronteira entre aquilo que é cristalizado e aquilo que é fugaz; no caso das representações se observaria a existência de um núcleo central que relacionaria as representações provenientes do senso comum, ao mesmo tempo que apresentaria uma periferia movente através da qual novas representações seriam construídas. As referidas autoras destacam que tal periferia movente ao mesmo tempo que giraria em torno do núcleo central possibilitaria também um processo de trocas mútuas entre núcleo e periferia o que daria lugar a um constante processo de renovação.

Em nossa pesquisa tomaremos como base a noção de imaginários sociodiscursivos conforme proposto por Charaudeau (2007a) por nos situarmos no âmbito

dos estudos discursivos e por acreditarmos que tal metodologia nos auxiliará tendo em vista nosso *corpus*, nossos objetivos de pesquisa, bem como considerando a forma como o analista do discurso revisitou as obras de Castoriadis (1982, 1992) e Moscovici (2001, 2003) trazendo contribuições para os âmbitos dos estudos discursivos.

Através de nossa revisão bibliográfica, observamos possíveis diálogos entre Charaudeau (2007a) e Castoriadis (1982, 1992) nos que diz respeito a forma de compreender a concepção do imaginário social, como podemos notar no excerto a seguir:

O imaginário não é verdadeiro ou falso. Ele é uma proposição de visão de mundo que se apoia sobre os saberes que constroem os sistemas de pensamento, os quais podem excluir ou se sobrepor uns aos outros. Ele permite que o analista não tenha que denunciar um ou outro imaginário como falso. Esse não é seu papel. Seu papel consiste em ver como aparecem os imaginários, em qual situação comunicacional eles se inscrevem e qual visão de mundo eles testemunham.(CHARAUDEAU, 2007, p.07) (tradução nossa)¹¹⁸

Notamos que Charaudeau, assim como Castoriadis, busca tomar os imaginários para além do sentido comum que analisaria tal fenômeno através da lente dicotômica do verdadeiro e do falso. O analista do discurso busca olhar para imaginários como uma forma de compreender o mundo e as múltiplas visões que existem a respeito dele que se embasaram em saberes e crenças que servirão de base para a construção dos sistemas de pensamentos que serão partilhados socialmente.

De que forma, então, os imaginários sociodiscursivos estariam associados às provas retóricas? De acordo com Charaudeau (2007a) os saberes, em que se pautam tais imaginários, são constituídos tanto pelo *pathos*, quanto pelo *ethos*, como pelo *logos*.

Para concluir, cabe-nos indagar: como Amossy (2010) compreenderia a relação entre o *ethos* e as representações coletivas? A autora apresenta que o *ethos* discursivo baseia-se nas representações coletivas que atravessam o imaginário sociodiscursivo que, por sua vez, sustenta-se em uma *doxa*, isto é, em um conjunto de saberes e crenças que circulam em uma comunidade que tomam tais dados como se fossem instaurar discursos universais.

¹¹⁸ “L’imaginaire n’est ni vrai ni faux. Il est une proposition de vision du monde qui s’appuie sur des savoirs qui construisent des systèmes de pensée, lesquels peuvent s’exclure ou se superposer les uns les autres. Cela permet à l’analyste de ne pas avoir à dénoncer tel ou tel imaginaire comme faux. Ce n’est pas son rôle. Son rôle consiste à voir comment apparaissent les imaginaires, dans quelle situation communicationnelle ils s’inscrivent et de quelle vision du monde ils témoignent.” (CHARAUDEAU, 2007, p.7)

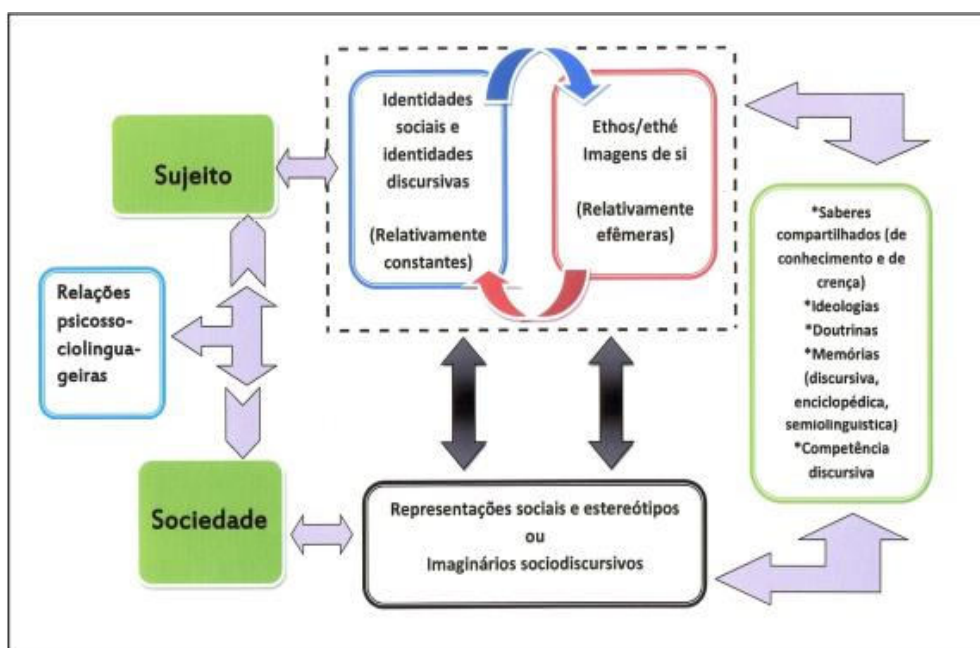
5.1.5 Uma proposta de estudos para o *ethos* e a identidade

No que tange à discussão entre a relação do *ethos* e da identidade no âmbito dos estudos discursivos, Amossy (2010) destaca que o *ethos* discursivo nos revela a forma como o locutor constrói discursivamente sua identidade ao se inserir e se posicionar em um espaço social, que lhe garante seu lugar e seu papel, na finalidade de agir sobre seu interlocutor.

Embora o *ethos* e a identidade estejam relacionados discursivamente, cabe ressaltar que cada um deles possui características singulares que os diferenciam, dessa forma, em alguns pontos, um do outro. Mendes (2012), embasando-se nos estudos de Kerbrat-Orecchioni (2010), nos apresenta que enquanto o *ethos* estaria atrelado ao campo do parecer não refletindo, assim, a real identidade do sujeito; a identidade seria do campo do ser. Mendes (2012) destaca ainda que o *ethos* estaria propenso a flutuações temporais podendo vir a sofrer manipulações parciais; ao passo que a identidade apresentaria um núcleo relativamente permanente e estável.

Mendes (2012), tomando como ponto de partida a situação de comunicação que considera a existência de um sujeito inserido em uma sociedade e, apoiando-se nos estudos de Maingueneau (2005), Amossy (2010), Charaudeau (2006, 2007), apresenta a seguinte proposta teórico-metodológica:

Figura 25- Esquema da relação: identidade, ethos, estereótipos, imaginários e representações



Fonte: MENDES, 2012, p.20.

Na proposta de Mendes (2012), figura 26, as relações psicossociolinguageiras que o sujeito¹¹⁹ constrói discursivamente, na sociedade em que está inserido, são consideradas. Para tanto, a estudiosa revisita os conceitos de *ethos*, de identidade, de saberes compartilhados, ideologias, doutrinas, memórias, competência discursiva, bem como de representações sociais e estereótipos/imaginários sociodiscursivos.

Partindo da grade de Mendes (2012), propomos um recorte em que focalizaremos no papel do sujeito psicossocial, bem como nas noções de *ethos* e identidade considerando nosso *corpus*. Em nosso estudo, analisaremos as narrativas de viagem de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot buscando compreender de que maneira cada uma se constitui enquanto sujeito psicossocial, como ser de carne e osso, a partir das construções identitárias prévias que possuímos de cada viajante (artista plástica, conservacionista, navegadora, professora, etc), tais questões podem ser observadas em diálogo com o caderno 2 do presente trabalho. Neste ponto, consideraremos o papel do *ethos* prévio, conforme destacamos na seção 5.1, para a elaboração de nossa reflexão. Buscaremos ainda nos debruçar na produção discursiva de cada viajante com o intuito de verificar como se daria a construção do *ethos* discursivo (*ethos* dito, *ethos* mostrado) nas supramencionadas narradoras.

¹¹⁹ A noção de sujeito do discurso vivenciou diferentes definições ao longo dos estudos discursivos, assim como a noção de *ethos*. Charaudeau (2001, 2008, [1983]2010) inscreve o sujeito do discurso no interior do quadro de uma problemática da alteridade em que o sujeito é em parte sobredeterminado e em parte livre para realizar suas próprias escolhas. E como se daria tal relação na prática das interações diárias para o sujeito? Charaudeau (2008), partindo do pressuposto de que o sujeito do discurso é polifônico, isto é, veiculador de inúmeras vozes enunciativas, propõe um quadro comunicacional para refletir sobre os processos polifônicos empreendidos em uma situação de comunicação. Tal quadro se subdivide em dois espaços nos quais se apresentariam os sujeitos do discurso: espaço externo e espaço interno. No espaço externo, do fazer, temos os parceiros da interação linguageira (Sujeito comunicante [EUc] e Sujeito interpretante [TUi]), seres sociais, que apresentam um projeto de fala; no espaço interno, do dizer, temos os protagonistas (Sujeito enunciador [EUe] e Sujeito destinatário [TUD]), seres da fala. Os parceiros, no espaço externo, serão conduzidos por uma relação contratual por meio da qual os sujeitos poderão se reconhecer já que partilhariam de forma semelhante as competências linguageiras que lhes aproximaria, sem o compartilhamento de tais competências a comunicação seria dificultada. Para que a comunicação seja efetiva, o supramencionado estudioso destaca ainda que o Sujeito comunicante (EUc) encena discursivamente o uso de estratégias discursivas com a finalidade de produzir efeitos de persuasão e sedução em seu Sujeito interpretante (TUi) para aproximá-lo do Sujeito destinatário ideal (TUD), por ele construído, levando-o a reconhecer-se nele e através dele.

5.1.6 Efeitos Patêmicos

Como ressaltamos no estudo sobre os *ethé*, um mesmo conceito pode apresentar diversificadas definições de acordo com a vertente de estudos a que estiver atrelado. Com os estudos sobre as emoções não ocorre de forma diferente. A fim de contextualizar a forma como lidaremos com a emoção, na presente pesquisa, realizaremos um duplo movimento: em um primeiro momento, nos debruçaremos sobre a forma como a psicologia das emoções aborda tal fenômeno e, em seguida, refletiremos como a análise do discurso lida com as emoções.

Ao refletir sobre a forma como a emoção é abordada no âmbito da psicologia, Charaudeau (2007b) ressalta a busca de tal campo tanto por retratar uma natureza do indivíduo diante de uma reação sensorial que pode ser motivada fisiologicamente, quanto por descrever as disposições de humor ou de caráter, como expor as reações comportamentais dos indivíduos.

Enquanto a psicologia se debruça sobre a ação dos indivíduos e a forma como estes experienciam determinadas emoções, a análise do discurso volta-se para uma reação relacionada a uma situação vivenciada em um determinado contexto sócio-histórico, como destaca Charaudeau (2007b).

Durante muito tempo a emoção foi vista como meramente atrelada a um lugar do irracional, do impulsivo e do descontrole chegando a ser vista como contrária à razão¹²⁰. Contudo, no âmbito dos estudos discursivos e argumentativos atuais nos quais nos embasamos, a emoção é vista como um importante recurso linguístico que possibilita a relação com o interlocutor a quem se dirige em um discurso.

Ainda refletindo sobre o tratamento dado à emoção, Mendes (2011), revisitando os estudos de Walton (2007), nos apresenta que nem sempre foi bem visto expor uma determinada emoção na esfera pública, considerando o espaço do transitar das ideias pautadas na razão; tais emoções deveriam exprimir-se na esfera do privado e, no caso de surgirem na esfera pública, deveriam ser disfarçadas, dando vez à retórica da razão. Desse modo, notamos que a forma como se lidou com as emoções ao longo da história, atrelando-a a um espaço de restrições e de um controle, nos possibilita compreender a forma como se deu a constituição dos saberes e crenças da sociedade.

Na contramão de uma visão que atrelaria a emoção meramente ao domínio do irracional e do instintivo, Charaudeau (2007b) argumenta que as emoções são de ordem

¹²⁰ Para mais informações, consultar LIMA (2007) e LUZ (2017).

intencional considerando que as emoções apresentam em determinado indivíduo algo que ele vislumbra como finalidade para seu projeto de fala. O supracitado estudioso destaca ainda que as emoções estão relacionadas aos saberes de crença¹²¹ que são partilhados por cada sociedade. Dessa forma, o sujeito ao entrar em contato com determinado discurso mobiliza suas redes inferenciais, atreladas aos saberes de crença, possibilitando, assim, suscitar determinados efeitos de acordo com os valores compartilhados. E, por fim, o referido estudioso conclui que as emoções se inscrevem em uma problemática da representação psicossocial¹²², isto é, o sujeito ao narrar uma situação apresenta, conseqüentemente, seu ponto de vista.

No que diz respeito aos estudos discursivos sobre a emoção, diferentemente da psicologia que abordaria a emoção pelo viés daquilo é sentido efetivamente pelo sujeito, cabe ainda ressaltar o que aponta Charaudeau:

A análise do discurso não pode interessar-se à emoção como realidade manifesta, vivenciada por um sujeito. Ela não possui os meios metodológicos. Em contrapartida, ela pode tentar estudar o processo discursivo pelo qual a emoção pode ser colocada, ou seja, tratar esta como um *efeito visado* (ou *suposto*), sem nunca ter a garantia sobre o *efeito produzido*. Assim, a emoção é considerada fora do vivenciado, e apenas como um possível surgimento de seu “re-sentido” em um sujeito específico, em situação particular. (CHARAUDEAU, 2007b, p.5)

Notamos que o referido estudioso propõe um estudo da emoção não como um efeito que já estaria dado de antemão, mas como um “efeito visado”, isto é, que teria como finalidade ser alcançado através da troca comunicativa entre os sujeitos envolvidos na situação de comunicação.

Tendo em vista as diversas abordagens sobre a emoção nos mais diversos campos do saber, Charaudeau (2007b) opta pelo emprego dos termos “*pathos*”, “patêmico” e “patemização”, ao invés de utilizar o termo emoção. Dessa maneira, o referido estudioso

¹²¹ Charaudeau (2008) diferencia o saber de conhecimento do saber de crença. O saber de conhecimento diz respeito a tudo que é da ordem daquilo que é factual, sendo possível ser verificado e justificado tomando como base um saber técnico ou erudito. Ao passo que os saberes de crença se referem aos julgamentos que servem de base para a construção de normas de referência que servirão como meio para avaliação dos comportamentos dos indivíduos.

¹²² Charaudeau (2008) argumenta que a noção de representação surge no âmbito da sociologia através da designação “representação coletiva”, por meio dos estudos de Durkheim (1898). No âmbito da análise do discurso, Charaudeau (2008) destaca que as contribuições de Marin (1993) serviram como fio norteador para o estudo de tal fenômeno através da relação com a noção de interdiscursividade e de dialogismo de Bakhtin. Charaudeau (2008) destaca que a representação social envolveria os saberes de conhecimento e os saberes de crença, possibilitando, assim, uma compreensão do mundo.

insere-se no campo dos estudos retóricos e diferencia-se das abordagens da psicologia e da sociologia.

Considerando a emoção como um efeito patêmico visado e não como um efeito previamente assegurado pelas palavras como estão no dicionário (MENDES, 2007), Charaudeau ressalta como ocorre a organização do universo patêmico no campo dos estudos discursivos:

Fazer uma classificação dessa noção sem levar em conta a situação de surgimento da emoção faz parte muito mais de um projeto sócio-antropológico. Se, como vimos, qualquer emoção se instaura sobre crenças e resulta da atividade inferencial que um sujeito está prestes a desenvolver, se, além disso, nos interessamos mais em detectar um efeito patêmico antes de estabelecermos uma tipologia das emoções, então devemos abordar essa questão da natureza do patêmico segundo a trilogia da qual falei acima: *situação de comunicação, universos de saber partilhado, estratégia enunciativa*. Assim, poderão ser tratados dois dos fenômenos apontados a pouco, a saber: a diversidade dos efeitos de um mesmo ato de enunciação e suas especificidades culturais. (CHARAUDEAU 2007b, p. 6)

Um analista do discurso tem por objetivo identificar um efeito patêmico em uma determinada troca comunicativa e não necessariamente propor uma classificação das emoções. Para alcançar seu propósito, esse analista precisará considerar tanto a situação de comunicação em que foi construído um discurso, quanto atentar para os universos de saberes partilhados por seus interlocutores, como observar o uso das estratégias enunciativas que precisará utilizar tendo em vista a finalidade de seu projeto de fala.

Em síntese, Charaudeau (2007b) propõe o estudo das emoções atrelado a três condições: primeiramente, que cada discurso se inscreva em um dispositivo comunicativo que será ocupado pelos parceiros da situação de comunicação dotados de uma finalidade comunicativa; em seguida, deve-se considerar a existência de um universo de patemização e propor uma organização dos possíveis tópicos para provocar tal efeito patêmico; e, por fim, o funcionamento da *mise-en-scène* discursiva, com uma visada patemizante, no espaço de estratégia.

Com a finalidade de ilustrarmos como se daria na prática o estudo da emoção como um efeito visado no âmbito dos estudos discursivos, nos valeremos das contribuições de Charaudeau (2007b) no que diz respeito à reflexão sobre o *topos* da “angústia” e seu oposto, a “esperança”; bem como a reflexão de Mendes (2011) sobre a análise dos efeitos da empatia, da simpatia e da antipatia.

O *topos* da angústia é apresentado por Charaudeau (2007b) como um estado em que o sujeito, inserido em um contexto de espera, aciona uma rede de *crenças* atrelada a representações negativas sobre este algo esperado. Em contrapartida, teríamos o tópico

da “esperança” em que o sujeito também é inserido em contexto de espera e aciona sua rede de crenças, como na “angústia”, contudo trata-se, neste caso, da espera de um benefício que trará boas notícias e um cenário positivo para a situação vivenciada. Como consequência tal sujeito posiciona-se de forma positiva e confiante em face deste acontecimento aguardado.

Ainda na esteira dos estudos discursivos, Mendes (2011) argumenta que as emoções são identificadas situacionalmente e individualmente e, diante disso, propõe um estudo sobre os efeitos da empatia, da simpatia e da antipatia a partir dos dados encontrados em sua análise de *Esau e Jacó*, de Machado de Assis.

No que diz respeito à empatia, Mendes (2011) observa que tal efeito se dá quando o narrador busca aproximar-se de seu leitor com o objetivo de mostrar que o compreende e se identifica com o que ele sente e vivencia. Assim, o narrador realiza o movimento de se colocar no lugar do outro, isto é, o narrador se desloca de sua instância de produção de um discurso para colocar-se no lugar do narratário que o recebe. Tal movimento convida-lhe para experienciar as impressões e suposições da instância receptora. Para a autora, tal efeito seria usado na relação narrador e narratário-leitor. Segundo Mendes (2011), o efeito de empatia sugere uma atitude de solidariedade e de engajamento. Cabe ainda ressaltar que as causas coletivas, no espaço público, podem representar um dos espaços de busca pelos efeitos da empatia.

No que tange à simpatia, Mendes (2011) ressalta que se trata de um efeito de emoção que estaria associado a uma semelhança na forma de pensar e sentir diante de pontos morais em comum, sem com isso realizar o movimento de “colocar-se no local do outro”, como se daria no caso da empatia. Tal efeito pode resultar também de um emprego da simpatia como uma estratégia de polidez com o objetivo de realizar uma projeção do narratário, com o intuito de que o leitor real, ser de carne e osso, isto é, o sujeito interpretante (TU_i) se identifique com tal narratário e com o texto por ele evocado. A supracitada estudiosa destaca ainda que a simpatia se apresenta através de uma dupla relação: atuaria tanto na procura por alcançar o consenso, através da via da negociação evitando assim o conflito, como buscaria mascarar determinados sentidos que, caso evidenciados publicamente, atrapalhariam a busca de um consenso.

Por fim, no tocante à antipatia, Mendes (2011) destaca que se trata de um efeito que pertence à esfera do privado, sendo, dessa maneira, indesejável de ser experienciado na esfera pública. Tal efeito, diferentemente da empatia e da simpatia, buscaria provocar no sujeito destinatário (TU_d) uma sensação de incompatibilidade, tendo como

consequência um movimento de aversão e repulsa das ideias apresentadas e daqueles que as enunciam. Quando tal efeito aparece na esfera pública tem-se por finalidade provocar um conflito.

No presente estudo, considerando os dados que surgiram mediante uma leitura atenta de nosso *corpus*, tomaremos como base para nossa análise os efeitos patêmicos da simpatia e da empatia, bem como o efeito patêmico da indignação. Mas afinal, quais as características do efeito patêmico da indignação? De acordo com Luz (2017), a emoção da indignação é construída discursivamente levando em consideração os saberes e crenças partilhados pelo auditório ao qual se dirige, isto é, ele busca considerar como seu público vê o mundo e através de quais valores busca pautar sua vida. Partindo de tal base, o locutor visa dirigir-se ao seu interlocutor no intuito de levá-lo a uma ação, como de refletir sobre um problema específico apresentado. Para tanto, o locutor poderá, por exemplo, fazer uso de perguntas retóricas com o intuito de sensibilizar o seu interlocutor, como ressalta Luz (2017).

5.2 Identidade

No presente estudo buscamos analisar como se deu a construção sociodiscursiva dos *ethé* das mulheres viajantes bem como refletir sobre as identidades resultantes de tal processo de deslocamento geográfico. Pretendendo organizar um aporte teórico que nos possibilite embasar nossas análises sobre as identidades resultantes dos deslocamentos de tais mulheres, propomos, inicialmente, um breve sobrevoo sobre as contribuições de Bauman (2005), Hall (2006) e Kauffman (2001, 2008) com o intuito de ressaltar os diálogos que observamos entre os referidos autores. Em seguida, apresentamos nossa proposta de definição sobre o conceito de identidade a partir da experiência das narradoras viajantes.

5.2.1 Das identidades centradas e fixas às identidades em processo de deslocamento e negociação

Ao ponderar sobre o conceito de identidade através da lente de uma modernidade líquida e fluida, Bauman (2005) argumenta que a identidade não seria algo assegurado para toda a vida e nem seria portadora de uma solidez como de uma rocha, mas se trataria de algo negociável e revogável. Neste sentido, o sociólogo ressalta que tanto as decisões quanto os caminhos percorridos pelo sujeito servirão de base para a construção identitária de tal indivíduo.

Ao considerar o processo de deslocamento das estruturas e dos processos presentes na sociedade moderna, Hall (2006) aponta que se tem como consequência um processo de ressignificação sobre a forma como as identidades modernas são compreendidas no novo cenário como sendo descentradas, deslocadas ou ainda fragmentadas em contraposição a uma ideia anterior de uma identidade fixa.

Hall (2006) propõe uma contextualização sobre três possíveis concepções de identidade que foram partilhadas no decorrer da história. Uma primeira concepção refere-se ao sujeito do iluminismo que apresentava a ideia de um sujeito como alguém completamente centrado, unificado e que se caracterizaria por pautar-se na razão e apresentar uma visão individualista sobre o sujeito e sua identidade, tendo em vista que tinha como o centro primordial do eu a identidade de uma pessoa. Em seguida, o sociólogo apresenta o sujeito sociológico que é descrito como um indivíduo que não é autônomo e autossuficiente, contudo, seria constituído como tal através da interação com outras pessoas e, conseqüentemente, com outros valores, sentidos e símbolos culturais que lhe apresentariam uma dimensão diferente da que conhecia até aquele momento; isto é, a identidade de tal indivíduo seria formada a partir da sua interação como a sociedade. E, por fim, o referido autor destaca o sujeito pós-moderno que seria aquele que não teria uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas que se daria através do lugar da mobilidade tendo como base constantes processos de mutação mediante aos contextos e sistemas culturais com quais entraria em contato. Tal sujeito não seria definido biologicamente, mas sim historicamente. Dessa maneira, Hall (2006) apresenta um deslocamento do sujeito do iluminismo pautado por uma identidade fixa e estável até chegar ao sujeito pós-moderno que apresentaria identidades abertas, em constante processo de descentração e fragmentação.

Kauffmann (2008) argumenta que existiriam duas ilusões ao se lidar com a questão identitária: a primeira diria respeito a compreensão de que a identidade se limitaria ao que se apresentaria de forma resumida nos documentos de determinado indivíduo e a segunda refere-se a ideia da identidade como algo estável e unificado. Kauffmann (2001) aponta que, diferentemente do senso comum que toma o sujeito como único bloco e homogêneo, considera o indivíduo como um processo, isto é, ele é produto de uma construção histórica. Neste ponto, notamos um diálogo entre o referido sociólogo francês, Bauman (2005) e Hall (2006) em relação a forma como compreendem a identidade na modernidade em contraposição a um modelo anterior.

Kauffmann (2001) apresenta o indivíduo como um processo, aberto e em constante estado de progressão, sendo perpassado também por um conjunto de forças contraditórias, isto é, durante a socialização tal sujeito interiorizaria esquemas de pensamento e de ação e transitaria entre suas descobertas interiores entre o momento de tomada de decisão e reflexão individual a momentos de socialização exterior e seria perpassado ainda por diversas ideologias.

5.2.2 O papel do outro no processo de construção identitária

Bauman (2005) destaca como uma das chaves para a resposta da pergunta “Quem sou eu” o contexto dos vínculos sociais a que indivíduo está atrelado, isto é, as pessoas com as quais tal sujeito está conectado e que ressignificam sua existência no espaço. O referido sociólogo, embasando-se nas contribuições de Siegfried Kracauer (1963), apresenta que existem as “comunidades de vida e as de destino”. Na primeira os membros viveriam juntos partilhando de uma completa ligação ao passo que na segunda teríamos a união dos indivíduos através de ideias ou ainda por diversos princípios. Neste ponto, Bauman (2005) ressalta que a questão sobre a identidade surge apenas quando o indivíduo entra em contato com a comunidade de destino em que será inserido em múltiplas ideias, e contextos diferentes dos que conhecia até o momento, convidando-o, assim, a refletir, comparar e fazer constantemente escolhas através de um processo constante de ressignificação da identidade.

Ao considerar tais comunidades, nossa leitora e nosso leitor podem estar se indagando: Mas, afinal, como se daria o processo de reflexão sobre as identidades em tais bases comunais? De acordo com Bauman (2005), tal processo de construção das

referências comunais das identidades se dará em movimento, ou seja, por meio da intensa procura por reunir outros grupos que, de modo semelhante, se constituirão em movimento, tendo como base um constante processo de negociação e renegociação das identidades. Notamos em tal cenário um ponto de contato com o processo vivenciado nas narrativas das mulheres viajantes que analisamos no presente estudo, levando em conta que ao se deslocarem se abrem para vivenciar para além da comunidade que estão acostumadas, a comunidade de vida de cada uma, para imergir na comunidade de destino através de suas viagens. Abordaremos mais aprofundadamente tal questão no caderno 7 de análise.

Também se situando na esteira dos que postulam a importância do outro para a ressignificação do eu, Kauffman (2008) argumenta que acreditar que nossas escolhas são totalmente individuais e de que não são de forma alguma perpassada pelo que acontece ao nosso redor é uma armadilha. O estudioso ressalta que toda forma de engajamento nos leva a uma forma de pensamento e ação específicos, implicando pessoas e contextos da mesma maneira singulares. Diante de tal cenário, o autor aponta a importância do outro para nosso processo de reflexão como sujeitos, ao mesmo tempo que argumenta que este outro tem o poder de nos transformar de forma peculiar.

5.2.3 Uma proposta de caminho para a reflexão sobre a identidade das narradoras viajantes

Tomando como base o processo de revisão bibliográfica no decorrer da nossa pesquisa, propomos como um dos possíveis caminhos para se refletir sobre o processo de construção identitária das mulheres viajantes três premissas: 1º) A construção da identidade das mulheres viajantes tem como base seu caráter de movimento contínuo através do deslocamento discursivo-literário, bem como do deslocamento físico-geográfico, conforme abordamos na seção 1.2.4 do presente estudo; 2º) A identidade da mulher viajante não é completamente descolada dos múltiplos contextos sociais com os quais entra em contato, assim como também não é restrita aos saberes e crenças sexistas que a restringiriam ao privado, como discutimos na seção 1.2. Trata-se de uma identidade que se constrói sócio-historicamente através de um duplo movimento: ao se revisitar os discursos partilhados socialmente, a mulher viajante busca ressignificá-los através de seus deslocamentos que lhe possibilitará reconsiderar tanto sua identidade como sua maneira

de compreender o mundo ao seu redor; 3º) Trata-se de uma forma processual, dialógica e de constante negociação e renegociação identitária diante das diversas comunidades e dos múltiplos aprendizados com os quais a mulher viajante entra em contato.

Dessa maneira, tomaremos no presente estudo a identidade das mulheres viajantes não como algo acabado, fixo e imutável, mas sim como algo construído sócio-historicamente por meio de um constante processo de ressignificação através dos deslocamentos feitos tanto por meio da escrita quanto pelo transitar físico-geográfico que levará em conta o outro e sua cultura.

5.3 Recursos de narratividade

5.3.1 O gênero discursivo Narrativa de viagem

Assim como buscamos nos debruçar na vida e nas obras das viajantes Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot, no caderno 2, e na contextualização histórica do que se passava nos momentos em que elas viajaram, caderno 3, como uma base para nos situarmos a nossa leitora e a nosso leitor sobre as circunstâncias de produção de cada obra, buscaremos, a seguir, refletir sobre de que maneira cada escritora buscou organizar a seu discurso e quais as características podemos ver em comum entre tais obras.

Assim, proporemos uma discussão sobre os gêneros discursivos com a finalidade de compreender de que modo cada obra deixa transparecer características que estarão relacionadas tanto a forma como os discursos são organizados quanto ao contexto em que foram produzidos. Para tanto, partiremos de uma reflexão sobre os modos de organização do discurso, seção 5.3.1.1, para chegarmos a uma discussão sobre os gêneros discursivos buscando evocar para tal momento, seção 5.3.1.2, diferentes vozes e definições que são utilizadas para as obras relacionadas à Literatura de viagem e, por fim, propormos a maneira que compreenderemos o gênero discursivo empregado pelas referidas viajantes.

5.3.1.1 Modos de organização do discurso

Cada página escrita por Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot está circunscrita a um tempo e um contexto histórico-social e geográfico que certamente influenciaram as escritoras em seu modo de pensar, organizar e construir suas produções discursivas. Dessa maneira, consideramos importante retomar, neste ponto, as contribuições de Charaudeau ([1983] 2010), em relação ao sujeito comunicante que organiza seu discurso a partir de um projeto de fala que corresponde a sua finalidade discursiva. O referido estudioso salienta que tal *projeto de fala* serve de base para a forma como irá organizar seu texto, isto é, dependendo de sua *finalidade discursiva* (enunciar/descrever/contar/argumentar) se pautará em diferentes *modos de organização do discurso*.

Segundo Charaudeau ([1983] 2010) o *princípio de organização* é duplo para o descritivo, o narrativo e o argumentativo tendo em vista que serão responsáveis tanto por organizar o “mundo referencial” descritivo, narrativo e argumentativo quanto por organizar a forma como encenarão os referidos modos. O modo enunciativo, por sua vez, possui uma função particular no que diz respeito à organização do discurso, bem como intervém na encenação de cada um dos outros três modos de organização, ou seja, tal modo coordenaria os demais modos, como aponta o supramencionado estudioso. Para elucidar as formas como tais modos de organização atuariam, destacamos, a seguir, o quadro proposto por Charaudeau ([1983] 2010):

Quadro 3 - Modos de organização do discurso

MODO DE ORGANIZAÇÃO	FUNÇÃO DE BASE	PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO
ENUNCIATIVO	Relação de influência (EU -> TU) Ponto de vista do sujeito (EU -> ELE) Retomada do que já foi dito (ELE)	<ul style="list-style-type: none"> • Posição em relação ao interlocutor • Posição em relação ao mundo • Posição em relação a outros discursos
DESCRITIVO	Identificar e qualificar seres de maneira objetiva / subjetiva	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da construção descritiva (Nomear-Localizar-Qualificar) • Encenação descritiva
NARRATIVO	Construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato.	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da lógica narrativa (actantes e processos) • Encenação narrativa
ARGUMENTATIVO	Expor e provar casualidades numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da lógica argumentativa • Encenação argumentativa

Fonte: CHARAUDEAU, 2010, p.75.

Considerando tal quadro e nosso *corpus* de pesquisa, tomaremos, a seguir, como base para nossa reflexão os modos descritivo e narrativo, que partirão das intervenções propostas pelo modo enunciativo.

No modo enunciativo, responsável por coordenar os demais modos, notamos que o sujeito falante ao enunciar sua posição interpela a seu interlocutor convidando-o para ações diferentes diante de seu projeto de fala: a) *comportamento alocutivo* – quando o locutor impõe a seu interlocutor um comportamento; b) *comportamento elocutivo* – quando o locutor apresenta seu ponto de vista sobre o mundo, sem necessariamente impelir a seu interlocutor em sua tomada de decisão; c) *comportamento delocutivo* – quando o locutor busca se apagar de seu discurso e busca não implicar ao seu interlocutor.

Conforme pudemos observar no quadro 3, de acordo com Charaudeau ([1983] 2010) o modo descritivo tem como funções de base *identificar* e *qualificar* os seres de maneira objetiva ou subjetiva. Com o intuito que tais funções funcionem efetivamente ao descrever o sujeito olhará para o mundo com um “olhar parado” que busca trazer à existência os seres ao *nomeá-los*, *localizá-los* e *conferir-lhes qualidades* que os individualizam. No modo descritivo, enquanto o ato de buscar *localizar-situar* teria como finalidade especificar a posição espaço-temporal do sujeito, os atos de *qualificar* e de *nomear* objetivam propor classes e subclasses de seres para delimitar as inúmeras possibilidades de abordagens de uma mesma temática, como destaca o supramencionado estudioso.

No que diz respeito ao modo narrativo, conforme observamos no quadro 3, notamos que tal modo teria como função de base construir a sucessão das ações de uma história no tempo com o intuito de fazer um relato. Segundo Charaudeau ([1983] 2010) o ato de contar/narrar uma história vai para além do ato de descrever diversos acontecimentos, pois para que ocorra de fato uma narrativa de uma história é essencial que exista um “contador”, perpassado por uma intencionalidade, que se dirige a um destinatário. O referido estudioso ressalta ainda que o ato de contar está atrelado a uma busca por responder às indagações: “quem somos? ”, “qual é nossa origem? ”, “qual é nosso destino? ”, isto é, “qual é a verdade de nosso ser? ”

Ao se debruçar sobre as funções do narrativo, Charaudeau ([1983] 2010) aponta que a forma como um acontecimento é apresentado estará intimamente ligada à *visão de mundo* que o descritivo e o narrativo constroem, e ainda os *papéis* desempenhados pelo sujeito que descreve ou narra um acontecimento. Enquanto o descritivo parte de uma

concepção de algo que já existe e que apenas precisaria ser reconhecido e mostrado; o narrativo, em contrapartida, partiria do pressuposto de um convite para descobrir um mundo por meio do desenrolar de uma sequência de ações que influenciarão umas às outras através de um encadeamento progressivo. O supramencionado autor salienta ainda que o descritivo organizaria o mundo de forma *taxonômica*, *descontínua* e *aberta*, ao passo que o narrativo o organizaria de forma *sucessiva* e *contínua*, através de um *modus operandi* por meio do qual se obteria a coerência através de seu *fechamento* (princípio/fim).

Considerando as reflexões propostas anteriormente sobre os modos de organização do discurso estruturados em função das finalidades discursivas de cada troca comunicativa, cabe-nos nos indagar: de que forma podemos observar o emprego de tais modos em nosso *corpus*? De que forma a compreensão dos modos mais recorrentes em nosso *corpus* podem nos ajudar a trilhar um caminho rumo a definição do gênero discursivo empregado? Tais indagações servirão de base para nossa próxima seção.

5.3.1.2 Gêneros discursivos - múltiplas vozes das mulheres viajantes e delimitações de conceitos

Ao nos debruçarmos nas obras de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot verificamos que os trabalhos das três escritoras têm a finalidade de narrar para seus interlocutores as experiências que elas vivenciaram em tempos e espaços específicos, para tanto apresentam tais experiências através de uma sequência de ações em que buscarão refletir sobre o lugar delas na sociedade, bem como acabarão por ressignificar suas próprias percepções sobre suas identidades.

Assim sendo, para reflexão do gênero discursivo empregado por Meireles, Mee e Hériot, tomamos como ponto de partida tanto a *situação de comunicação* em que as escritoras estão inseridas, isto é, um contexto de deslocamento geográfico, por meio das viagens, quanto o *projeto de fala* de cada uma delas de inscrever-se socialmente através de suas narrativas que as levará ao emprego dos *modos de organização do discurso* que notamos com mais frequência nas obras (primeiramente o narrativo, seguido do descritivo).

No decorrer de nossa revisão bibliográfica, no que tange à discussão sobre os gêneros discursivos relacionados ao tema da viagem, observamos que não é possível falar

em um consenso nas nomenclaturas empregadas, pois enquanto alguns autores tomam a *literatura de viagem* como um macro-tema, outros a compreendem como sendo um subgênero, como é o caso de Cristóvão (2002).

Ao considerar tal empreitada pela busca da definição de tais gêneros discursivos, Ribeiro (2010) ressalta que tal desafio se deve ao fato da pluralidade das abordagens e ao fato de tais definições se apresentarem como incompletas sendo questionadas em seguida. Outro elemento desafiador, segundo o autor, é o fato de que o próprio conceito de literatura estava circunscrito à conjuntura histórica em que foi elaborado, de maneira que o julgamento de valor conferido aos gêneros discursivos e às obras também estavam relacionados à concepção de literatura preponderante na época em que cada definição foi proposta.

Tendo em vista as diferentes abordagens e definições as quais nos deparamos em relação aos gêneros discursivos empregados no âmbito da viagem, propomos um quadro comparativo¹²³ das diversas abordagens através de um diálogo com os campos da literatura, da linguística, da história e do jornalismo:

¹²³ Tal qual quadro tem como finalidade atuar apenas como um ponto de partida para os estudiosos dos gêneros discursivos relacionados ao macro tema da viagem, isto é, não pretendemos com o presente quadro apresentar todas as abordagens dos gêneros de viagem, mas apresentar as abordagens com as quais entramos em contato em nosso processo de revisão bibliográfica sobre o tema.

Quadro 4 - Gêneros associados à temática da viagem

(Continua)

Nomenclatura	Estudiosos	Definições
<p>Literatura de viagem (subgênero discursivo)</p>	<p>Fernando Cristóvão (2002)</p>	<p>- Cristóvão (2002) compreende a literatura de viagem como um subgênero tendo em vista seu caráter compósito por meio do qual seus textos relacionam literatura com história e antropologia.</p> <p>- Para o autor tal subgênero se restringiria dos séculos XV até ao final do século XIX.</p>
<p>Narrativa de viagem (gênero discursivo)</p>	<p>Mônica Martinez (2012)</p> <p>Marcel L. M. Ribeiro (2010)</p> <p>Álvaro M. Machado e Daniel-Henri Pageaux (1988)</p>	<p>- Narrativa de viagem pode classificada em três tipos principais: a) Relatos ficcionais b) Não ficcionais c) Mistos</p> <p>- Narrativa de viagem como um gênero jornalístico Exemplos: <i>National Geographic</i>, <i>Revista Viagem e Turismo</i> (Editora Abril), <i>Minha viagem</i> (Editora Cadiz), etc.</p> <p>- Ribeiro (2010) apresenta a narrativa de viagem como uma prática artística que estaria, por sua vez, relacionada ao contexto cultural do viajante e do local visitado. Segundo o estudioso, tal gênero discursivo ao ressaltar uma abertura ao diálogo entre a cultura nativa do autor e a cultura estrangeira revelaria a necessidade de entender o outro.</p> <p>- Segundo Ribeiro (2010) existem algumas narrativas ficcionais que lançam mão da experiência da viagem. Exemplos: <i>Odisséia</i> (século IX a.C.), de Homero; <i>Dom Quixote</i> (1605), de Miguel de Cervantes; <i>Cândido ou o otimismo</i> (1759), de Voltaire.</p> <p>- Machado e Pageaux (1988) destacam que na narrativa de viagem o escritor-viajante assume o papel de produtor, organizador da narrativa e encenador da própria personagem, ou seja, ao mesmo tempo que é produtor/organizador também é experimentador/objeto da experiência.</p>

Quadro 4- Gêneros associados à temática da viagem

(Conclusão)

Nomenclatura	Estudiosos	Definições
Romance de viagem (gênero discursivo)	Rogério Miguel Puga (2019)	<ul style="list-style-type: none"> - De acordo com Puga (2019) tal gênero se refere a um romance em que as ações se darão no decorrer de uma viagem e os protagonistas atuarão como viajantes. Exemplos: <i>Peregrinação</i> (1614), de Fernão Mendes Pinto, <i>Os Lusíadas</i> (1572), de Luís Vaz de Camões, <i>Viagens na Minha Terra</i> (1846), de Almeida Garrett, etc. - De acordo com o referido estudioso apresenta que no romance de viagem é comum ocorrer a ficcionalização tanto das paisagens visitadas quanto da escrita de viagens. - O autor salienta ainda que o romance de viagem (<i>travel novel</i>) mimetiza diversas características e procedimentos da antiga escrita de viagens.

Fonte: Elaborado pela autora

Tendo em vista nosso *corpus* de pesquisa, no que diz respeito ao projeto de fala das escritoras que acionaram os modos narrativo, de forma mais preeminente, em diálogo com o modo descritivo, consideramos que as obras de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot correspondem ao gênero discursivo narrativa de viagem. Ao contrário de Cristóvão (2002) que tomaria a literatura de viagem como um subgênero, no presente estudo consideraremos a literatura de viagem como uma modalidade dentro da Literatura que abarcaria em si diversos gêneros discursivos, dentre eles as narrativas de viagem. Dessa maneira, entendemos a narrativa de viagem como um gênero literário, e não apenas jornalístico como propõe Martinez (2012), que pode ser perpassado tanto pelos estatutos¹²⁵ de factualidade quanto de ficcionalidade ou ainda pode ser híbrido, atuando assim, como uma espécie de colcha de retalhos inerentemente polifônica.

5.3.2 Heterogeneidade discursiva

Com a finalidade de compreendermos as múltiplas vozes empregadas nas narrativas de viagem de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot, nos

¹²⁵ Para mais informações sobre os estatutos de ficcionalidade e factualidade, consultar Mendes (2004, 2011, 2013).

embasaremos nas discussões propostas pela estudiosa Jacqueline Authier-Revuz (1982) no que concerne ao conceito da heterogeneidade discursiva.

A definição de heterogeneidade discursiva, proposta por Authier-Revuz (1982), diz respeito ao movimento de observar a “voz do outro” em uma determinada produção discursiva. A supracitada pesquisadora subdivide a heterogeneidade discursiva em mostrada e constitutiva, tais subdivisões serão abordadas a seguir.

Authier-Revuz (1982) aponta que a heterogeneidade discursiva mostrada se apresenta em duas formas diferentes: heterogeneidade discursiva marcada e heterogeneidade discursiva não-marcada. A heterogeneidade discursiva marcada apresenta de forma clara os índices textuais através do discurso direto ou indireto, por meio do emprego das aspas usadas nas citações textuais, itálico, ou ainda mediante a presença das glosas¹²⁶ no texto, assim o locutor se posicionaria como “porta-voz” de outras vozes/discursos. Ao passo que na heterogeneidade discursiva mostrada não-marcada os índices textuais ou para-textuais são utilizados de forma mais sutil e menos evidente que na heterogeneidade discursiva marcada. Assim sendo, o interlocutor fará uso de seu conjunto de saberes em relação ao mundo para localizar as marcas textuais ou para-textuais na produção discursiva através do discurso indireto livre, das alusões, da ironia, do pastiche, da reminiscência, do estereótipo, por exemplo.

A heterogeneidade discursiva constitutiva, segundo Authier-Revuz (1982), parte da base de que o outro está sempre presente por toda parte. Para tanto, Authier-Revuz (1982,1990) embasa-se nas contribuições do círculo bakhtiniano, em relação ao dialogismo, e o trabalho da Psicanálise sobre a abordagem do sujeito e de sua ligação com a linguagem. No que diz respeito ao dialogismo, Authier-Revuz (1982) destaca que se trata da relação que um discurso estabelece com os outros discursos, tendo em vista que as palavras não nos chegam de forma neutra e nem em sentido “do dicionário”, como ressalta a referida estudiosa, mas são perpassadas e ressignificadas por diversos enunciados que o locutor lança mão para construir seu discurso com o intuito de tocar em seu interlocutor. Dessa maneira, a heterogeneidade constitutiva se dará através do atravessamento do interdiscurso no enunciado do locutor de forma menos perceptível e mais discreta que no caso da heterogeneidade mostrada.

Ao se debruçar sobre tal temática em sua pesquisa, Lessa (2001) argumenta que durante o processo de interação, seja através da escrita ou da fala, o locutor se vê impellido

¹²⁶ Trata-se de uma explicação e/ou comentário que se faz em relação a um texto. In: *Dicionário Aulete*. <<http://www.aulete.com.br/glosa>>. Acesso em: 19 de novembro de 2019.

a construir imagens que indiquem sua descoberta em face de uma alteridade que lhe é constitutiva. Assim, tomaremos as narrativas de viagem de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot como uma possibilidade de imersão nas imagens construídas discursivamente tendo em vista a identidade e a alteridade de cada escritora que ao narrarem algo que vivenciaram, narram também a si.

5.3.3 Os sujeitos das narrativas

Com o intuito de nos debruçarmos no estudo sobre estratégias narrativas produzidas no espaço da narração e o emprego delas nas narrativas de viagem das supracitadas viajantes, consideramos relevante propor uma breve problematização de como a articulação entre narrador e narratário se dá no *corpus* analisado. Vale dizer que seria possível considerar a instância narrador/narratário como uma forma de heterogeneidade marcada, já que são identificáveis no discurso. Contudo, preferimos criar uma categoria independente para fins de análise, visto que se trata de uma estratégia interessante para termos o perfil de quem as autoras idealizam como leitores. Propomos, a seguir, uma reflexão que se desenvolverá em duas etapas: partiremos de uma reflexão sobre os sujeitos envolvidos no ato comunicacional a partir das contribuições de Charaudeau ([1983] 2010), Machado e Mendes (2013), Genette (1995) e Peytard (1983) e, em seguida, discutiremos de que forma o narratário seria projetado pelo narrador através do texto.

5.3.3.1 Uma abordagem polifônica dos sujeitos da linguagem

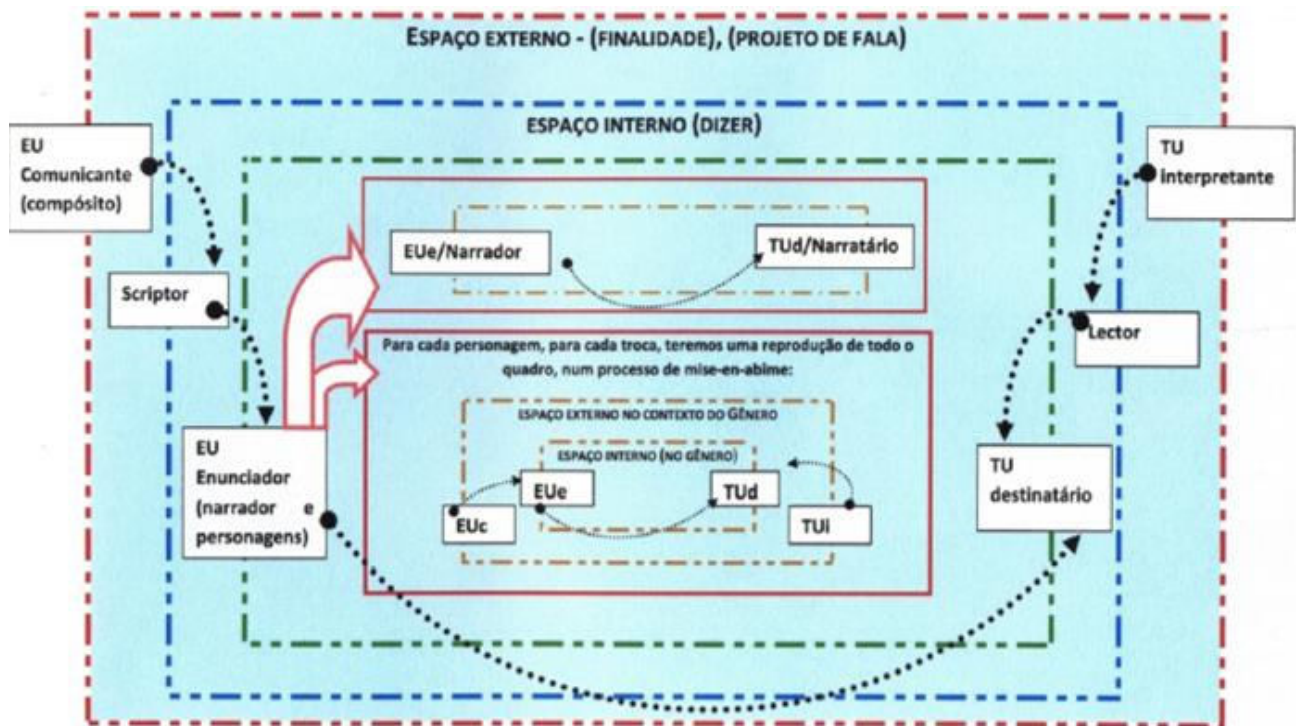
Inserindo-se na esteira dos defensores do sujeito como um ser que se constituiria através de sua inter-relação com um outro, isto é, através de uma perspectiva relacional o sujeito seria perpassado tanto por seu conjunto de valores e crenças quanto pelo meio social em que estaria inserido, Charaudeau ([1983] 2010) propõe uma abordagem dos sujeitos através de um modelo de situação de comunicação no qual considerará os seres reais, de carne e osso, que desempenharão o papel de sujeitos comunicantes e sujeitos interpretantes (EUc → TUi) e projetarão, por sua vez, os seres do mundo do papel que atuarão como sujeitos enunciadores e sujeitos destinatários (EUe → TUd). Tais sujeitos estão inseridos em um processo dinâmico, ágil, assimétrico e polifônico de comunicação, como ressaltam Machado e Mendes (2013).

Será justamente considerando tal pluralidade e maleabilidade das trocas comunicativas e, ainda, os diálogos constantes propostos pelas teorias ligadas à Análise do Discurso, que Machado e Mendes (2013) propõem que os sujeitos polifônicos, apresentados no quadro de Charaudeau ([1983] 2010), sejam compreendidos como bonecas russas, isto é, que cada ato comunicativo envolveria sujeitos que projetariam múltiplos outros sujeitos como em um processo de *mise-en-abîme* em que teríamos uma cena discursiva dentro de outra cena discursiva.

Considerando tais pontos, Machado e Mendes (2013) estabelecem um diálogo entre as reflexões de Charaudeau ([1983] 2010), sobre os sujeitos da linguagem, e as contribuições de Peytard (1983), no que diz respeito ao papel do *scriptor* e do *lector* e ainda a relação entre *narrador* e *narratário*. Para tanto, ao considerar o estudo dos gêneros relacionados ao modo de organização narrativo, sendo tais gêneros ficcionais ou factuais, Machado e Mendes (2013) propõem um quadro¹²⁷ no qual as figuras presentes na Topografia peytardiana serão inseridas no interior no quadro comunicacional dos sujeitos da linguagem de Charaudeau:

¹²⁷ Para conhecer outras pesquisas que se embasaram em tal quadro proposto por Machado e Mendes (2013) consultar: CHAVES (2013); FIGUEIREDO (2013); GUIMARÃES (2015); PESSOA (2013) e ROSADO (2017).

Quadro 5 - Quadro Machado e Mendes (2013)



Fonte: MACHADO & MENDES, 2013, p.8.

Notamos que o quadro proposto pelas supramencionadas estudiosas, assim como o modelo comunicacional de Charaudeau, apresenta um *espaço externo* em que teríamos os seres reais, portadores de identidades sociais, e um espaço interno no qual teríamos os seres da fala, isto é, do papel, que seriam portadores de identidades discursivas. Ao observarmos o referido quadro e as discussões propostas por Machado e Mendes (2013), dois outros pontos valem a pena serem destacados: em um primeiro momento é interessante observar que, considerando a multiplicidade e polifonia dos sujeitos envolvidos em cada ato de comunicação, as trocas comunicativas se darão através de um processo de *mise-en-abîme* em que cada sujeito, ao tomar a fala, projetaria outros sujeitos e assim sucessivamente; outro ponto que nos chama atenção no quadro são as bordas tracejadas através das quais podemos notar que não se trata de um projeto fechado em si mesmo e inflexível, muito pelo contrário. Trata-se de uma abordagem comunicativa dinâmica e fluida que buscaria abrir espaço e visibilidade para múltiplas vozes que, tendo em vista a constituição polifônica do discurso, virá sempre acompanhada de outras vozes e discursos.

Considerando, então, as contribuições da *Topografia das instâncias do campo literário*, proposta por Peytard (1983), notamos que tal modelo se embasaria em três

instâncias: a) Instância situacional (lugar do sócio-discursivo e do interdiscursivo), na qual teríamos o autor e o público; b) Instância ergo-textual (lugar de uma elaboração, de um trabalho com a linguagem), em que observamos o *scriptor*¹²⁸ e o *lector*; e, por fim, c) Instância textual (lugar textual em que tem lugar os papéis encenados tanto pelos narradores quanto pelos narratários), em que teríamos os traços escriturais/traços do narrador e os traços leitorais/traços do narratário.

Assim como no quadro comunicacional proposto por Charaudeau ([1983] 2010), teríamos os sujeitos reais, portadores de uma identidade social, na Topografia peytardiana teríamos o autor e o público através da instância do situacional, bem como as instâncias ergo-textual (*scriptor* e *lector*) e textual (narrador e narratário) dialogando com o espaço interno do dizer, em que teríamos o sujeito enunciador e o sujeito destinatário no modelo supramencionado da Teoria Semiológica.

Neste ponto, gostaríamos de salientar que, embora os modelos referidos de Peytard (1983) e Charaudeau ([1983] 2010) apresentem pontos de contato levando em consideração a abordagem polifônica na qual ambos buscam propor aos sujeitos, Charaudeau (2013) destaca que tal diálogo entre as teorias se trataria de uma coincidência tendo em vista que se embasaram em fontes diferentes para a elaboração de suas propostas. Enquanto Charaudeau, para a elaboração de seu modelo comunicacional embasou-se nas contribuições T. Todorov, G. Genette e R. Barthes; Peytard, para a construção de sua topografia literária, revisitou os estudos de J. Schmidt, F. Vernier, Ph. Lejeune, p. Bourdieu, como destaca Charaudeau (2013).

Propusemos tal contextualização teórica com intuito de ambientar nossa leitora e nosso leitor sobre quais caminhos seguiremos em nossa pesquisa, assim sendo ressaltamos que tomaremos o quadro proposto por Machado e Mendes (2013) como base para nossa discussão sobre os sujeitos envolvidos nas narrativas das escritoras viajantes Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot.

Ao aplicarmos o quadro 1 ao nosso *corpus* de pesquisa observamos no circuito externo: o EUcomunicante é representado por cada autora, seres reais, com identidades sociais, isto é, Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot que se dirigiria a um TUIinterpretante retratado pelo leitor empírico, ser real e também portador de uma

¹²⁸ De acordo com Peytard (1983) o *scriptor*, ser da instância ergo-textual, é o “sujeito”, não definido, responsável por organizar e construir o texto escritural, ou seja, o produto literário. O *scriptor* se dirige ao *lector*, também inserido na instância ergo-textual, que é responsável por receber, organizar e construir as pistas de significação do texto-produto literário, isto é, do projeto de fala a ele direcionado pelo *scriptor*.

identidade psicossocial. No espaço interno teríamos: o *scriptor* que se faria presente através do projeto de fala de cada narrativa de viagem que se direcionaria ao *lector* que seria responsável por reconhecer e evidenciar as pistas de significação a partir do que receberia do *scriptor*. Ainda na instância interna teríamos o *EUenunciador* através das narradoras-personagens Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot que se direcionariam ao *TUdestinatário* a quem se dirigem as narradoras-personagens das narrativas de viagem, isto é, as pessoas interessadas pela temática da viagem.

Conforme pudemos observar em Machado e Mendes (2013), os sujeitos ao se comunicarem vivenciam o processo polifônico da linguagem através da evocação de múltiplas vozes ao se direcionarem ao outro. Notamos tal procedimento através do *EUenunciador* e do *TUdestinatário* que projetam dois novos quadros: no primeiro quadro teríamos *EUe/narrador* (sujeito responsável por contar a história) → *TUd/narratário* (sujeito inscrito no texto considerado como *TUd* do *EU/narrador*) e no segundo quadro teríamos a reprodução do quadro dos sujeitos da linguagem de Charaudeau ([1983] (2010). Apresentaremos, mais detalhadamente, as recorrências do *EU/narrador* e do *TU/narratário* em nosso *corpus* no caderno 6 em que desenvolveremos nossa análise das narrativas de viagem que serviram de base para o presente estudo.

Em tal ponto, nossa leitora e nosso leitor podem estar se indagando? Afinal quem seria o narratário? O narratário é um ser de papel que é idealizado pelo narrador, conforme apresenta Alves (2009), o narratário não pode ser confundido com o leitor real, pois ele está intimamente associado à projeção de outro ser do mundo de papel. Considerando tais características do narratário cabe-nos indagar: de que forma seria possível localizar através da materialidade textual os indícios deixados pelo narratário? No intuito de responder a tal indagação nos embasaremos nas reflexões propostas por Vasconcellos (2005) no que diz respeito ao papel do narratário.

A supramencionada estudiosa dedicou-se ao estudo do papel do narratário na obra *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa. Em seu trabalho, verificou a referência ao narratário através do emprego de cinco diferentes recursos discursivos. Apresentaremos, a seguir, tais recursos apontados pela pesquisadora.

Segundo Vasconcellos (2005), a primeira, e mais clara, marca do narratário presente na obra de Rosa refere-se ao uso de pronomes de segunda pessoa como, por exemplo, o uso de pronomes possessivos *seu* (s) e *sua*(s) que podem ser empregados em segunda ou terceira pessoa. O segundo recurso empregado, conforme ressaltado pela referida estudiosa, diz respeito ao uso do vocativo com a finalidade de dirigir-se ao seu

interlocutor a quem se dirige seja através do uso de sintagmas como “amigo”, “moço”, “senhor-moço”, “homem”, “meu senhor”, etc. O terceiro índice refere-se à utilização de verbos no imperativo através da segunda pessoa, na maioria dos casos, expressando uma ordem, uma súplica ou ainda um conselho ou uma solicitação, conforme ressalta Vasconcellos (2005). O quarto recurso diz respeito ao emprego das perguntas. A supracitada estudiosa subdivide as perguntas em: retóricas, fáticas, em forma de charada e ainda as interrogações *strictu sensu*. De acordo com a pesquisadora, as perguntas retóricas têm como finalidade enfatizar algum ponto específico da argumentação ou ainda criar um suspense; as perguntas fáticas buscam assegurar que a comunicação se desenvolva de modo eficiente; há ainda as perguntas em forma de charada¹²⁹, isto é, uma forma de passatempo em que um enigma é apresentado e precisa ser decifrado; e, ainda as interrogações *strictu sensu* que são apresentadas ao interlocutor com a finalidade de ter acesso a informações específicas. E, por fim, o quinto recurso utilizado se refere ao emprego da primeira pessoa do plural (nós) como uma forma de envolver o narratário na construção discursiva.

No presente estudo tomaremos como base para nossa análise o emprego do pronome de segunda pessoa, o uso do vocativo e a presença das perguntas retóricas como recursos empregados por Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot como índices que apontam a existência do narratário em suas narrativas de viagem.

5.3.3.2 A voz narrativa e a focalização

Tendo em mente que na presente pesquisa buscaremos observar, dentre outros pontos anteriormente mencionados, a relação entre o narrador e o narratário através das obras de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot, consideramos agregador evocar, neste ponto de nosso estudo, as contribuições de Genette (1995) no que diz à voz narrativa. Dentre os pontos apresentados pelo referido autor, gostaríamos de destacar as categorias de modos da narrativa e ainda a questão da voz do narrador.

Ao nos debruçarmos em uma narrativa é importante que nos indaguemos: qual o modo como o narrador se posiciona diante da história narrada? De que maneira compreender a perspectiva adotada pelo narrador pode nos ajudar a imergir em sua história? Genette (1995) propõe três níveis narrativos para a compreensão de uma

¹²⁹ Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/charada> > Acesso em: 19 de novembro de 2019.

narrativa ficcional, são eles: a) Extradiegético, b) Diegético ou intradiegético, c) Metadiegético. Partimos de tais contribuições do referido estudioso adaptando-as para textos factuais como é o caso das narrativas de viagem de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot.

Ao se debruçar sobre tais pontos da obra de Genette, Cardoso (2013) destaca que o extradiegético, primeiro nível, diria respeito ao lugar que todos os outros níveis tomariam como ponto de partida e onde se encontraria tanto o narrador heterodiegético quanto o homodiegético. No nível diegético ou intradiegético, segundo nível, teríamos a narrativa propriamente dita e no nível metadiegético, terceiro nível, observaríamos o despontar de um novo relato a se delinear no discurso autorizado (ou não) pelo narrador da história englobante, como destaca Carvalho (2013).

Genette (1995) destaca que existiriam dois tipos de narrativas: a) *Heterodiegética*: em que o narrador estaria ausente da história que ele conta; b) *Homodiegética*: na qual o narrador está presente como personagem na história que ele narra. Neste segundo tipo de narrativa, Carvalho (2013) destaca que teríamos o narrador *autodiegético*, em que o narrador contaria sua própria experiência como personagem principal de tal história, bem como teríamos o narrador no papel de *observador* ou *testemunha* que narraria sua experiência em uma posição secundária.

Ao se considerar a inter-relação do nível narrativo (extra- ou intradiegético) e a história como é contada (hetero- ou homodiegético), Genette (1995) argumenta que seria possível visualizar quatro tipos fundamentais de estatuto do narrador: a) *extradiegético-heterodiegético*, narrador do primeiro nível que conta uma história da qual está ausente; 2) *extradiegético-homodiegético*, narrador do primeiro nível que conta a sua própria história; 3) *intradiegético-heterodiegético*, narrador do segundo grau que conta a história da qual está habitualmente ausente; 4) *intradiegético-homodiegético*, narrador do segundo grau que conta sua própria história. Ao nos debruçarmos nas narrativas de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot notamos que as escritoras produzem narrativas de viagem pautadas no estatuto do narrador *intradiegético-homodiegético-autodiegético*, pois narram a própria história como personagens principais de tais experiências.

Considerações finais

Considerando nosso objetivo de pesquisa, e os dados que encontramos no decorrer de nossa análise como base, buscamos construir um quadro teórico que pudesse abranger as questões que sobressaltaram em nosso *corpus*. Sendo assim, nosso quadro teórico organizou-se por meio de um diálogo entre as contribuições da retórica, da análise do discurso, sociologia e os estudos literários. Tendo isso em vista, no presente caderno buscamos apresentar os três eixos temáticos que serviram de base para nossas reflexões teóricas, isto é, as provas retóricas, a questão da identidade e o estudo sobre os recursos de narratividade que envolve, por sua vez, a discussão sobre o gênero discursivo narrativa de viagem, a heterogeneidade discursiva assim como o papel do narratário.

No próximo caderno, proporemos uma análise das narrativas de viagem de Cecília Meireles (1998), de Margaret Mee ([2009]2010), bem como de Virginie Hériot (1933) tomando como base os critérios de análise discutidos na segunda parte de nosso diário de viagem, ou seja, por meio de nossos apontamentos teórico-metodológicos.

1909 - 1988



3^o parte do diário de viagem:
A travessia por entre as narrativas de viagem

CADERNO 6: ANÁLISE

Considerações iniciais

Após discutirmos sobre os apontamentos teórico-metodológicos que serviram de base para nossa pesquisa, nos debruçaremos, a seguir, sobre a análise das obras de Cecília Meireles (1998), Margaret Mee (2010 [2009]) e Virginie Hériot (1933) tomando como categoria principal de análise os *ethé* das escritoras viajantes, e como categorias subjacentes os efeitos patêmicos e os recursos de narratividade. Cara leitora e caro leitor, finalmente chegamos a terceira parte de nosso diário de viagem, em que imergiremos nas narrativas de viagem de Meireles, Mee e Hériot. Neste ponto, vocês podem estar se indagando: mas afinal qual o fio norteador que será tomado como base para a presente análise?

Embasando-nos em Charaudeau (1996), no que diz respeito ao delinear da metodologia de análise, após observarmos as obras e verificarmos as categorias constantes e as categorias diferentes, propusemos uma análise que se desenvolveu em três momentos inter-relacionados.

No primeiro momento, focamos no estudo individual de cada obra com o intuito de observar a construção dos *ethé* em cada narradora viajante; no segundo momento, por meio de uma análise comparativa, buscamos identificar os *ethé* recorrentes nas produções das escritoras viajantes através de um estudo sobre as semelhanças e as diferenças verificadas em nosso *corpus*, para tanto consideramos o emprego dos efeitos patêmicos como base para a construção discursiva dos *ethé*; e, por fim, em um terceiro momento, analisamos os recursos de narratividade empregados na constituição dos narratários nas obras estudadas.

6.1 *Ethé*

Conforme discutimos na seção 5.1.1, ao lidarmos com o *ethos*, o *pathos* e o *logos* é importante que consideremos a inter-relação de tais provas retóricas, deste modo, em nossa análise, tomaremos o *ethos* como um desdobramento semântico do *logos* (GALINARI, 2014), isto é, como um ângulo de leitura pelo qual nos guiaremos e que será observado através da produção discursiva das escritoras Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot. Em nosso estudo, buscaremos observar ainda de que forma o *ethos* acabaria por suscitar determinados efeitos patêmicos em seus interlocutores tendo em vista a finalidade de cada locutor.

Ao nos debruçarmos na análise das narrativas de viagem das referidas escritoras, verificamos ser possível através da produção discursiva de cada narradora imergir em suas visões sobre o mundo e a forma como se posicionavam face ao que viam nos espaços pelos quais transitavam. Dessa maneira, no que diz respeito à construção discursiva dos *ethé* das supramencionadas viajantes, observamos que uma recorrência que nos possibilitou subdividir os *ethé* em três eixos: no primeiro eixo teríamos os *ethé* que dizem respeito a forma *como* as escritoras *transitam* pelo mundo, no segundo eixo teríamos os *ethé* que se referem ao modo *como percebem* o mundo e, por fim, teríamos a maneira *como são vistas* pelo mundo. Buscaremos tomar tais eixos como base para as análises que desenvolveremos a seguir.

6.1.1 *Ethé* - como transitam pelo mundo

O *ethos* de exploradora, o *ethos* de viajante e o *ethos* de persistente nos possibilitam compreender a forma *como* cada escritora analisada escolhe *transitar* o mundo com o intuito de conhecê-lo não apenas teoricamente, mas de modo experiencial. A seguir, buscaremos refletir como tal maneira de transitar poderia ser observada nas obras através das construções discursivas dos *ethé* de cada escritora viajante.

6.1.1.1 Ethos de exploradora

6.1.1.1.1 *Ethos* de exploradora de Cecília Meireles

Cecília Meireles, ao viajar, abre-se para conhecer e experienciar o desconhecido, buscando desfrutar do trajeto da viagem e dos encontros e desencontros proporcionados por tal experiência. Para tanto, a escritora lança mão de seus sentidos para adentrar na cultura local, como podemos verificar nos excertos a seguir:

Agucei a narina, e senti no ar um grosso cheiro de comida, como se estivesse abordando uma africana. A princípio, era apenas como feijão cozido. Mas logo se destacavam outras essências: oleosas, pegajosas, tudo muito pesado, e olfativamente cinzento. Pode ser que de perto fosse melhor. [CM (vol.1, [08 de janeiro de 1943] 1998, p.25-26) – Frag 06] [grifo nosso] [L.R: Harlem, Nova Iorque]

Tudo cheirava também a feijão e a graxa, mas ouvia-se um ruído alegre de louças e talheres. [CM (vol.1, [10 de fevereiro de 1943] 1998, p.26) – Frag 07] [grifo nosso] [L.R: Harlem, Nova York]

[...] Caminhamos a par. Viajo entre perfumes de carvão oriental e flores abundantes, pintadas em pano e papel. [CM (vol.1, [7 de abril de 1943], 1998, p.46) – Frag 08] [grifo nosso] [L.R:Chinatown]

Aqui há excelentes casas de chá. Os doces, sobretudo, são famosos. Há um lugar convencional, para o mundo elegante: é o chá do Telégrafo. O salão, escuro, com jeito europeu. [CM (vol.1, [5 de outubro de 1944], 1998, p.139) – Frag 09] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Podemos observar nos fragmentos do 06 ao 09 o tom de curiosidade que serve de base para as descobertas sensoriais feitas pela viajante brasileira. Ao descrever a experiência gastronômica que teve no Harlem (NY) (fragmentos 06 e 07), a escritora, através da culinária, busca descrever sua imersão na cultura local como podemos notar através do emprego dos trechos “Agucei a narina, e senti no ar o grosso cheiro de comida”, “Tudo cheirava também a feijão”. Observamos ainda que outra forma de imersão cultural sensorial está atrelada a rememoração dos perfumes locais, fragmento 08, assim como da abertura para desbravar cada espaço do lugar visitado, fragmento 09. Tais descrições trazem como base o tom de curiosidade, isto é, o interesse em ver, ouvir e sentir o desconhecido. Dessa maneira, notamos que através do tom da curiosidade a escritora brasileira constrói discursivamente seu *ethos* de exploradora.

Cecília Meireles, ao se aventurar em territórios desconhecidos, realiza um movimento de desbravar não apenas o espaço geográfico, mas também a si mesma:

Nenhum mar me causaria medo; nenhuma raça me assustaria. [CM (vol.1, [7 de abril de 1943], 1998, p.48) – Frag 10] [grifo nosso] [L.R: Chinatown]

Sinto-me inteiramente abandonada. Se busco a *argentinidad* – um coro de risos. Se busco a *hispanidad*, um coro de desdêns. Se busco americanidad, um coro de ameaças. Se busco ... Ah, não é possível – não buscarei mais nada. Quero ir sozinha, ao acaso, entregue à sorte, conduzida pelo faro, pelo instinto, pela sensibilidade, pela fatalidade – mas por qualquer coisa que não dependa senão de mim.

Sempre há um caminho para os que partem com o coração isento. [CM (vol.1, [1 de novembro de 1944], 1998, p.199) – Frag 11] [grifo nosso] [L.R: Buenos Aires]

Diante de possíveis realidades desconhecidas por Meireles, até aquele momento, a escritora em vez de se retrair e paralisar diante do medo do novo, abre-se para expandir seus horizontes e visões de mundo. Através do tom de ousadia, como vemos no fragmento 10, a viajante brasileira narra-se como alguém ávida por se aventurar em novos cenários, notamos que tal ousadia é reforçada através do emprego repetido do pronome indefinido “nenhum” (fragmento 10) para se referir ao mar e às raças/povos, assim, tem-se como resultado a construção do *ethos* de exploradora. Notamos ainda o tom de ousadia, como base o referido *ethos*, quando a viajante, no fragmento 11, para além de buscar se definir por meio de uma nacionalidade específica, abre-se para trilhar sozinha o caminho de sua redescoberta através de sua sensibilidade e de seu instinto. Para tal caminho, Meireles destaca a importância de iniciar tal trajeto com o coração livre de qualquer dever ou obrigação, um coração aberto para se aventurar em novos aprendizados. Notamos que seu *ethos* de exploradora está ancorado no ideal da coragem de vivenciar o inesperado e aprender com o inimaginável. Ao contrário de buscar o caminho do conforto, como faria o turista, a educadora-viajante busca seguir seus instintos e deixa-se guiar por sua sensibilidade com o objetivo de vivenciar os trajetos pelos quais caminhará.

6.1.1.1.2 *Ethos* de exploradora de Margaret Mee

Margaret Mee, em diversos momentos de sua narrativa, externaliza seu anseio por desbravar os locais desconhecidos e vivenciar novas experiências. Ao assim fazer, a artista inglesa narra os diversos momentos vivenciados, inclusive os mais desafiadores:

The journey up Rio Gurupi had been a hard one, but, my close contact with the vast forests and waterways of the Amazon had given me an overwhelming desire to go back for further discoveries and inspiration. Having caught a glimpse of the endless possibilities in those days in the forests of the Guruoi, I realised I was fascinated by that strange, exhilarating world where every tree

and plant was new to me and which was teeming with animals, birds and insects. I was haunted by my wish to return, so when the opportunity presented itself in 1962 I eagerly accepted. [MM (2010 [2009] p.21) – Frag 07] [L.R: Matro Grosso]

A viagem de subida pelo rio Gurupi foi difícil, mas a intensidade de meus contatos com a natureza e os rios da Amazônia deixou em mim uma irresistível vontade de retornar para outras descobertas e inspirações. Tendo, naqueles dias, vislumbrado as infinitas possibilidades da floresta do Gurupi, tive certeza do fascínio que aquele mundo estranho e eufórico havia exercido em mim, em que cada árvore e planta, assim como a abundância de animais, pássaros e insetos era uma novidade. Passei algum tempo assombrada pelo desejo de retornar, e quando surgiu a oportunidade, em 1962, aceitei, ansiosa. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009] p.21) – Frag 07] [grifo nosso] [L.R: Matro Grosso]

A viajante inglesa demonstra-se aberta para aprender com todo o processo de travessia, inclusive com os desafios que surgem na viagem como no caso da difícil subida do rio Gurupi (fragmento 07). Através da narrativa de Margaret Mee, notamos a presença do tom de resiliência através do emprego da conjunção adversativa “mas” e da ideia que a escritora desenvolve após falar da experiência com o rio Gurupi “[...] mas a intensidade de meus contatos com a natureza e os rios da Amazônia deixou em mim uma irresistível vontade de retornar para outras descobertas e inspirações”, observamos o delinear de uma mulher viajante que desenvolveu a habilidade de lidar e reagir de uma maneira positiva às situações adversas que lhe são apresentadas. Notamos ainda a presença do tom de curiosidade para vivenciar *in loco* o novo, conforme vemos no trecho “vislumbrado as infinitas possibilidades da floresta do Gurupi, tive certeza do fascínio que aquele mundo estranho e eufórico havia exercido em mim”. Mais do que apenas conhecer a fauna e a flora brasileira através de fotografias em livros, Mee anseia por conhecer através de sua própria vivência tal realidade. Assim sendo, observamos que através dos tons de resiliência e de curiosidade a referida escritora constrói discursivamente o *ethos* de *exploradora*, isto é, a imagem daquela mulher que enxerga nos desafios apresentados por uma viagem um convite para a aventura de novos aprendizados.

A escritora inglesa ao viajar se abre para experienciar o trajeto de forma ativa, isto é, para Mee o percurso da viagem é tão importante quanto a chegada. Assim, notamos que ela emprega, em diversos momentos, a primeira pessoa do plural (nós) como uma forma de demonstrar seu engajamento e partilha com a situação vivenciada, como destacamos no excerto a seguir:

Later in a station wagon we passed the *cerrado*, or scrubland, just beyond the small town of Rosario do Oeste, and were still travelling through this region

when night fell. We passed no houses, no people. It was the loneliest place imaginable. From time to time, wild animals appeared, dazzled by the headlights. Two beautiful foxes, silver-grey ears tipped with black, ran across the track; four *jaguar tigris* vanished into the night. On one occasion whilst pushing the car out of the sand I saw the imprints of jaguar pads. [MM (2010 [2009] p.21) – Frag 08] [L.R:Matro Grosso]

Algum tempo depois, dirigíamos a caminhonete pelo cerrado, passando nas imediações da cidade de Rosário do Oeste, seguindo nesta região até o cair da tarde. Não passamos por casas ou pessoas. A região era uma das mais desertas. De tempo em tempo, apareciam animais selvagens, deslumbrados com os faróis. Duas lindas raposas, com orelhas cinza-prateadas pontilhadas de preto atravessaram correndo o caminho; quatro jaguatiricas desapareceram na noite. Em um determinado momento, enquanto empurrávamos o carro para fora do atoleiro, vi pegadas de uma onça. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009] p.21) – Frag 08] [grifo nosso] [L.R:Matro Grosso]

Ao se deslocar, em uma caminhonete, pelo cerrado e passar por regiões desérticas e repletas de animais selvagens, Margaret deixa transparecer, por meio de sua narrativa, o tom de bravura que demonstra face ao contexto vivenciado ao cair da tarde “[...] enquanto empurrávamos o carro para fora do atoleiro, vi pegadas de uma onça.” Notamos, no fragmento 08, que a viajante inglesa, por meio do tom de bravura, constrói discursivamente o *ethos* de exploradora ao narrar a forma como lida com os desafios em meio a floresta como pudemos observar no episódio do carro preso no atoleiro e no contato com os animais selvagens. Observamos que a viajante se apresenta como um sujeito ativo diante do processo vivenciado, pois inclui-se sempre nas experiências que se passam – “dirigíamos a caminhonete”, “empurrávamos o carro”. Dessa maneira, verificamos que o *ethos* de exploradora da artista nos possibilita visualizar a imagem de uma mulher aberta para lidar com os perigos e os percalços de uma viagem de expedição, isto é, Mee não busca uma viagem confortável, mas sim uma viagem que a tire de sua zona de conforto lhe possibilitando novos encontros e descobertas. Para realização de suas expedições, observamos que a referida escritora realiza um duplo movimento no que diz respeito à exploração dos locais em que entra em contato: observação e, sem seguida, narração.

Para conhecer um local, primeiramente Margaret Mee o observa com intuito de verificar quais ações se repetem e quais ações são novas, como fez no caso de sua pesquisa sobre a Flor da Lua que a artista botânica procurou durante anos em estações e horários diferentes. A ambientalista mais do que simplesmente passar pela floresta brasileira, permite-se ser “por ela atravessada”:

On the first night we hung our hammocks from trees beside an enchanted lake. I could not sleep for listening to the magic sounds of the sleeping forest. Only the trees slept, for the lake was alive with sparkling, splashing fishes, while the

frogs' chorus mingled with the plaintive cries of night birds. [MM (2010 [2009] p.14) – Frag 09] [L.R: Rio Gurupi]

Na primeira noite, penduramos nossas redes nas árvores que rodeavam um lago encantado. Eu não pude dormir porque prestava atenção aos sons mágicos da floresta adormecida. Somente as árvores dormiam, pois o lago estava acordado, borbulhante de peixes que saltavam, enquanto o coral de sapos intrometia-se no lamento triste dos pássaros noturnos. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009] p.14) – Frag 09] [grifo nosso] [L.R: Rio Gurupi]

In a tense moment, struggling to pass the rapids, I had noticed a noisy flight of brilliant green parrots flying over followed by dozens of delicate scissor birds. [MM (2010 [2009] p.55) – Frag 10] [L.R: Pico da Neblina]

Em um momento de tensão, lutando para transpor as corredeiras do rio, percebi o barulho de papagaios verdes brilhantes que voavam rasante sobre nós, seguidos por dezenas de pássaros-tesoura. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009] p.54) – Frag 10] [grifo nosso] [L.R: Pico da Neblina]

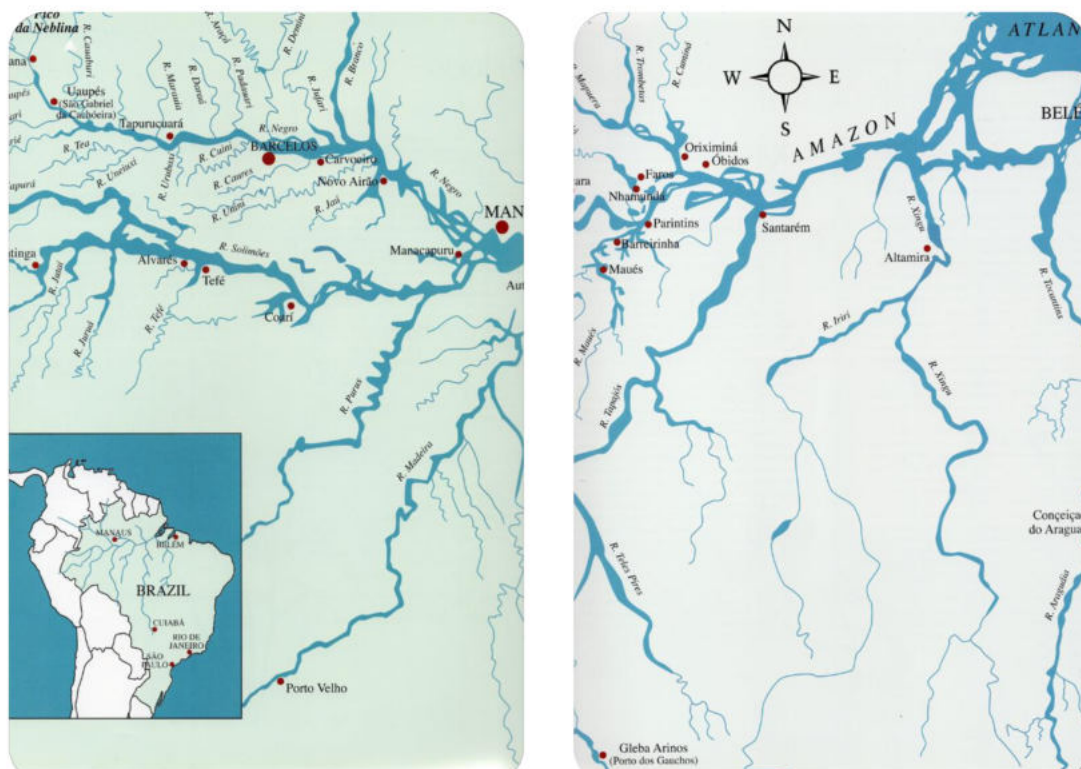
The large, waxing moon rose over this peaceful haven, silente but for the frogs' chrus and the sad cries of owls and night birds. There for the first time I heard the most remarkable cry of a night bird, the *saracura*. [MM (2010 [2009] p.67) – Frag 11] [L.R: Ao longo do rio Marauaiá]

Uma enorme lua surgia nesse paraíso de tranquilidade, silencioso, não fosse o coral de sapos e lamentos tristes das corujas e pássaros noturnos. Foi nesse local que ouvi pela primeira vez o mais incrível lamento de um pássaro noturno: o da saracura. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009] p.67) – Frag 11] [grifo nosso] [L.R: Ao longo do rio Marauaiá]

Notamos que o anseio por conhecer o novo é tão presente em Margaret Mee que, mesmo após um dia longo e cansativo de viagem, fragmento 9, demonstra uma grande dificuldade de dormir e deixar passar algum detalhe despercebido “Eu não pude dormir porque prestava atenção aos sons mágicos da floresta adormecida” e, assim, no meio da madrugada tem como companhia o lago borbulhante de sapos, assim como o canto noturno dos pássaros. Observamos, dessa maneira, a presença do tom de curiosidade em Mee através de sua busca constante pelo aprendizado através da imersão no que se passa ao seu redor – “prestava atenção aos sons mágicos da floresta” (fragmento 9), “percebi o barulho de papagaios” (fragmento 10), “ouvi pela primeira vez o mais incrível lamento de um pássaro noturno: o da saracura” (fragmento 11) – a viajante presta atenção, ouve e percebe efetivamente a natureza que a circunda. Outro tom presente na narrativa de Margaret é o da bravura, conforme podemos ver no fragmento 10 “Em um momento de tensão, lutando para transpor as corredeiras do rio”, a viajante inglesa enfrenta de forma corajosa os desafios apresentados no trajeto (FIGURA 27). Desse modo, os tons de curiosidade e bravura servem de base para a construção discursiva do *ethos* de *exploradora* em Mee. Tal *ethos* é construído através da forma como a referida escritora

lida com os diferentes espaços nos quais transita, isto é, no modo como presta atenção aos sons que se passam ao seu redor, bem como percebe os barulhos e realiza uma pausa para ouvir e desfrutar do canto de um pássaro que anteriormente não conhecia. Assim, a ambientalista realiza sua expedição pautando-se na observação, deixando-se tocar e impactar pelo paraíso de tranquilidade com o qual entrava em contato.

Figura 26: Mapa da Amazônia



Fonte: Mee (2010 [2009]), p. 8 e 9.

Após observar as vegetações, Margaret Mee realiza uma narrativa verbo-icônica, isto é, tanto textual através de suas narrativas, quanto imagética através de seus desenhos:

In spite of the still turbulent waters, I collected a beautiful white *Gustavia* with an Orange centre. I painted the delicate flowers with great difficulty, as the boat was bouncing and the wind strong. [MM (2010 [2009] p.67) – Frag 12] [L.R: Ao longo do rio Marauaiá]

Apesar de as águas terem permanecido turbulentas, consegui colher uma linda *Gustavia* branca com o miolo laranja. Tive muita dificuldade para pintar a flores tão delicadas, pois o barco balançava muito devido ao forte vento. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009] p.67) – Frag 12] [grifo nosso] [L.R: Ao longo do rio Marauaiá]

A few days later, with Leonardo and João, I set off from Tapurucuará bound for Manaus. In spite of a good deal of rough water on our journey I was able to collect and draw a splendid specimen of *Gustavia* – pure white an

enormous flower. [MM (2010 [2009] p.102) – Frag 13] [L.R: Rios Mamori e Marau]

Após alguns dias, com Leonardo e João, parti de Tapurucuará para Manaus. Apesar da grande extensão de águas turbulentas em nossa viagem, pude colher e desenhar uma espécie esplendida de Gustavia – totalmente branca com uma enorme flor. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009] p.102) – Frag 13] [grifo nosso] [L.R: Rios Mamori e Marau]

I collected a wonderful bromeliad, a crow of coral plumes on a palm tree (*Aechmea huebneri*). The climax came however, when another bromeliad, *Aechmea polyantha*, appeared in the fork of a large tree. In my enthusiasm I drew until the light faded. [MM (2010 [2009] p.132) – Frag 14] [L.R: Rio Cauhy]

Colhi uma maravilhosa bromélia com uma coroa de plumas corais que encontrei em uma palmeira (*Aechmea huebneri*). O ponto alto, no entanto, foi quando uma outra bromélia, a *Aechmea polyantha*, apareceu em uma grande árvore. Fiquei tão entusiasmada que desenhei até acabar a luz. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009] p.132) – Frag 14] [grifo nosso] [L.R: Rio Cauhy]

Margaret Mee mais do que buscar descrever apenas em palavras o que via a cada expedição na floresta, lança mão de seu talento com os desenhos e a pintura como uma outra maneira de enriquecer sua narrativa. Através da obra da referida viajante percebemos o tom de investigação daquela que busca desenvolver sua pesquisa *in loco*, à despeito dos desafios apresentados, sobre as diversas espécies de plantas. No fragmento 12, por exemplo, vemos que Mee destaca o desafio de pintar os detalhes das flores tão delicadas em meio aos movimentos bruscos do barco, por conta do vento; no fragmento 13 observamos que a artista opta por colher a flor para desenhá-la, em seguida; e, no fragmento 14, notamos o entusiasmo de Mee com o ato de narrar a realidade que via através do desenho, buscando fazê-lo até o último instante possível, quando a luz acabasse. Assim, verificamos que a atuação de Mee como uma pesquisadora ambientalista apaixonada pela botânica é destacada através do tom de investigação que serve de base para a constituição do *ethos* de *exploradora*. De tal maneira, através da busca por registrar e narrar o que havia visto, tanto em meio às águas turbulentas quanto em terra firme, identificamos a presença do *ethos* de exploradora como aquela que, além de observar, busca eternizar o momento e a memória do vivenciado através de sua narrativa verbo-icônica.

6.1.1.1.3 *Ethos* de exploradora de Virginie Hériot

A navegadora Virginie Hériot buscava desbravar o mar, assim como Cecília Meireles e Margaret Mee buscavam desbravar a terra. Tendo descoberto sua paixão pelo mar desde os quatorze anos, Virginie Hériot descobre também, alguns anos mais tarde, os desafios de estar à frente de uma navegação como uma mulher marinheira. O que para alguns serviria como elemento desanimador, para a velejadora francesa é visto como uma mola propulsora rumo a seu objetivo:

Il y a trois façons de se comporter dans la tempête: la lutte, ... la cape, ... la fuite. Au capitaine de choisir et de commander la manœuvre! Il a la responsabilité du corps du navire, de l'équipage qui le monte, de l'âme du bateau qui lui a été confié. [VH (1933, p.95) – Frag 06] [L.R: n.i]

Há três formas de agir em uma tempestade: a luta ... a capa ... a fuga. Cabe ao capitão escolher e comandar a manobra! Ele é responsável pelo corpo do barco, pelo equipamento que o monta, pela alma do barco que lhe foi confiado. (tradução nossa) [VH (1933, p.95) – Frag 06] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Je ne me souviens pas, enfant, d'avoir rencontré la peur. Le danger m'a toujours attirée. J'avais conscience de ne pouvoir jamais en souffrir. Plus tard, je compris qu'affronter le péril était le moyen de s'élever si le sort voulait que l'on fût épargné. [VH (1933, p.114-115) – Frag 07] [L.R: n.i]

Eu não me lembro, criança, de ter conhecido o medo. O perigo sempre me atraiu. Eu tinha consciência de jamais poder sofrer. Mais tarde eu compreendi que enfrentar o perigo era o meio de ascender se o destino quisesse nos poupar. (tradução nossa) [VH (1933, p.114-115) – Frag 07] [grifo nosso] [L.R: n.i]

A partir do fragmento 06 notamos que Hériot salienta que diante de uma tempestade cabe ao capitão escolher entre ficar e lutar ao lado de sua equipe ou abandonar a tripulação através de sua fuga, cabendo, assim, ao capitão criar a ambientação e o ritmo da tripulação. A viajante francesa aponta que desde criança se sentiu atraída pelo perigo (fragmento 07) e que, depois de alguns anos, compreendeu que conquistaria o que tanto almejava na vida apenas caso se abrisse para enfrentar os perigos apresentados. Tendo em vista os fragmentos mencionados (06 e 07), notamos a presença do tom de bravura diante das adversidades apresentadas ao mar e em terra, assim como observamos o tom de resiliência, fragmento 07, diante dos perigos vivenciados ao mar como uma oportunidade de crescer como sujeito. Verificamos, assim, que os tons de bravura e de resiliência servem de base para a constituição discursiva do *ethos* discursivo de exploradora em Hériot a qual se abre para enfrentar o inesperado tanto em mar quanto em terra.

Como uma velejadora em constante processo de reflexão e indagação, Virginie Hériot, ao longo de sua obra, nos apresenta inúmeras reflexões sobre os desafios de um cruzeiro, sobre a relação com os marinheiros a bordo e com os visitantes, bem como no que diz respeito às descobertas feitas sobre si mesma entre o intervalo de um tempo de calmaria e outro de tempestade e turbulências. A navegadora diz que gostaria que sua vida fosse como o pequeno navio “ex-voto” que navega em meio ao mar tendo suas velas quase tocando o céu, isto é, Hériot anseia por orientar sua vida em direção ao seu ideal principal: navegar.

Em torno do ideal principal de Hériot orbitam outros objetivos que estão diretamente atrelados a seu interesse pela navegação. A referida velejadora mais do que pensar nos benefícios da navegação apenas para si, busca fazê-lo pensando em como partilhar tal paixão com os outros:

Voici ce que je désire faire:

Orienter la jeunesse de France, avide d’aventures et des risques, vers cette Mer qui est une splendide école de volonté et d’énergie.

Recruter de bons équipages dont notre flotte a besoin.

Créer, en faveur de la Marine française, un mouvement qui n’arrêtera plus, car la mer est infinie!

Faire de la France le pays maritime qu’elle n’est pas! [VH (1933, p.30-31) – Frag 08] [L.R: n.i]

Eis o que eu quero fazer:

Oriental a juventude francesa, ávida de aventuras e de riscos, em direção a este Mar que é uma esplêndida escola de vontade e de energia.

Recrutar as boas tripulações das quais nossa frota precisa.

Criar, a favor da Marinha francesa, um movimento que não parará mais, pois o mar é infinito!

Fazer da França o país marítimo que ela não é. (tradução nossa) [VH (1933, p.30-31) – Frag 08] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Dans ce désir de don, dans ce vouloir de servir, je savais qu’il fallait partir, agir, offrir ma vie à mon Idéal.

Je me sentais désignée pour devenir un petit exemple.

Je savais que j’avais en moi la force d’entraîner des volontés vers la mer.

J’ai navigué.

En me vouant à toutes les branches de l’action sur la mer, j’ai voulu faire germer des vocations, en disant à la jeunesse de se tourner vers l’Océan.

Par l’action et la parole, j’ai mis au travail mes muscles et mon cerveau.

Aujourd’hui, mes yeux voient plus loin.

Mon coeur, plus clair.

Mes muscles sont forts comme ma volonté et la discipline de fer de mon âme dispose de moi-même pour le service de mon pays. [VH (1933, p.31-32) – Frag 09] [L.R: n.i]

Neste desejo de entrega, neste querer servir, eu sabia que precisaria partir, agir, oferecer minha vida para meu Ideal.

Eu me sentia designada para me tornar um pequeno exemplo.

Eu sabia que eu tinha em mim a força para empreender os desejos ao mar.

Eu naveguei.

Dedicando-me a todos os ramos da ação sobre o mar, quis fazer germinar as vocações, dizendo à juventude que se voltasse para o oceano.
 Pela ação e pela palavra, eu coloquei no trabalho meus músculos e meu cérebro.
 Hoje, meus olhos veem mais longe.
 Meu coração, mais claro.
 Meus músculos são fortes como minha vontade e a disciplina de ferro da minha alma dispõe de mim mesma para o serviço ao meu país. (tradução nossa) [VH (1933, p.31-32) – Frag 09] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Observamos que Hériot anseia por partilhar o que aprendeu ao mar com a juventude francesa através das sequências dos verbos “orientar”, “recrutar”, “criar”, “fazer”, fragmento 08, que inserem a navegadora francesa no campo da ação daquela que busca promover a marinha francesa diante do cenário mundial. Notamos em tal contexto, a presença de um nacionalismo que serve de base para a navegadora francesa ao participar tanto das competições mundiais de regata quanto ao ser premiada e reconhecida por reis e rainhas de outros países. Tal nacionalismo é conduzido discursivamente através do tom de mentoria o qual a capitã francesa se embasa ao orientar tanto a sua equipe no dia a dia das navegações, quanto aos jovens franceses que ainda não estão habituados à prática da navegação. Dessa maneira, por meio do tom de mentoria, notamos a construção discursiva do *ethos* de exploradora como aquela que busca se aventurar ao mar convidando e capacitando a outros para vivenciarem a mesma experiência. Percebemos no fragmento 09 que o tom de mentoria aparece em diálogo com o tom de bravura quando Hériot diz que oferecia sua vida por seu ideal com o objetivo de se tornar um pequeno exemplo aos jovens franceses e que, devido aos desafios que enfrentou ao mar, se tornou mais forte fisicamente e emocionalmente. Assim, constatamos que, por meio dos tons de bravura e mentoria, a velejadora francesa constrói discursivamente o *ethos* de exploradora por meio da forma como ela visa explorar o espaço da navegação: através da partilha. Para Hériot, trata-se de convidar outros para vivenciar a experiência do desbravar em conjunto, para tanto a navegadora abre-se para ensinar tudo o que aprendeu em seus cruzeiros com o intuito de formar novas gerações que se dedicarão a tal esporte e representarão também seu país, ou seja, a referida escritora visa transmitir um legado para os jovens franceses de sua época.

Além do legado deixado por Virginie Hériot através do ensino, notamos que outra forma de explorar o mar e se inscrever na História foi através das competições que participou e dos prêmios que conquistou para seu país:

En accomplissant l'intéressant programme des réunions nautiques de Norvège et d'Esthonie qui rassemblent les meilleurs bateaux nordiques, j'avais participé

cet été 1926 avec l'*Aile V* (huit mètres) et *Illusion* (six mètres) à plus de soixante régates. [VH (1933, p.107) – Frag 10] [L.R: n.i]

Ao realizar o interessante programa das reuniões náuticas da Noruega e da Estônia, que reúnem os melhores barcos nórdicos, eu tinha participado neste verão de 1926 com a *Aile V* (oito metros) e *Illusion* (seis metros) de mais de sessenta regatas. (tradução nossa) [VH (1933, p.107) – Frag 10] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Observamos que ao Hériot destacar suas participações, através das embarcações l'*Aile V* e *Illusion*, em competições de regatas, ela traz à tona o tom de bravura que serve de base para o *ethos* de exploradora como aquela que se demonstra determinada a representar seu país e, conseqüentemente, realizar seu ideal de vida que era de viver as múltiplas possibilidades e aprendizados proporcionados pela navegação.

6.1.1.2 *Ethos* de viajante

6.1.1.2.1 *Ethos* de viajante de Cecília Meireles

Em Cecília Meireles o deslocamento geográfico surge como um convite para um novo olhar sobre as possibilidades de encontros externos, mas acima de tudo de reencontros internos. Para a escritora brasileira viajar implica em embrenhar-se no mais profundo do ser e reencontrar-se com percepções e visões de mundo que serão ressignificadas através do olhar contemplativo sobre os diversos espaços transitados:

Porque viajar é ir mirando o caminho, vivendo-o em toda a sua extensão e, se possível, em toda a sua profundidade, também. É entregar-se à emoção que cada pequena coisa contém ou suscita. É expor-se a todas as experiências e todos os riscos, não só de ordem física, - mas, sobretudo, de ordem espiritual. Viajar é uma outra forma de meditar. [CM (vol.1, [1952], 1998, p.269) – Frag 12] [L.R: n.i] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Pela altura do Km 47, na estrada Rio-S. Paulo, há uma formação de nuvens que me arrebatava, todas as vezes que ali chego. [CM (vol.1, [11 de junho de 1943], 1998, p.70) – Frag 13] [grifo nosso] [L.R: Km 47, estrada Rio-São Paulo]

Notamos no fragmento 12 que a escritora ao apresentar sua percepção sobre como compreende a experiência da viagem faz uso dos verbos “mirar”, “viver”, “entregar-se”, “expor-se” e “meditar”. Tais verbos, na sequência em que foram utilizados, nos possibilitam conceber a viagem como uma experiência multissensorial que aciona múltiplas percepções e sensações. Para tanto, verificamos que a escritora se embasa tanto no tom contemplativo ao trazer uma percepção sobre a viagem que ultrapassa o rápido

olhar sobre algo e busca observar de forma atenta, reflexiva e aberta para meditar sobre o que foi visto; quanto no tom poético ao trazer uma construção discursiva que nos remete ao campo da poesia por meio da sensibilidade com a qual as palavras são empregadas com o intuito de inspirar aos leitores a repensar o olhar que lançam sobre seus deslocamentos sejam geográficos ou internos. Verificamos a presença dos referidos tons (contemplativo e poético) também no fragmento 13 quando Cecília descreve sempre se sentir arrebatada quando observa as nuvens ao passar pela altura do Km 47, na estrada Rio de Janeiro - São Paulo. Tendo tais pontos em vista, percebemos que os tons contemplativo e poético servem de base para a construção discursiva do *ethos* de viajante em Meireles como aquela que almeja vivenciar o processo da viagem permitindo-se tocar pelo que vê ao longo do caminho através da contemplação e, conseqüente, abertura para uma transformação como sujeito.

Cecília Meireles compreende que existem diversas formas de experienciar uma viagem. Enquanto alguns viajantes anseiam por apreciar cada etapa da viagem, outros focam na chegada ao local idealizado:

Há, pelo menos, dois tipos de viajantes: os que desejam viajar e os que desejam chegar. Os segundos procuram o meio de transporte mais rápido, reclinam-se, fecham os olhos e esperam pela chegada ao ponto de destino. São criaturas tranquilas, embora velozes; não se querem desgastar na observação do caminho [...]

Há, porém, os infelizes imaginativos, que notam a ausência de qualquer marco da estrada, de certos anúncios, que descobrem conselhos novos de sinalização, reparam na expansão de uma pista, na erosão de um morro, na magreza do pobre bezerrinho que se vai encostando, como um filho triste, ao flanco de sua mãe igualmente desamparada. [CM (vol.1, [1951], 1998, p.249) – Frag 14] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Notamos que no fragmento 14 a escritora brasileira propõe uma distinção entre os turistas e os viajantes, embora a autora não explicita tais nomenclaturas neste trecho, podemos inferir tais diferenciações se considerarmos outras recorrências na obra supracitada. No referido fragmento observamos que Meireles caracteriza o viajante como um infeliz imaginativo, pois se deixa sensibilizar por cada acontecimento que se passa ao longo da estrada. Observamos a presença do tom contemplativo, ao apresentar o olhar do viajante que nota as ausências no decorrer da estrada, a erosão de um morro; e do tom poético, ao narrar o que foi visto de um modo sensível e que nos impele a busca imaginar, juntamente com a escritora, a cena da magreza de um bezerrinho. Assim sendo, os tons contemplativo e poético atuam como base para o *ethos* de viajante da viajante brasileira.

Cecília Meireles ao viajar busca experimentar os pratos típicos, transitar pelos espaços culturais e, com isso, acaba construindo uma memória afetiva com os locais em que passa:

É neste almoço em que o aroma do *curry* hindu nos relembra o Oriente – um Oriente tão longe, por detrás de tantos navios de guerra, de tantos tanques, de tantos aviões, de tantas baionetas! - que encontro pela primeira vez o poeta Carlos Rodríguez Pintos. [CM (vol.1, [junho de 1944], 1998, p.126) – Frag 15] [grifo nosso] [L.R: Uruguai]

Em que penso? Penso que daqui a dois ou três dias deixarei estes lugares: e começo a ter saudades de tudo – das calçadas, das lojas, das janelas, dos pombos que voam sobre os plátanos desfolhados, da catedral, das águas azuis do rio, do teatro Solís que se está desmoronando, e desta gente com quem me entendo divinamente... [CM (vol.1, [junho de 1944], 1998, p.133) – Frag 16] [grifo nosso] [L.R: Uruguai]

Observamos que a memória afetiva da viajante é construída através de uma perspectiva multissensorial como podemos notar, no fragmento 15, através do almoço em um restaurante no Uruguai em que a viajante relembra, do Oriente, por meio do cheiro e do paladar do curry; assim como encontra pela primeira vez o poeta uruguaio Carlos Rodríguez Pintos. O que era para ter sido um simples almoço torna-se um convite para recordações e construções de novas memórias através do emprego do tom rememorativo. No que diz respeito aos dias que antecederam a partida de Meireles do Uruguai, fragmento 16, a escritora brasileira deixa transparecer um tom nostálgico ao narrar, de maneira poética, o quanto cada paisagem uruguaia irá lhe fazer falta. De tal maneira, verificamos que através dos tons rememorativo e nostálgico tem-se a base para a constituição do *ethos* de viajante como aquela viajante aberta a experienciar as pluralidades culturais de cada comunidade, tendo como consequência a construção da memória afetiva.

Ao se abrir para vivenciar o trajeto, a viajante busca viver para além do *check-list* do turista que se orienta por um tempo cronometrado na ânsia por visitar o máximo de locais no menor espaço de tempo, a viajante busca o ponto fora da curva, fora dos ponteiros do relógio:

Voarei por cima do mundo, livre do peso humano, que sempre aflige. Não ficarei cativa de nenhum vestígio, porque me esquecerei mais depressa de mim. [CM (vol.1, [30 de novembro de 1944], 1998, p.208) – Frag 17] [grifo nosso] [L.R: Belo Horizonte]

O viajante acordado pode pensar na terra firme; recordar a altura a que se encontra; ver no relógio como é tarde, no tempo humano; sentir o perigo que o cerca. E no entanto, no entanto ... – A tardia hora, muito além do mundo, - quando todos o ignoram, quando ninguém é capaz de adivinhar o que ele está vendo, a vida estranha que está vivendo ali, – inspira-lhe um sentimento maravilhoso e terrível de liberdade, como só se pode sentir talvez na morte. Os outros vão dormindo nas nuvens. O viajante acordado não sabe mais de sono,

de copo, de medo, de si. Pura memória, na infinita solidão ... [CM (vol.1, [1952], 1998, p.268) – Frag 18] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Através de um tom poético, Cecília Meireles narra, no fragmento 17, seu anseio por tomar a viagem como um vôo que lhe permitiria libertar-se de quaisquer pesos e pressões humanas, pois livre de tais questões ela se relembriaria de si e se reconectaria com sua própria percepção do mundo. Observamos ainda que a referida viajante lança um olhar de contemplação sobre os espaços em que transita como podemos notar através do emprego da sequência dos verbos “ver”, “sentir” e “inspirar”, como notamos no fragmento 18. Para além de apenas ver a vida passar através do tempo cronometrado pelo relógio, a viajante brasileira busca sentir efetivamente o que é viver, isto é, os desafios e perigos que o envolvem. Para tal experiência a autora destaca a importância de buscar experienciar o processo de viagem acordado, com os olhos prontos para vislumbrar os aprendizados do momento durante o trajeto. Trata-se de um convite para “viajar acordado” tanto no sentido fisiológico do termo, ou seja, despertar do sono, no âmbito de uma necessidade natural do corpo; quanto no sentido metafórico, isto é, como um convite a sair de um estado de apatia e despertar para descobrir o mundo ao seu redor através da imersão. Assim, por meio dos tons poético e contemplativo, observamos que Cecília Meireles constrói discursivamente o *ethos* de viajante por meio da busca por ultrapassar as limitações do corpo, ressignificar o medo, com a finalidade de vivenciar uma experiência para além das pressões e pesos que são impostos socialmente.

E por fim, observamos que uma quarta característica do *ethos* de viajante em Cecília Meireles está atrelada à abertura para a transformação:

Passaram-se coisas, enquanto eu continuava nesse estado: chuvas vieram acordar-me, caminharam por mim óleos, perfumes, - coisas extremamente suaves para se continuar a dormir no meio delas. Estendi os braços de certo modo, e atravessêi tal metamorfose que, apesar de dormir, vi pelo espelho que não era a mesma. E os fios do meu cabelo se foram colocando um ao lado do outro, certinhos como pestanas – e a setenta quilômetros de distância, os meus olhos, reclinados nas veludas almofadas das montanhas, olhavam para a que se vestia em Belo Horizonte e preguiçosamente aprovavam as transformações por que ia passando. [CM (vol.1, [30 de novembro de 1944], 1998, p.205) – Frag 19] [grifo nosso] [L.R: Belo Horizonte]

A narradora viajante mais do que simplesmente atravessar os lugares permite-se ser atravessada, isto é, metamorfoseada por eles. Através do tom rememorativo, Cecília Meireles recorda as experiências vivenciadas com braços abertos para receber o que de novo a travessia poderia lhe trazer: cabelos, olhos, escuta, não eram certamente mais os

mesmos de quando chegara a Belo Horizonte. Assim, notamos a construção discursiva do *ethos* de viajante, por meio do tom rememorativo, como alguém aberto a metamorfoses próprias da travessia.

6.1.1.2.2 *Ethos* de viajante de Virginie Hériot

A narrativa de viagem de Virginie Hériot atua como um convite para imergirmos no ideal de vida da navegadora francesa: vivenciar plenamente a experiência da navegação. Para tanto, notamos que a navegadora compreende a viagem não como um produto acabado, mas sim como um convite para contemplação:

Là, je reste un instant en contemplation, suivant chaque arabesque, chaque pan de mur, et je pars en voyage. Je vais avec mes yeux le long des toutes choses, à la découverte. Je monte à l'assaut de cette cité musulmane intacte et je découvre une autre petite mosquée dérobée, et puis encore une autre toute cachée, une Fontaine, une petite place adorable.

Je passe un moment étonnant à contempler Mouley-Ldriss assise près du mur blanc de la mosquée, et je regarde ce grand décor, précieux comme une miniature, bien qu'il ne soit qu'abandon et ruines. [VH (1933, p. 70) – Frag 11]

Ali, eu fico um momento em contemplação, seguindo cada arabesco, cada pedaço de parede, e parto em viagem. Eu vou com meus olhos ao longo de todas as coisas, para a descoberta. Subi de assalto da cidade muçulmana intacta e descobri outra pequena mesquita secreta, e depois outra totalmente escondida, uma fonte, uma pequena praça adorável.

Passo um momento surpreendente contemplando Mouley-Ldriss sentada junto à parede branca da mesquita, e olho para esta grande decoração, preciosa como uma miniatura, embora seja apenas abandono e ruínas. (tradução nossa) [VH (1933, p. 70) – Frag 11] [grifo nosso]

Observamos a presença do tom contemplativo tanto através do emprego do verbo “contemplar” – “[...] eu fico um momento em contemplação”, “Passo um momento surpreendente contemplando [...]” – quanto através da ideia do olhar cuidadoso da navegadora sobre os espaços por quais se deslocou – “Eu vou com meus olhos ao longo de todas as coisas, à descoberta”. Dessa maneira, percebemos que Hériot constrói discursivamente o *ethos* de viajante, por meio do tom contemplativo, através da imagem daquela que busca vivenciar o processo da viagem e as descobertas de cada paisagem, cheiro e sabor dos locais os quais visita.

Virginie Hériot, como uma navegadora-marinheira que lidera um navio, prepara suas viagens previamente como um projeto ao qual dedica uma grande parcela de seu tempo e de sua energia:

En partant pour la belle mission qui me conduisit en Méditerranée orientale, j'avais une joie réelle à me pencher sur la carte: l'Italie, la Grèce, l'Égypte, le Liban, la Syrie, l'Irak, la Palestine. Appareiller après la préparation minutieuse d'un grand projet, qui, dans l'action, va devenir la réalité, avec le butin du retour à vous faire fermer les yeux. [VH (1933, p. 115) – Frag 12]

Partindo para a bela missão que me levou ao Mediterrâneo oriental, eu tinha uma real alegria ao me debruçar sobre o mapa: Itália, Grécia, Egito, Líbano, Síria, Iraque, Palestina. Sair após a preparação cuidadosa de um grande projeto, que, em ação, vai se tornar realidade, com os vestígios do retorno para fazer você fechar os olhos. (tradução nossa) (grifo nosso) [VH (1933, p. 115) – Frag 12] [grifo nosso]

Notamos que, diferentemente do turista que contrata um roteiro de viagem pronto para apenas usufruir dele, Hériot toma a viagem como um processo aberto que incluiria o antes, o durante e o após. A navegadora vivencia “o antes” ao se debruçar sobre o mapa da Itália, Grécia, Egito, Líbano, Síria, Iraque, Palestina; ela desfruta o “durante” ao “Sair após a preparação cuidadosa de um grande projeto [...]”, ou seja, após planejar todo o trajeto de forma muito atenta; e, por fim, ela imerge no “após” quando retorna trazendo consigo os vestígios de tudo que havia vivenciado: certamente não era possível ser mais a mesma após tais deslocamentos, a velejadora francesa ao mesmo tempo que deixa um pouco de si em cada espaço que passa também traz um pouco dos locais e pessoas com as quais entrou em contato. Tais transições temporais – do antes, do durante e do após – são construídas através do emprego do tom contemplativo dos locais e realidades com as quais entra em contato. Assim sendo, verificamos que o tom de contemplação serve de base para a construção do *ethos* de viajante como aquela navegadora aberta a se debruçar sobre os mapas dos países que passará na intenção de iniciar seu próprio processo de descoberta de cada país e de suas especificidades.

Outra particularidade do *ethos* de viajante em Virginie Hériot diz respeito à relação que a navegadora estabelece com o local, mais do que simplesmente passar pelo local, a velejadora conecta-se aos moradores de tal forma que se sente parte da comunidade:

Pour reconquérir la chère coupe de France que j'avais perdue en 1922 au Havre, je retournai en Norvège en 1924, 1925, 1926 à la conquête du trophée perdu et devins de ce fait un peu Norvégienne. [VH (1933, p. 194) – Frag 13]

Para reconquistar a estimada Copa da França, que eu tinha perdido em 1922 em Havre, eu retornei à Noruega em 1924, 1925, 1926 para conquistar o troféu perdido e me torno, por isso, um pouco norueguesa. (tradução nossa) [VH (1933, p. 194) – Frag 13] [grifo nosso]

Observamos que a atitude de Hériot, após inúmeras tentativas em reconquistar o troféu da Copa da França, é de alguém que se demonstra aberta ao aprendizado do processo,

bem como aberta para se inserir e se sentir parte da população norueguesa. Dessa maneira, notamos a presença do tom rememorativo como elemento norteador da reflexão da referida viajante que ao recordar de sua ida para Noruega, no intuito de conquistar o troféu que não havia conseguido anteriormente, o faz de maneira nostálgica ao expressar sua conexão como o país “[...] e me torno por isso um pouco norueguesa” por meio do vínculo com o esporte náutico. Assim, temos o delinear do *ethos* de viajante relacionado ao tom de rememoração das experiências na Noruega e do impacto de tais momentos na vida da navegadora francesa.

6.1.1.3 *Ethos* de persistente

6.1.1.3.1 *Ethos* de persistente de Margaret Mee

Ao longo das narrativas de Margaret Mee na Floresta Amazônica observamos que a artista botânica vivenciou inúmeros desafios de deslocamento e até mesmo para encontrar e retratar as flores em meio à natureza:

After five days the boat for Viseu arrived. Rita and I hung our hammocks side by side. After a disturbed night, I saw one of the loveliest sights by the morning light, flights of flamingos rising against the dark green forests like a shower of geranium petals. [MM (2010 [2009], p.14) – Frag 15] [L.R: rio Gurupi]

Após cinco dias de espera, o barco com destino a Viseu aportou. Rita e eu penduramos nossas redes uma ao lado da outra. Após uma noite incômoda, vi no raiar das primeiras luzes matinais uma das mais lindas cenas: uma revoada de flamingos contrastando com o verde escuro da floresta, como se fosse uma chuva de pétalas de gerânio. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.15) – Frag 15] [grifo nosso] [L.R: rio Gurupi]

On our return we came through the Boca do Andirá into foul weather. A dreadful wind was blowing, but we went with it until the sky became too threatening and there were peals of thunder, so we moored to a fallen tree in the port of a tiny hut, hoping to sit the storm out, until the owner came in his boat. So we had to leave, only to meet another tempest with heavy rain. Just at the peak of the storm, I caught sight of a magnificent *Catasetum* in flower high on the trunk of a large tree. Before it lay a great barrier of floating grass. [MM (2010 [2009], p.110) – Frag 16] [L.R: Manaus]

Em nossa viagem de regresso, atravessamos a boca do Andirá sob um tempo hediondo. Soprava um vento pavoroso, mesmo assim prosseguimos, até que o céu se tornou aterrorizante, com estrondos de trovões. Ancoramos próximo a uma árvore tombada no porto de uma pequena cabana, onde esperávamos permanecer até o final da tempestade, mas o dono da cabana chegou com seu barco. Tivemos que partir de lá, encarando nova tempestade de chuva pesada. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.110) – Frag 16] [grifo nosso] [L.R: Manaus]

Observamos que Margaret Mee não desanima diante da necessidade de esperar vários dias pelo barco para realizar sua expedição, nem diante dos incômodos gerados por uma tentativa de dormir na rede no barco em movimento, como vemos no fragmento 15, até mesmo porque Mee já tinha dormido algumas vezes sozinha na mata¹³⁰, sabendo que estava acompanhada de onças. Notamos, ainda, que diante dos desafios apresentados na travessia dos rios marcados por fortes correntezas e dos fortes ventos com estrondosos trovões, como presenciamos no fragmento 16, a viajante inglesa não se deixa abater e prossegue sua expedição na floresta. Observamos nos supramencionados fragmentos a presença do tom de resiliência por meio da forma como Mee lida com os desafios que lhe aparecem nas expedições. Tal tom serve de base para a construção do *ethos* de perseverante como aquela que busca resistir diante dos desafios adotando uma postura de resiliência diante das situações experienciadas.

Em tais expedições Margaret Mee tinha uma grande motivação para manter-se focada no decorrer das viagens, fossem de barco, de carro ou, ainda, a pé: conhecer a fauna e a flora brasileiras e buscar retratar, *in loco*, as flores com as quais entrou em contato:

My search for the Moonflower (*Strophocactus wittii*, now called *Selenicereus wittii*) continued. I had collected it three times on journeys along the Rio Negro and tributaries of that river, but never with flowers. [MM (2010 [2009], p.159) – Frag 17][L.R: rio Negro]

Minha busca pela “flor-do-luar” (*Strophocactus wittii*, agora chamada *Selenicereus wittii*) continuou. Eu já havia colhido essa planta três vezes em viagens ao rio Negro e seus afluentes, porém nunca com flores. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.159) – Frag 17] [grifo nosso] [L.R: rio Negro]

Further afield, in an open part of the igapó, a group of brilliantly coloured cactus leaves came to view on a large tree. As it was getting dark I decided to return the next day. Next afternoon I observed that there were many epiphytes on the trees, including a Gesneriad which partly masked the cactus. I made colour sketches until the light began to fade, and it was obvious that the buds were soon going to open.

As I stood there, with the dim outline of the forest all around I was spellbound. Then the first petal began to move and the another as the flower burst into life. It was opening so quickly. We continued to watch with only a faint illumination from a torch and the light of the full moon rising over the darkened rim of the forest. In the early stages an extraordinary sweet perfume wafted from the flower, and we are all transfixed by the delicate and unexpectedly large flower, fully open in an hour. [MM (2010 [2009], p.162) – Frag 18] [L.R: rio Negro]

Mais acima, em uma região aberta ao igapó, um grupo de folhas coloridas de cactos brilhava em uma grande árvore. Como estava escurecendo, resolvi

¹³⁰ MARGARET MEE E A FLOR DA LUA. Direção: Malu de Martino. Documentário. Brasil: BRETZ FILMES (RIMO), 2013. 1 disco (78 min.), son., color., legendado.

retornar no outro dia. Na tarde seguinte, observei que havia muitas epífitas nas árvores, incluindo uma Gesneriad que encobria parcialmente o cactus. Fiz desenhos coloridos até o anoitecer, tendo a certeza de que os botões de flor se abririam em breve.

Ao permanecer imóvel, com o escuro contorno da floresta ao meu redor, me senti enfeitiçada. Nesse momento, a primeira pétala começou a se mover, e outra após outra, enquanto a flor rompia para a vida. Abria-se muito rapidamente. Continuamos assistindo, com a fraca iluminação de uma tocha e com a luz da lua cheia que subia pela orla escurecida da floresta. Nos primeiros estágios, a flor exalou um perfume extraordinariamente doce e ficamos todos fascinados com sua beleza e delicadeza. Para nossa surpresa, ela ficou enorme e totalmente aberta em uma hora. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.162) – Frag 18] [grifo nosso] [L.R: rio Negro]

Ao nos debruçarmos no fragmento 17 nos deparamos com a busca incansável de Margaret Mee por retratar a flor da lua (FIGURAS 28 e 29).

Figura 27: Margaret Mee desenhando a Flor-da-lua



Fonte: Mee, 2010[2009], p.160.

Figura 28: Flor-da-lua



Fonte: Mee, 2010[2009], p.161.

A artista botânica ansiava por desenhar tal flor aberta (FIGURA 28), contudo o grande desafio que precisava ultrapassar, além dos relacionados a questão da viagem, diria respeito a periodicidade de abertura e fechamento de tal flor — a flor da lua abre e fecha durante uma noite no ano¹³¹ — por tal razão Mee fez diversas tentativas de realizar tal desenho “Eu já havia colhido essa planta três vezes em viagens ao rio Negro e seus

¹³¹ Disponível em: < <https://www.primaveragarden.com.br/mee-a-flor-da-lua/>>. Acesso em: 23 setembro 2020.

afluentes, porém nunca com flores”. Notamos, assim, a presença do tom de resiliência na narrativa de Mee que, apesar dos desafios para desenhar a flor da lua, persiste rumo a seu objetivo. Tal resiliência da viajante inglesa a motivou a refazer o caminho em busca da referida flor diversas vezes em épocas diferentes do ano até encontrá-la, em 1982, aos 78/79 anos¹³², aberta e pronta para ser pintada *in loco*. Outros tons que observamos na narrativa da viajante foram os tons de curiosidade e o de investigação: curiosidade, pois a viajante expressa seu interesse por conhecer e retratar o desconhecido; investigação, pois a artista botânica busca realizar um estudo muito bem organizado sobre a flor da lua, isto é, busca compreender as características de tal flor, os locais em que poderia encontrá-la e ainda em qual época. De tal modo, por meio dos tons de resiliência, de curiosidade e de investigação, verificamos que são lançadas as bases para a construção discursiva do *ethos* de perseverante da supramencionada escritora.

6.1.1.3.2 *Ethos* de persistente de Virginie Hériot

Cara leitora e caro leitora, convidamo-lhes a refletirem juntamente conosco: se navegar era uma tarefa desafiadora para um homem, tendo em vista os desafios vivenciados ao mar com as tempestades e fortes ventos que podiam acabar gerando alguns problemas no navio, imagine para uma mulher que além dos desafios climáticos ao mar precisava enfrentar os preconceitos de gênero em terra? Ocupar tal espaço era uma forma de resistência e problematização do *status quo* sexista tanto no mar quanto em terra, assim, Virginie Hériot ao navegar o fazia por si e por outras mulheres que poderiam trilhar tal caminho em seguida. Não obstante, como se pode imaginar, a velejadora e capitã francesa enfrentou diversos desafios:

Ma vie est un acte de foi et mes actes sont le reflet de ma vie.
 Nombreuses sont les femmes qui, en perdant la jeunesse, découvrent une œuvre et s’y consacrent!
 Il vaut mieux commencer une carrière à vingt ans qu’à cinquante ans!
 Je ne regrette plus mes peines endurées dans ma jeunesse et je bénis le chagrin qui vint à moi si tôt, car j’ai pu guider mes vingt ans vers l’Idéal et travailler pour la Mer avec mes cheveux bruns, mes yeux clairs et toutes mes illusions vivantes. [VH (1933, p. 25-26) – Frag 14] [L.R: n.i]

A minha vida é um ato de fé e as minhas ações são o reflexo da minha vida.
 Muitas são as mulheres que, perdendo a juventude, descobrem uma atividade e a ela se dedicam!
 É melhor começar uma carreira aos vinte anos do que aos cinquenta!

¹³² MARGARET MEE E A FLOR DA LUA. Direção: Malu de Martino. Documentário. Brasil: BRETZ FILMES (RIMO), 2013. 1 disco (78 min.), son., col., legendado.

Eu não lamento mais os meus sofrimentos na minha juventude e abençoo a tristeza que me chegou tão cedo, pois pude orientar os meus vinte anos para o Ideal e trabalhar no Mar com o meu cabelo castanho, os meus olhos claros e todas as minhas ilusões vivas. (tradução nossa) [VH (1933, p. 25-26) – Frag 14] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Le début d'une carrière est toujours décevant.
Une âme de chef trouvera sa mesure dans la persévérance. Un jour, par la volonté, elle pourra se faire écouter.
Dix années d'efforts, m'ont valu d'atteindre ce but. [VH (1933, p. 27-28) – Frag 15] [L.R: n.i]

O início de uma carreira é sempre decepcionante.
Uma alma de líder encontrará sua medida na perseverança. Um dia, pela vontade, poderá fazer-se ouvir.
Dez anos de esforços, valeram-me atingir este objetivo. (tradução nossa) [VH (1933, p. 27-28) – Frag 15] [L.R: n.i] [grifo nosso]

A viagem surge para Hériot como uma forma de embrenhar-se nos tecidos complexos do vir a existir: o modo de vida e as ações da velejadora são um reflexo de sua trajetória com todas suas conquistas, mas também com todas suas derrotas. Conforme observamos no fragmento 14, através do tom de introspecção e do tom de resiliência, Hériot enxerga os sofrimentos que enfrentou em sua juventude como uma base importante para a navegadora que ela se tornaria. Observamos ainda que ela reforça, através do tom de resiliência, que as situações desafiadoras são próprias do início de uma carreira e que uma alma líder irá encontrar irá alcançar seus objetivos através da perseverança, conforme vemos no fragmento 15. De tal modo, por meio dos tons de introspecção e de resiliência, a referida escritora constrói discursivamente o *ethos* de persistente como aquela que ao recordar seu passado e os desafios que vivenciou em juventude, ao invés de lamentar, enxerga em tais situações vivenciadas, ao longo de dez anos em busca de seus sonhos, um degrau que a aproximaria de seu ideal de vida, isto é, o de navegar.

Em meio aos cruzeiros realizados por Hériot inúmeras foram as vezes em que a navegadora e seus marinheiros foram surpreendidos por fortes tempestades que chegaram até mesmo a colocar em risco a vida de todos a bordo:

Après deux jours de lutte je me couchai avec une congestion pulmonaire.
Soignée énergiquement au Cap Martin par ma mère, je me remis assez vite.
[VH (1933, p. 90) – Frag 16] [L.R: n.i]

Depois de dois dias de luta eu me deitei com uma congestão pulmonar. Cuidada vigorosamente pela minha mãe no Cabo Martin, eu me recuperei rapidamente. (tradução nossa) [VH (1933, p. 90) – Frag 16] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Je n'avais presque rien: une côte enfoncée légèrement. Mais Front ne bougeait plus, la tête ensanglantée. Étendu sur le pont, des compresses d'eau froide sur la tête, nous lui fimes avaler des gorgées de cognac sans qu'il donnât signe de vie. [VH (1933, p. 103) – Frag 17] [L.R: n.i]

Eu não tinha quase nada: uma costela ligeiramente pressionada. Mas Front não se mexia mais, com a cabeça ensanguentada. Deitado na ponte, com compressas de água fria na cabeça, nós lhe demos goles de conhaque sem que ele desse sinal de vida. (tradução nossa) [VH (1933, p. 103) – Frag 17] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Hériot vivenciava as dificuldades de frente juntamente com seus marinheiros com uma atitude de resiliência e coragem. Para tanto, notamos o emprego dos tons de bravura e de resiliência tanto fragmento 16, ao nos depararmos com o relato do contexto em que a navegadora passou por uma grave congestão pulmonar e que foi cuidada por sua mãe; quanto no fragmento 17, em que tomamos conhecimento de uma costela pressionada que a navegadora teve em um dos desafios vivenciados ao mar. Verificamos, assim, que a velejadora constrói o *ethos* de perseverante, embasando-se nos tons de bravura e de resiliência, ao lutar de forma contínua diante dos desafios apresentados ao mar.

É interessante observar a forma como Virginie lida com as dificuldades apresentadas tanto ao mar, como na vida de uma forma geral, para a velejadora os desafios são uma grande oportunidade de aprendizado e autoconhecimento:

Une joie = un regret!
 Une peine = une leçon!
 Un chagrin = une évolution vers le bien, le large et l'infini!
 Le bonheur est dangereux. La souffrance est meilleure, elle nous rapporte en vous dépouillant.
 Une grande peine nous améliore toujours.
 Il ne faut pas fuir devant la douleur. Il faut l'accepter en disant qu'elle est nécessaire à l'élévation de l'âme. [VH (1933, p. 123) – Frag 18] [L.R: n.i]

Uma alegria = um arrependimento!
Um sofrimento = uma lição!
Uma tristeza = uma evolução para o bem, para o largo e para o infinito!
 A felicidade é perigosa. O sofrimento é melhor, nos traz de volta nos despojando.
 Uma grande dor nos melhora sempre.
Não devemos fugir da dor. É preciso aceitá-la dizendo que é necessária para a elevação da alma. (tradução nossa) [VH (1933, p. 123) – Frag 18] [grifo nosso] [L.R: n.i]

[...] D'où me vient cette volonté?
 Je ne puis saisir dans mes mains frêles toute cette force qui s'échappe de mon âme!
 Elle est surtout faite de tout l'espoir de bonheur que convoite la jeunesse et que je n'ai jamais connu.
 Elle est faite de toutes les larmes, de toutes les peines, de toutes les désillusions et aussi de ma révolte devant la lâcheté de certains êtres. [VH (1933, p. 126) – Frag 19] [L.R: n.i]

[...] Donde me vem esta vontade?
 Não posso agarrar nas minhas mãos frágeis toda aquela força que escapa da minha alma!
Ela é sobretudo feita de toda a esperança da felicidade que almeja a juventude e que eu nunca conheci.

Ela é feita de todas as lágrimas, de todos os sofrimentos, de todas as decepções e também da minha revolta diante da covardia de alguns seres. (tradução nossa) [VH (1933, p. 126) – Frag 19] [grifo nosso] [L.R: n.i]

O sofrimento ocupa na narrativa de Virginie Hériot um lugar de grande relevância, tendo em vista que a navegadora francesa o enxerga como “uma lição” e como uma oportunidade para “uma evolução para o bem, para o largo e para o infinito”. Para a escritora, o sofrimento atuaria como uma fonte de grande aprendizado, tendo em vista que “nos traz de volta nos despojando” e nos convidando, segundo a perspectiva da velejadora, a repensar as perspectivas e visões de mundo com as quais temos herdado e, assim, temos nos embasado (fragmento 18). Em tal ponto nossos leitores podem se indagar: Mas afinal qual seria a mola propulsora de Hériot para permanecer focada em seus objetivos a despeito de tantos desafios? Observamos, em sua obra, que a velejadora busca pautar sua vida por sua grande vontade de viver por seu ideal da navegação (fragmento 19). E é justamente tal vontade que lhe concede as forças necessárias para persistir diante de “todas as lágrimas, de todos os sofrimentos, de todas as decepções” atuando como uma fonte de esperança rumo a seu objetivo. Conforme observamos, através dos supramencionados fragmentos, a escritora se embasa nos tons de introspecção e de resiliência para tecer seus pensamentos sobre a vida e construir o *ethos* de persistente como aquela que enxerga nas dificuldades uma oportunidade de autoconhecimento e amadurecimento, considerando que os sofrimentos vivenciados podem atuar como um encorajamento para uma busca por mudança no contexto em questão.

6.1.2 Ethé – como percebem o mundo

O *ethos* de benevolente, o *ethos* de conservacionista e o *ethos* de intelectual nos possibilitam vislumbrar o modo *como* as escritoras analisadas buscam *perceber* o mundo, isto é, a forma como procuram conhecer o mundo através do emprego dos seus sentidos assim como de suas capacidades cognitivas. Buscaremos nos debruçar, a seguir, nas obras de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot com a finalidade de verificar de que maneira tal processo se desenvolve.

6.1.2.1 *Ethos* de benevolente

6.1.2.1.1 *Ethos* de benevolente de Cecília Meireles

Ao nos debruçarmos sobre as crônicas de Cecília Meireles verificamos que a escritora brasileira constrói discursivamente o *ethos* de benevolente através de um duplo movimento: deslocamento empático em direção ao outro e, ainda, abertura para compreender a realidade que seu interlocutor vivencia. Abordaremos, a seguir, os dois movimentos realizados pela referida escritora.

O primeiro movimento realizado pela viajante brasileira diz respeito à busca por aproximar-se do outro com o intuito de compreendê-lo e se inserir na realidade dele:

Aqui se recorda o Brasil com melancolia. Tanta gente estudando português. E nenhum livro brasileiro pelas livrarias. Todos nos tratam como vizinhos, amigos íntimos, pessoas da família ... Todos sabem que o Brasil começa ali perto, entre Santa Ana e Rivera, entre Jaguarão e Rio Branco ... Sabem que falamos idiomas muito parecidos, embora tão perturbadores que a mesma palavra sempre significa as coisas mais diferentes ... Temos em comum a cochilha, o cavalo, o mate, o poncho, - a doçura do coração, a cortesia do gesto, a coragem que inspira a nobre vida do campo, entre largos horizontes, na lida com o gado e a planta. [CM (vol.1, [10 de outubro de 1944], 1998, p.142-143) – Frag 20] [grifo nosso] [L.R: n.i]

A viajante brasileira mais do que realizar meramente um deslocamento geográfico procura realizar um deslocamento empático em relação à comunidade local ao buscar o que eles tinham em comum – costumes alimentares, valores e formas de agir – e de que tais semelhanças poderiam aproximá-los. Observamos, através do fragmento 20, a presença do tom de companheirismo, por meio da busca da viajante pelo convívio cordial e solidário como notamos no trecho “Todos nos tratam como vizinhos, amigos íntimos, pessoas da família” em que podemos ver que Cecília Meireles sente-se conectada com laços até mesmo familiares tendo em vista tantas coisas que partilhavam em comum. Desse modo, percebemos que o tom de companheirismo é empregado como uns dos tons que serve de base para a construção do *ethos* de benevolente.

O segundo movimento realizado por Cecília Meireles, no que se refere à construção discursiva do *ethos* de benevolente, está ligado à abertura demonstrada pela escritora para o outro. Verificamos que a viajante brasileira, após deslocar-se empaticamente em direção ao outro, abre-se para interagir com ele e imergir em sua realidade através de quatro atitudes complementares: a) Busca por enxergar o que há de melhor no outro; b) Busca por construir laços; c) Valorização da forma como é tratada

pelos outros; d) Conexão ao outro através da imersão na cultura local. Discorremos sobre tais atitudes a seguir.

Ao chegar a uma comunidade, Meireles busca olhar para além da superfície e ouvir para além dos discursos cristalizados sobre os habitantes locais. A viajante busca construir sua própria impressão, para tanto, abre-se para dialogar com aqueles com quem entra em contato:

A diretora desta escola é uma senhora amabilíssima, que explica as origens e o desenvolvimento deste curso, criado há mais de vinte anos. [CM (vol.1, [junho de 1944], 1998, p.131) – Frag 21] [grifo nosso] [L.R: Montevideu, Uruguai]

Todos os empregados desta grande casa de modas parece (sic) terem sido escolhidos a dedo, para manequins. São extremamente corteses, e, interrompendo a importante função de vender, perguntam por vários brasileiros que ali também fizeram suas compras, e com muito empenho nos encarregam de dar lembranças a todos eles. [CM (vol.1, [junho de 1944], 1998, p.157) – Frag 22] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Notamos que a escritora procura enxergar o que há de melhor nas pessoas com as quais se relaciona, como no caso da diretora da escola (fragmento 21) e dos empregados da loja (fragmento 22) em que vai realizar suas compras. A escritora não os vê somente como funcionários de determinado estabelecimento, mas busca enxergá-los como sujeitos com qualidades tais como amabilidade e cortesia. Percebemos, pelos referidos fragmentos, o emprego do tom de gentileza quando a escritora olha as pessoas buscando o que existe de melhor em cada uma delas como nos casos supracitados. Tal tom constitui uma das importantes bases para a constituição do *ethos* de benevolente.

Tal abertura para o outro colabora com a busca por construir laços sociais com os povos com os quais Cecília Meireles entra em contato. A escritora cria vínculos tão fortes em tão pouco tempo que tem impressão de conhecer há anos os habitantes locais:

Evangelina A. de Vaughan é uma senhora peruana, radicada em Nova York, antiga presidente da Unión des Mujeres Americanas, grande animadora do movimento feminino dos Estados Unidos e em todas as Américas. Um rápido convívio de dois dias fez-se para nós estima de alguns anos, e este emblema que me oferece dá motivo a que relembre em público e por ela relembre muitas coisas mais. [CM (vol.1, (24 de março de 1943), 1998, p.35) – Frag 23] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Notamos que Meireles, ao falar sobre Evangelina A. de Vaughan, busca reconhecer as contribuições de tal mulher para o movimento feminino nos Estados Unidos e em todas as Américas, para tanto apresenta como fundamento para sua construção discursiva o tom de reconhecimento sobre os feitos de Evangelina. De tal forma, por meio do tom de reconhecimento, observamos o delinear do *ethos* de benevolente estando pautado mais na

intensidade com que a referida viajante busca construir os laços sociais do que necessariamente no tempo que possui em cada cidade, isto é, para a escritora viajar implica em olhar para o outro com uma lente de reconhecimento de suas contribuições sociais.

A viajante brasileira, ao transitar por diferentes espaços e entrar em contatos com múltiplas comunidades, demonstra-se, em diversos momentos, tocada com a gentileza e a forma como é recebida nos locais em que chega:

Logo que entramos, desconhecidos e inesperados, fomos recebidos ternamente por homens, senhoras, moças, rapazes, crianças, que nos dirigiam o mais delicado sorriso, e com uma inflexão musical nos murmuravam: “Good evening, sister, “Good evening, brother”. [CM (vol.1, [10 de fevereiro de 1943], 1998, p.19-20) – Frag 24] [grifo nosso] [L.R: Harlem, Nova York]

Verificamos, assim, a valorização e reconhecimento de Meireles sobre a forma com que é acolhida com tamanha gentileza e hospitalidade em um teatro à espera do *Father Divine*¹³³ por meio do emprego do tom de gentileza que serve de base para a construção do *ethos* de benevolente.

Como resultado do deslocamento empático, bem como da abertura para o outro, Cecília Meireles trilha um caminho de conexão com os moradores locais, para tanto, abre-se para aprender a língua local, como foi o caso do lunfardo que a escritora se dedicou para aprender com o intuito de conhecer mais de perto a cultura local.

6.1.2.1.2 *Ehos* de benevolente de Margaret Mee

Ao contrário de muitos que viam nas florestas um meio para obter ganho financeiro e com isso acabavam desconsiderando a população local e suas necessidades, Margaret Mee lida com a fauna e a flora considerando sua relevância para a população local e a importante relação de respeito e conhecimento dos habitantes locais em relação ao espaço em que vivem.

Notamos que, através da relação que estabelece com os moradores dos locais em que transita, Mee constrói o *ethos* de benevolente por meio da abertura que realiza na

¹³³ Tratava-se de George Baker (1880-1965), um destacado líder religioso afro-americano que ficou conhecido como reverendo *Father Divine*, tendo em vista a visão que ele possuía sobre sua missão. Ele fundou o *Movimento da Missão internacional da paz (International Peace Mission Movement)* e foi considerado como um dos importantes precursores do Movimento dos Direitos Cívicos. Para mais informações consultar: *Father Divine American religious leader*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Father-Divine>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

procura por conhecer e se aproximar do outro, para tanto realiza um movimento que se dará através de dois passos: busca por enxergar o que há de melhor no outro e busca por reconhecer e valorizar a forma como é tratada pela comunidade local.

Margaret Mee, ao se aventurar a realizar suas expedições na Floresta Amazônica, abriu-se para interagir e aprender com os habitantes locais, para tal a viajante inglesa buscava enxergar o melhor que existia no outro:

When our food store was near an end, we decided we had to leave Murutucum. If we could get a boat, we could go upriver to Pingafogo and take refuge with Antonio Carvalho, João's father. Dear old Antonio Carvalho was the sage of Rio Gurupi, the peasants living up and down the river came to him to have their letters read or written, and to hear the news from the papers which he occasionally received from Viseu. His small market garden was flourishing, for he cultivated wisely. Instead of the usual practice of cutting and burning the forest around his home, he cleared some of the undergrowth from under the mighty forest trees and planted fruit trees using the leaf mould which the natural cycle continually renewed. [...] He cured many of the sick with the abundant medical plants to be found in the Amazon, for he had an amazing knowledge of their properties. Whilst we were there, we witnessed the recovery of his old dog whom he had treated for shotgun wounds. When we arrived, the animal was in a very poor way, but after treatment with a herbal mix devised by Antonio it recovered, and on the day of our departure got up wagging its tail. [MM (2010 [2009], p.17) – Frag 19] [L.R: rio Gurupi]

Quando nosso estoque de comida chegou próximo do fim, decidimos que era hora de partir de Murutucum. Se conseguíssemos um barco, poderíamos subir o rio até Pingafogo e conseguir abrigo com Antônio Carvalho, o pai do João. Nosso velho amigo Antônio Carvalho era considerado o sábio do rio Gurupi. A população humilde que vivia ao longo do rio buscava sua ajuda para ler ou escrever cartas e para ouvir as notícias dos jornais que ele ocasionalmente recebia de Viseu. Seu pequeno jardim não parava de florescer, visto que ele praticava o cultivo inteligente. Em vez de cortar e queimar a mata ao redor de sua casa, o que era uma prática comum, ele limpava a vegetação rasteira ao redor das árvores maiores e plantava árvores de frutas, utilizando o mofo das folhas que se renovava continuamente pelo ciclo natural.

[...] Antônio curou muitos enfermos com as plantas medicinais encontradas com fartura na Amazônia, utilizando o surpreendente conhecimento que possuía sobre suas propriedades. Enquanto estivemos por lá, pudemos testemunhar a recuperação de seu velho cão que foi curado após ter sofrido ferimentos à bala. Quando chegamos, o animal encontrava-se em estado precário, mas, após o tratamento com uma combinação de ervas engendrada pelo Antônio, começou a recuperar-se e no dia de nossa partida já estava de pé, abanando o rabinho. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.16) – Frag 19] [grifo nosso] [L.R: rio Gurupi]

José, the Indian boy of seven assigned to help me in my collecting, was a charming child. He was extremely quick and intelligent and climbed trees with the ease and confidence of a marmoset, swinging to the more inaccessible ones on lianas. He found me some lovely plants, including *Aechmea spruceei*, for which I had been searching all the time, and a *Billbergia* with a collar of red bracts and dark leaves mottled and striped with silver-grey.

Later, I went collecting with Raimundo who offered to take me to a little rocky islet by canoe which was impossible to reach by other means. [MM (2010 [2009], p.26) – Frag 20] [L.R: Mato Grosso]

José, um jovem índio de sete anos, prontificou-se a me ajudar na colheita. Extremamente ágil e inteligente, escalava árvores com facilidade e a segurança de um pequeno mico, balançando pelos cipós até alcançar as árvores de mais difícil acesso. Ele conseguiu para mim algumas plantas adoráveis, incluindo uma *Aechmea sprucei*, que há muito procurava, e um *Billbergia* com um colar vermelho de brácteas e folhas escuras matizadas e listradas de cinza-prateado. Mais tarde parti para nova colheita com Raimundo, que se ofereceu para me levar de canoa até uma ilha cujo acesso era impossível por outros meios.(trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.26) – Frag 20] [grifo nosso] L.R: Mato Grosso]

Notamos que Mee ao se inserir na realidade local realiza o movimento de abrir-se para buscar enxergar as qualidades e os conhecimentos dos habitantes locais, tal como podemos notar com o reconhecimento da viajante inglesa em relação ao saber de Antônio, que era considerado o sábio do rio Gurupi, que praticava o cultivo inteligente como notamos no fragmento 19 “Antônio curou muitos enfermos com as plantas medicinais encontradas com fartura na Amazônia, utilizando o surpreendente conhecimento que possuía sobre suas propriedades”; bem como destaca a agilidade e inteligência do jovem índio de 7 anos chamado José e a gentileza e destreza de Raimundo que se prontificou a levar Margaret Mee “[...] até uma ilha cujo acesso era impossível por outros meios”, conforme observamos no fragmento 20. Assim, observamos que, por meio do emprego do tom de reconhecimento da sabedoria e das habilidades dos habitantes locais e do tom de companheirismo, a artista botânica realiza o movimento de abertura ao outro e constrói discursivamente o *ethos* de benevolente. Também pudemos verificar que tal *ethos*, através dos episódios sobre Antônio e o índio José, fundamentaria a organização do efeito patêmico visado de simpatia, isto é, por meio de tal *ethos* teria como intuito convidar seu narratário/leitor para desenvolver uma impressão agradável e favorável em relação aos habitantes locais com os quais entra em contato.

Observamos que outro movimento realizado por Margaret Mee em sua obra foi o da busca por reconhecer e valorizar a forma como foi tratada nos locais em que chegava:

When we reached Cachoeira dos Índios the head mand there, Araken, took me into the forest in his dugout canoe. We found ourselves in the loveliest glade, green with ferns and mosses, where little streams trickled through the rock crevices.) [MM (2010 [2009], p.78) – Frag 21] [L.R: rio Demini]

Ao chegarmos à Cachoeira dos Índios, Araken, o cacique da aldeia, levou-me a um passeio pela floresta em sua canoa artesanal. Chegamos a uma adorável clareira, verde de tantas samambaias e musgos, onde pequenas nascentes brotavam pelas fendas das pedras. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.78) – Frag 21] [grifo nosso] [L.R: rio Demini]

Tendo se aberto para reconhecer os saberes locais, Margaret Mee coloca-se no caminho de reconhecimento e valorização da forma como era tratada pelos habitantes locais como, por exemplo, no caso do cacique que a levou para um passeio na floresta (fragmento 21). Verificamos, pelo supramencionado excerto, a presença do tom de camaradagem tendo em vista a relação de proximidade e de amistosidade entre Mee e o referido cacique. Observamos ainda que tal tom serve como base para a construção do *ethos* de benevolente como aquela que busca evidenciar com gratidão a gentileza que recebe dos habitantes locais com os quais entra em contato.

6.1.2.1.3 *Ethos* de benevolente de Virginie Hériot

Navegar por mares nunca antes desbravados, encontrar sujeitos nunca antes conhecidos: eis uma síntese de Virginie Hériot. Observamos que a velejadora francesa, por meio de sua narrativa, constrói discursivamente o *ethos* de benevolente através de um duplo movimento: deslocamento empático em direção ao outro e abertura para tal sujeito.

Hériot conhecia na própria pele os desafios vivenciados no cotidiano da vida ao mar, ainda mais porque se tratava de uma mulher que ousava ocupar tal posição. A navegadora narra, em sua obra, um episódio em que enfrentaram uma forte tempestade ao mar em que parecia que não sairiam da situação ilesos. Diante dos fortes ventos e dos bruscos movimentos do navio, em meio ao mar revolto, a capitã francesa percebeu que se não tomasse a frente da situação seus marinheiros continuariam paralisados diante do contexto desafiador apresentado. Ao tomar a iniciativa, não somente encoraja seus marinheiros, como também conquista a confiança e respeito deles. Em meio aos desafios vivenciados ao mar e a forma de Hériot de lidar com os que estão ao seu redor, destacamos os excertos a seguir:

En lisant cette nouvelle, je fus consternée.
J'écrivis de suite au patron René Faou, qui me répondit par la lettre suivante. [VH (1933, p. 137) – Frag 20] [L.R: Pont l'Abbé]

Ao ler esta notícia, fiquei chocada.
Escrevi imediatamente para o chefe René Faou, que me respondeu com a seguinte carta. (tradução nossa) [VH (1933, p. 137) – Frag 20] [grifo nosso] [L.R: Pont l'Abbé]

Je regardais Ailée lutter dans la tempête. C'était beau: nous étions mieux que nous-mêmes.
Je voyais mes hommes à la manœuvre: ce qu'ils faisaient était bien, parce qu'ils se donnaient la peine de rechercher ce qu'il fallait accomplir de justesse pour être de taille et de force dans la tempête qui faisait rage. [VH (1933, p. 13) – Frag 21] [L.R: n.i]

Eu via *Ailée* (navio) lutando na tempestade. Foi bonito: éramos melhores do que nós mesmos.

Eu via os meus homens nas manobras: o que faziam era bom, porque se esforçavam em procurar aquilo que era necessário ser feito com precisão para ser de tamanho e da força da tempestade que se alastrava. (tradução nossa)
[VH (1933, p. 13) – Frag 21] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Nos dois fragmentos apresentados, 20 e 21, podemos verificar o movimento de deslocamento que Hériot realiza em direção ao outro. No fragmento 20 verificamos a reação da navegadora após ler a notícia no jornal *Bretagne à Paris*, de 1º de agosto de 1931, sobre o acidente que aconteceu com o *Lagosteiro*¹³⁴ Virginie Hériot e o desaparecimento de um dos marinheiros no mar. Notamos que a navegadora se solidariza com a grande perda da tripulação, como vemos no trecho “Ao ler esta notícia, fiquei chocada”, e escreve para René Faou na tentativa de aproximar-se dele e de seus marinheiros diante do momento que viviam, assim temos o tom de companheirismo dando a tônica da narrativa ao apresentar a navegadora como alguém solidária com a dor do outro. No fragmento 21, observamos a busca de Hériot por estabelecer uma aproximação com seus próprios marinheiros através da partilha de uma experiência em comum: uma tempestade que lutaram juntos em meio ao mar. A velejadora reconhece e valoriza os esforços de sua equipe “[...] o que faziam era bom, porque se esforçavam em procurar aquilo que era necessário ser feito com precisão”, pois além de se esforçarem por fazer o que era necessário para lidar com aquela situação desafiadora, buscavam fazê-lo com precisão. Dessa maneira, observamos o emprego dos tons de companheirismo e reconhecimento do empenho de sua equipe. Tais tons servem de base para a construção discursiva do *ethos* de benevolente como aquela que busca realizar um deslocamento empático em relação ao outro. Através dos episódios narrados nos fragmentos 20 e 21, notamos que o efeito patêmico da empatia é construído discursivamente pela narradora no intuito de convidar a seu narratário/leitor, para além de compreender teoricamente a realidade vivenciada ao mar, a sentir o que eles sentem através de uma atitude de solidariedade com os desafios por eles enfrentados ao mar.

O segundo movimento realizado por Virginie foi o de buscar abrir-se para o outro através de quatro etapas: a) busca enxergar o melhor no outro; b) construção de laços; c) reconhecimento e valorização da forma como é tratada; d) conexão. Abordaremos tais passos supramencionados a seguir.

¹³⁴ Trata-se de um barco equipado para pesca de lagosta. Disponível em: <<https://www.cnrtl.fr/definition/langoustier>>. Acesso em: 14 de novembro de 2019.

Na busca por abrir-se ao outro, Hériot se propõe enxergar para além das aparências buscando ver o que poderia existir de mais profundo naqueles com quem entrava em contato. Em diversos momentos do diário da navegadora observamos os elogios que Virginie Hériot tece no que diz respeito à rainha de Portugal como uma mulher serena e bondosa, bem como reconhece a inteligência, a simplicidade, a nobreza e a bondade da rainha Marie-Christine. Assim, por meio da busca por enxergar para além das aparências, notamos que o tom de reconhecimento sobre as qualidades da referida rainha atua como base para o delinear do *ethos* de benevolente.

Mais do que simplesmente turistar e passar objetivamente pelos locais em busca de algo específico, notamos que Hériot procura enxergar as pessoas que habitam e trabalham nos locais em que passa não apenas como funcionários, mas como sujeitos com qualidades e com os quais busca construir laços:

Notre conducteur et sa femme sont Parisiens.
Installés à Porto depuis cinq ans, ils aiment la belle nature du site qu'ils ont choisi pour vivre et semblent très heureux de leur sort.
La femme, très vive, très aimable, m'offre de jolies fleurs de son jardin, dont elle est très fière.
Au moment de l'appareillage, toute la famille, en barque, conduite par un pêcheur de l'endroit, vint assister à notre départ aux cris de "Merci, Madame, de votre bonne visite. N'oubliez pas le golfe de Porto."
Non, braves coeurs, je ne vous oublierai pas et je vous promets de revenir. [VH (1933, p. 62) – Frag 22] [L.R: Golfe de Porto]

Noosso motorista e a sua mulher são parisienses.
Instalados no Porto há cinco anos, amam a bela natureza do local que escolheram para viver e parecem muito felizes com o seu destino.
A mulher, muito viva, muito amável, oferece-me lindas flores do seu jardim, das quais se orgulha muito.
No momento da partida, toda a família, de barco, conduzida por um pescador do lugar, veio assistir à nossa partida aos gritos de "Obrigado, Senhora, pela sua boa visita. Não se esqueça do golfo do Porto."
Não, bravos corações, eu não me esquecerei de vocês e lhes prometo que voltarei. (tradução nossa) [VH (1933, p. 62) – Frag 22] [grifo nosso] [L.R: Golfe de Porto]

Notamos que a velejadora ao passar por Porto e conhecer aquele que seria seu motorista e sua esposa, busca enxergá-los com suas qualidades e senso de hospitalidade que apresentaram desde sua chegada até sua partida. Diante de tal cenário mais do que simplesmente guardar um nome, Hériot abre-se para a manutenção de uma amizade que poderia ser fortalecida em um encontro futuro como observamos no excerto "Não, bravos corações, eu não me esquecerei de vocês e lhes prometo que voltarei". Por meio do tom de reconhecimento da gentileza com a qual foi recebida, a velejadora organiza o *ethos* de

benevolente como alguém que acolhe, com um olhar de gratidão, os atos de gentileza que recebe.

Notamos que outro movimento empreendido por Virginie Hériot, foi a sua busca por reconhecer e valorizar a forma como era tratada nos locais em que passava como acontecia, por exemplo, quando desembarcava com seu navio e a forma como era recebida pela população local, a escritora menciona a forma “bonita e tocante prova de simpatia” como foi recebida pelos amigos Outre-Manche.

E por fim, o movimento de abertura realizado por Hériot – após buscar enxergar ao outro, criar laços e valorizar a forma como é tratada – notamos que o quarto passo diz respeito à procura de conexão com aqueles com quem entra em contato:

L’humanité souffre. N’oublions pas que chacun a sa peine à porter, et c’est bien là le fardeau du monde!
C’est en allégeant la douleur des autres que vous vous sentirez libéré de la vôtre. Il faut savoir être indulgent.
Il faut savoir pardonner. Il faut devenir bon, car nous souffrons tous sans oser nous le dire!
Droit,
Il bat,
Le coeur humain,
Solitaire et douloureux. [VH (1933, p. 20) – Frag 23] [L.R: n.i]

A humanidade sofre. Não esqueçamos que cada um tem a sua dor para levar, e esse é o fardo do mundo!
É aliviando a dor dos outros que você se sentirá livre da sua. É preciso saber ser indulgente.
É preciso saber perdoar. É preciso tornar-se bom, porque todos sofremos sem ousar dizer-nos!
Certo,
Ele bate,
O coração humano,
Solitário e doloroso. (tradução nossa) [VH (1933, p. 20) – Frag 23] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Percebemos que Hériot, ao olhar para a humanidade, propõe um convite para contemplar para além da nossa própria realidade e forma de enxergar as coisas, a escritora nos convida para apreciar o que se passa ao redor e compreender que todos vivenciam diariamente seus próprios desafios. Para uma vida saudável em comunidade, a velejadora destaca que é importante saber perdoar e ser empático com a dor do outro, assim, nos conectaremos uns aos outros. Desse modo, por meio dos tons de gentileza e de companheirismo do olhar solidário sobre a dor do outro, a navegadora francesa trilha seu caminho em direção ao *ethos* de benevolente. Verificamos, por conseguinte, que através do *ethos* de benevolente, no supramencionado contexto, temos a evocação do efeito patêmico da empatia em que a narradora visaria tocar em seu narratário/leitor e convidá-

lo a sentir as dores do outro e se abrir para considerar as percepções e impressões dos que estão ao seu redor mediante a escuta ativa e abertura para acolher e aliviar a dor dos outros.

6.1.2.2 *Ethos* de conservacionista

6.1.2.2.1 *Ethos* de conservacionista de Margaret Mee

Ao longo das quinze expedições que realizou na Floresta Amazônica, Margaret Mee nos apresenta uma mulher engajada com as causas sociais, que se empenhou nas lutas sindicais, bem como na reivindicação pelos direitos das mulheres na Inglaterra. Observamos, no decorrer das narrativas de viagem de Mee, o delinear de uma artista botânica que constrói discursivamente o *ethos* de conservacionista como aquela que, ao narrar iconicamente algumas das plantas da Floresta Amazônica, narra também textualmente o risco que tais plantas e a Floresta Amazônica, como um todo, corriam diante dos desmatamentos e queimadas a que estavam sendo submetidas no contexto em que a viajante inglesa realizou suas expedições.

Uma preocupação visível em Margaret Mee diz respeito à forma como a fauna brasileira estava sendo tratada no contexto de suas expedições na Floresta Amazônica:

I had opened the door of his cage as soon as we arrived at Tapurucuará for I could not bear to see the fledgling cooped up in a tiny space, and he seemed content to leave it and perch near me as I worked. [MM (2010 [2009], p.61) – Frag 22] [L.R: Rio Marauíá]

Havia decidido abrir a porta de sua gaiola tão logo chegamos a Tupurucuará, pois não consegui suportar a ideia de a ave ficar confinada em um espaço tão pequeno. Ele me pareceu contente por sair da gaiola e ficou empoleirado em um galho próximo enquanto eu trabalhava. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.61) – Frag 22] [grifo nosso] [L.R: Rio Marauíá]

Notamos que a autora demonstra uma inquietação quanto à ideia de manter o papagaio Curica, que havia adquirido umas semanas antes, preso em gaiola ao invés de deixá-lo livre em seu habitat natural. Através do trecho “não consegui suportar a ideia” observamos que Mee lança mão do efeito patêmico da empatia com a finalidade de construir discursivamente uma relação de identificação e daquela que sente na própria pele os efeitos do aprisionamento da ave. Assim, por meio do tom de inquietação,

conforme observamos no fragmento 22, notamos a construção do *ethos* de conservacionista.

Outra riqueza natural profundamente afetada, que é destacada por Mee, é o recurso hídrico. Como a conservacionista realizou grande parte de suas viagens tendo como meio de transporte os barcos, desenvolveu um olhar sensível quanto ao que se passava com os rios em que circulava:

Rio Negro, too, was suffering, for an oil refinery had been built on the banks, and the oil discharge was destroying the vegetation. But the lake of Januaria was still alive with spectacular birds, and aquatic plants flourished, though the high waters had washed *Victoria regia* (*V. amazonica*) away from the main lake. On a *Macrolobium* tree I found an *Oncidium ceboletta* – a spray of large yellow flowers. [MM (2010 [2009], p.71) – Frag 23] [L.R: Rio Demini]

O rio negro também estava sofrendo com uma refinaria de petróleo construída em suas margens, cujos resíduos estavam destruindo a vegetação. No entanto, o lago de Januária continuava vivo, com pássaros espetaculares e plantas aquáticas florescendo ainda, apesar do elevado nível das águas ter levado a *Victoria regia* (*V. amazonica*) do lago principal. Em uma árvore *Macrolobium* encontrei um *Oncidium ceboletta* – semelhante a uma nuvem de grandes flores amarelas. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.71) – Frag 23] [grifo nosso] [L.R: Rio Demini]

Para expressar as consequências da construção de uma refinaria de petróleo ao longo do rio negro, Mee emprega a figura de linguagem da personificação¹³⁵, através do verbo “sofrer”, para descrever as consequências negativas da presença da referida refinaria “[...] cujos resíduos estavam destruindo a vegetação”. Notamos, através do fragmento 23, a presença do tom de inquietação no que diz respeito às consequências de se considerar, como prioritários, interesses econômicos específicos, em detrimento do bem coletivo, por meio da reflexão sobre a importância da fauna e da flora brasileiras; assim como observamos a presença do tom de contestação, tendo em vista que Margaret Mee se recusa a aceitar a atitude de desrespeito com o ecossistema por parte da supramencionada refinaria. Dessa maneira, através do emprego dos tons de inquietação e de contestação, a viajante inglesa constrói discursivamente o *ethos* de conservacionista e busca suscitar em seus leitores os efeitos patêmicos da indignação e da empatia no intuito de interpelá-los a se sensibilizarem com ela e com os habitantes locais os efeitos presentes e do futuro sobre a Floresta Amazônica. Notamos, assim, que, por meio do efeito patêmico da empatia, a narradora busca construir uma relação de engajamento com a luta pelos recursos naturais da Floresta Amazônica.

¹³⁵ Conforme se pode ver em Cegalla (2008), trata-se de uma figura de pensamento por meio da qual seres inanimados ou irracionais são apresentados através de ações e sentimentos de pessoas.

Margaret Mee narra seu inconformismo com a forma como a natureza é tratada em segundo plano em detrimento de uma busca pelo desenvolvimento econômico que surgia como prioritário:

The next morning I travelled to the Ducke reserve. When I saw the ghastly “development” on the way and the devastation in the reserve itself, I involuntarily burst into tears. Before our very eyes, the superb Amazon forest are being laid low and transformed into miserable waste land. [MM (2010 [2009], p.71) – Frag 24] [L.R: Rio Demini]

Na manhã seguinte, viajei para a reserva Ducke. Quando vi o terrível “desenvolvimento” instalado e a devastação da reserva não consegui me conter e comecei a chorar. Bem diante de nossos olhos, a soberba Floresta Amazônica estava sendo desprezada e transformada em uma área miserável para despejo de lixo. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.71) – Frag 24] [grifo nosso] [L.R: Rio Demini]

Notamos, por tal excerto, que a artista se insere na esteira dos defensores da flora brasileira. Verificamos que Margaret Mee problematiza a base do argumento utilizado para justificar o desmatamento da reserva ao evocar o termo “desenvolvimento” entre aspas e qualificá-lo como “terrível”. A nosso ver, ao assim fazê-lo, a viajante questiona se fato o ato de destruir um elemento essencial para o equilíbrio do ecossistema poderia realmente ser visto como um caminho rumo ao desenvolvimento do país. Notamos que se trataria na realidade de uma procura por um crescimento econômico de um setor específico que tomaria tais atitudes como “um avanço”, isto é, “um progresso” econômico sem considerar as consequências socioambientais que são salientadas por Mee “[...] a soberba Floresta Amazônica estava sendo desprezada e transformada em uma área miserável para despejo de lixo”. Por meio do fragmento 24, observamos a presença dos tons de inquietação, contestação e perplexidade diante da forma como a reserva estava sendo tratada. Tais tons servem de base para a construção do *ethos* de conservacionista como aquela que se posiciona em defesa da reserva florestal brasileira. Para tanto, notamos que através do efeito patêmico da empatia a narradora busca convidar seus leitores para realizar um movimento de deslocamento em direção as perdas vistas nas reservas em prol de um dito “desenvolvimento”, assim como para um movimento de engajamento com a situação apresentada; por meio do efeito patêmico de indignação a narradora busca convidar seus leitores para uma ação diante do contexto apresentado.

Ao vivenciar, a cada expedição, o processo das árvores sendo cortadas e as consequências decorrentes do desmatamento para a Floresta Amazônica, Mee posiciona-se como defensora da floresta e narra o que vê e sente através da sua obra:

The only plant I wished to collect, an interesting Aroid, was the home of wasps and in my attempt to get it wasps poured out of the nest and we fled. I decided to explore the surrounding forest but the journey was unrewarding and depressing. I went into the forest beyond a façade of live trees and was appalled at what I saw – an area of death. The trees which were not already leached out and crumbling looked sick, the bark peeling and rolling off the trunks. A strange chemical smell hung in the air. I felt certain that some diabolical defoliant had been sprayed over the area. [MM (2010 [2009], p.129) – Frag 25] [L.R: extinto rio Cauhy]

A única planta que gostaria de ter colhido era um Aroide interessantíssimo que estava sendo utilizado como lar de marimbondos. Ao tentar me aproximar, os marimbondos jorraram do ninho e nós partimos apressados. Decidi explorar a floresta ao redor, mas a jornada foi deprimente e nada compensadora. Entrei em uma floresta por trás de uma fileira de árvores e fiquei aterrorizada como o que vi – uma região de morte. As árvores que ainda não haviam sido retiradas ou que desmorreram aparentavam estar doentes, com suas cascas soltando-se dos troncos. Um odor estranho e químico pairava no ar. Naquele momento, tive certeza de que algum desfolhante diabólico havia sido pulverizado no local. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.128) – Frag 25] [grifo nosso] [L.R: extinto rio Cauhy]

We flew over range upon range of mountains cut by streams and narrow valleys, and as we came nearer to Amazonas it became increasingly shocking to see kilometre after kilometre of devastated land. Never had I seen such wanton destruction of forest and such enormous expanses of man-made desert. I was only thankful when the clouds hid this grim scene. [MM (2010 [2009], p.147) – Frag 26] [L.R: rio Trombetas]

Sobrevoamos fileiras e mais fileiras de montanhas cortadas por riachos e vales estreitos, até chegarmos perto do Amazonas. Ficamos incrivelmente chocados ao ver os quilômetros sucessivos de terras devastadas. Eu jamais havia visto uma destruição de florestas tão abundante e uma área tão grande de deserto fabricados pelas mãos do homem. Fiquei agradecida quando as nuvens cobriram o cenário impiedoso. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.147) – Frag 26] [grifo nosso] [L.R: rio Trombetas]

Notamos que Mee descreve-se como aterrorizada ao adentrar em uma floresta, após atravessar o extinto rio Cauhy, e se deparar com “As árvores que ainda não haviam sido retiradas ou que desmorreram aparentavam estar doentes, com suas cascas soltando-se dos troncos” (fragmento 25). A viajante descreve tal cenário como uma “região de morte” tendo em vista as perdas tão significativas para a fauna brasileira e elenca como possível causador de tal cenário a pulverização de um “desfolhante diabólico” que teria sido pulverizado no local. Por tal fragmento, observamos a presença dos tons de inquietação, perplexidade e contestação face à atitude que tiveram como tal espaço. No fragmento 26 verificamos a reação de Mee ao entrar em contato com outra parte da floresta, desta vez através do rio Trombetas. A viajante se descreve como incrivelmente chocada como a proporção das terras que haviam sido devastadas nos caminhos em que passa, mais do

que guardar para si tal comoção, a artista botânica busca problematizar tal contexto descrevendo-o como um “cenário impiedoso” e que “jamais havia visto uma destruição de florestas tão abundante e uma área tão grande de deserto fabricados pelas mãos do homem” (fragmento 26). Por meio de tais sintagmas podemos também ver a evocação dos tons de inquietação, perplexidade e contestação que atuarão como base, nos fragmentos 25 e 26, para a construção do *ethos* de conservacionista e ainda dos efeitos patêmicos da indignação e da empatia com o intuito de convidar seus leitores para uma reflexão e uma reação diante do contexto apresentado.

Tal movimento em defesa da Floresta Amazônica impele Margaret Mee a enviar uma cópia de seu livro para o presidente Ernesto Geisel, no contexto da ditadura militar, com a seguinte mensagem: “Presidente Geisel, espero que goste deste livro, porque todas estas plantas que está vendo rapidamente se tornarão extintas”¹³⁶, bem como leva a defensora da floresta a visitar o IBDF¹³⁷, quando retornava para Manaus, e solicitar que aquela área fosse transformada em uma reserva florestal.

6.1.2.3 *Ethos* de intelectual

6.1.2.3.1 *Ethos* de intelectual de Cecília Meireles

Na obra de Cecília Meireles observamos uma continuidade de temática da segunda até a quinta crônica, nas quais a escritora brasileira busca conhecer mais sobre os *Spirituals*¹³⁸ e o *Father Divine*, bem como busca dialogar com os moradores locais e transitar pelos teatros do Harlem, Nova York, em que os fiéis se reuniam para aguardar a chegada o ilustre reverendo. Com intuito de fundamentar a construção de suas narrativas em que aborda tais temáticas, Meireles lança mão de argumentos apresentados por especialistas na temática:

¹³⁶ MARGARET MEE E A FLOR DA LUA. Direção: Malu de Martino. Documentário. Brasil: BRETZ FILMES (RIMO), 2013. 1 disco (78 min.), son., color., legendado.

¹³⁷ Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), transformado no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). (ALMEIDA, 2014).

¹³⁸ “[...] a kind of religious song peculiar to negroes of the southern United States, with strongly marked rhythm and the graphic narrative method of the folk ballad.” (Crônica 2: *Spirituals*, In: *Crônicas de viagem*, vol.1, 1998, p.7)

“[...] um tipo de música religiosa peculiar aos negros do sul dos Estados Unidos, como ritmo fortemente marcado e método narrativo gráfico da balada folclórica.” (tradução nossa)

Mary Virginia Bales refere que, ao perguntar aos negros como compõem seus cânticos, sempre tem obtido respostas assim: “De lord jus put hit em our mouf. We is ignorant, and de Lord puts every word we says em our mouf.” (É Deus que os põe em nossa boca. Nós somos ignorantes, e Deus põe em nossa boca cada palavra que dizemos.)

A verdade, porém, segundo ela e outros estudiosos do assunto, é que o *Spiritual* elementarmente é composto coletivamente, começando por alguma citação bíblica ou frase inventada pelo leader, à qual se vêm juntar outras, sugeridas pela Assembleia religiosa. [CM (vol.1, [30 de dezembro de 1942], 1998, p.7-8) – Frag 25] [grifo nosso] [L.R:n. i]

Segundo James W. Johson, uma autoridade no assunto, a estrutura do *Spirituals* em “perguntas e respostas” seria ainda remanescente africano. [CM (vol.1, [30 de dezembro de 1942], 1998, p.9) – Frag 26] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Quanto à música, Natalie Curtis-Burlin, que recolheu muitas peças, diz ser uma coisa literalmente “*in the air*”, querendo significar com isso a extrema flexibilidade que lhe imprimem os cantores. Ilustra essa afirmação contando que, ao perguntar a um recém-chegado de outro lugar que parte do *Spirituals* costumam cantar, recebeu esta ingênua resposta: “Oh! Às vezes sou soprano, outras vezes...baixo. Depende da melodia, e da maneira por que a sinto...” [CM (vol.1, [30 de dezembro de 1942], 1998, p.10) – Frag 27] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Verificamos que a escritora brasileira evoca a voz de Mary Virginia Bales que, por ter investigado cuidadosamente sobre os *Spirituals* e sobre suas características, estaria apta a falar sobre fenômeno como notamos no fragmento 25 “A verdade, porém, segundo ela e outros estudiosos do assunto [...]”. Observamos por tal excerto o emprego do tom de autoridade, do referido excerto, ao evocar a voz de Mary Virginia Bales como especialista no assunto, bem como o tom didático em Meireles ao demonstrar o interesse de ensinar a seus leitores sobre os *Spirituals*, por meio da evocação dos discursos dos estudiosos do tema, como verificamos no trecho “[...] é que o *Spiritual* elementarmente é composto coletivamente, começando por alguma citação bíblica ou frase inventada pelo leader [...]”. De modo semelhante, observamos a presença do tom de autoridade e do tom de erudição tanto no fragmento 26, quando a escritora brasileira evoca os estudos de James W. Johson e o apresenta como “uma autoridade no assunto” ao buscar compreender, de forma mais específica, a estrutura do *Spirituals* através das “perguntas e respostas”; quanto no fragmento 27, ao Cecília Meireles evocar as contribuições de Natalie Curtis-Burlin que recolheu peças do referido gênero musical para desenvolver seus estudos sobre tal temática. Dessa maneira, notamos que a escritora brasileira, através do tom de autoridade e do tom didático, constrói discursivamente o *ethos* de intelectual como uma viajante que busca ampliar seus horizontes de saber por meio do diálogo com diferentes especialistas que servirão de base para sua argumentação. Observamos ainda que tal *ethos* ocorre na obra ceciliana mediante o apoio na heterogeneidade discursiva mostrada

marcada através da citação livre ao apresentar os estudos dos especialistas em que se embasou em sua crônica. Tais estudos evocados atuarão com argumentos de autoridade na obra da escritora brasileira.

6.1.2.3.2 *Ethos* de intelectual em Margaret Mee

Margaret Mee, ao longo das quinze expedições que realizou na Floresta Amazônica, vivenciou um processo de imersão na fauna e flora brasileiras, para tanto, embora não tivesse uma formação e não fosse uma especialista no âmbito da botânica e da ecologia, buscou conhecer mais a respeito através do saber dos moradores locais, bem como por meio de pesquisas que realizava. No decorrer da obra de Mee, notamos que ela se apoia no discurso da botânica:

I painted enthusiastically for there was plenty of material both in the Reserve and its environs: *Heliconia acuminata*, with pale yellow bracts, in a large colony under forest trees; *Streptocalyx longifolius*, whose flowers are pollinated by bats at night; *Streptocalyx poeppigii* with long red and purple inflorescences; all these and many other wonderful plants. [MM (2010 [2009], p.34) – Frag 27][L.R: margem do Uaupés]

Pintei de forma entusiástica, já que havia muito material, tanto na reserva quanto nos arredores: *Heliconia acuminata*, com brácteas amarelo-pálido, em uma grande colônia sob as árvores da floresta; *Streptocalyx longifolius*, cujas flores são polinizadas pelos morcegos à noite; *Streptocalyx poeppigii*, com longas inflorescências vermelhas e roxas; todas essas plantas maravilhosas e muitas outras. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.33) – Frag 27] [grifo nosso] [L.R: margem do Uaupés]

Next day we turned back and headed for Rio Jurubaxi, which resulted in some magnificent finds, amongst them the orchid *Gongora quinquenervis*, growing on a deserted ant's nest. *Aganisia cyanea* (the blue orchid) and a pale form of *Scuticaria* were quite common; and bromeliads were legion – many *Aechmeas*, *Neoregelias*, *Guzmanias*, *Aerococcus* and *Billbergias*. [MM (2010 [2009], p.98) – Frag 28] [L.R: rios Mamori e Marau]

No dia seguinte voltamos em direção ao rio Jurubaxi, onde fizemos descobertas magníficas, entre as quais uma orquídea *Gongora quinquenervis*, crescendo em um formigueiro abandonado. Encontramos uma abundância de *Aganisia cyanea* (a orquídea azul) bem como uma versão pálida da *Scuticaria*. Havia também legiões de bromélias – na maioria *Aechmeas*, *neoregelias*, *Guzmanias*, *Aerococcus* e *Billbergias*. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.98) – Frag 28] [grifo nosso] [rios Mamori e Marau]

Observamos, nos fragmentos 27 e 28, que Mee apoia-se no discurso da botânica tanto ao apresentar os nomes científicos das plantas com as quais entra em contato em suas expedições à Floresta Amazônica como, por exemplo, as helicônias, à margem do Uaupés, *Streptocalyx poeppigii* e a *Streptocalyx poeppigii*, fragmento 27 e as orquídeas

nos rios Mamori e Marau, *Gongora quinquenervis* e a *Aganisia cyanea* (a orquídea azul), fragmento 28; quanto ao apresentar a descrição sobre tais plantas como notamos no fragmento 27, ao falar sobre a *Heliconia acuminata* e descrevê-la com “[...] brácteas amarelo-pálido, em uma grande colônia sob as árvores da floresta”, e no fragmento 28, ao falar sobre os diferentes tipos de bromélias com os quais havia se deparado nas proximidades dos rios Mamori e Marau “[...] na maioria Aechmeas, neoregelias, Guzmanias, Aerococcus e Billbergias”. Dessa forma, verificamos que a artista botânica, em sua narrativa de viagem, embasa-se tanto no tom de autoridade, ao demonstrar conhecer tanto os nomes científicos quanto as características das plantas com as quais entra em contato em suas expedições; quanto no tom didático, daquela que busca contextualizar a seus leitores sobre as características das plantas encontradas por meio de sua narrativa textual e também de sua narrativa icônica, através de suas aquarelas. Tais dados assumem tal importância na narrativa e viagem de Mee, que a autora organiza cuidadosamente cada capítulo de sua obra apresentando cada planta encontrada seguida do local e da data de cada expedição. Tal organização pode ser observada no título de cada capítulo de sua obra. Os supramencionados tons atuam como elementos norteadores para a construção do *ethos* de intelectual como aquela que se mostra aberta ao diálogo com outras áreas do saber na busca por um constante aprendizado.

Outro ponto de contato que notamos que Margaret Mee estabelece com o campo da botânica é através das referências que apresenta em sua obra sobre o botânico renomado Richard Spruce:

Next morning after the last embers of the fire were quenched we started our climb to Serra do Curicuriari, the serra that Richard Spruce the botanist had explored in 1852. [MM (2010 [2009], p.39) – Frag 29] [L.R: margem do Uaupés]

Na manhã seguinte, tão logo a última chama da fogueira foi apagada, começamos nossa escalada para a Serra do Curicuriari – a mesma que o botânico Richard Spruce explorou em 1852. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.38) – Frag 29][grifo nosso][L.R: margem do Uaupés]

About three hour’s sailing brought us the mouth of Rio Tarumã, one of the beauty spots of the last century, when Richard Spruce journeyed through the Amazon. In *Notes of a Botanist on the Amazon*, 1882, he wrote a scenic description of the magnificent towering trees and the rocks over which the clear waters of the river cascaded. [MM (2010 [2009], p.115) – Frag 30][L.R: arredores de Manaus]

Em quase três horas de navegação chegamos à foz do rio Tarumã, uma das mais belas regiões do último século – ocasião em que Richard Spruce viajou pela Amazônia. Em seu livro *Notes of a Botanist on the Amazon*, 1882 (Observações de um botânico na Amazônia), descreveu uma cena com enormes e magníficas árvores e pedras sobre as quais a água cristalina do rio

descia em cascata. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.114) – Frag 30] [grifo nosso] [L.R: arredores de Manaus]

Observamos que Margaret Mee menciona o botânico Richard Spruce, primeiramente no contexto de sua expedição à margem do Uaupés, ao falar da escalada que realizaram para a Serra do Curicuriari, isto é, a mesma Serra que tinha sido explorada, no ano de 1852, pelo referido botânico; em seguida, no contexto de sua expedição à foz do rio Tarumã, em que se recorda da viagem de Richard Spruce pela Amazônia e do registro que fez de tal experiência em seu livro *Notes of a Botanist on the Amazon*, 1882. Por meio de tais menções do supramencionado botânico, verificamos a presença do tom didático, da viajante que busca partilhar novos saberes com seus leitores, assim como do tom de erudição, ao nos depararmos com a escritora como alguém erudita, ou seja, conhecedora das leituras de base para os estudos botânicos.

Outra área abordada por Margaret Mee foi a da ecologia através do olhar atencioso que a autora dispensava para os espaços em que transitava em suas expedições:

Aripuana stands on Rio Alto Juruena and, in shallow pools left by the river's overflow when the waters were high, we saw fish 'walking' considerable distances on their fins in the mud at the edge of the pools, depositing their eggs. They die as the mud dries, and the eggs eventually hatch out only when the rains return and the river rises.

It was on the west bank of this broad river, in a forest which seemed to have been untouched since time immemorial, that I saw a lovely bromeliad (unclassified) for the first time, colonies spreading over the leafy ground. [MM (2010 [2009], p.25) – Frag 31] [L.R:Mato Grosso]

Aripuanã fica situada no rio Alto Juruena. Em suas piscinas rasas formadas pelo elevado nível do rio, em algumas ocasiões, vimos peixes “caminhando” distâncias consideráveis com suas barbatanas na lama, depositando seus ovos. Os peixes morrem quando a lama seca, no entanto os ovos chocam quando as chuvas voltam e o nível do rio sobe. Foi na margem oeste desse largo rio, em uma floresta que parecia não ter sido tocada desde tempos longínquos, que vi uma adorável bromélia (que ainda não havia sido classificada) pela primeira vez, e colônias que se espalhavam pelo chão repleto de folhas. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.24) – Frag 31] [grifo nosso][L.R:Mato Grosso]

Margaret Mee observa os hábitos dos peixes e o que acontece com eles quando a lama seca e o que ocorre quando volta a chover. Assim, notamos que a viajante inglesa se atenta para a importância das chuvas para as etapas dos ovos dos peixes como notamos no trecho “Os peixes morrem quando a lama seca, no entanto os ovos chocam quando as chuvas voltam e o nível do rio sobe”; assim como observa atentamente os diferentes tipos de bromélias, inclusive uma que não havia ainda sido classificada. Por tal fragmento, notamos a presença do tom didático e do tom de autoridade intelectual daquela que busca conhecer sobre o contexto da ecologia.

Tendo em vista os fragmentos 27 ao 31, observamos que Margaret Mee, através dos tons de autoridade, de erudição e didático, constrói discursivamente o *ethos* de intelectual apoiando-se na heterogeneidade discursiva constitutiva através do interdiscurso tendo em vista que seu discurso é perpassado tanto pelo discurso da área da botânica, de uma forma mais específica, sendo identificável através do emprego dos nomes científicos das plantas; quanto pelo discurso da ecologia, de uma forma mais ampla, visto através da discussão que propõe sobre a relação dos seres vivos com o espaço em que vivem.

6.1.3 Ethé – como são vistas pelo mundo

Através do *ethos* de legitimada observamos um caminho no sentido de ressaltar o modo *como* Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot *são vistas* pelo mundo, ou seja, tanto pelos espaços em que transitam quanto pelos locais em que se tomam conhecimento de seus feitos e se tornam conhecidas e são legítimas. A seguir, buscaremos destacar de que maneira tal processo ocorreria nas produções das referidas escritoras viajantes.

6.1.3.1 Ethos de Legitimada das três escritoras viajantes

Identificamos a construção discursiva do *ethos* de legitimada nas três escritoras estudadas. Tendo em vista, a pequena recorrência de citações, abordaremos, a seguir, tal imagem de forma conjunta nas três autoras.

Cecília Meireles realizou diversas viagens com propósitos diferentes: viajou, por exemplo, para a Índia e para Portugal com a tarefa de palestrar sobre a cultura brasileira. Entre os campos que Meireles atuou, sem dúvida, a educação ocupou um papel de destaque em suas ações em defesa da partilha do saber, seja através da criação de uma biblioteca infanto-juvenil, seja através de palestras para divulgar a cultura brasileira. Tendo em vista o uso que fazia de sua voz em defesa dos ideais democráticos foi homenageada com o *Emblema da Vitória*:

Graças à gentileza da Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, acabo de receber dos Estados Unidos o Emblema da Vitória, que me envia Evangelina A. de Vaughan, dizendo que ele “simboliza todos os anéis da mulher americana, defensora dos ideais democráticos”. [CM (vol.1, [24 de março de 1943], 1998, p.35) – Frag 28] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Notamos a presença do tom de reconhecimento da competência intelectual assim como das contribuições sociais da educadora-viajante brasileira por meio da homenagem, do *Emblema da Vitória*, que recebe de Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. Assim, verificamos que tal tom serve de base para a construção discursiva do *ethos* de legitimada em Meireles como aquela que é homenageada por um emblema, conferido pelos Estados Unidos, em reconhecimento de sua relevância social. Tal emblema lhe assegura, dessa forma, seu direito à fala. Assim sendo, notamos que a construção do *ethos* de legitimada da escritora brasileira se dá ora por sua *autoridade pessoal*, considerando suas contribuições sociais, ora por uma *autoridade institucional* (CHARADEAU, 2008), através do emblema que recebe, conforme citado. Verificamos ainda que o supramencionado *ethos* discursivo embasou-se no *ethos* prévio da viajante brasileira tendo em vista toda sua trajetória intelectual e social, conforme destacamos na seção 2.1.

Margaret Mee sempre se mostrou motivada pelos ideais que acreditava nas diversas áreas do saber em que se engajou: na Inglaterra, por exemplo, através de sua atuação no movimento sindical e com as reivindicações feministas, e no Brasil, com a luta em defesa da fauna e da flora. Assim, tanto a escrita quanto o desenho, como o ensino de Mee constituem uma extensão de quem ela é e dos seus valores.

Verificamos que o *ethos* de legitimada de Margaret Mee é construído através do processo que ela vivencia de reconhecimento e valorização de seu trabalho com o convite feito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro para que trabalhasse no posto de Oriximiná, no rio das Trombetas. É possível ainda notar a valorização do trabalho de Mee graças aos patrocínios e prêmios que recebe:

An opportunity came when my project to collect and pain plants of the region was accepted and sponsored by the National Geographic Society. [MM (2010 [2009], p.51) – Frag 32] [L.R: pico da Neblina]

A oportunidade apareceu quando o meu projeto de colher e pintar plantas da região foi aceito e patrocinado pela Sociedade Nacional Geográfica. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.51) – Frag 32] [grifo nosso][L.R: pico da Neblina]

The generous provisions of a Guggenheim fellowship gave me the opportunity to make several journeys and visit new parts of Amazonas. [MM (2010 [2009], p.81) – Frag 33] [L.R: rio Mauaés]

Um generoso suprimento, fruto do Prêmio Guggenheim, proporcionou-me a oportunidade de fazer diversas viagens e visitar novas regiões do Amazonas. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009], p.81) – Frag 33] [L.R: rio Mauaés]

Observamos, por meio do aceite e patrocínio que Margaret Mee recebe da Sociedade Nacional Geográfica para seu projeto (fragmento 32) e do recebimento do suprimento

através do Prêmio Guggenheim (fragmento 33), o emprego do tom de reconhecimento da competência e da relevância do trabalho desenvolvido pela artista botânica. Assim, por meio da evocação do *ethos* prévio da viajante inglesa, através de sua trajetória como destacamos na seção 2.2, notamos que se estabelecem as bases para a construção do *ethos* de legitimada como aquela que possui uma autoridade atribuída por uma instituição, ora a própria autoridade pessoal do saber da conservacionista inglesa.

E, por fim, temos Virginie Hériot que dedica seu tempo e seus talentos para seu ideal de navegação e, conseqüentemente, de representar a França por onde passasse. Tendo em vista a dedicação de Hériot, como esportista náutica, bem como sua coragem em meio às intempéries no mar, a navegadora conquistou a admiração e respeito tanto de seus marinheiros, que estavam a bordo, quanto de outros marinheiros que ouviam falar e liam em jornais sobre seus feitos. Neste sentido, um caso interessante, mencionado pela capitã francesa, foi o do marinheiro-pescador René Faou que lhe escreveu uma carta, no dia 1 novembro de 1930, para pedir a autorização para homenageá-la, dando o nome da navegadora francesa para seu Lagosteiro. Hériot aceitou a homenagem e tornou-se madrinha do barco de Faou. Em tal contexto, identificamos a presença do tom de reconhecimento da competência da navegadora em meio ao mar, assim como de sua contribuição social para o âmbito da navegação. Notamos que tal tom está relacionado ao *ethos* prévio da navegadora, tendo em vista que nos convida a recordar a trajetória de vida de Hériot, conforme abordamos na seção 2.3. Dessa forma, considerando o *ethos* prévio e o tom de reconhecimento em relação ao percurso da navegadora, teremos os elementos basilares para a constituição do *ethos* de legitimada através do processo de legitimação e reconhecimento que a carta de Faou representa ao demonstrar o anseio de prestar uma homenagem à velejadora francesa. Assim, verificamos que Hériot é legitimada tomando como base sua *autoridade pessoal* (CHARAUDEAU, 2008), isto é, suas competências e feitos.

Além do episódio da referida carta, Virginie Hériot foi homenageada com insígnias pelo ministro das Relações Exteriores de Portugal e é cumprimentada pelo rei da Espanha Afonso XIII:

“Alors, Virginie, vous ne vous doutez pas pourquoi je vous ai demandé de venir à Madrid?”

Voilà le motif:

Si la France est fière de vous et reconnaît ce que vous faites pour elle et pour sa marine, le Roi d’Espagne vous admire aussi sur mer et apprécie votre travail, votre volonté, votre dévouement pour tous ceux qui naviguent. J’aime votre

cœur de marin, votre loyauté et je vous ai priée de venir pour vous décorer le Mérite Naval Espagnol.”

Et le Roi épingle la croix blanche à l’ancre bleue au-dessus de mon cœur qui bat très fort, il me donne l’accolade. [VH (1933, p.215-216) – Frag 24] [L.R: Madri, Espanha]

Então, Virginie, você não imagina porque lhe pedi para vir a Madri? Eis o motivo:

Se a França está orgulhosa de você e reconhece o que você faz por ela e por sua marinha, o Rei de Espanha também lhe admira no mar e aprecia o seu trabalho, a sua vontade, a sua dedicação a todos os que navegam. Eu amo o seu coração de marinheira, sua lealdade e pedi-lhe para vir aqui para condecorá-la com o Mérite Naval Espanhol.”

E o Rei prende a cruz branca na âncora azul acima do meu coração, que bate com força, e ele me dá um abraço. (tradução nossa) [VH (1933, p.215-216) – Frag 24] [grifo nosso] [L.R: Madri, Espanha]

Através da atitude do rei da Espanha observamos que Virginie Hériot vivencia o processo de legitimação através de uma *autoridade institucional* que lhe assegura o direito da palavra, conforme verificamos no trecho “[...] pedi-lhe para vir aqui para condecorá-la com o Mérite Naval Espanhol.” Notamos a presença do tom de reconhecimento da competência de Hériot, assim como de sua contribuição tanto para a marinha francesa quanto para outros países, como no caso mencionado da Espanha. Dessa forma, verificamos a composição do *ethos* de legitimada da supracitada velejadora embasado no tom de reconhecimento de Virginie para a sociedade.

Observamos que Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot constroem discursivamente o *ethos* de legitimada através de um duplo movimento: primeiramente lançam mão de uma *autoridade pessoal* que lhes assegura o direito à palavra uma por ser especialista no âmbito da escrita, outra nas artes plásticas e a terceira no campo da navegação. Neste sentido, é interessante observar o ponto de contato com que Maingueneau (2005) denomina *ethos* prévio, isto é, a imagem que é mostrada antes mesmo que o orador inicie seu discurso. Notamos que o *ethos* prévio das narradoras viajantes supracitadas reafirma e endossa o *ethos* discursivo de legitimada, tendo em vista a trajetória de cada viajante mencionada. Em seguida, as viajantes, ao citarem suas premiações e menções honrosas, embasam a construção do *ethos* de legitimada, através do emprego do tom de reconhecimento pautado tanto em uma *autoridade institucional* quanto na *autoridade pessoal*, como argumenta Charaudeau (2008).

6.2 Recursos de narrativa

No que diz respeito aos recursos de narrativa, conforme abordamos na seção 5.3, tendo em vista os dados que nos deparamos na análise de nosso *corpus*, tomamos como base para nosso estudo a heterogeneidade discursiva e o papel do narratário.

No tocante ao estudo da heterogeneidade discursiva, Authier-Revuz (1982) destaca que existiria a heterogeneidade discursiva mostrada e a constitutiva, segundo destacamos na seção 5.3.2. De acordo a referida estudiosa, de um lado teríamos a heterogeneidade discursiva mostrada que se subdividiria em: marcada e não marcada, e de outro a heterogeneidade discursiva constitutiva

E, em relação ao papel do narratário, tomaremos como ponto de partida, dentre os teóricos apresentados na seção 5.3.3, os cinco indícios discursivos do narratário apontados por Vasconcellos (2005). Através de nossa análise de nosso *corpus* verificamos a presença das seguintes marcas: perguntas retóricas, pronomes indicadores de segunda pessoa e vocativo.

Dessa maneira, discutiremos, a seguir, sobre as ocorrências das marcas do narratário, assim como da heterogeneidade discursiva nas narrativas de viagem analisadas.

6.2.1 Heterogeneidade discursiva: mostrada e constitutiva

No decorrer de nossas análises, observamos que Cecília Meireles e Margaret Mee apoiam-se na heterogeneidade discursiva em alguns momentos de suas narrativas. Conforme pudemos verificar nas seções 6.1.2.3.1 e 6.1.2.3.2, Meireles e Mee trazem em suas narrativas múltiplas vozes no processo de constituição do *ethos de intelectual*.

Notamos que enquanto a escritora brasileira se embasa na heterogeneidade discursiva mostrada mostrada por meio da citação livre de especialistas nos quais se apoia ao abordar, por exemplo, a temática dos *Spirituals* e do *Father Divine*, ao passo que a escritora inglesa se apoia na heterogeneidade discursiva constitutiva, através do emprego do interdiscurso em seus enunciados tanto com a botânica, através da menção dos nomes científicos das plantas; quanto com a ecologia, ao abordar sua preocupação com o ecossistema de uma forma ampla; como por meio da menção dos nomes de cientistas renomados que passaram pelos locais nos quais Mee busca explorar.

6.2.2 Narratário

6.2.2.1 Perguntas retóricas

Conforme abordamos na seção 5.3.1.1 *Modos de organização do discurso*, o sujeito comunicante (EUc) parte de um projeto de fala para organizar seu discurso tendo em vista sua finalidade discursiva (Charaudeau, ([1983] 2010). Ao nos debruçarmos sobre o estudo das funcionalidades da pergunta retórica, consideramos relevante revisitar o modo enunciativo através do comportamento enunciativo alocutivo. Através de tal comportamento o sujeito comunicante busca estabelecer uma relação de influência sobre seu interlocutor buscando implicá-lo em seu projeto de fala a fim de impor-lhe um comportamento e poder agir sobre ele (Charaudeau, ([1983] 2010). De modo semelhante, a pergunta retórica atua como um ato alocutório que implica um TUi (sujeito interpretante) que tem o dever de responder a indagação que lhe é apresentada.

Notamos que as perguntas retóricas são empregadas de forma mais expressiva por Cecília Meireles, dezenove vezes, seguida de Virginie Hériot que apresenta quatro ocorrências e, por fim, Margaret Mee que as utiliza três vezes.

6.2.2.1.1 Perguntas retóricas em Cecília Meireles

As crônicas de viagem de Cecília Meireles, mais do que apenas narrar os espaços visitados, narra as reflexões e ponderações da educadora-viajante ao longo de seu processo de desconstrução e posterior reconstrução sobre suas crenças e valores sobre a existência humana:

Depressa vai o trem. Antes que anoiteça, avistarei casas, cactos enormes, duras flores vermelhas. Avistarei muros com portas de pau. Onde está o invasor? Quem vem lá? Quem ameaça? Para quem estão as portas fechadas, e os muros alinhados, frágeis e comoventes? [CM (vol.1, [31 de março de 1943], 1998, p.42) – Frag 29]

Daqui a uma hora, daqui a meia hora, daqui a cinco minutos, quem sabe o que se encontra? Quem sabe o que acontece? O comandante com seus instrumentos é a clara consciência que governa estes destinos já conformados em muitas horas de convívio. [CM (vol.1, [1952], 1998, p.265) – Frag 30]

Pela janela do trem Cecília Meireles busca avistar as casas e muros no decorrer de seu trajeto (fragmento 29) e, através do emprego do pronome interrogativo “quem” e do advérbio interrogativo “onde”, a escritora parece propor uma pausa a velocidade do trem

por meio da proposição de perguntas retóricas em que o narrador busca convidar seu narratário para uma reflexão filosófica sobre a vida - “onde está o invasor? ”, “quem ameaça?”. O narratário é interpelado a refletir sobre a ideia que tem de controle da vida e o tempo de uma forma geral – “[...] daqui a cinco minutos, quem sabe o que se encontra?”.

A escritora brasileira ao transitar geograficamente pelos espaços, através de sua construção narrativa, convida a seu narratário a imergir em tais espaços para além da superfície buscando enxergar as trocas culturais como possibilidades de aprendizagem:

Diante do que há para se aprender, - que somos nós todos senão estudantes? [CM (vol.1, [junho de 1944], 1998, p.130) – Frag 31]

Mas falta alguma coisa para unir-nos mais. Como nos comunicaremos, tanto quanto pede a vida humana, assim de um lado e de outro da fronteira? [CM (vol.1, [10 de outubro de 1944], 1998, p.143) – Frag 32]

Desumaniza-se, o viajante, ou sobre-humaniza-se? [CM (vol.1, [1952], 1998, p.264) – Frag 33]

Notamos, no fragmento 31, que a escritora brasileira, através da pergunta retórica, convida ao narratário a repensar o olhar sobre o mundo através do prisma daquele que se abre para sempre aprender novas coisas e imergir em novas realidades. Mas como seria então repensar o lugar do aprendizado? Notamos no fragmento 32 que Meireles instiga seu narratário a ressignificar as fronteiras sociais e geográficas através do desenvolvimento de uma comunicação que seja de fato efetiva, e que possibilite o aprendizado contínuo mediante as trocas mútuas. Tais olhares de ressignificação sobre o trajeto do viajante podem ser observados também no fragmento 33 em que a referida escritora lança uma provocação sobre a desumanização/sobre-humanização do viajante que, caso não se abra para ser atravessado pelos locais os quais transita, não conseguirá sair do senso do lugar-comum de uma ideia única sobre a experiência do viajar.

Dessa maneira, observamos que, através do emprego das perguntas retóricas, Cecília Meireles busca lançar luz sobre algumas questões vitais para a existência humana de forma provocativa e interpelativa em relação a seu narratário.

6.2.2.1.2 Perguntas retóricas em Margaret Mee

Margaret Mee, através de sua obra, busca tocar seu interlocutor no que diz respeito às experiências que vivenciou na Floresta Amazônica seja através da abertura para o diálogo e, conseqüente, aprendizado com a população local por meio do que viu e sentiu ao entrar em contato direto com a fauna e a flora brasileiras em suas expedições. Notamos

que um dos recursos utilizados pela conservacionista inglesa foi o recurso às perguntas retóricas:

Suddenly I stood transfixed. At a short distance from the track grew a strange and beautiful tree – or was it a tree, or a tremendous mass of lianas? - The thick rope-like stems whithed and twisted towards the sky where they were lost in the canopy of the forest. There was not a leaf to be seen on this enigmatic giant. [MM (2010 [2009] p.58) – Frag 34]

De repente, fiquei cristalizada. A uma curta distância de onde estávamos crescia uma linda e estranha árvore – era uma árvore ou um enorme conglomerado de trepadeiras? – O caule grosso como uma corda se contorcía e se trançava em direção ao céu e onde se perdia nas copas da floresta. Não havia uma folha sequer nessa gigante enigmática. (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009] p.56) – Frag 34] [grifo nosso]

Notamos que a construção da narrativa de Mee, em diversos momentos, embasa-se no modo descritivo para detalhar a riqueza da fauna e da flora brasileira, não obstante no fragmento 34 a escritora ao invés de trazer já a descrição ou ainda o nome científico da vegetação com a qual entra em contato, ela lança mão de uma pergunta retórica que, ao mesmo tempo que parece transparecer uma reflexão interna que é externalizada, atua ainda como uma interpelação a seu narratário com a finalidade de juntos – narradora e narratário – co-construírem essa experiência em meio à Floresta Amazônica.

A viajante inglesa faz ainda o uso das perguntas retóricas como uma forma de reduzir as distâncias entre ela e seu interlocutor, isto é, com o intuito de aproximá-los e gerar uma conexão entre as vivências e percepções de mundo:

I was sad to leave these beautiful people, dwellers in another world, a world of glorious natures – but for how long? [MM (2010 [2009] p.58) – Frag 35]

Fiquei triste em ter que deixar essas pessoas tão lindas, habitantes de um outro mundo, um mundo de natureza gloriosa – mas por quanto tempo? (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009] p.56) – Frag 35] [grifo nosso]

The destruction along the banks of the Rio Negro had to be seen to be believed. Small settlements in the midst of large burned out areas produced nothing, or at the most a miserable crop of manioc. Wood was being taken out of the forest and *pau rosa* was almost extinct and was only to be found at the river heads where it was too distant to exploit. *Coari-coari* and itaúba were disappearing too. When these and other species are finished, what will happen? What of the future? [MM (2010 [2009] p.96) – Frag 36]

Era necessário ver a destruição das margens do rio Negro para acreditar. Diversos assentamentos no centro de queimadas que nada produziam ou, no máximo, uma miserável colheita de mandioca. Madeiras estavam sendo

retiradas da floresta e o pau-rosa estava quase extinto, sendo encontrado somente nas cabeceiras dos rios, em locais distantes o bastante para não serem explorados. Coari-coari, laurel e itaúba também estavam em processo de desaparecimento. O que acontecerá quando essas e outras espécies desaparecerem? Como será o futuro? (trad. Elizabeth Olsen) [MM (2010 [2009] p.96) – Frag 36] [grifo nosso]

Verificamos que nos fragmentos 35 e 36 a pergunta retórica é empregada com a finalidade de enfatizar um ponto argumentativo e provocar seu narratário, como destaca Lima (2016)¹³⁹. Enquanto no fragmento 35 notamos que a escritora realiza tanto um movimento de aproximação da comunidade local, ao destacar as qualidades dos habitantes locais, assim como da natureza local - “[...] essas pessoas tão lindas, habitantes de um outro mundo, um mundo de natureza gloriosa [...]” - como uma busca por sensibilizar o outro através de uma pergunta em que problematiza o tempo em que ficará afastada dos habitantes locais que conheceu em sua expedição; no fragmento 36 verificamos que tal busca por tocar ao outro se dará através da problematização sobre o processo de desmatamento vivenciado pela Floresta Amazônica e sua consequência para o meio ambiente.

6.2.2.1.3 Perguntas retóricas em Virginie Hériot

Tomando como base a rotina e desafios cotidianos vivenciados ao mar, Virginie Hériot busca, quando está em terra com sua tripulação, narrar e convidar seu interlocutor para conhecer de perto a realidade experienciada pelos marinheiros ao mar:

Comment vous exprimer ce qui est uniquement et purement dans nos cœurs de marins lorsque vous ne voyez pas? Lorsque que vous croyez nous découvrir, vous ne nous voyez pas comme nous sommes dans l’action, au milieu du danger, dans notre élément. [VH (1933, p.14) – Frag 25]

Como expressar para vocês aquilo que está somente e puramente em nossos corações de marinheiros quando vocês não veem? Quando vocês acreditam nos descobrir, não nos veem como somos em ação, no meio do perigo, no nosso elemento. (tradução nossa) [VH (1933, p.14) – Frag 25] [grifo nosso]

Vous ne voyez pas et vous ne nous avez jamais vus comme nous sommes. Cela est angoissant d’y songer. Nous nous sommes employés à vous camoufler l’austérité de nos bâtiments. N’avons-nous pas aussi par pudeur dissimulé nos cœurs et nos âmes trop farouches? [VH (1933, p.15) – Frag 26]

Vocês não veem e nunca nos viram como nós somos. É angustiante pensar nisso. Esforçamo-nos para lhes camuflar a austeridade das nossas edificações. Não escondemos também, por pudor, os nossos corações e as nossas almas demasiado ferozes? (tradução nossa) [VH (1933, p.15) – Frag 26] [grifo nosso]

¹³⁹ LIMA, Helcira. *Seminário de Tópicos Variáveis em Análise do Discurso: Retórica e argumentação*. Belo Horizonte: FALE/UFMG/POSLIN, 2016. Notas de aula.

Hériot demonstra uma grande inquietação entre a expectativa dos visitantes da tripulação sobre como imaginam a realidade vivida pelos marinheiros no dia a dia e o que de fato representaria o contexto que eles vivem – “Vocês não veem e nunca nos viram como nós somos. É angustiante pensar nisso.” – conforme podemos observar no fragmento 26. Diante de tal contexto, a navegadora lança mão das perguntas retóricas para aproximar-se de seu narratário, convidando-o para observar para além da aparência de uma embarcação enfeitada para camuflar e reduzir a austeridade da vida ao mar, como notamos nas perguntas retóricas dos fragmentos 25 e 26.

A navegadora francesa também lança mão da pergunta retórica como uma forma de convidar a seu narratário para refletir sobre o inesperado e, muitas vezes surpreendente, cotidiano da vida ao mar:

Mais voici que la brise force. Le courant violent se renverse, et s'établissant à l'encontre du vent forme un si violent clapot que c'est à grand'peine que nous arrivons à force d'avirons à une demi-longueur de L'Aile qui, debout au vent, essaye de se présenter de la façon la plus commode pour l'embarquement. Que se passe-t-il? [VH (1933, p.100) – Frag 27]

Mas agora que a brisa força. A corrente violenta se inverte, e se estabelecendo ao encontro do vento forma um tão violento estrondo que é muito difícil chegarmos à força de remos a meio comprimento da *Aile* que, ao vento, tenta apresentar-se da forma mais conveniente para o embarque. O que se está a passar? (tradução nossa) [VH (1933, p.100) – Frag 27] [grifo nosso]

Observamos que através da descrição do cenário da correnteza violenta e do vento, a navegadora lança uma questão “O que se está a passar?”; não se trata, em tal caso, de uma realidade completamente desconhecida por Hériot, como navegadora experiente certamente já tinha se deparado com inúmeros outros desafios ao mar, tal pergunta retórica, ao ser empregada, busca dirigir-se ao narratário como uma forma de convidá-lo para embarcar na aventura vivenciada por todos no veleiro.

6.2.2.2 Pronomes indicadores de segunda pessoa

Ao analisarmos nosso *corpus*, observamos o recurso ao pronome de segunda pessoa apenas em Virginie Hériot, ao passo que em Cecília Meireles e Margaret Mee tal marca aparece vazia.

6.2.2.2.1 Pronomes indicadores de segunda pessoa em Virginie Hériot

Por meio de sua obra, Virginie Hériot apresenta mais do que um relato sobre suas aventuras ao mar, através de sua narrativa a navegadora convida seu interlocutor para viajar juntamente como ela tendo como objetivo observar os possíveis aprendizados que poderiam ser alcançados ao mar, desde que ambos estejam abertos para enxergar a realidade para além do universo da idealização. Para realizar tal narrativa, a velejadora francesa lança mão do pronome de segunda pessoa *vous*¹⁴⁰. Tal pronome pessoal tem duas acepções na língua francesa: primeiramente pode se referir a segunda pessoa do plural (vós/vocês no português) e, em segundo lugar, pode ser empregado em contexto de uma conversação mais formal com pessoas desconhecidas ou ainda que ocupam uma posição superior em uma hierarquia, tal processo é conhecido como *vouvoiement* em que é utilizado o plural de polidez com o “vous”. Neste segundo caso o “vous” será compreendido como se referindo a segunda pessoa do singular. A seguir, destacamos um dos momentos em que Hériot faz uso do *vous*:

Lorsque que vous songez à nous à la mer, vous pensez à un être qui nous ressemble seulement.

Vous voyez *Ailée* resplendissante avec des fleurs ...

Vous me voyez en robe blanche, souriante près de la coupée; tout est simple, cordial, facile, et cela doit être aussi.

Vous ne voyez pas *Ailée* à la mer, sous ses voiles de cape noyées d’embruns, faisant son sous-marin, avec son pont glissant. Un marin de plus allant sur l’arrière tout balayé par les lames, qui traîne ses bottes, c’est moi! [VH (1933, p.16) – Frag 28]

Quando vocês pensam em nós no mar, vocês pensam em um ser que se parece somente conosco.

Vocês veem *Ailée* resplandecente com flores ...

Vocês me veem em vestido branco, sorrindo perto do corte¹⁴¹; tudo é simples, cordial, fácil, e isso deve ser também.

¹⁴⁰ Disponível em: <<https://apprendre.tv5monde.com/fr/aides/cultures-tu-ou-vous>>. Acesso em 25 de novembro de 2019.

¹⁴¹ Trata-se de uma abertura lateral do navio que permite o acesso à ponte através de uma balança, denominada corte. Disponível em:

Vocês não veem o *Ailée* no mar, com suas velas de capa inundadas pela maresia, com uma parte submersa, com sua ponte escorregadia. Mais um marinheiro indo para trás e tudo varrido pelas lâminas, que arrasta seus botes, sou eu! [VH (1933, p.16) – Frag 28] (tradução nossa) [grifo nosso]

Notamos que a narradora emprega o pronome francês de segunda pessoa *vous* buscando instigar seu narratário a problematizar a concepção sobre a vida para além do mundo das aparências e dos interesses individuais, como podemos ver no fragmento 28 “Vocês veem *Ailée* resplandecente com flores [...] Vocês não veem o *Ailée* no mar, sob suas velas de capa afogadas da aresia [...]”. Assim, verificamos que, através do emprego do pronome de segunda pessoa *vous*, o narratário, através de um ato alocutivo, ao mesmo tempo que é convidado para um processo de reflexão também é provocado a ressignificar seu olhar sobre a vida ao mar e, conseqüentemente, sobre a vida em terra firme.

Outro momento em que observamos o emprego do “vous” refere-se ao convite feito pela narradora a seu narratário a lançar um olhar de abnegação e empatia em relação ao outro:

Si vous ne pensez jamais à vous,
Si vous vous donnez inlassablement,
Si vous éprouvez de la joie à épargner de la peine aux autres, vous ressentirez la consolation d’être dans le vrai chemin où la souffrance ne vous évite pas, mais où le devoir vous fait signe que la vie est noble!
Ayez pour but suprême un Idéal et vous aurez droit à une place où le travail, le dévouement, l’abnégation vous élèveront chaque jour à la compréhension des sages.
Demandez tout pour l’humanité et rien pour vous-mêmes.[VH (1933, p.21) – Frag 29]

Se nunca pensam em vocês,
Se vocês se doam incansavelmente,
Se vocês experimentarem a alegria em poupar a dor aos outros, vocês se sentirão consolados por estarem no verdadeiro caminho onde o sofrimento não lhes evita, mas onde o dever lhes sinaliza que a vida é nobre!
Tenham como meta suprema um Ideal, e terão direito a um lugar onde o trabalho, a dedicação, a abnegação vos elevarão diariamente à compreensão dos sábios. Peçam tudo pela humanidade e nada por vocês mesmos. (tradução nossa) [VH (1933, p.21) – Frag 29] [grifo nosso]

Observamos que a narradora busca convidar seu narratário para compreender, em sua concepção, a alegria resultante de abrir mão dos próprios interesses na busca por poupar a dor dos outros através de sua dedicação incansável em fazer o bem ao outro. Desse modo, notamos que o narratário é convidado a olhar para o social e pensar no bem comum como podemos observar no fragmento 29.

<<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/coup%03%a9e/19814?q=coup%03%a9e#19700>>. Acesso em: 8 de outubro de 2019.

6.2.2.3 Vocativo

Ao estudar as obras das escritoras pesquisadas, percebemos a ocorrência do recurso vocativo apenas em Cecília Meireles em que aparece três vezes. Abordaremos tais ocorrências na escritora brasileira, a seguir.

6.2.2.3.1 Vocativo em Cecília Meireles

Ao nos debruçarmos na narrativa de viagem de Cecília Meireles, notamos a presença de outro recurso apresentado por Vasconcelos (2005) que buscaria tocar no narratário: o emprego do vocativo. Observamos que a escritora brasileira lança mão, por exemplo, do vocativo “amigos”, conforme podemos ver no fragmento a seguir:

Assim, amigos, só experimentando. Como este mundo está ficando difícil! A cada passo cada um de nós tem de ser, queira ou não queira, um São Tomé. [CM (vol.1, [junho de 1944], 1998, p.162) – Frag 34] [L.R: La Boca, Buenos Aires] [grifo nosso]

O contexto da ocorrência do vocativo “amigos” diz respeito às diferentes percepções que os turistas apresentam sobre o bairro La Boca, em Buenos Aires. A narradora, após apresentar as duas versões que existem sobre o bairro – para alguns um local pitoresco, popular que guarda suas características enquanto, ao passo que para outros o local teria perdido suas características e seu senso popular não valendo mais a pena ser visitado – interpela a seu narratário a construir suas próprias percepções sobre o local através de sua própria experiência *in loco*. Neste ponto, notamos que para corroborar seu convite a ação individual e experiencial do seu narratário, a narradora faz menção a Tomé¹⁴² que é conhecido, no relato bíblico, como aquele que precisou ver e tocar nas feridas de Jesus para crer que ele havia ressuscitado.

A escritora brasileira lança mão ainda do vocativo “leitor” como uma forma de construir uma relação de cumplicidade com seu narratário através de um triplo movimento: a) por meio do emprego do vocativo “leitor” convida seu narratário a fazer parte do processo de construção reflexiva; b) através do suspense que busca gerar através de sua narrativa com a intenção de captar seu narratário; c) mediante a evocação da partilha de sensações e emoções semelhantes, já vivenciadas pelo narrador ou ainda por

¹⁴² Para mais informações sobre o relato bíblico de Tomé consultar: João 20:24-29.

outros com quem entrou em contato. É possível observar tais movimentos nos seguintes excertos:

Como o barbeiro do rei Midas, a criatura estava sufocada. Mais prudente, porém, do que ele, nem num buraco da terra seria capaz de confiar. Por isso, leitor, não te posso contar a anedota... [CM (vol.1, [junho de 1944], 1998, p.161) – Frag 35] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Daqui por diante, leitor, não ouvi mais. Se a história também lhe deu sono, não faça cerimônia. É para isso que uns falam e outros escrevem... [CM (vol.1, [8 de agosto de 1948], 1998, p.242) – Frag 36] [grifo nosso] [L.R: n.i]

Ao rememorar um episódio de uma de suas viagens, em que foi interpelada por uma pessoa que queria lhe contar uma anedota política e que para isso havia solicitado que encontrassem um local ideal para isso, Cecília Meireles dá voz a sua narradora ao buscar, por meio do suspense “Por isso, leitor, não te posso contar a anedota...” (fragmento 35), captar seu narratário através do acionamento de sua curiosidade sobre o contexto mencionado, contudo não narrado por completo. Percebemos que o anseio da pessoa que queria contar a referida anedota política para a viajante brasileira é comparado a ansiedade do barbeiro do rei Midas¹⁴³, na mitologia grega, que ansiava em contar para alguém que havia descoberto as orelhas de asno do rei. No fragmento 36, percebemos que o emprego do vocativo “leitor”, utilizado em um parágrafo para concluir o capítulo após ter narrado os diálogos e trocas com os habitantes com os quais entrou em contato, traz uma atmosfera de partilha de sensações e emoções semelhantes, já vivenciadas pelo narrador ou ainda por outros com quem entrou em contato. Podemos observar tal partilha no trecho “Se a história também lhe deu sono”, por meio da evocação de um movimento de deslocamento empático em direção àquele a quem ela se dirige através do emprego do advérbio de inclusão “também”.

¹⁴³ Para mais informações sobre o mito de Midas consultar: GRAVES, Robert. *Os mitos gregos: volumes 1 e 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Considerações finais

Ao longo do caderno 6, procuramos realizar um estudo das obras de Cecília Meireles (1998), Margaret Mee (2010 [2009]) e Virginie Hériot (1933) com o intuito de analisar de que forma se deu a construção dos *ethé* das escritoras viajantes e quais identidades decorreram de tal processo de construção.

Para tanto, tomamos o *ethos* como categoria norteadora do presente estudo e os efeitos patêmicos e os recursos de narratividade como eixos subjacentes que colaboraram para a construção dos *ethé* das narradoras viajantes.

Conforme abordado no item 6.1.1, em relação à forma *como transitam pelo mundo*, notamos a recorrência dos *ethé* de exploradora, de viajante e de persistente; no item 6.1.2, sobre o modo *como percebem* o mundo, verificamos a ocorrência dos *ethé* de benevolente, de conservacionista e de intelectual; e, por fim, no item 6.1.3, no que diz respeito a maneira *como são vistas* pelo mundo, observamos a presença do *ethos* de legitimada.

No item 6.2, verificamos o emprego dos recursos de narratividade através da presença da heterogeneidade discursiva mostrada e da evocação do narratário. Notamos que a presença da heterogeneidade discursiva através da construção discursiva do *ethos* de intelectual tanto em Cecília Meireles quanto em Margaret Mee. A presença do narratário, por sua vez, pode ser vista por meio das perguntas retóricas em Cecília Meireles e em Margaret Mee, através do uso do vocativo em Cecília Meireles e, finalmente, mediante o uso do pronome indicador de segunda pessoa em Virginie Hériot (“vous”).

No decorrer de nossas análises, verificamos a recorrência dos *ethé* de exploradora, de legitimada e de benevolente nas três escritoras analisadas, ao passo que observamos a ocorrência do *ethos* de viajante apenas em Cecília Meireles e Virginie Hériot, o *ethos* de intelectual apenas em Cecília Meireles e Margaret Mee, o *ethos* de persistente apenas em Margaret Mee e Virginie Hériot e o *ethos* de conservacionista somente em Margaret Mee. Notamos ainda que, para a construção discursiva do *ethos* de intelectual, tanto Cecília Meireles quanto Margaret Mee lançam mão da heterogeneidade discursiva através da alusão e da menção do discurso científico e de especialistas tanto do viés dos estudos literários, quanto da historiografia, como da botânica. E, por fim, verificamos a construção do efeito patêmico de simpatia, através do *ethos* de benevolente em Mee; do efeito patêmico de empatia, por meio do *ethos* de benevolente em Hériot e do *ethos* de

conservacionista em Mee; e do efeito patêmico de indignação, através do *ethos* de conservacionista em Mee.

Na quarta parte de nosso diário de bordo, abordaremos as conclusões que chegamos com as análises deste presente estudo.



4º parte do diário de viagem:
O vislumbre de múltiplos horizontes

FIM DO DIÁRIO: CONCLUSÕES

Em nosso trabalho, nos posicionamos em defesa da tese de que o deslocamento das mulheres no espaço suscita mudanças em suas vidas e, como consequência, leva a construção discursiva da imagem de si que se apresentará através de múltiplas facetas dos *ethé* por meio dos quais podemos chegar à construção identitária das narradoras viajantes.

Partimos de três hipóteses de pesquisa: primeiramente, consideramos que através das narrativas de Cecília Meireles (1998), Margaret Ursula Mee ([2009]2010) e Virginie Hériot (1933) encontraríamos uma reivindicação em relação ao espaço, que diria respeito à busca pelo direito de poder transitar na *Pólis*, não mais se restringindo apenas ao *Oikos*. No segundo momento, pressupomos que a forma como cada escritora transitaria e se narraria a cada espaço nos possibilitaria compreender as construções discursivas dos diferentes *ethé* das narradoras viajantes. E, no terceiro momento, conjecturamos que ao se aventurarem para conhecer novos países e imergir em culturas diferentes de seu local de origem, Cecília Meireles (1998), Margaret Ursula Mee ([2009]2010) e Virginie Hériot (1933) buscariam mais do que simplesmente transitar por tais espaços e culturas, procurariam imergir em tais cenários realizando um movimento ora de aproximação ora de distanciamento que colaboraria para o processo de reflexão sobre a relação da identidade e da alteridade de tais mulheres.

Nesta pesquisa, procuramos analisar o transitar emancipatório de Cecília Meireles (1998), Margaret Ursula Mee ([2009]2010) e Virginie Hériot (1933) através das viagens que realizaram. Conforme apresentamos no início deste trabalho, nos embasamos em três categorias de análise: no *ethos*, como eixo central, nos recursos de narratividade (heterogeneidade discursiva e narratório) e nos efeitos patêmicos, como categorias subjacentes.

Considerando nosso *corpus* e nossos objetivos de pesquisa, tomamos como base para nosso referencial teórico os trabalhos de Amossy (2006, 2010), Charaudeau (2007b), Galinari (2012, 2014), Maingueneau (1984, 2005, 2008) e Mendes (2011, 2012), no que diz respeito às provas retóricas; os estudos de Auchlin (2001), em relação ao tom; as contribuições de Charaudeau (2007a), sobre os imaginários sociodiscursivos; os trabalhos de Bauman (2005), Hall (2006), Kauffman (2001, 2008), sobre identidade; as contribuições de Authier-Revuz (1982, 1990), em relação ao emprego da heterogeneidade discursiva; os estudos de Charaudeau ([1983] 2010), Machado e Mendes (2013), Peytard

(1983) e Vasconcellos (2005), sobre o papel do narratário na construção discursiva; assim como os trabalhos de Genette (1995), em relação à voz narrativa e a questão da focalização.

Após realizarmos uma cuidadosa revisão bibliográfica, focamos em nossa análise que se desenvolveu em três etapas diferentes: estudamos, inicialmente, cada obra de forma individual com a finalidade de observar como se deu o processo de construção dos *ethé* em cada escritora; em um segundo momento, através de uma análise comparativa, procuramos identificar os *ethé* recorrentes nas obras de Cecília Meireles, de Margaret Mee e de Virginie Hériot; e, em um terceiro momento, verificamos como se deu o uso dos recursos de narratividade e dos efeitos patêmicos em tais obras.

Ao nos debruçarmos nas referidas etapas de análise de nosso *corpus*, observamos um convite para imersão nas visões de mundo e posicionamentos de cada escritora viajante analisada face às questões sociopolíticas com as quais se depararam em suas viagens. Tal imersão nas referidas narrativas de viagem nos possibilitou verificar algumas recorrências nas construções discursivas dos *ethés* das narradoras viajantes que nos levou a uma subdivisão dos *ethés* em três eixos de análise voltados para compreender *como* tais viajantes lidam com os espaços e habitantes locais com os quais entram em contato, e *como* são por eles vistas: 1º) *Como* as escritoras *transitam* pelo mundo; 2º) *Como* elas *percebem* o mundo; 3º) *Como* elas *são vistas* pelo mundo.

No decorrer do presente estudo, notamos a ocorrência do primeiro eixo (*Como transitam* pelo mundo) através da construção discursiva do *ethos* de exploradora, o *ethos* de viajante e o *ethos* de persistente em Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot como viajantes que buscam experienciar cada espaço por meio de todos sentidos.

Verificamos a construção discursiva do *ethos* de exploradora nas narrativas de viagem das três viajantes supracitadas por meio do embasamento em alguns tons que contribuíram para a construção de tal *ethos*: observamos que enquanto Cecília Meireles embasa-se nos tons de curiosidade e ousadia, Margaret Mee apoia-se nos tons de resiliência, bravura, investigação e curiosidade, e Virginie Hériot baseia-se nos tons de bravura, resiliência e mentoria. É interessante notar que embora existam tons que ocorram de forma individualizada em tal *ethos* (tons de ousadia, de investigação e de resiliência) outros tons ocorrem de forma intercalada nas escritoras (tons de curiosidade, de bravura e de resiliência). A nosso ver, o fato de as três escritoras viajantes inscreverem-se discursivamente como exploradoras nos possibilita compreender a abertura e anseio de tais viajante para aventurar-se na descoberta do desconhecido por meio do constante

aprendizado com os desafios apresentados no decorrer da viagem seja em meio a cidade, a floresta ou ao mar.

O *ethos* de viajante é empregado nas narrativas de Cecília Meireles embasando-se nos tons contemplativo, poético, rememorativo e nostálgico ao passo que em Virginie Hériot através dos tons contemplativo e rememorativo. Observamos que ambas as escritoras buscam vivenciar a experiência da viagem através da contemplação seja dos mapas que lhes permitem vislumbrar caminhos os quais percorrerão, seja das paisagens locais, ou ainda dos costumes dos habitantes com os quais entram em contato. O fato é: elas permitem, através de seus olhares atentos, propor uma pausa no tempo para simplesmente contemplar o processo de travessia. Ao assim fazerem, as viajantes constroem memórias afetivas com os espaços visitados e que serão posteriormente revisitados por meio da rememoração.

O *ethos* de persistente em Margaret Mee pauta-se nos tons de curiosidade, de investigação, e de resiliência à medida que em Virginie Hériot embasa-se nos tons de bravura, de introspecção e de resiliência. Notamos que, a despeito das adversidades apresentadas, as viajantes se conectam por meio da resiliência que apresentam diante das mais diversas situações com as quais se deparam. Assim sendo, verificamos que a presença do *ethos* de persistente projetado nas narrativas de Mee e de Hériot através da imagem daquelas que a despeito dos desafios experienciados ao mar, com tempestades e fortes ventanias, e em terra, em meio à Floresta Amazônica, permanecem focadas e perseveram diante dos obstáculos demonstrando uma atitude de resiliência em tais contextos e tomando-os como um incentivo para a ação.

No tocante ao segundo eixo, isto é, *como as viajantes percebem* o mundo, verificamos a ocorrência do *ethos* de benevolente, do *ethos* de conservacionista e do *ethos* de intelectual. A construção discursiva de tais *ethé* traz à tona o modo como as viajantes Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot escolhem perceber e dar sentido para as mais diversas situações com as quais entram em contato.

O *ethos* de benevolente é empregado na narrativa das três viajantes: enquanto em Cecília Meireles tal *ethos* baseia-se nos tons de companheirismo, de gentileza e de reconhecimento, em Margaret Mee embasa-se nos tons de companheirismo, camaradagem e reconhecimento e em Virginie Hériot apoia-se nos tons de companheirismo, gentileza e reconhecimento. Constatamos, por meio de nosso estudo, que as supracitadas viajantes buscam construir conexões com os habitantes e culturas com as quais entram em contato em suas viagens através de uma escuta atenta e solidária ao

que se passava ao redor e um olhar que buscava valorizar os saberes locais como valiosas fontes de aprendizados e convites para a ressignificação das percepções que tinham sobre o mundo.

No decorrer de nossas análises, averiguamos que as referidas viajantes se abrem para deixar-se tocar e impactar pelas realidades com as quais entram em contato, como podemos observar no caso da construção discursiva do *ethos* de conservacionista em Margaret Mee que se descreve como indignada face ao processo de queimadas e desmatamento com o qual se depara em suas expedições à Floresta Amazônica. Mee, para além de apenas descrever as cores e as belezas da flora brasileira, insere-se na esteira dos defensores da fauna e da flora brasileiras e problematiza, através de sua narrativa, o processo de desmatamento e queimadas visto de forma crescente na Floresta Amazônica. Para tanto, a viajante inglesa embasa-se nos tons de contestação, inquietação e perplexidade como base para a construção do *ethos* de conservacionista.

No que diz respeito à construção discursiva do *ethos* de intelectual, percebemos que tanto Cecília Meireles quanto Margaret Mee embasam-se nos tons de autoridade e de erudição e ainda no tom didático para a construção do referido *ethos*. Verificamos que tais escritoras se fundamentam no discurso científico por meio da citação de estudiosos e especialistas em áreas específicas do saber, bem como utilizam termos científicos em suas narrativas, como ocorre nos registros de Mee que apresenta o nome científico das plantas com as quais entra em contato na Floresta Amazônica.

E por fim, em nosso terceiro eixo, analisamos *como são vistas* pelo mundo da época, as viajantes Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot. No decorrer de nosso estudo, observamos que as três viajantes vivenciam um processo de reconhecimento social tendo em vista a competência que demonstram para desenvolver o projeto ao qual se propõe, como podemos notar no caso de Cecília Meireles quando é homenageada com o *Emblema da Vitória*, no caso de Margaret Mee ao ser patrocinada pela Sociedade Nacional Geográfica e no caso de Virginie Hériot ao ser homenageada através de seu nome seu conferido ao barco do marinheiro-pescador René Faou. Verificamos que por meio do tom de reconhecimento da competência e da contribuição social de cada viajante, assim como do tom autoridade tanto pessoal quanto institucional, estabelece-se a base para a construção discursiva do *ethos* de legitimada. Dessa forma, compreendemos que tais viajantes, ao mencionarem em suas obras os prêmios e patrocínios, bem como o convite que receberam para lecionar e/ou palestrar, constroem discursivamente o *ethos* de legitimada, atrelando-o a seu *ethos* prévio.

Tomando como base a inter-relação das provas retóricas, a partir das contribuições de Galinari (2014), notamos que o *ethos* surge como um elemento fundador do *pathos* nas narrativas de viagem nas quais nos debruçamos no presente estudo. Verificamos que tanto Margaret Mee quanto Virginie Hériot buscam suscitar determinados efeitos patêmicos em seu auditório por meio de suas produções discursivas. Quais seriam, então, tais efeitos patêmicos que as referidas escritoras buscariam suscitar?

No decorrer de nossa análise, constatamos que Margaret Mee através do *ethos* de benevolente busca suscitar o efeito patêmico da simpatia ao narrar sua abertura para aprender e valorizar os saberes e a hospitalidade dos habitantes locais tais como no caso do episódio de Antônio Carvalho que era respeitado como o sábio do rio Gurupi, tendo em vista a ajuda que prestava à comunidade local através da leitura e escrita de cartas, quanto por meio do cultivo inteligente que utilizava em jardim. Notamos ainda que por meio do *ethos* de conservacionista Mee busca suscitar o efeito patêmico de indignação em face dos desmatamentos e queimadas com os quais se depara em suas expedições. Ao descrever os cenários de destruição com os quais se depara, Mee convida seu auditório para se indignar juntamente com ela diante das possíveis consequências de tais ações como o risco da perda de biodiversidade, emissão de gases tóxicos na atmosfera, mudanças climáticas, dentre outras perdas. Diante de tal contexto, observamos que a viajante inglesa busca suscitar ainda o efeito patêmico da empatia ao narrar seu sofrimento diante do cenário de desmatamento e queimadas e, assim, convida seus leitores para se sensibilizarem juntamente com ela e com os habitantes locais as perdas que seriam consequências de tais ações na Floresta Amazônica.

Em Virginie Hériot, notamos que a navegadora francesa busca, através do *ethos* de benevolente, suscitar o efeito patêmico de empatia ao relatar os desafios vivenciados ao mar por ela e por seus marinheiras com o intuito de convidar seu auditório a enxergar para além do imaginário que possuíam sobre a vida ao mar, Hériot busca convidá-los a “calçar os sapatos” dos que vivem ao mar por alguns instantes para compreendê-lo de uma forma mais profunda.

No que diz respeito ao emprego dos recursos de narratividade, observamos que tanto Cecília Meireles quanto Margaret Mee como Virginie Hériot, através de suas narrativas, pautam-se na estratégia de buscar impactar seus narratários com a finalidade de convidá-los a co-construírem os sentidos juntamente com elas. Cecília Meireles lança mão do narratário através do recurso de perguntas retóricas e dos vocativos “amigos” e “leitor”; Margaret Mee por meio do uso das perguntas retóricas também evoca a presença

do narratário; Virginie Hériot, por sua vez, demarca a presença do narratário por meio das perguntas retóricas e do pronome indicador de segunda pessoa “vous”. Ao nosso ver, as narradoras viajantes realizam um duplo movimento através de suas narrativas de viagem: ao mesmo tempo que se baseiam no estatuto de narrador *intradiegético-homodiegético-autodiegético*, como diria Genette (1995), tendo em vista que narram a própria história como personagens principais dos acontecimentos contados, elas buscam também construir uma relação de proximidade com seu narratário convidando-o a exercer um papel ativo no processo de co-construção de sentido das experiências por elas narradas e experienciadas.

Cabe ainda ressaltar que outra técnica narrativa que notamos que foi utilizada foi a heterogeneidade discursiva mostrada marcada, por meio da citação livre, empregada por Cecília Meireles ao evocar os estudos de especialistas; bem como a heterogeneidade discursiva constitutiva através do interdiscurso utilizada por Margaret Mee ao fazer menção aos discursos da botânica e da ecologia como base para a construção de suas narrativas. Tal técnica narrativa foi utilizada para a construção do *ethos* de intelectual em Meireles e em Mee.

A partir de nossas análises, verificamos que os *ethé* das narradoras viajantes (exploradora, viajante, persistente, benevolente, conservacionista, intelectual, legitimada) colaboram para a reflexão sobre o processo de construção identitária de Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot como viajantes abertas para vivenciar os trajetos e aprendizados que tais deslocamentos poderiam lhes proporcionar. O estudo do processo de construção identitária das supramencionadas viajantes possibilitou-nos compreender três premissas que norteiam a tessitura das identidades das mulheres viajantes: a primeira premissa diz respeito ao caráter de movimento contínuo realizado tanto pelo deslocamento discursivo-literário quanto pelo deslocamento físico-geográfico; a segunda premissa refere-se à construção sócio-histórica da identidade da mulher viajante; e, por fim, a terceira premissa concerne à forma maneira processual, dialógica e de constante negociação identitária mediante os novos aprendizados com os quais as viajantes entram em contato no decorrer da viagem. Assim sendo, Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot ao viajarem, a despeito do país de origem – Brasil, França ou Inglaterra – e do país de destino, abrem-se para imergir na cultura local e aprender com as comunidades com as quais entram em contato através de um processo de constante ressignificação de suas identidades sempre abertas a se deixar tocar pelas realidades com as quais entram em contato a cada comunidade visitada.

Compreendemos ainda que Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot realizam um duplo movimento de problematização do *status quo* sexista: primeiramente porque ousam viajar e ocupar o espaço público – em meio ao mar, na floresta e nos grandes centros urbanos – que era ocupado majoritariamente pelos homens; e, em segundo lugar, pois, além de viajar, elas ousam narrar suas impressões e suas existências. Tais viajantes, ao ousarem narrar suas vivências e suas próprias percepções sobre o mundo, problematizam o processo de produção de sentidos que foram silenciados através do lugar do “não-dito” a que as mulheres foram submetidas no decorrer da história embasado em uma *política do silêncio* em que por meio de uma *retórica da dominação* (da opressão), como apresenta Orlandi (2007), alguns sentidos são silenciados e, como consequência, nota-se o apagamento de trajetórias de sujeitos como é perceptível no caso da História das mulheres. Concluimos, assim, que através dos movimentos realizados por tais escritoras, há um questionamento implícito sobre o imaginário atribuído à mulher viajante vista, durante muito tempo, como um ser perigoso e instável, e, portanto, incapaz de viajar sozinha. O ato de saírem do *Oikos* rumo à *Pólis* desconstrói a base da argumentação sexista que colocava em dúvida a capacidade da mulher de conseguir se deslocar na esfera pública.

Assim sendo, verificamos que as viajantes Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot inserem-se em uma retórica emancipatória ao problematizarem, através de suas vivências, a *política do silêncio* a que as mulheres foram submetidas: Cecília Meireles como educadora-viajante ressalta o poder emancipador da educação e reivindica seu acesso a todos; Margaret Mee como artista botânica e conservacionista luta pela conservação da Floresta Amazônica ao denunciar, por meio de seus trabalhos, o que ela via a cada expedição; Virginie Hériot como capitã e navegadora conquista o respeito e admiração de seus colegas, da marinha francesa e de diversos chefes de Estado de sua época e, ao assim fazê-lo, abre portas para que outras mulheres também tenham a oportunidade de atuar como capitãs e navegadoras.

Dado o percurso empreendido nesta pesquisa, verificamos que ao nos debruçarmos no mapeamento das mulheres viajantes que nos conduziu a nosso *corpus*, isto é, as obras de Cecília Meireles (1998), de Margaret Mee ([2009] 2010) e de Virginie Hériot (1933), nos deparamos com inúmeras outras viajantes de países e épocas diferentes que reivindicaram para si um lugar e vez neste estudo. Consideramos a descoberta de tais escritoras como um grande alento para as nossas inquietações iniciais desta pesquisa diante do desafio que vivenciamos de encontrar as produções de mulheres viajantes.

Adotamos como caminho para tal descoberta a elaboração de um quadro com o mapeamento das mulheres viajantes, apresentado no início do presente estudo em *Ponto de partida*, quadro 1, como uma forma de lançar luz sobre tais viajantes. No referido quadro, apresentamos o mapeamento das mulheres viajantes que tomamos conhecimento no decorrer de nossa pesquisa. Desse modo, notamos a relevância do presente trabalho tendo em vista sua contribuição para a problematização sobre o silenciamento que as mulheres vivenciaram durante tanto tempo através da apresentação de mulheres viajantes que ousam transitar e ocupar o espaço público como seu direito.

No decorrer de nosso estudo, notamos que da mesma forma que nos surpreendemos com a dificuldade inicial de encontrar as obras de narradoras viajantes, seguida do encontro de inúmeras mulheres viajantes, nos surpreendemos proporcionalmente com a compreensão do quanto existe para ser estudado no âmbito da literatura de viagem produzida por mulheres.

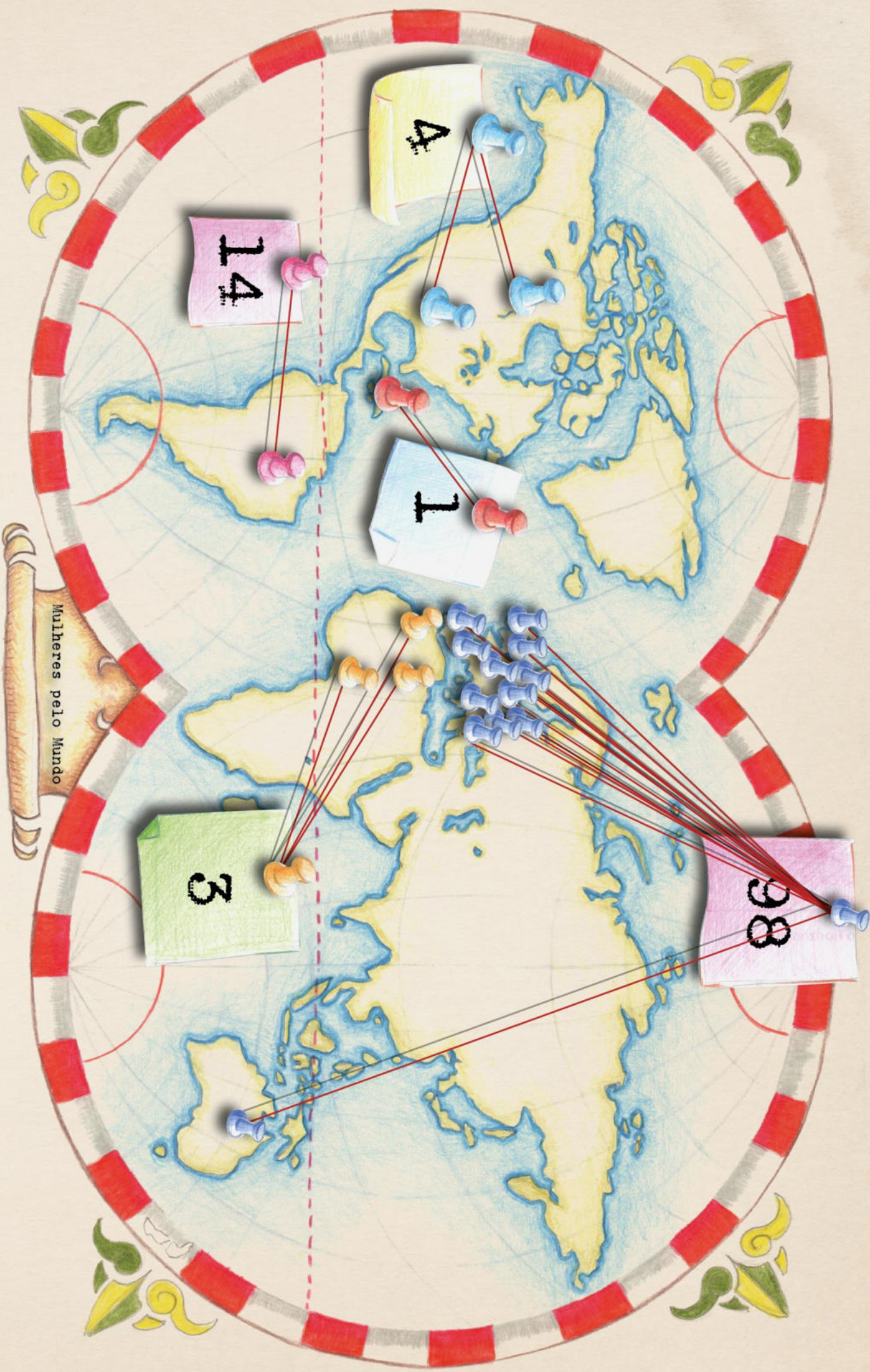
Ansiamos que nosso trabalho atue como um grão que possa germinar e estimular o interesse de nossas leitoras e de nossos leitores para adentrarem em tal terreno tão profícuo. Em uma oportunidade futura, gostaríamos de nos debruçar sobre o quadro do mapeamento das escritoras viajantes com o intuito de estudá-las de forma mais aprofundada.

E quanto ao presente? E quanto a pesquisadora que se dirige neste momento a vocês, prezada leitora e prezado leitor, de que maneira foi possível observar o impacto do presente estudo sobre minha¹⁴⁴ caminhada enquanto sujeito social? Iniciei a presente pesquisa debruçando-me sobre a narrativa das viajantes Cecília Meireles, Margaret Mee e Virginie Hériot na busca por compreender os desafios vivenciados por cada uma delas diante da sociedade em que estavam inseridas. Deparei-me com mulheres abertas para serem impactadas pelas alegrias e também pelas angústias e inquietações daqueles com os quais entravam em contato a cada viagem. Deparei-me com mulheres engajadas com as causas sociais e que acreditavam na importância de que todos tivessem acesso aos mesmos direitos do livre transitar, do acesso à educação gratuita e da liberdade de falar e ser efetivamente ouvida. Deparei-me com mulheres movidas pela sede do constante aprender através da partilha. E ao estudar cuidadosamente tais mulheres viajantes, deparei-me comigo mesma e senti-me convidada a refletir nas viagens que já realizei

¹⁴⁴ O presente texto é resultado de muitos diálogos e reflexões, por tal razão optei por redigi-lo na primeira pessoa do plural. Contudo, em alguns momentos, como o referido, peço licença para a leitora e para o leitor para adotar a primeira pessoa do singular tendo em vista se tratar de momentos em que partilho o meu percurso acadêmico, pessoal e sócio-histórico.

sozinha e nas inúmeras vezes em que fui questionada sobre a ausência da figura masculina. Deparei-me com os inúmeros encontros com pessoas incríveis que pude conhecer e com as quais pude ampliar minha percepção sobre o mundo. A presente viagem, denominada tese, me presenteou com encontros e aprendizados que marcaram minha caminhada enquanto mulher pesquisadora viajante.

Viajantes, exploradoras, persistentes, benevolentes, conservacionistas, intelectuais, legitimadas ... plurais. Nosso próximo destino? Cartografar novos espaços de acolhimento e partilha para que nós, mulheres, possamos ser nosso próprio lar por onde escolhermos transitar ou repousar em busca de um novo fôlego.



Mulheres pelo Mundo

4

14

1

3

88

REFERÊNCIAS

ABOIM, S. Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(1): 344, janeiro-abril/2012.

AGÊNCIA MINAS. **Fundação Clóvis Salgado recebe mostra em homenagem a Margaret Mee.** Disponível em: <<http://www.2005-2015.agenciaminas.mg.gov.br/noticias/fundacao-clovis-salgado-recebe-mostra-em-homenagem-a-margaret-mee/>>. Acesso em: 25 de junho de 2020.

ACERVO ESTADÃO. A escritora Cecília Meireles. Disponível em:<<https://fotos.estadao.com.br/fotos/acervo,a-escritora-cecilia-meireles,976249>>. Acesso em: 26 abril de 2021.

ALMEIDA, A. S. **O desenho de Margaret Mee: Contribuições para a taxonomia botânica.** 2014. 73f. Dissertação (Mestrado). Departamento de Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, 2014.

AMOSSY, R. **L'argumentation dans le discours.** Paris: Armand Colin, 2006.

AMOSSY, R. **La présentation de soi: ethos et identité verbale.** Paris: Presses Universitaires de France, 2010.

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso.** São Paulo: Contexto, 2018.

ARENDT, H. **The Human Condition.** Chicago: University of Chicago Press, 1959.

ARIÈS, P. **L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime.** Paris: Seuil, 1973.

AS BELAS IMAGENS DA NATUREZA: Margaret Mee expõe no Masp. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 25 de maio 1992. Acessado através da base de dados da biblioteca Walter Wey que pertence à Pinacoteca de São Paulo.

AUGÉ, M. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.

AUCHLIN, A. Ethos e experiência do discurso: algumas observações. In: MARI, H. et alii. **Análise do discurso: fundamentos e práticas.** Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso-FALE/UFMG, 2001, p. 201-225.

AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa.** Versão online, Disponível em: <<<http://www.aulete.com.br>>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

AULETE, C. **Dicionário Caldas Aulete da língua portuguesa.** Ed. De bolso. Porto Alegre: L&PM; Rio de Janeiro: Lexicon, 2007, 1007p.

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. In: **DRLAV 26.** Paris: Centre de Recherches de l'Université de Paris III, 1982.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 19, p. 25-42, jul/dez.1990.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

BARBOSA, Y. M. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

BARDI, P. M. Jardim tropical: uma amostra de aquarelas da inglesa Margaret Mee no Masp revela a beleza da flora brasileira. **Isto É**, São Paulo: 24 de junho de 1992.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

BÉDARD, M. **Stratégies épistolaires et écriture de la résistance dans les lettres de Chevalier de Lorimier et Julie Bruneau-Papineau**. 2010. 130f. Mémoire. Université du Québec à Montréal, 2010.

BERGER, P. **Bibliografia do Rio de Janeiro e autores estrangeiros 1531-1900**. Rio de Janeiro, 1964.

BÍBLIA SAGRADA BOM DIA. N.T. **João**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016. cap. 20:24-29, p.1672.

BLOCH, P. Pedro Bloch entrevista Cecília Meireles. In: **Pedro Bloch entrevista**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A. 1989.

BOSI, A. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: CULTRIX, 1981.

BRAUTIGAM, Sylvia de Botton (org.). **Margaret Mee**. Rio de Janeiro: Arte Padilla, 2006.

CARVALHO, J. G. S., & ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário. In: **Paidéia**, 2008, 18(41), 445-456. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2008000300003&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 julho 2020.

CARDOSO, A. L. Focalizador e narrador em Genette. **Acta Científica**, Engenheiro Coelho, v. 22, n. 2, p. 59-66, mai/ago 2013. Disponível em: <<https://revistas.unasp.edu.br/actacientifica/article/view/48>>. Acesso em: 05 agosto 2020.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CATRACA LIVRE. **Pinacoteca apresenta “Margaret Mee: 100 anos de vida e obra”**. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/pinacoteca-apresenta-margaret-mee-100-anos-de-vida-e-obra/>>. Acesso em: 25 de junho de 2020.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c’est bien, les imaginaires, c’est mieux. In: BOYER, H. **Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**. Langue(s), discours. Vol. 4. Paris, Harmattan, 2007a. p 1-10. Disponível em:<<http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-c-est-bien-Les.html>>. Acesso em: 10 agosto de 2020.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: Mendes E. & Machado I.L. (org.), **As emoções no discurso**. Mercado Letras, Campinas (SP), 2007b.

CHARAUDEAU, P. Sujeito do discurso. In: CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, M. **Dicionário de análise do discurso**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 457-458.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, P. Histoire d’un emprunt. Histoire d’une coïncidence. Un hommage à Jean Peytard. In: Actes du colloque Miroir, **revue du GERFLINT**, n°10, 2013, p. 43-50, 2013. Disponível em: <<https://www.patrick-charaudeau.com/Histoire-d-un-emprunt-Histoire-d,331.html>>. Acesso em: 3 agosto 2020.

CHAVES, F; S. **Jogos etóticos e jogos documentais: a construção dos *ethé* no documentário Rua de mão dupla**. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CRISTÓVÃO, F. Para uma Teoria da Literatura de Viagens. In: CRISTÓVÃO, Fernando (Org). **Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens – Estudos e Bibliografias**. Coimbra: Almedina, 2002. p.13-52.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon: FAPERJ, 2010.

CUNHA, P. C. Apontamentos teóricos sobre Literatura de Viagens. **Caracol**, (3), p. 152-173, 2012.

DEL PRIORI, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

DEL PRIORE, M. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

DEL PRIORE, M. **Histórias da gente brasileira, Volume 3: República – Memórias (1889-1950)**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

DHERS, G. Virginie Hériot, vie et mort de «Madame de la mer». **Libération**. 22 de junho de 2019. Disponível em: <<https://www.liberation.fr/sports/2019/06/22/virginie-heriot-vie-et-mort-de-madame-de-la->

mer_1735136?fbclid=IwAR3T_73XcpDtIsl2orOYaUPGi9ZiNjVYLTs2qAOZokLqvfrAW7IrBMZI65o>. Acesso em: 22 de junho de 2019.

DURBARTON OAKS. **Margaret Mee in the Amazon**. Disponível em: <<https://www.doaks.org/resources/online-exhibits/margaret-mee-portraits-of-plants/margaret-mee-in-the-amazon>> Acesso em: 23 abril de 2021.

LYSARDO-DIAS, D. Narrativas autobiográficas na mídia impressa. In: MACHADO, I, L; MELO, M (Orgs). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do discurso**. Belo Horizonte, NAD, FALE, UFMG, 2016.

DUARTE, C. L. **Nísia Floresta: vida e obra**. 1991. 802 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

DUARTE, C. L. **Nísia Floresta**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

DUARTE, E. **Acervo pessoal de Cecília Meireles pode ser aberto**. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/acervo-pessoal-de-cec%C3%ADlia-meireles-pode-ser-aberto-1.233878>>. Acesso em: 23 abril 2021.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

ECO, U. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

EGGS, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

_____. **The Civilizing Process**. Oxford: Blackwell, 1978.

ENCANTO AMAZÔNICO: exposição reúne sessenta aquarelas de Margaret Mee, a inglesa que documentou a flora da selva brasileira. **Veja**, São Paulo, 17 de outubro de 1990, p.103. Acessado através da base de dados da biblioteca Walter Wey que pertence à Pinacoteca de São Paulo.

ESTAÇÃO CABO BRANCO – CIÊNCIA CULTURA & ARTES. **Exposição sobre a vida e obra de Margaret Mee está em cartaz**. Torre Mirante da Estação Cabo Verde. Disponível em: < <https://joaopessoa.pb.gov.br/estacaocb/?p=2798> > Acesso em: 21 de agosto de 2021.

EXPOSIÇÃO: Masp mostra as aquarelas ecológicas de Margaret Mee. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 27 de maio de 1992. Acessado através da base de dados da biblioteca Walter Wey que pertence à Pinacoteca de São Paulo.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: Fundação de desenvolvimento da Educação, 1995.

FERNANDEZ-ARMESTO, F. **Os desbravadores**: uma história mundial da exploração da terra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). **Cecília Meireles: poeta e educadora**. Templo Cultural Delfos, fevereiro/2011. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2011/02/cecilia-meireles-poetiza-educadora.html>>. Acesso em: 23 abril 2021.

FIGUEIREDO, S. L. **Viagens e viajantes**. São Paulo: Annablume, 2010.

FIGUEIREDO, S. L.; RUSCHMANN, D. Van de Meene. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. **Novos Cadernos NAEA**, v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004, ISSN 1516-6481.

FIGUEIREDO, I., V. **Imaginários sociodiscursivos sobre a surdez**: análise contrastiva de discursos do jornal visual a partir da produção e da recepção. 2013. 373 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FILHO, L. A. de A. Sobre a obra em prosa de Cecília Meireles – ensaios e conferências. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007, p. 271-279.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Cecília Meireles refletiu sobre carros e aparências em crônicas publicadas na Folha em 1964**. Disponível: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/03/cecilia-meireles-refletiu-sobre-carros-e-aparencias-em-cronicas-publicadas-na-folha-em-1964.shtml>>. Acesso em: 23 de abril de 2021.

FLORENZANO, M. B. B. Polis, e Oikos, o público e o privado na Grécia antiga. **Coletâneas do Nosso Tempo**, Rondonópolis, Departamento de História - Instituto de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Federal de Mato Grosso, v. 5, n. 4-5, p. 113-118, 2001.

FONSECA, D. P. **O viajante Hércules Florence**: águas e guaranás. Campinas, SP: Pontes, 2008.

FORGET, D. **Mouvance identitaire et transfert de sens**. INTERFACES BRASIL/CANADÁ, BELO HORIZONTE, V .1, N .3, 2003.

FRANCO, S. M. S. **Peregrinas de outrora**: viajantes latino-americanas no século XIX. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2008.

FRANCO, S. M.; S. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte Documental. In: JUNQUEIRA, M. A. & FRANCO, S. M. S. (Orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa** (vol.II). São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011. v. 1. Pgs.62-86.

GALINARI, M. M. Sobre ethos e AD: tour teórico, críticas, terminologias. **DELTA – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v.28, n.1, p.51-68, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v28n1/v28n1a03.pdf>>. Acessado em: 01 maio 2020.

GALINARI, M. M. Logos, Ethos e Pathos: “três lados” da mesma moeda. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 58, n. 2, 2014. DOI: 10.1590/1981-5794-1405-1. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5779>. Acesso em: 01 maio 2021.

G. de L. La nouvelle goulette de la « «Reine de Yachting ». **L’Echo de Paris**, 19 de dezembro de 1928, p. 5. Disponível em: <<https://www.retronews.fr/journal/l-echo-de-paris/19-decembre-1928/120/582121/5>>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

GADELHA, R. Introdução. In: MEE, Margaret Ursula. **Flores da Floresta Amazônica: a arte botânica de Margaret Mee**. São Paulo: Escrituras Editora, 2010 [2009].

GANGOULY, T. La France de l'entre-deux-guerres (1919-1939). **Philisto**, 2019. Disponível em: <<https://www.philisto.fr/cours-109-france-de-l-entre-deux-guerres-1919-1939.html>>. Acesso em: 03 agosto 2020.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. 3.ed. Lisboa: Vega, 1995.

GLOBAL EDITORA. Disponível em: <<http://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=4124>> Acesso: em 29 agosto 2018.

GRAVES, Robert. **Os mitos gregos: volumes 1 e 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

GUILLOU-BEUZIT, D. L’usage d’Internet à travers un exemple: Virginie Hériot, navigatrice, 1890-1932, 2019, **notas da conferência proferida em L’association Art et culture**, 2017. Tais notas foram recebidas por e-mail em 16 de setembro de 2018.

GUIMARÃES, M. **O universo feminino à luz de Simone de Beauvoir: vida, ficção e teoria**. 2015. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

GUIMARÃES, M; MENDES, E. Os imaginários sobre a mulher na publicidade: a marca Nike. **Revista Observatório**, v. 4, p. 569-598, 2018.

HABERMAS, J. **The Structural Transformation of the Public Sphere: An Inquiry into a Category of Bourgeois Society**. Cambridge: Polity Press, 1989.

_____. **The Inclusion of the Other: Studies in Political Theory**. Cambridge: MIT Press, 1998.

HANSEN, J A. Solombra, ou a sombra que cai sobre o eu. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1990 [1980].

HERIOT Virginie: La grande dame du yachting. **École Navale**. Disponível em <<https://web.archive.org/web/20081207202554/http://www.ecole-navale.fr/HERIOT-Virginie.html>>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

HÉRIOT, V. **Sur mer: impressions et souvenirs**. Paris: Fasquelle Éditeurs, 1933.

JALLAT, D. Les voyages à la voile de Virginie Hériot (1928): au service de la France et de la bourgeoisie des affaires. In: DINET, Dominique; GRANDHOMME, Jean-Noël; LABOULAIS, Isabelle. **Les formes de voyages: approches interdisciplinaires**. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 2010. Disponível em: <<https://books.openedition.org/pus/8177>>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

JORGE, T. Brasil edita aquarelas inglesas da Amazônia. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 19 DEZ. 1989. Acessado através da base de dados da biblioteca Walter Wey que pertence à Pinacoteca de São Paulo.

JUNQUEIRA, M. A. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, Mary Anne & FRANCO, Stella Maris Scatena (Orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa** (vol. II). São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011. v. 1. Pgs.44- 61.

KAUFMANN, J.C. **Égo pour une sociologie de l'individu**. Paris: Nathan Université, 2001.

KAUFFMAN, J.C. **Quand Je est un autre: pourquoi et comment ça change en nous**. Paris: Armand Colin, 2008.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. O *ethos* em todos os seus estados. In: MACHADO, Ida Lucia; & MELLO, Renato. (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, v. 3. p. 117-135.

LAMEGO, V. **A farpa e a lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LAMOUREUX, D. Público/privado. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Helena; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. Pgs.208-213.

LE BARS, C ; LACOMBE, P. Les navigatrices de course au large. Une socialisation professionnelle spécifique. **Ethnologie française** 2011/4 (Vol. 41), p. 717-726. Disponível em :< <https://www.cairn.info/revue-ethnologie-francaise-2011-4-page-717.htm> > Acesso em : 06 de novembro de 2019.

LE CHASSÉ-MARÉE. Virginie Hériot à tire-d'aile. **Revue n°273**. Disponível em: <<https://www.chasse-maree.com/virginie-heriot-a-tire-daile/>>. Acesso em: 24 abril 2021.

LEMONNIER, B. L'Angleterre depuis 1945: les enjeux d'une histoire culturelle. **Conférence faite à l'université de Paris-X-Nanterre en 1997**. Disponível em: < <http://berlemon.net/articles/angl45.pdf>>. Acesso em: 04 agosto 2020.

LIMA, H. Patemização: emoções e linguagem. In: MACHADO, I; MENEZES, W. & MENDES, E. **As emoções no discurso**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 240-251.

LIMA, H. **Seminário de Tópicos Variáveis em Análise do Discurso: Retórica e argumentação**. Belo Horizonte: FALE/UFMG/POSLIN, 2016. Notas de aula.

LESSA, C. H. **A função de índices de polifonia na construção e desconstrução de imagens em textos opinativos**. 2001. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

LYSARDO-DIAS, D. Narrativas autobiográficas na mídia impressa. In: MACHADO, Ida Lucia; MELO, Mônica Santos. (Org). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades na visão da análise do discurso**. 1ed. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso FALE/UFMG, 2016, v. 71-88.

LOUNDO, D. Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007.

LUZ, G. A. **Dos bastidores à tribuna: argumentos e contra-argumentos de André Léo na construção dos direitos das mulheres na França do século XIX**. 2017. 175 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MACHADO, I; MENDES, E. **A análise semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização**, Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, V. 13, N. 2, 2013. Disponível em: <<https://raled.comunidadeled.org/index.php/raled/issue/view/5>> Acesso em 22 de outubro de 2019.

MACHADO, A. M; PAGEAUX, D.H. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Confluencia, 1952-59.2v.

MAINGUENEAU, D. **Genèse du discours**. Paris, Gallimard, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.p.57-68.

MAINGUENEAU, D. A propósito do Ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARGARET MEE. **Uma mulher e a Mata Atlântica**. São Paulo,1992. Catálogo de exposição, 1992, MASP.

MARGARET MEE: **100 anos de vida e obra**. Rio de Janeiro: [s.n], 71 p. 2009. Catálogo de exposição. Centro Cultural Correios.

MARGARET MEE E A FLOR DA LUA. Direção: Malu de Martino. **Documentário**. Brasil: BRETZ FILMES (RIMO), 2013. 1 disco (78 min.), son., color., legendado.

MARIN, L. **Des pouvoirs de l'image**. *Gloses*, Paris, Seuil, 1993.

MARTINEZ, M. **Narrativas de viagem**: escritos autorais que transcendem o tempo e o espaço. *Intercom – RBCC São Paulo*, v.35, n.1, p. 34-52, jan./jun. 2012.

MEIRELES, C. **Crônicas de viagem**, vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MEIRELES, C. **Crônicas de viagem**, vol.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999a.

MEIRELES, C. **Crônicas de viagem**, vol.3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999b.

MEIRELES, C. **Diário de bordo**. São Paulo: Global, 2015.

MEE, M. U. **Flores da Floresta Amazônica**: a arte botânica de Margaret Mee = Flowers of the Amazon forest: the botanical art of Margaret Mee. Tradução de Elizabeth Olsen. São Paulo: Escrituras Editora, 2010 [2009].

MENDES, E. **Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas**, 2004. 267 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

MENDES, E. Prefácio. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENDES, Emília; MENEZES, Willian (Orgs.). **As emoções no discurso**, vol.I. 1. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p.9-23.

MENDES, E. Algumas breves considerações sobre emoções, factualidade e ficcionalidade. EMEDIATO, Wander; LARA, Glaucia Muniz Proença. **Análises do discurso hoje**: volume 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2011.

MENDES, E. Algumas configurações dos imaginários e dos ethé de “ladrão” na cultura brasileira. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.3, p.16-29, nov. 2012.

MENDES, E. Análise do discurso e iconicidade: uma proposta teórico-metodológica. In: MENDES, Emília (coord.); MACHADO, Ida Lúcia; LYSARDO-DIAS, Dylia (orgs.). **Imagem e discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

MENDES, E. & LUZ, G. **Feminina feminista**. Belo Horizonte: Fale Editora, 2021.

MEYER, Michel. **Questões de retórica**: linguagem, razão e sedução. Lisboa: Edições 70, 1998.

MENDONÇA, Sônia R. Estado e sociedade: a consolidação da república oligárquica. In: LINHARES, Maria Y. **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016. Pgs. 473-489.

MORAES, M. L. Q. Prefácio. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Tradução: Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932, 829p.

NETO, M. S. Cecília Meireles e o Tempo Inteiro. In: MEIRELES, Cecília. **Poesia completa de Cecília Meireles**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

NETO, L. **Getúlio: o Governo Provisório à ditadura do Estado Novo (1930- 1945)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NOGUEIRA, P; Ribeiro, M. C.; LAFFAYETTE, E. **Cartaz de exposição Margaret Mee: uma mulher na Amazônia**, 1990. Disponível em: < <https://acervo.mis-sp.org.br/iconografia/cartaz-da-exposicao-margaret-mee-uma-mulher-na-amazonia>> Acesso em: 24 junho 2020.

OLIVEIRA, G. P. Cecília Meireles e a Índia: das provisórias arquiteturas ao “êxtase longo de ilusão nenhuma”. **Religare 9** (2), 153-161, dezembro de 2012. Disponível em: < <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/religare/issue/view/1226/showToc>>. Acesso em: em 29 agosto 2018.

ONU Mulheres. **Guia Estratégica: Empoderamiento político de las mujeres: marco para una acción estratégica en América Latina y el Caribe 2014-2017**. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/kv1m5q>> Acesso em: 06 abril 2020.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Ed. Da UNICAMP, 1995.

PAIVA, K. B. **História de vida e Amizade: As cartas de Mário, Drummond e Cecília para Henriqueta Lisboa**. 2006. 186 f. Dissertação (mestrado em Literatura) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. Sair. In: _____; FRAISSE, Geneviève (direção). **História das mulheres no ocidente: O século XIX**. Porto: Afrontamento, 1990. Vol.4.

_____. **Mulheres públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

PESSOA, S. **Estética da diferença:** contribuições ao estudo da deficiência e das redes sociais digitais como dispositivos de *mise-en-scène*. 2013. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

PEYTARD, J. La place et le statut du “lecteur” dans l'ensemble “public”. **Semen**, 1, 1983, p.13-37.

PRADO, E. M. **Os rastros da viagem à Índia na poética de Cecília Meireles.** 2011. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

PROST, A. **Petite histoire de la France. De la Belle Epoque à nos jours.** Armand Colin, 2013.

PUGA, R. M. Romance de viagem. In: PUGA, R. M. (coord.). **E-Dicionário de escrita de viagens portuguesa,** 2019. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/devp/dictionary/romance-de-viagem/>>. Acesso em: 5 agosto 2020.

R. PEYRONNET DE TORRES. Une Française, Mme Virginie Hériot, est la première yachtwoman du monde. **L’Intrangeant.** 28 de outubro de 1925, p.4. Disponível em: <<https://www.retronews.fr/journal/l-intrangeant/28-octobre-1925/44/906849/4>>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

RAGO, M. **A aventura de narrar-se. Feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RAMOS. M. **Em busca do norte.** Salvador, Bahia: Produção independente, 2019.

REIS, D. G; CARDOZO, P. F. **O Grand Tour e o aprendizado ao longo da vida de Goethe.** Goiânia: Editora: Espaço Acadêmico, 2018.

RIBEIRO, M. L. M. **Impressões de viagem:** considerações sobre a obra periférica de Graciliano Ramos. 2010. 145 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, 2010.

RIO E CULTURA. **Margaret Mee – 100 Anos de Vida e Obra e seu Legado Os Novos Artistas Botânicos.** Disponível em:<http://www.rioecultura.com.br/expo/expo_resultado2.asp?expo_cod=1404>. Acesso em: 25 de junho de 2020.

ROMANO, L. A. C. R. Viagem à Índia: Cecília Meireles e Octavio Paz. **Caracol**, (3), 2012, p.46-81. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2317-9651.v0i3p46-81>>. Acesso em: 19 de abril de 2019.

ROMANO, L. A. C. Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea. **Estação Literária Londrina**, Volume 10B, p. 33-48, jan. 2013.

ROSADO, L. Coelho. Corrêa. **Telenovelas brasileiras: um estudo histórico**. 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ROY, G. **La détresse et l'enchantement**. Montréal: Boréal compact, 1996 [1984].

SAMPAIO, T; TESCHAUER, C. **Os naturalistas viajantes dos séculos XVII e XIX e a etnografia indígena**. Salvador: Coleção de estudos brasileiros. D. Série Cruzeiro; V.8, 1955.

SANTAGADA, S. A situação social do Brasil nos anos 80. **Revista Indicadores Econômicos FEE**. V.17, N.4, 1990. Disponível em: <<https://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/view/179>>. Acesso em: 04 agosto 2020.

SERRANO, S. **Mulheres viajantes**. Lisboa: Tinta da China, MMXVIII, 2017.

SENNETT, R. **The Fall of Public Man**. Londres: Faber, 1986.

_____. **The Corrosion of Character: The Personal Consequences of Work in the New Capitalism**. Nova Iorque: Norton, 1998.

SHIRER, W. L. **A queda da França: o colapso da Terceira República**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1969. Vol.1.

SHORTER, E. **A formação da família moderna**. Lisboa: Terramar, 1995.

SOCIÉTÉ D'HISTOIRE DU VESINET. Virginie Hériot, madame de la mer. Disponível em: <<http://histoire-vesinet.org/virginie-heriot.htm>>. Acesso em: 26 de abril de 2021.

TAUNAY, A. d'E; AZEVEDO, F. **Visitantes do Brasil colonial (século XVI-XVIII)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1993. Biblioteca pedagógica brasileira. Série 5a, Brasileira;19.

SILVA, B. A. **Negociando distâncias em defesa da educação para as brasileiras em Nísia Floresta**. 2020. 267 f. (Tese em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SILVA, F. C. T. A Modernização Autoritária. Do golpe militar à redemocratização. In: LINHARES, Maria Y. **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016. Pgs.528-578.

SKIDMORE, T. E. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

STIFF, R. L. A.; CRANE, P. **The Amazon Collection: the botanical paintings of Margaret Mee**, Exposição The Amazon Collection, 2001.

TOCQUEVILLE, A. de. "Influence of Democracy on the Family." In: _____. **Democracy in America**. Chicago:University of Chicago Press, 2000. p. 558-562.

VASCONCELLOS, L. C. **Figurações da leitura**: um estudo sobre o papel do narratário em Grande Sertão: Veredas. 2005. 104 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

VERNE, J. **Os exploradores do século XIX**. 5 ed. Lisboa: Bertrand, 1975.

VIRGINIE Hériot: Madame de la mer. **Histoire Vesinet**. Disponível em: <http://histoire-vesinet.org/virginie-heriot.htm?fbclid=IwAR0oqX0eJ2ua8IEW-hI3xS3_8hLjaNE12yjtiWM8sk7o1Ei8iZiAkWGELQ8>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

WOLLSTONECRAFT, M. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Tradução: Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.

BIBLIOGRAFIA DAS MULHERES VIAJANTES

ARCHER, M. **Roteiro do mundo português**. Lisboa: Sociedade industrial de tipografia, 1950.

ARCHER, M. **Brasil, fronteira da África**. São Paulo: Felman-Rêgo, 1963.

BATTISTA, E. **Maria Archer: o legado de uma escritora viajante**. Lisboa: Edições Colibri, 2015.

BOUGUINAT, N. **Le Voyage au féminin. Perspectives historiques et littéraires**. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 2008.

BRAGA, M. O. **Passagem do Cabo**. Lisboa: Caminho, 1994.

CAMPBELL, A. **Portas abertas: três meses na europa sem um centavo no bolso**. Rio de Janeiro: Produção independente, 2014.

CAMURÇA, Z.S.V. **Mulheres viajantes no brasil, século XIX: agentes e intérpretes da 'visão de mundo' do brasileiro – uma análise etno-histórica**. 2012.

COUTINHO, R. S. **Mulheres aventureiras: portuguesas nos quatro cantos do mundo**. Lisboa: Esfera dos livros, 2009.

DUARTE, C. L. **Nísia Floresta: vida e obra**, Natal: UFRN, 1995.

DUARTE, C. L. **Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil**, Florianópolis: Mulheres, 2005.

DUSSOURD, H. **Jeanne Baret: 1740-1816: première femme autour du monde**, Moulins: Impr. Pottier, 1987.

FLORA, T. **Peregrinações de uma pária**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz: EDUNISC, 2000.

GAMA, I. **Você ousa sonhar?** São Paulo: publicação independente, 2019.

GAZZOLA, A. L. A. **Marianne North: lembranças de uma vida feliz**, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2001.

GAZZOLA, A. L. A. **Mulheres à deriva: viajantes anglo-americanas no Brasil**, Belo Horizonte: Napq/Fale, 1995.

LAGARDE-FOUQUET, A. **Ida Pfeiffer, première femme exploratrice: 1797-1858**, Paris: l'Harmattan, 2009.

LAPIERRE, A; MOUCHARD, C. **Elles ont conquis le monde: les grandes aventurières 1850-1950**. Arthaud Poche, Paris, 2007.

LAPEYRE, F. **Le roman des voyageuses françaises**, Paris, Payot, 2007.

- LAPEYRE, F. **Quand les voyageuses découvraient l'esclavage**. Paris: Payot, 2009.
- MANTOVANI, S. **40 antes dos 40: um passaporte salvou minha vida**. São Paulo: Editora Feliz, 2020.
- MONICAT, B. **Itinéraires de l'écriture au féminin: voyageuses du 19e siècle**. Amsterdam, Atlanta, GA: Rodopi, 1996.
- PAJON, F; LATIL, O. (orgs.). **Ni vues, ni connues: Panthéon, histoire, mémoire: où sont les femmes?** Paris: Hugo Doc Les Simone, Collectif George Sand, 2017.
- PESTANA, A. **Relatório de uma visita de estudo: estabelecimentos de ensino profissional do sexo feminino no estrangeiro**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1893.
- PRATT, M. L. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**, Bauru: EDUSC, 1999.
- REVERZY, C. **Femmes d'aventure: du rêve à la réalisation de soi**. Paris: Editions Odile Jacob, 2001.
- SAINT-Martin, L. **Lectures contemporaines de Gabrielle Roy: bibliographie analytique des études critiques (1978-1997)**. Québec: Boréal, 1998.
- SAINT-Martin, L. **La voyageuse et la prisonnière: Gabrielle Roy et la question des femmes**. Québec: Boréal, 2002.
- SILVA, M. A. W. **Entre memórias e desejos: o discurso feminino de Gabrielle Roy e Margarete Dumas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.
- WINKLER, E. **Louise Weiss: Une journaliste-voyageuse, au cœur de la construction européenne**. Paris: Editions L'Harmattan, 2017.


ANEXO

Anexo A: Quadros das narradoras viajantes: Cecília Meireles,
Maragaret Mee e Virginie Hériot

Quadro 6- Crônicas de Viagem, vol.1, 1998¹⁴⁵, Cecília Meireles

<p>1) <i>Ethos</i></p>	<p>a) Intelectual (4X)</p> <p>(1) “Mary Virginia Bales refere que, ao perguntar aos negros como compõem seus cânticos, sempre tem obtido respostas assim: “De lord jus put hit em our mouf. We is ignorant, and de Lord puts every word we says em our mouf.” (É Deus que os põe em nossa boca. Nós somos ignorantes, e Deus põe em nossa boca cada palavra que dizemos.) A verdade, porém, segundo ela e outros estudiosos do assunto, é que o <i>Spiritual</i> elementarmente é composto coletivamente, começando por alguma citação bíblia ou frase inventada pelo <i>leader</i>, à qual se vêm juntar outras, sugeridas pela Assembleia religiosa.” [Crônica 2: <i>Spirituals</i>, p.7-8]</p> <p>(2) “Segundo James W. Johnson, uma autoridade no assunto, a estrutura do <i>Spirituals</i> em “perguntas e respostas” remanescente africano.” [Crônica 2: <i>Spirituals</i>, p.9]</p> <p>(3) “Quanto à música, Natalie Curtis-Burlin, que recolheu muitas peças, diz ser uma coisa literalmente “<i>in the air</i>”, querendo significar com isso a extrema flexibilidade que lhe imprimem os cantores. Ilustra essa afirmação contando que, ao perguntar a um recém-chegado de outro lugar que parte do <i>Spirituals</i> costumam cantar, recebeu esta ingênua resposta: “Oh! Às vezes sou soprano, outras vezes ...baixo. Depende da melodia, e da maneira por que a sinto...” [crônica 2: <i>Spirituals</i>, p.10]</p> <p>(4) “Quanto ao tema, Mary Virginia Bales tentou classificar os <i>Spirituals</i> em duas categorias: os que se ocupam da Bíblia e das experiências religiosas pessoais, ou são <i>Denominational songs</i>, - e os que têm estribilhos religiosos, mas são antes de caráter moral que religioso.” [Crônica 2: <i>Spirituals</i>, p.10]</p>
	<p>b) Exploradora (8 X)</p> <p>(1) “Agucei a narina, e senti no ar um grosso cheiro de comida, como se estivesse abordando uma africana. A princípio, era apenas como feijão cozido. Mas logo se destacavam outras essências: oleosas, pegajosas, tudo muito pesado, e olfativamente cinzento. Pode ser que de perto fosse melhor.” [Crônica 4: <i>Esperei o Father Divine</i>, p. 25-26]</p> <p>(2) “Tudo cheirava também a feijão e a graxa, mas ouvia-se um ruído alegre de louças e talheres.” [Crônica 4: <i>Esperei o Father Divine</i>, p. 26.]</p> <p>(3) “[...] Caminhamos a par. Viajo entre perfumes de carvão oriental e flores abundantes, pintadas em pano e papel.” [Crônica 8: <i>Felicidade</i>, p.46]</p>

¹⁴⁵ Tal quadro refere-se às viagens que Cecília Meireles realizou no período de out.1941/1952 e que foram reunidas em sua referida obra.

	<p>(4) “Nenhum mar me causaria medo; nenhuma raça me assustaria.” [Crônica 8: Felicidade, p.48]</p> <p>(5) “Aqui há excelentes casas de chá. Os doces, sobretudo, são famosos. Há um lugar convencional, para o mundo elegante: é o chá do Telégrafo. O salão, escuro, com jeito europeu.” [Crônica 29: Rumo: Sul (XVII), p. 139]</p> <p>(6) “E foi assim que, apesar de muita gente se rir à minha custa, de me ameaçar com indigestão e talvez morte, se comesse empanadas <i>criollas</i> – e outras ironias muito portenhas – que me deixei levar a um lugar muito longe, que se chama Flores, e onde há um clube absolutamente popular, com danças gaúchas típicas.” [Crônica 36: Rumo: Sul (XXIV), p.165]</p> <p>(7) “Vi as igrejas, vi os bancos, vi as empanadas, esse pastel nacional, chamando os glutões, com a sua cara papuda de farinha de trigo recheada de carne moída... Vi os automóveis, passando, a preços ínfimos ... Vi a dança grande e fria do vento, no verde parque de San Martín ... Uma serenidade assombrosa embebia todas as coisas: o domingo dormitava, em Buenos Aires, como um atleta ao sol.” [Crônica 40: Primeiro instantâneo de Bueno Aires, p.189]</p> <p>(8) “Sinto-me inteiramente abandonada. Se busco a <i>argentinidad</i> – um coro de risos. Se busco a <i>hispanidad</i>, um coro de desdêns. Se busco americanidad, um coro de ameaças. Se busco ... Ah, não é possível – não buscarei mais nada. Quero ir sozinha, ao acaso, entregue à sorte, conduzida pelo faro, pelo instinto, pela sensibilidade, pela fatalidade – mas por qualquer coisa que não dependa senão de mim” [crônica 42: Terceiro instantâneo de Buenos Aires, p. 199]</p>
	<p>c) Persistente Tal categoria aparece vazia em Cecília Meireles na referida obra analisada.</p>
	<p>d) Legitimada (1X) (1) “Graças à gentileza da Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, acabo de receber dos Estados Unidos o Emblema da Vitória, que me envia Evangelina A. de Vaughan, dizendo que ele “simboliza todos os anelos da mulher americana, defensora dos ideais democráticos.” [Crônica 6: “Toda a América unida para a vitória”, p.35]</p>
<p>e) Viajante (22 x)</p> <p></p> <p>Turista</p>	<p>(1) “E quem navega tem suas esperanças tranquilas: vencidos os mares, há sempre um lugar de encontros imaginários, em porto feliz [...]” [Crônica 11:O Bariloche, p.67]</p> <p>(2) “De mar em mar, chegaremos ao nosso destino.” [Crônica 11:O Bariloche, p.68]</p> <p>(3) “Agora eu vinha correndo por estes longos brasis, e deixei de lado as casas, as árvores, até os meus veneráveis zebus, que com tanta dignidade refletem, debruçados nos campos violáceos, - para dedicar-me à nuvens.” [Crônica 12: Exercício nefelibata, p.69-70]</p> <p>(4) “Pela altura do Km 47, na estrada Rio-S.Paulo, há uma formação de nuvens que me arrebatava, todas as vezes que ali chego.” [Crônica 12: Exercício nefelibata, p.70]</p> <p>(5) “Não, não é isto: quer-se a paisagem humana que está de outro lado dos sobretudo, dos chapéus e das luvas – essa coisa problemática e evidente a que alguns ainda insistem em dar o nome de alma. Tarefa difícil, sem dúvida, ambição desmedida,</p>

chegar-se de turista a um lugar, e ir-se à procura, justamente, dessa coisa tão frágil e misteriosa, que ora se acende e logo se esconde, como um inapreensível fogo-fátuo.” [Crônica 42: Terceiro instantâneo de Buenos Aires, p. 198]

(6) “Passaram-se coisas, enquanto eu continuava nesse estado: chuvas vieram acordar-me, caminharam por mim óleos, perfumes, - coisas extremamente suaves para se continuar a dormir no meio delas. Estendi os braços de certo modo, e atravessei tal metamorfose que, apesar de dormir, vi pelo espelho que não era a mesma. E os fios do meu cabelo se foram colocando um ao lado do outro, certinhos como pestanas – e a setenta quilômetros de distância, os meus olhos, reclinados nas veludas almofadas das montanhas, olhavam para a que se vestia em Belo Horizonte e preguiçosamente aprovavam as transformações por que ia passando.” [Crônica 43: Cheguei a Belo Horizonte, p. 205]

(7) “Voarei por cima do mundo, livre do peso humano, que sempre aflige. Não ficarei cativa de nenhum vestígio, porque me esquecerei mais depressa de mim.” [Crônica 43: Cheguei a Belo Horizonte, p. 208]

(8) “Há as viagens que se sonham e as viagens que se fazem – o que é muito diferente. O sonho do viajante está lá longe, no fim da viagem, onde habitam as coisas imaginadas. A realidade da viagem está em cada ponto do caminho, nos algarismos do câmbio e no peso das malas, nos carimbos dos passaportes e nos atestados de vacina. De modo que o prazer de viajar se obscurece, de repente, sob essas pequenas mas implacáveis obrigações que gastam o tempo e a sensibilidade do viajante impaciente.” [Crônica 50: Viajar I, p. 243]

(9) “Enfim, é como se eu hoje tivesse tirado férias, e sáisse pelo mundo apenas para fruí-lo. Mas os senhores estão vendo que as férias já viraram artigo, isto é, trabalho. Dada a beleza do passeio, alegro-me comunicá-lo aos sedentários, aos que viajam muito depressa, aos que não olham para as galanterias deste Brasil. Venham todos alegrar seus olhos nestes verdes e azuis, nesta luz dourada, nestas águas cristalinas do caminho, e na cidade que agora começa docemente a escurecer.” [Crônica 52: Pequena viagem, p. 251]

(10) “O viajante acordado pode pensar na terra firma; recordar a altura a que se encontra; ver no relógio como é tarde, no tempo humano; sentir o perigo que o cerca. E no entanto, no entanto ... – A tardia hora, muito além do mundo, – quando todos o ignoram, quando ninguém é capaz de adivinhar o que ele está vendo, a vida estranha que está vivendo ali, – inspira-lhe um sentimento maravilhoso e terrível de liberdade, como só se pode sentir talvez na morte.

Os outros vão dormindo nas nuvens. O viajante acordado não sabe mais de sono, de copo, de medo, de si. Pura memória, na infinita solidão ...” [Crônica 58: Vôo, p. 267]

(11) “Há, pelo menos, dois tipos de viajantes: os que desejam viajar e os que desejam chegar. Os segundos procuram o meio de transporte mais rápido, reclinam-se, fecham os olhos e esperam pela chegada ao ponto de destino. São criaturas tranquilas, embora velozes; não se querem desgastar na observação do caminho [...]

Há, porém, os infelizes imaginativos, que notam a ausência de qualquer marco da estrada, de certos anúncios, que descobrem conselhos novos de sinalização, reparam na expansão de uma pista, na erosão de um morro, na magreza do pobre bezerrinho que se vai encostando, como um filho triste, ao flanco de sua mãe igualmente desamparada.” [Crônica 52: Pequena viagem, p. 249]

(12) “Porque viajar é ir mirando o caminho, vivendo-o em toda a sua extensão e, se possível, em toda a sua profundidade, também. É entregar-se à emoção que cada pequena coisa contém ou suscita. É expor-se a todas as experiências e todos os riscos, não só de ordem física, - mas, sobretudo, de ordem espiritual. Viajar é uma outra forma de meditar.” [Crônica 58: Vôo, p. 269]

(13) “Não fez o sol que eu desejava. Muito ao contrário: havia nuvens e nuvens que se alastravam lentamente, fazendo entardecer antes do tempo. Lembro-me do vento que movia um pouco a areia do caminho. “Tem cuidado com o relógio!”, disseram por perto. Os outros riram-se. Falava-se espanhol, inglês, português. As senhoras estavam encantadas com os seus vestidos. Os homens, muito nervosos. Apregoavam coisas pela porta. Lembro-me de papéis coloridos: vermelhos, amarelos, azuis, que o vento à força desenrolava. Lembro-me de refrescos.” [Crônica 1: A bela e as feras, p. 1].

(14) “Lembro-me do rosto branco e azul da toureira. Da trança de ouro. Do seu sorriso. Tinha os dentes, numa fila perfeita, e os lábios de fita fina.

Lembro-me do touro negro e do touro de bronze, deitados de bruços, levados para fora da praça, vencidos, arrastados numa prancha ... Lembro-me daquele cheiro de sangue, pastoso e forte.” [Crônica 1: A bela e as feras, p. 5].

(15) “Que saudade, México!” [Crônica 7: Recordação, p.40]

(16) “Sempre recordo com emoção uns dias passados em Moledo da Penajóia, velho lugar de Portugal, de que os textos já falam aí pelo século treze. Passei por essa paisagem de vinhedos e barcas, literalmente, “entre cantigas”.” [Crônica 10: Encontros, p.57]

(17) “Seria impossível transcrever aqui todas as trovas recolhidas na Penajóia que possuem correspondentes no Brasil. Mas folheando os nossos cancionários vem-me agora uma saudade tão doce daquelas figurinhas risonhas que se entretinha a tarde inteira em desfilar suas relíquias sentimentais, sem saberem como estavam transmitindo ao futuro, à eternidade do sonho, a herança lírica de tantas gerações!” [Crônica 10: Encontros, p.57]

(18) “Mas o que nunca se esquece, desse lugar, são os feijões cozidos. Ficam no estômago oito horas absolutamente inatacáveis por oceanos de suco gástrico. Os feijões de Bananal são incorruptíveis, intransformáveis – e, embora sem forças para celebrar, dessas provadas qualidades deixo aqui humilde constância.” [Crônica 14: Rumo: Sul (II) ,p.77]

(19) “O trem de Rivera traz uma profunda saudade do trem Internacional. Saudade dos vagões de aço, aconchegados e claros. Saudade das toalhas, da louça, dos talheres, das flores, da comida, dos copeiros. Uma saudade inconsolável.” [Crônica 20: Rumo: Sul (VIII), p.102]

	<p>(20) “É neste almoço em que o aroma do <i>curry</i> hindu nos relembra o Oriente – um Oriente tão longe, por detrás de tantos navios de guerra, de tantos tanques, de tantos aviões, de tantas baionetas! – que encontro pela primeira vez o poeta Carlos Rodríguez Pintos.” [Crônica 26: Rumo: Sul (XIV), p.126]</p> <p>(21) “Em que penso? Penso que daqui a dois ou três dias deixarei estes lugares: e começo a ter saudades de tudo – das calçadas, das lojas, das janelas, dos pombos que voam sobre os plátanos desfolhados, da catedral, das águas azuis do rio, do teatro Solís que se está desmoronando, e desta gente com quem me entendo divinamente ...” [Crônica 28: Rumo: Sul (XVI), p.133]</p> <p>(22) “Lembro-me, porém, de Xochimilco – e tudo fica em flor em redor de mim ...” [Crônica 39: Recordação de uma primavera, p.179]</p>
	<p>f) Conservacionista Tal categoria aparece vazia em Cecília Meireles na referida obra analisada.</p>
	<p>g) Benevolente (22x)</p> <p>(1) “Esse cântico, tão sucintamente definido num dicionário, é, na verdade, uma das descrições mais poderosas da literatura popular e um dos documentos mais comovedores para os que não são insensíveis aos sofrimentos dos povos escravos.” [Crônica 2: Spirituals, p.7]</p> <p>(2) “Logo que entramos, desconhecidos e inesperados, fomos recebidos ternamente por homens, senhoras, moças, rapazes, crianças, que nos dirigiam o mais delicado sorriso, e com uma inflexão musical nos murmuravam: “Good evening, sister, “Good evening, brother”.” [Crônica 4: Esperei o Father Divine, p.20]</p> <p>(3) “O aspecto do salão era da mais completa disciplina. Nunca vi multidão tão copiosa em tão perfeita ordem.” [Crônica 4: Esperei o Father Divine, p.20]</p> <p>(4) “Evangelina A. de Vaughan é uma senhora peruana, radicada em Nova York, antiga presidente da Unión des Mujeres Americanas, grande animadora do movimento feminino dos Estados Unidos e em todas as Américas. Um rápido convívio de dois dias fez-se para nós estima de alguns anos, e este emblema que me oferece dá motivo a que relembre em público e por ela relembre muitas coisas mais.” [Crônica 6: “Toda a América unida para a vitória”, p.35]</p> <p>(5) “Isso é o que entenece: multiplicam-se aviões, submarinos, bombas, tanques de guerra e o número de mortos. Mas as mulheres americanas pensam na resistência, na defesa, na união de todas as mulheres de boa vontade – o que significa uma educação melhor da humanidade futura, uma outra compreensão das coisas, uma estrutura diferente do mundo.” [Crônica 6: “Toda a América unida para a vitória” p.38]</p> <p>(6) “Esperai, apenas, que compre este estinho miniatral do suave menino índio que me diz: “Lleve Ud. éste, éste, más chaparito ...” [Crônica 7: Recordação, p.40]</p> <p>(7) “Esse seria um encontro feliz. As cantigas de roda põem-nos todos de mãos dadas. E ao ritmo da tradição comum todos nos sentimos compreendidos mutuamente e mutuamente amados.” [Crônica 10: Encontros, p.61]</p> <p>(8) “Não é que, como a querida Katherine Mansfield, eu tenha um fraco pelos penteados: o que eu tenho é uma constante</p>

simpatia pelo meu cabeleireiro, que, além de profissional honesto, é admirador das belas-letas, filósofo, moralista e devoto de Gandhi. Que teria feito de tão bom, meu Deus! na última encarnação, para merecer um cabeleireiro assim?” [Crônica 13: Rumo: Sul (I), p.73]

(9) “É preciso celebrar estas cercas de ripas que os paranaenses estendem ao redor das casas e ao longo dos campos. São de várias cores, umas fininhas, outras bem largas, e terminam sempre em bicos, pintados às vezes de cores diferentes. Elas recordam outras coisas igualmente maravilhosas: rendas de saias antigas, recortes de papel em caixas de figos e em caixas de bonecas. É preciso celebrar também as grades, os portões, as engenhosas coisas de madeira cruzada, de madeira sobreposta, que nestas pequenas cidades do Paraná são gestos de poesia desdobrando-se, enfeite de vida, sorriso da criatura humana, na amargura da sua breve condição.” [Crônica 16: Rumo: Sul (IV), p.86]

(10) “Policarpo Melo tem dez anos e é engraxate. Tem uma cara bonitinha, e uns modos bem-educados. Chega-se para mim, e pergunta com maior doçura: “*Quiere que le cepille la gamuzza?*” E começa a escovar-me a camurça, cuidadosamente, com tanta habilidade no manuseio da escova como se estivesse bem instruído acerca do preço das meias de senhora.” [Crônica 19: Rumo: Sul (VII), p.99]

(11) “Isso quanto ao escritor. Quanto à pessoa, Gastón Figueira é uma figura amável, sensível e tímida, que aparece num determinado momento, saúda, deixa o seu protesto de amizade e evapora-se.” [Crônica 22: Rumo: Sul (X), p.110]

(12) “E agora estamos lando de Margarita Xirgu, a grande atriz espanhola, a grande intérprete de Lorca, que em Buenos Aires está representando neste momento o “Adefesio”, de Rafael Alberti.” [Crônica 22: Rumo: Sul (X), p.110]

(13) “Conheci o reitor da universidade, filho daquele educador José Pedro Varela, que tem o nome celebrado numa de nossas escolas. Qualquer pessoa que tenha trabalhado pela educação gostaria de ter um filho ou um parente assim, de tanta nobreza de maneiras, de palavra tão fina e penetrante, de trato tão sereno e tão agradável.” [Crônica 23: Rumo: Sul (XI), p.114]

(14) “Laura Escalante, que ensina literatura, tem uma voz inesquecível. Graça, inteligência, malícia – é uma sorridente multidão, a sua voz.” [Crônica 24: Rumo: Sul (XII), p.119]

(15) “A diretora desta escola é uma senhora amabilíssima, que explica as origens e o desenvolvimento deste curso, criado há mais de vinte anos.” [Crônica 27: Rumo: Sul (XV), p.131]

(16) “Todos os empregados desta grande casa de modas parecem terem sido escolhidos a dedo, para manequins. São extremamente corteses, e, interrompendo a importante função de vender, perguntam por vários brasileiros que ali também fizeram suas compras, e com muito empenho nos encarregam de dar lembranças a todos eles.” [Crônica 34: Rumo: Sul (XXII), p.157]

(17) “Assim, aproveito o ambiente para aprender lunfardo, que vem a ser o calão dos tangos – uma língua extremamente viva, que se renova sem cessar, e que dos tangos passa para o uso

	<p>comum, tal qual a gíria de qualquer parte do mundo.” [Crônica 34: Rumo: Sul (XXII) p.159]</p> <p>(18) “Mas o barqueiro, e suas manhas, não lhe saíam da cabeça, pois, ao chegarmos a Xochimilco, disse:-me: “Como a senhora fala espanhol, eles vão pensar que não é estrangeira ...” E piscou-me o olho. E foi-se entender com ele. E combinaram o preço. Mas tanta era a camaradagem que me recomendou: “O passeio custa tanto: - não lhe dê nada mais! E ficou pela margem, esperando.” [Crônica 39:Recordação de uma primavera, p.180]</p> <p>(19) “Isto não tinha nada de teatral, mas era dito como tão espontânea beleza que me senti arrebatada em espírito como São João. Uma coisa que se esperava sempre, sem saber se virá ... Ali estava Deus.” [Crônica 4: Esperei o Father Divine, p. 27.]</p> <p>(20) “[...] Ontem à noite, um infeliz se atirou do viaduto do Chá. Foi pena: não viu este sol, que talvez o tivesse reanimado. Este sol que às coisas mais miseráveis – vejam estes escombros, vejam esta velhinha que passa! – empresta um sentimento de beleza e alegria.” [Crônica 14: Rumo: Sul (II), p.78]</p> <p>(21) “Aqui se recorda o Brasil com melancolia. Tanta gente estudando português. E nenhum livro brasileiro pelas livrarias. Todos nos tratam como vizinhos, amigos íntimos, pessoas da família ... Todos sabem que o Brasil começa ali perto, entre Santa Ana e Rivera, entre Jaguarão e Rio Branco ...Sabem que falamos idiomas muito parecidos, embora tão perturbadores que a mesma palavra sempre significa as coisa mais diferentes ... Temos em comum a cochilha, o cavalo, o mate, o poncho, – a doçura do coração, a cortesia do gesto, a coragem que inspira a nobre vida do campo, entre largos horizontes, na lida com o gado e a planta. ” [Crônica 30: Rumo: Sul (XVIII), p.142]</p> <p>(22) “Então, o piloto veio segurar os passageiros apressados, com um sorriso, um abraçinho, umas pancadinhas no ombro, esse nosso jeitinho camarada de companheiros de infância... E o próprio piloto parecia brasileiro, desses nossos brasileiros simpáticos, afetuosos, persuasivos, que vão rareando, eu sei, mas ainda se encontram, de vez em quando...” [crônica 53: Paris - Rio, p. 253-254]</p>
<p>2) Recursos narrativos</p>	<p>a) Heterogeneidade discursiva</p> <p>- Mostrada marcada</p>

b) Narratário**- Perguntas retóricas [19X]:**

(1) “A toureira sorria vitoriosa. Como seria o seu rosto se o milagre se desse, e a Fera se transformasse num homem ou num santo?” [Crônica 1: A bela e as feras, p. 3].

(2) “Uma enorme tristeza se desprende dos cânticos espirituais dos negros americanos. Vem da face mítica dos cantores? Das vozes, dessas inesquecíveis e doloridas vozes que já parecem modeladas para exprimir o martírio do cativo e a paixão mítica? Vem da música, tão simples e trágica, unido à maior sobriedade e maior exaltação?” [Crônica 3: O céu dos Spirituals, p.13]

(3) “A mulata olhava para mim, pura e silenciosa. Que mais poderia dizer? Acrescentou apenas “*Good night*”, quando viu que nos retirávamos.” [Crônica 4: Esperei pelo Father Divine, p. 27]

(4) “Outra aldeia. Que nome tem? Avista-se uma escola rural. Cooperativa. Campos secos. Vazios. Calcinados. Vazios? Não. Ainda entre umas dunas amareladas aparece uma vaca, de vez em quando. Uma avaca olha para o céu, com uns olhos que são duas lágrimas grandes. E continua-se.” [Crônica 7: Recordação, p.39]

(5) “A forma das montanhas vai serenando ... (Por que tanto gesto de pedra e ferro contra um céu que perdeu os ouvidos?)” [Crônica 7: Recordação, p.39]

(6) “Quem é aquele que acode ao meu chamado? É um porquinho pulando. E, atrás do porquinho, um menino de macacão. Ninguém mais? Ninguém mais? – As casas se alinham sossegadas e baixas, como senhoras idosas, sentadas, conversando da morte recente de seus filhos.” [Crônica 7: Recordação, p.40]

(7) “Aparece na paisagem uma pedra que parece o chapelão enorme da terra, ali pousado. Com isso, ficam pequeninas as casas e as igrejas, e um muro que vai andando, pedra em cima de pedra, infinita serpente de pedra ondulando até não ver mais. A quem vai contar esta longa mensageira, a história da terra seca por onde deslizou seu árido corpo?” [Crônica 7: Recordação, p.41]

(8) “Uma tropa com caixas. De onde vieram, que regressam tão serenos? Trazem as soluções dos problemas? Os chapelões aproximam-se, abaixam-se, levantam-se. Andam perto muitos cabritos.” [Crônica 7: Recordação, p.42]

(9) “Depressa vai o trem. Antes que anoiteça, avistarei casas, cactos enormes, duras flores vermelhas. Avistarei muros com portas de pau. Onde está o invasor? Quem vem lá? Quem ameaça? Para quem estão as portas fechadas, e os muros alinhados, frágeis e comoventes?” [Crônica 7: Recordação, p.42]

(10) “Bananal recebe-nos em sua praça quadrada, de casas azuis com os telhados pintados de branco. O azul é cobalto nas paredes, e anil nas portas. O branco cintila ao sol como prata. Igreja, hotel, delegacia. Parece mentira: prefiro a delegacia. É a casa mais linda da praça, com um portão de madeira que deve consolar os presos. Mas haverá presos em Bananal?” [Crônica 14: Rumo: Sul (II), p.77]

(11) “De manhãzinha, à espera do primeiro almoço, é agradável ouvir falar o garçom. O garçom sempre sabe muitas coisas, e sua grande alegria é ser ouvido. Por que lhe negaremos?” [Crônica 15: Rumo: Sul (III), p.81]

(12) “No horizonte, ficou partido um pedaço de arco-íris. Onde estará chovendo? Que vultos estão adormecendo ao som de vaga cantilena? Onde estão as cozinhas fumegantes, as chaleiras de mate, - e que histórias se contam?” [Crônica 18: Rumo: Sul (VI), p.95]

(13) “Diante do que há para se aprender, - que somos nós todos senão estudantes?” [Crônica 27: Rumo: Sul (XV), p.130]

(14) “Agora estamos num bairro que conduz ao museu de Zorilla de San Martín. Cada rua tem o nome de um dos seus poemas. Não é uma doçura, ser-se poeta em Montevidéu?” [Crônica 28: Rumo: Sul (XVI), p.134]

(15), “Mas falta alguma coisa, para unir-nos mais. Como nos comunicaremos, tanto quanto pede a vida humana, assim de um lado e de outro da fronteira?” [Crônica 30: Rumo: Sul (XVIII), p.143]

(16) “E agora eu queria dar-lhe razão. Pois estas histórias não nos estão mostrando como é difícil começar, fazer pela primeira vez alguma coisa que não está prevista na rotina dos tempos, enfrentar os preconceitos, sobretudo quando se é pobre mulher, - criatura a que nem todos ainda conferem o masculino privilégio (ai, tão mal empregado!) de ter alma ... ?” [Crônica 47: Precursoras brasileiras, p. 228]

(17) “Que pensa cada viajante, enquanto as hélices vão perdendo a realidade, transformando-se em pluma, em simples recordação, até desaparecem, invisíveis e como inexistentes?” [Crônica 56: O avião, p. 264]

(18) “Desumaniza-se, o viajante, ou sobre-humaniza-se?” [Crônica 56: O avião, p. 264]

(19) “Daqui a uma hora, daqui a meia hora, daqui a cinco minutos, quem sabe o que se encontra? Quem sabe o que acontece? O comandante com seus instrumentos é a clara consciência que governa estes destinos já conformados em muitas horas de convívio.” [Crônica 57: Dacar, p. 265]

- Vocativo (3X):

(a) “Amigos”

(1) “Assim, amigos, só experimentando. Como este mundo está ficando difícil! A cada passo cada um de nós tem de ser, queira ou não queira, um São Tomé.” [Crônica 35: Rumo: Sul (XXIII), p.162]

(b) “leitor”

(2) “Daqui por diante, leitor, não ouvi mais. Se a história também lhe deu sonos, não faça cerimônia. É para isso que uns falam e outros escrevem...” [Crônica 49: Conversa de bichos, p. 242]

(3) “Como o barbeiro do rei Mídas, a criatura estava sufocada. Mais prudente, porém, do que ele, nem num buraco da terra seria capaz de confiar. Por isso, leitor, não te posso contar a anedota...” [Crônica 35: Rumo: Sul (XXIII), p.161]

3) Efeitos patêmicos	Tal categoria aparece vazia em Cecília Meireles na referida obra analisada.
4) Locais e datas	<p>Crônica 1: A Bela e as Feras -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>A Manhã</i>, 23 de outubro de 1941</p> <p>Crônica 2: Spirituals -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>A Manhã</i>, 30 de dezembro de 1942</p> <p>Crônica 3: O céu dos <i>spiritual</i> -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>A Manhã</i>, 08 de janeiro de 1943</p> <p>Crônica 4: <i>Esperei o Father Divine</i> -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>A Manhã</i>, 10 de fevereiro de 1943</p> <p>Crônica 5: O Father Divine -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>A Manhã</i>, 17 de fevereiro de 1943</p> <p>Crônica 6: “Toda a América unida para a vitória” -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>A Manhã</i>, 24 de março de 1943</p> <p>Crônica 7: Recordação -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>A Manhã</i>, 31 de março de 1943</p> <p>Crônica 8: Felicidade -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>A Manhã</i>, 7 de abril de 1943</p> <p>Crônica 9: Hotel de verão -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>A Manhã</i>, 12 de maio de 1943</p> <p>Crônica 10: Encontros -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>A Manhã</i>, 12 de junho de 1943</p> <p>Crônicas 11: O Bariloche -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>A Manhã</i>, 22 de setembro de 1943</p> <p>Crônica 12: Exercício nefelibata -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>A Manhã</i>, 11 de junho de 1943</p> <p>Crônica 13: Rumo Sul (I) -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>Folha Carioca</i>, junho de 1944</p> <p>Crônica 14: Rumo ao Sul (II) -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>Folha Carioca</i>, junho de 1944</p> <p>Crônica 15: Rumo ao Sul (III) -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>Folha Carioca</i>, junho de 1944</p> <p>Crônica 16: Rumo ao Sul (IV) -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>Folha Carioca</i>, junho de 1944</p> <p>Crônica 17: Rumo ao Sul (V) -Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, <i>Folha Carioca</i>, junho de 1944</p> <p>Crônica 18: Rumo ao Sul (VI)</p>

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 19: Rumo ao Sul (VII)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 20: Rumo ao Sul (VIII)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, 1 de agosto de 1944

Crônica 21: Rumo: Sul (IX)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 22: Rumo: Sul (X)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 23: Rumo: Sul (XI)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 24: Rumo: Sul (XII)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 25: Rumo: Sul (XIII)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 26: Rumo: Sul (XIV)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 27: Rumo: Sul (XV)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 28: Rumo: Sul (XVI)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 29: Rumo: Sul (XVII)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, 5 de outubro de 1944

Crônica 30: Rumo: Sul (XVIII)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, 10 de outubro de 1944

Crônica 31: Rumo: Sul (XIX)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 32: Rumo: Sul (XX)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 33: Rumo: Sul (XXI)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 34: Rumo: Sul (XXII)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 35: Rumo: Sul (XXIII)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 36: Rumo: Sul (XXIV)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 37: Rumo: Sul (XXV)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, junho de 1944

Crônica 38: Instantâneo de Montevideu

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *A Manhã*, 22 de julho de 1944

Crônica 39: Recordação de um dia de primavera

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, 27 de setembro de 1944

Crônica 40: primeiro instantâneo de Buenos Aires

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *A Manhã*, 18 de outubro de 1944

Crônica 41: Segundo instantâneo de Buenos Aires

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *A Manhã*, 25 de outubro de 1944

Crônica 42: Terceiro instantâneo de Buenos Aires

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *A Manhã*, 1 de novembro de 1944

Crônica 43: Cheguei a Belo Horizonte

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *A Manhã*, 30 de novembro de 1944

Crônica 44: Ilustração de Juiz de Fora

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *A Manhã*, 6 de dezembro de 1944

Crônica 45: Instantâneo da Pampulha

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *A Manhã*, 20 de dezembro de 1944

Crônica 46: A longa viagem de volta

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *A Manhã*, 24 de janeiro de 1945

Crônica 47: precursoras brasileiras

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *Folha Carioca*, 19 de junho de 1945

Crônica 48: Evocação lírica de Lisboa

-Lugar e data de publicação inicial: São Paulo, *Jornal de Notícias*, 30 de dezembro de 1947

Crônica 49: Conversa de bichos

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, *A Manhã*, "LETRAS E ARTES", 8 de agosto de 1948

Crônica 50: Viajar (I)

-Lugar e data de publicação inicial: [1951]

Crônica 51: Viajar (II)

-Lugar e data de publicação inicial: Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1951

Crônica 52: pequena viagem

-Lugar e data de publicação inicial: 1951

Crônica 53: paris – Rio

-Lugar em que a cena acontece:

-Lugar e data de publicação inicial: 1951

Crônica 54: Chartres

-Lugar e data de publicação inicial: 1951

Crônica 55: Mapa lírico

-Lugar e data de publicação inicial: 1951

Crônica 56: O avião

-Lugar e data de publicação inicial: 1952

Crônica 57: Dacar

-Lugar e data de publicação inicial: 1952

Crônica 58: Vôo

-Lugar e data de publicação inicial: 1952

Crônica 59: Madrugada no ar

-Lugar e data de publicação inicial: 1952

Crônica 60: Quem não viu Lisboa

-Lugar e data de publicação inicial: 1952

Crônica 61: Histórias de nuvens

-Lugar e data de publicação inicial: 1952

Crônica 62: Além de todas as montanhas ...

-Lugar e data de publicação inicial: 1952

Crônica 63: Encruzilhada

-Lugar e data de publicação inicial: 1952

Crônica 64: “Douce France”

-Lugar e data de publicação inicial: 1952

Crônica 65: pergunta em paris

-Lugar e data de publicação inicial: 1952

Crônica 66: Museus da França

-Lugar e data de publicação inicial: 1952

Crônica 67: Ainda os museus

-Lugar e data de publicação inicial: 1952

Quadro 7 – Flores da Floresta Amazônica, (2010 (2009))¹⁴⁶,
Margaret Mee

1) Ethos	<p>a) Intelectual (33X) (1) “Havia muitas flores a serem pintadas: as rosas e brancas da <i>Gustavia augusta</i>, as vermelhas da <i>Rodriguesia secunda</i>, as perfumadas <i>Epidendrum fragrans</i>, além das inúmeras bromélias.” p.14</p> <p>(2) “Pintei de forma entusiástica, já que havia muito material, tanto na reserva quanto nos arredores: <i>Heliconia acuminata</i>, com brácteas amarelo-pálido, em uma grande colônia sob as árvores da floresta; <i>Streptocalyx longifolius</i>, cujas flores são polinizadas pelos morcegos à noite; <i>Streptocalyx poeppigii</i>, com longas inflorescências vermelhas e roxas; todas essas plantas maravilhosas e muitas outras.” p. 33</p> <p>(3) “Mantive meu olhar fixo nas margens do rio todo o tempo, sendo premiada ao encontrar uma <i>Aechmea Chantinii</i> além de uma bela <i>Galeandra</i>.” p.36</p> <p>(4) “Foi na sua luz esverdeada que vi uma colônia de <i>Rapataceae</i>, plantas aquáticas exóticas. De suas grandes folhas com o centro rosa-choque surgiam talos delgados coroados por suas brácteas triangulares cor-de-rosa, dentre as quais conjuntos de pétalas amarelo-claras surgiam dos cálices vinho-escuros. As pétalas eram tão delicadas que quase flutuavam pelo ar e não resistiriam à nossa viagem, por isso decidi deixá-las para a volta.” p.36</p> <p>(5) “Ao deixarmos essa floresta, adentramos mais uma vez na selva sombria, realçada apenas pela cor ametista das flores de <i>Heterostemon ellipticus</i> que cresciam no alto das copas.” p.36</p> <p>(6) “Em nossa próxima viagem pelo rio, chegaríamos até Taracuí (formiga gigante) subindo pelo rio Uaupés, onde teríamos que pegar um barco a motor até mercês e um avião anfíbio até Taracuí. Eu estava tão impaciente para explorar a região que em minha primeira excursão até um campo próximo encontrei diversas plantas interessantes – uma linda trombeta chinesa branca e amarela, <i>Distictella magnoliifolia</i>. Essa planta foi vista pela primeira vez pelo naturalista Alexander von Humboldt em sua viagem ao Orinoco, em 1880, e somente foi vista novamente na mesma região por Koch, em 1905.” p.38</p> <p>(7) “A <i>Clusia</i> viscida fêmea estava coberta de flores rosa-intenso e carregada de frutos que pareciam lanternas chinesas.” p.40</p> <p>(8) “Foi nessa floresta, ao mesmo tempo temida e inspiradora, que encontrei uma árvore de <i>Heterostemon ellipticus</i> com uma riqueza de flores ametistas. Essa árvore é comumente chamada de árvore Orquídea, pois suas flores lembram vagamente laelias e cattleyas.” p.42</p> <p>(9) “Também vi nesta floresta uma <i>Gongora quinquenervis</i> crescendo no alto de uma grande árvore. Foi a única da espécie que pude encontrar durante minha jornada. Na mata onde eu a localizei havia pouca vegetação rasteira, exceto por uma espécie de raiz conhecida como <i>Aninga montrichardia</i>. Nas árvores havia inúmeras epífitas: bromélias, orquídeas e raízes. As flores da árvore bola de canhão (<i>Couroupita guianensis</i>) salpicavam o chão com suas pétalas creme e bronze; os sinos vermelhos e pretos de uma trombeta chinesa</p>
----------	--

¹⁴⁶ Para elaboração do presente quadro tomamos como base a tradução realizada por Elizabeth Olsen para a edição bilingue *Flores da Floresta Amazônica: a arte botânica de Margaret Mee = Flowers of the AMAZON FORESTS: the botanical art of Margaret Mee*, 2010 [2009]. Cabe ainda ressaltar que a referida narrativa de viagem reúne as expedições de 1956-1988 realizadas por Margaret Mee.

repousavam ao seu lado, provavelmente caídos de uma das trepadeiras gigantes entranhadas entre as árvores enormes.” p. 42

(10) “Dois meses após meu regresso e a mais de duas mil milhas de distância de sua floresta nativa no norte do Amazonas, a *Gongora quinquenervis* floresceu em meu jardim em São Paulo. Quando os brotos pálidos se abriram, revelaram inflorescências em tons suaves de roxo e de pêssego com um tom almiscarado peculiar.” p.46

(11) “No caule fibroso e profundamente imerso das palmeiras jarás, brotavam grupos de orquídeas *Galeandra devoniana* perfumadas. Flores cereja de *Cattleya violácea* resplandeciam nas árvores ao lado das flores delicadas da *Brassavola martiana*. Ao longo do rio encontrávamos frequentemente árvores de *Gustavia augusta*, com flores rosas brancas.” p.52

(12) “As águas negras do canal natural de Maturacá se ligam às do rio Cauaburi. Acredito que seja um dos cursos de água mais lindos da Amazônia. Seus bancos refugiam uma riqueza de plantas – a epífita *Aechmea chantinii* com brácteas vermelho-vívido e folhas com detalhes prateados, pitcairnia escarlates cobriam as margens além de um número infinito de outras plantas florestais.” p.54

(13) “Nós havíamos ancorado em um lugar fantástico para colher plantas e foi lá que encontrei *Streptocalyx longifolius*, *Diacrium bicornatum* e *Aechmea mertensii*.” p.64

(14) “Pintei uma *Acacallis cyanea* durante o período em que estive sentada na floresta. Lá encontrei também uma belíssima *Heterostemon ellipticus* tão frágil que murchou sob meu olhar e um broto de *Pitcairnia uaupensis*.” p.64

(15) “Vi as árvores de *Bombax munguba* com flores e frutos, grandes brotos brancos e vagens escarlates. Em diversos braços do rio, as embaúbas alinhavam-se na beira da água. Na foz do rio Purus, o rio Solimões torna-se muito largo. *Leguminous vines* cobriam as árvores como gigantescos mantos pendurados entre as flores brancas da lecythis e a panícula dourada das cássias. Aroides e bromélias agrupam-se nos elevados troncos da sumaúma. A vegetação original havia sido retirada de grandes áreas nas margens onde somente mangueiras, coqueiros e árvores cítricas cresciam misturadas às palmeiras.” p.72

(16) “Em Alvarães eu tive a sorte de encontrar uma *Pitcairnia sprucei*, uma linda bromélia, que crescia em uma árvore coberta por musgos. A flor estava ainda em botão e torci para que mantivesse fresca e florescesse em Manaus, no meu regresso.” p.72

(17) “Mais adiante, encontramos uma área pantanosa onde, entre uma vegetação emaranhada de árvores secas e batidas – algumas relativamente pesadas -, estava uma árvore carregada de epífitas. Consegui juntar uma bela coleção de plantas, incluindo *Catasetums*, *Brassavolas* e *Cattleya violácea*.” p.74

(18) “Diego e Bernardo remaram meu barco rio Demini acima, onde encontrei uma orquídea que acredito ser uma *Batemannia*. Juntei muitas plantas lindas, uma *Epidendrum nocturnum* com um grande labelo, uma clúsia vermelho-escura e uma *Batemannia* com flores e vagens de sementes.” p.74

(19) “Aproveitei a glória das margens já que todas as flores resolveram se abrir ao mesmo tempo: *Gustavia augusta*, branca de tantas flores; uma trombeta chinesa com flores cor-de-rosa aparecia por cima dos arbustos dentro da água, perdendo suas pequenas trombetas na correnteza; o panículo amarelo de *Oncidium ceboletta* pendurado sob uma bromélia com brácteas escarlates apresentando uma sinfonia de cores e formas. Navegamos por um cenário glorioso, o rio espelhado e ornado com tulias graciosas, buritis escuros e jarás nas margens e praias de areias branca. Bacuris cobertos com

flores cor-de-rosa enfileiravam-se pelo rio. Essa árvore produz um pequeno fruto com o sabor parecido com o da *Chinese lychee*.” p.76

(20) “Em um galho coberto por musgo encontrei uma *Clowesia warczewitzii*, uma espécie de orquídea não encontrada pelos botânicos havia mais de oito anos.” p.78

(21) “Retornei e onde estava a Manaus, onde embarquei em uma viagem para visitar o Maués e os riachos próximos. Enquanto aguardava pela partida, tive a oportunidade de colher plantas em um igapó próximo chamado Tarumãzinho. Nesse local, encontrei e pintei maravilhosas plantas de *Scuticaria steele*, *Epidendrums*, *Batemanias* e *Filodendrons*.”

(22) “Bem cedo, no dia seguinte, enchi o barco com bromélias de uma espécie desconhecida para mim, incluindo a maravilhosa *Aechmea floescendo*.” p.92

(23) “O rio Daraã demonstrou ser uma boa região para colher plantas. Lá fui premiada com a colheita de um cacto aquático *Strophocactus (Selenicereus) wittii* (recentemente denominado *Selenicereus wittii*), que encontrei pela primeira vez perto de Tapurucuará.” p.98

(24) “No dia seguinte voltamos em direção ao rio Jurubaxi, onde fizemos descobertas magníficas, entre as quais uma orquídea *Gongora quinquenervis*, crescendo em um formigueiro abandonado. Encontramos uma abundância de *Aganisia cyanea* (a orquídea azul) bem como uma versão pálida da *Scuticaria*. Havia também legiões de bromélias – na maioria *Aechmeas*, *Neoregelias*, *Guzmanias*, *Aerococcus* e *Billbergias*.” p. 98

(25) “As folhas longas e finas do *Streptocalyx longifolius* pendiam de uma enorme árvore fincada na profundidade do rio.” p.104

(26) “Para minha alegria, encontrei no igapó próximo a Tucumanduba um *Catasetum macrocarpum* macho e fêmea.” p.108

(27) “A luz era filtrada pelas copas folhudas das árvores na floresta virgem, caindo empântanos de plantas ao redor de um pequeno lado, enquanto a uma pequena distância o rio Negro fluía pela floresta de caatinga produzindo muitas plantas com flores – *Acacallis cyanea*, a orquídea azul, *Scunicaria steelii*, delicadamente perfumada; e a adorável trepadeira *Philodendron aequatum (p. brevicpathum)*, com ramos brancos pintados de rosa e caules cobertos com algo semelhante ao pelo de uma animal selvagem.” p.126

(28) “Minhas descobertas tornaram-se ainda mais interessantes quando passamos no Alto Juruema: *Heliconias*, *Catasetums*, *Brassavolas* e *Tillandsias* surgiam uma pós a outra. Árvores espetaculares – *Bombacácea* e *Bignoniácea* – surgiam da folhagem escura da floresta como gigantes cintilantes sem folhas, troncos brancos e brilhantes com ramos estendidos. *Ipês-amarelos* e *Bombax*, e da copa escura de uma das árvores pendiam franjas de flores vermelho-escuras.” p. 22

(29) “Aripuana fica situada no rio Alto Juruema. Em suas piscinas rasas formadas pelo elevado nível do rio, em algumas ocasiões, vimos peixes “caminhando” distâncias consideráveis com suas barbatanas na lama, depositando seus ovos. Os peixes morrem quando a lama seca, no entanto os ovos chocam quando as chuvas voltam e o nível do rio sobe. Foi na margem oeste desse largo rio, em uma floresta que parecia não ter sido tocada desde tempos longínquos, que vi uma adorável bromélia (que ainda não havia sido classificada) pela primeira vez, e colônias que se espalhavam pelo chão repleto de folhas.” p.24

(30) “Acompanhando esta orquídea, encontramos duas espécies de bromélias crescendo nas árvores: *Tillandsia paraenses*, com sua folhagem rosa e prata ciclâmen; e a magnífica *Billbergia*, cujas folhas formavam um tubo protegido por espinhos. Desse tubo pendia uma bela inflorescência, localizada sob um colar de brácteas magenta, e sobre um complexo espigão de cálices verdes coroado por flores amarelas.” p. 28

(31) “Toda a floresta estava iluminada pelas flores amarelas dos ipês (Bignoniácea), e por bombaxes com folhas novas brotando em galhos que há pouco tempo estavam nus. Até parecia que era primavera na região! Herons brotavam nas inúmeras ilhotas do rio; nas margens arenosas, flores miúdas roxas e amarelas; arbustos repletos de frutos e liquens. Onde cresciam orquídeas e tilandsias, e a agressiva *Aechmea tocanina*, de espinhos grandes e negros. Além dos belos pássaros que vimos nessas ilhotas, havia pequenos morcegos, tartarugas e a tão temível e asfixiante anaconda. Vimos também sete lontras, sendo que duas mais jovens eram adoráveis.” p.28

(32) “Na manhã seguinte, tão logo a última chama da fogueira foi apagada, começamos nossa escalada para a Serra do Curicuriari – a mesma que o botânico Richard Spruce explorou em 1852.” p.38

(33) “Em quase três horas de navegação chegamos à foz do rio Tarumã, uma das mais belas regiões do último século – ocasião em que Richard Spruce viajou pela Amazônia. Em seu livro *Notes of a Botanist on the Amazon*, 1882 (Observações de um botânico na Amazônia), descreveu uma cena com enormes e magníficas árvores e pedras sobre as quais a água cristalina do rio descia em cascata.” p.114

b) Exploradora
(30 X)

(1) “Tivemos nossa primeira demonstração do calor tropical ao descer no aeroporto de Belém, pois, apesar da pequena cidade encontrar-se à sombra de vastas mangueiras, o calor era intenso.

Permanecemos em Belém por alguns dias, explorando, passeando no porto e visitando mercados fascinantes. Quando ficávamos cansadas, sentávamos em uma sombra fora do hotel e bebíamos um delicioso suco de maracujá da região.” p.13

(2) “Na primeira noite, penduramos nossas redes nas árvores que rodeavam um lago encantado. Eu não pude dormir porque prestava atenção aos sons mágicos da floresta adormecida. Somente as árvores dormiam, pois o lago estava acordado, borbulhante de peixes que saltavam, enquanto o coral de sapos intrometia-se no lamento triste dos pássaros noturnos.” p.14

(3) “Passamos nossos dias na floresta assimilando a beleza das árvores frondosas e das criaturas que viviam sobre suas copas. Uma aranha marrom e peluda que se alimenta de pássaros agarrou-se ao troco da árvore na qual eu estava encostada; um camaleão com o papo do tamanho de uma bola laranja lutava para engolir um bicho folha tão grande e verde quanto ele próprio; dois tucanos curiosos, pousados em um galho, acompanhavam nossos gestos com divertido interesse, enquanto lutávamos para alcançar um broto de orquídea branca que foi desalojado pelo temporal da noite anterior, ficando embaraçado em um cipó.” p. 14

(4) “Durante os frequentes temporais noturnos, eu permanecia deitada em minha rede ouvindo o estalo dos galhos quebrando na floresta e, ao amanhecer, saí para recolher as plantas que haviam caído.” p. 16

(5) “Antônio ficou muito nervoso quando Rita e eu entramos na floresta sozinhas, seduzidas por um campo de plantas maravilhosas: pontas brilhantes e vermelhas de *Heliconia glauca*, sinos brancos de *Eucharis amazônica*, folhas cinza de *Philodendron melinonii* e bela orquídea *Gongora maculata*, com sua longa inflorescência e o poderoso perfume aromático equivalente a centenas de lírios. Lamentamos ao partimos, mas ao mesmo tempo, estávamos ansiosas por voltar São Paulo, visto que já deveríamos ter retornado à escola em que lecionávamos.” p. 18

(6) “A viagem de subida pelo rio Gurupi foi difícil, mas a intensidade de meus contatos com a natureza e os rios da Amazônia deixou em mim uma irresistível vontade de retornar para outras descobertas e inspirações. Tendo, naqueles dias, vislumbrado as infinitas possibilidades da floresta do Gurupi, tive certeza do fascínio que aquele mundo estranho e eufórico havia exercido

em mim, em que cada árvore e planta, assim como a abundância de animais, pássaros e insetos era uma novidade. Passei algum tempo assombrada pelo desejo de retornar, e quando surgiu a oportunidade, em 1962, aceitei, ansiosa.” p.21

(7) “Algum tempo depois, dirigíamos a caminhonete pelo cerrado, passando nas imediações da cidade de Rosário do Oeste, seguinte nesta região até o cair da tarde. Não passamos por casas ou pessoas. A região era uma das mais desertas. De tempo em tempo, apareciam animais selvagens, deslumbrados com os faróis. Duas lindas raposas, com orelhas cinza-prateadas pontilhadas de preto atravessaram correndo o caminho; quatro jaguatiricas desapareceram na noite. Em um determinado momento, enquanto empurrávamos o carro para fora do atoleiro, vi pegadas de uma onça.” p.21

(8) “Após diversos dias em Gleba Arinos, iniciamos nossa subida pelo rio a bordo da pequena lancha Santa Rosa. Na primeira noite em que navegamos no Arinos dormi pouco, apreciando os diversos sons da água e da vida na floresta tropical. Logo após o amanhecer, começamos a descer o rio, que gradativamente perdia seu aspecto plácido e tornava-se mais belo e dramático. O rio era pontilhado por inúmeras ilhas e um grande conjunto de enormes pedras submersas, das quais brotavam plantas aquáticas cor-de-rosa. Essas pedras mostravam claramente a alteração do nível das águas nas estações de chuva – brancas abaixo da linha da água e negras acima desse nível.

O rio transbordava de mergulhões, que mantinham suas cabeças negras e bicos amarelos ligeiramente acima da superfície. Ao anoitecer, araras nos sobrevoavam aos pares, com suas plumas brilhando pelos raios vermelhos do sol. Cegonhas silenciosas e solitárias, de enormes asas, voavam para suas sombrias casas na floresta. Colhi uma linda *Galeandra juncoides* na junção desse rio com o rio Alto Juruena.” p.22

(9) “Em um determinado dia, o som de um motor de popa quebrou o silêncio e ao longe vimos uma canoa de alumínio. Após nossa bagagem ter sido transferida para o barco por Pará, um índio urubi que também conduzia a canoa, partimos velozes em direção ao acampamento de Aripuana.” p.24

(10) “Na viagem de caminhão para Cuiabá fui presenteada com uma visão inesquecível de uma fantástica árvore, *Qualea suprema* (*Erisma calcaratum*). Ali, na exposição da floresta, sua copa esplendorosa cintilava em azul, o mesmo azul da gentiana.” p. 30

(11) “A ideia de ter estado tão próxima a um acesso direto desse imenso curso de água me fez decidir que a próxima viagem seria ao coração do Amazonas. Em conversa com cientistas que exploraram aquela região, e após estudar profundamente os maas, decidi que minha próxima meta seria o rio Uaupés, no extremo noroeste do Brasil.” p.33

(12) “Minha próxima meta era explorar a região nos arredores da Missão e vagar pelas fantásticas cachoeiras de São Gabriel, com seu visual fantástico de todos os ângulos, ao mesmo tempo em que o pântano próximo transbordava de flores novas para mim. Lá embaixo, na margem arenosa do rio, hordas de borboletas verde-claras e amarelas surgiam como pétalas ao vento e depois desapareciam. Mais tarde, aprendi que estas borboletas sugavam o salitre do barro úmido das margens do rio.” p. 34

(13) “Dois índios indicavam o caminho à medida que entrávamos na floresta por um igarapé, que, tal como os demais, estava seco nessa época de final de ano. Eu ainda estava entusiasmada com a coleção de plantas raras que havia encontrado nas margens do rio e que havia deixado ao lado da canoa.” p. 36

(14) “Tive esperança de viajar para Içana em um avião brasileiro, mas, em vez disso, utilizamos a lancha do padre. Viajamos por dois dias sem parar.

Ansiosa para explorar essa região convidativa, entrei em uma das mais bonitas florestas de caatinga em que já estive.” p.40

(15) “Retornando do rio Uaupés, vi pela janela do avião do FAB (Força Aérea Brasileira) a distante Serra do Imeri. O ponto mais alto dessa cadeia de montanhas do Brasil é conhecido como Pico da Neblina, na Serra da Neblina. Fazendo valer seu nome, o pico estava coberto por nuvens. A visão da Serra, bonita e misteriosa, me excitou de tal forma que prometi voltar um dia para explorar as maravilhas dessa montanha.” p.51

(16) “Compramos todas as provisões necessárias e partimos da cidade quente e tumultuada de Manaus utilizando vias secundárias, escolhendo nosso caminho pela lama negra, até chegarmos à lancha que havíamos alugado para nos levar rio Negro acima até a Serra da Neblina.”

Navegamos até a exaustão superando o grupo. Ancorados, então, em um local encantador sob uma enorme árvore, que ao raiar do dia reconheci como sendo uma *Swartzia* – repleta de flores brancas.” p.51

(17) “Ao trilhar meu caminho para a vila indígena, passei sobre uma linda ponte construída pelos índios com trepadeiras e troncos de árvores finas que alcançavam as corredeiras, e pude ver claramente a magnífica Serra do Padre ou Piripira, como é chamada pelos índios, um contorno maravilhoso, contrastando com o céu ao anoitecer.” p.54

(18) “A beleza dessa floresta distante inspirava respeito. Meu entusiasmo era esmagador só de pensar que finalmente havia colocado os pés na serra coberta por nuvens, que havia visto desejosa, mas sempre à distância. O banho nas águas do rio Tucano era refrescante, assim como era relaxante deitar em seguida na minha rede.” p. 56

(19) “Apesar de as águas terem permanecido turbulentas, consegui colher uma linda *Gustavia* branca com o miolo laranja. Tive muita dificuldade para pintar a flores tão delicadas, pois o barco balançava muito devido ao forte vento.” p.67

(20) “De volta a Manaus, encontrei o dono de um barco pronto para retornar para sua casa no rio Dimini, uma viagem de aproximadamente dois dias. O local era magnífico, mas escuro e com muita água e, devido às palmeiras jauaris, com seus troncos robustos e cobertos de longos e grossos espinhos, era também uma ameaça para o colecionador de plantas.” p. 74

(21) “No Igarapé, encontrei também uma espécie impressionante de bromélia com uma longa inflorescência de seis espigões radiantes, já secos, brotando frutos, motivo suficiente para voltar em seis meses quando as flores estivessem se abrindo.” p.82

(22) “Após alguns dias, com Leonardo e João, partir de Tapurucuará para Manaus. Apesar da grande extensão de águas turbulentas em nossa viagem, pude colher e desenhar uma espécie esplêndida de *Gustavia* – totalmente branca com uma enorme flor.” p.102

(23) “Colhi uma maravilhosa bromélia com uma coroa de plumas corais que encontrei em uma palmeira (*Aechmea huebneri*). O ponto alto, no entanto, foi quando uma outra bromélia, a *Aechmea polyantha*, apareceu em uma grance árvore. Fiquei tão entusiasmada que desenhei até acabar a luz.” p.132

(24) “As primeiras horas navegando pelo rio Negro foram devastadoras para alguém que havia conhecido e amado esse rio e suas gloriosas florestas durante tantos anos.” p.137

(25) “Após almoçarmos piranhas (Paulo havia pescado algumas naquela manhã), a Sue e eu remamos pelo igapó ao lado da casa do Gilberto, onde tentei colher uma bromélia *Streptocalys longifolius*, porém bastou encostar levemente com minha faca, que um bando de formigas furiosas nos atacou. Como a flor estava bem fresca, decidi aguardar até o dia seguinte.” p.140

	<p>(26) “Eu estava convencida de que os lugares lógicos para achar a <i>Strophocactus</i> seriam os igapós ao redor da reserva. Enquanto eu pintava as plantas que havia colhido, Sue, que havia remado a canoa por um igarapé próximo, voltou totalmente entusiasmada por ter encontrado algumas folhas dessa mesma planta. Abandonei meu trabalho e juntas remamos até o local onde crescia o <i>Strophocactus</i>.” p.142</p> <p>(27) “Alguns meses após o meu retorno a São Paulo, percebi que o miolo das bromélias que encontrei com Maria atrás da residência em Salvador estava manchado de vermelho, um sinal bem claro de que estava florescendo. A cada dia a área vermelha crescia e a cor se tornava mais intensa.” p.48</p> <p>(28) “Em um momento de tensão, lutando para transpor as corredeiras do rio, percebi o barulho de papagaios verdes brilhantes que voavam rasante sobre nós, seguidos por dezenas de pássaros-tesoura.” p.54</p> <p>(29) “Uma enorme lua surgia nesse paraíso de tranquilidade, silencioso, não fosse o coral de sapos e lamentos tristes das corujas e pássaros noturnos. Foi nesse local que ouvi pela primeira vez o mais incrível lamento de um pássaro noturno: o da saracura.” p. 67</p> <p>(30) “Ao permanecer imóvel, com o escuro contorno da floresta ao meu redor, me senti enfeitiçada. Nesse momento, a primeira pétala começou a se mover, e outra após outra, enquanto a flor rompia para a vida. Abria-se muito rapidamente. Continuamos assistindo, com a fraca iluminação de uma tocha e com a luz da lua cheia que subia pela orla escurecida da floresta. Nos primeiros estágios, a flor exalou um perfume extraordinariamente doce e ficamos todos fascinados com sua beleza e delicadeza. Para nossa surpresa, ela ficou enorme e totalmente aberta em uma hora.” p.162</p>
<p>c) Persistente (5X)</p>	<p>(1) “Após cinco dias de espera, o barco com destino a Viseu aportou. Rita e eu penduramos nossas redes uma ao lado da outra. Após uma noite incômoda, vi no raiar das primeiras luzes matinais uma das mais lindas cenas: uma revoada de flamingos contrastando com o verde escuro da floresta, como se fosse uma chuva de pétalas de gerânio.” p.14</p> <p>(2) “A última corredeira da viagem, Cinco Bocas, foi um espetáculo. Um complicado encontro de cinco rios cheio de pedras traiçoeiras e fortes correntezas que, devido ao baixo nível das águas, foi um dos trechos mais difíceis, considerando a época do ano (agosto).” p. 30</p> <p>(3) “Em nossa viagem de regresso, atravessamos a boca do Andirá sob um tempo hediondo. Soprava um vento pavoroso, mesmo assim prosseguimos, ate que o céu se tornou aterrorizante, com estrondos de trovões. Ancoramos próximo a uma árvore tombada no porto de uma pequena cabana, onde esperávamos permanecer até o final da tempestade, mas o dono da cabana chegou com seu barco. Tivemos que partir de lá, encarando nova tempestade de chuva pesada.” p.110</p> <p>(4) “Minha busca pela “flor-do-luar” (<i>Strophocactus wittii</i>, agora chamada <i>Selenicereus wittii</i>) continuou. Eu já havia colhido essa planta três vezes em viagens ao rio Negro e seus afluentes, porém nunca com flores.” p. 159 [p.s. planta encontrada em 1982 – p.162]</p> <p>(5) “Mais acima, em uma região aberta ao igapó, um grupo de folhas coloridas de cactos brilhava em uma grande árvore. Como estava escurecendo, resolvi retornar no outro dia. Na tarde seguinte, observei que havia muitas epífitas nas árvores, incluindo uma Gesneriad que encobria parcialmente o cactus. Fiz desenhos coloridos até o anoitecer, tendo a certeza de que os botões de flor se abririam em breve.” p.162</p>
<p>d) Legitimada (3X)</p>	<p>(1) “A oportunidade apareceu quando o meu projeto de colher e pintar plantas da região foi aceito e patrocinado pela Sociedade Nacional Geográfica.” p.51</p>

	<p>(2) “Um generoso suprimento, fruto do Prêmio Guggenheim, proporcionou-me a oportunidade de fazer diversas viagens e visitar novas regiões do Amazonas.” p.81</p> <p>(3) “Dois anos após meu regresso das Anavilhanas, no mês de junho, fui convidada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro para trabalhar em seu posto de Oriximaná, no rio Trombetas.” p.147</p>
E) Viajante	Tal categoria aparece vazia em Margareth Mee na referida obra analisada.
F) Conservacionista (14 x)	<p>(1) “Havia decidido abrir a porta de sua gaiola tão logo chegamos a Tupurucuará, pois não consegui suportar a ideia de a ave ficar confinada em um espaço tão pequeno. Ele me pareceu contente por sair da gaiola e ficou empoleirado em um galho próximo enquanto eu trabalhava.” p.61</p> <p>(2) “O rio negro também estava sofrendo com uma refinaria de petróleo construída em suas margens, cujo resíduos estavam destruindo a vegetação. No entanto, o lago de Januária continuava vivo, com pássaros espetaculares e plantas aquáticas florescendo ainda, apesar do elevado nível das águas ter levado a <i>Victoria regia</i> (<i>V. amazonica</i>) do lago principal. Em uma árvore <i>Macrolobium</i> encontrei um <i>Oncidium ceboletta</i> – semelhante a uma nuvem de grandes flores amarelas.” p.71</p> <p>(3) “Na manhã seguinte, viajei para a reserva Ducke. Quando vi o terrível “desenvolvimento” instalado e a devastação da reserva não consegui me conter e comecei a chorar. Bem diante de nossos olhos, a soberba Floresta Amazônia estava sendo desprezada e transformada em uma área miserável para despejo de lixo.” p.71</p> <p>(4) “De volta a Maués, aproveitei o convite para passar um dia na floresta com um ex-caçador chamado Raimundo. Foi uma das viagens mais decepcionantes que e já fiz, vendo quilômetros de florestas destruídos com suas gigantes árvores queimadas e ainda fincadas em solo árido, descarnadas e brancas com feridas negras feitas pelo fogo.” p.84</p> <p>(5) “Finalmente, chegamos a Autazes. A vegetação estava pobre devido às queimadas e devastações em diversas regiões.” p.89</p> <p>(6) “No igapó, a destruição criou uma vegetação confusa e emaranhada, além de ter causado a erosão das margens. Apesar de ser chocante o suficiente notar que todas as palmeiras haviam sido cortadas, havia também muitas árvores de madeira sólida que haviam sido roubadas, deixando um rastro desolador de vegetação queimada e troncos negros. Esse dano se estendia a todo o rio. Nada era cultivado, tudo era extraído.” p. 100</p> <p>(7) “Vimos, no entanto, que grande parte da floresta local havia sido impiedosamente destruída, e que as árvores gigantescas que inspiraram Spruce, e que poderiam ter vivido centenas de anos, haviam desaparecido, dando ao cenário um aspecto quase mundano. Foi uma triste cena para meus companheiros recentemente apresentados ao Amazonas.” p.114</p> <p>(8) “O objetivo de minha próxima viagem pelas águas do rio Amazonas era visitar o rio Jufari, cuja foz eu já havia cruzado diversas vezes no passado. Após alguns dias, um amigo levou-me de carro pelos 130 quilômetros da estrada Manaus-porto Velho até Igarapé Lages. A nova estrada era um desastre, tanto pela destruição das florestas quanto pela conseqüente erosão. Diversos trechos haviam desmoronado em ambos os lados, com precipícios íngremes causados pela erosão do solo. O rio Preto deve ter sido um curso de água adorável, antes das montanhas de terras escavadas serem depositadas tanto dentro dele como em suas margens. Assim como a maioria dos igarapés, era um choque ver a estrada atravessando seu curso. Em vez de o solo escoar de acordo com a natureza, enormes piscinas de água foram formadas, e as árvores apodreciam e caíam. Milhares de árvores devem ter perecido desse modo, tendo a trágica aparência do cenário como testemunha.” p.123</p>

(9) “A única planta que gostaria de ter colhido era um Aroide interessantíssimo que estava sendo utilizado como lar de marimbondos. Ao tentar me aproximar, os marimbondos jorraram do ninho e nós partimos apressados. Decidi explorar a floresta ao redor, mas a jornada foi deprimente e nada compensadora. Entrei em uma floresta por trás de uma fileira de árvores e fiquei aterrorizada como o que vi – uma região de morte. As árvores que ainda não haviam sido retiradas ou que desmoreram aparentavam estar doentes, como suas cascas soltando-se dos troncos. Um odor estranho e químico pairava no ar. Naquele momento, tive certeza de que algum desfolhante diabólico havia sido pulverizado no local.” p.128

(10) “Olhei com admiração a floresta que vestia essa região do Pará. Aqui e ali, a sombra de uma linha mostrava o curso de um rio escondido, onde a enorme faixa de água prateada fluía através de um túnel suspenso verde e misterioso. Eu estava tão entusiasmada em constatar que ainda existia essa quantidade de floresta intacta, que mesmo a lúgubre visão das fábricas lançando fumaça nos arredores de Manaus não reprimira meu espírito.” p.137

(11) “Sobrevoamos fileiras e mais fileiras de montanhas cortadas por riachos e vales estreitos, até chegarmos perto do Amazonas. Ficamos incrivelmente chocados ao ver os quilômetros sucessivos de terras devastadas. Eu jamais havia visto uma destruição de florestas tão abundante e uma área tão grande de deserto fabricados pelas mãos do homem. Fiquei agradecida quando as nuvens cobriram o cenário impiedoso.” p.147

(12) “Havia inúmeros caminhos pelas águas e pelos lagos na região do Trombetas. Foi uma grande mudança viajar por terra, em um jipe, até a distante vila de Poção. Eu estava em completo estado de choque visual após ter percorrido alguns quilômetros na “estrada” entre Orimiminá e Óbidos. Não era exatamente uma estrada – na realidade, era mais uma trilha, que de tão perigosa e desgastada pela erosão até desafiava a imaginação. A paisagem (ou que restou dela) era um triste caminho de madeiras secas, onde uma vez existiu uma floresta virgem. Hoje resta um mar enegrecido com esqueletos gigantes. Apenas algumas monoculturas tiveram sucesso – criadas pela própria natureza -, como as embaúbas, que lutavam para regenerar as árvores quase exterminadas da floresta.” p. 148

(13) “Era necessário ver a destruição das margens do rio Negro para acreditar. Diversos assentamentos no centro de queimadas que nada produziam ou, no máximo, uma miserável colheita de mandioca. Madeiras estavam sendo retiradas da floresta e o pau-rosa estava quase extinto, sendo encontrado somente nas cabeceiras dos rios, em locais distantes o bastante para não serem explorados. Coari-coari, laurel e itaúba também estavam em processo de desaparecimento. O que acontecerá quando essas e outras espécies desaparecerem? Como será o futuro?” p.96

(14) “A região era tão bela que resolvi visitar o IBDF no caminho de volta a Manaus e solicitar que considerassem a transformação dessa área em reserva florestal.” p.98

g) Benevolente
(16X)

(1) “Quando nosso estoque de comida chegou próximo do fim, decidimos que era hora de partir de Murutucum. Se conseguíssemos um barco, poderíamos subir o rio até Pingafogo e conseguir abrigo com Antônio Carvalho, o pai do João. Nosso velho amigo Antônio Carvalho era considerado o sábio do rio Gurupi. A população humilde que vivia ao longo do rio buscava sua ajuda para ler ou escrever cartas e para ouvir as notícias dos jornais que ele ocasionalmente recebia de Viseu. Seu pequeno jardim não parava de florescer, visto que ele praticava o cultivo inteligente. Em vez de cortar e queimar a mata ao redor de sua casa, o que era uma prática comum, ele limpava a vegetação rasteira ao redor das árvores maiores e plantava

árvores de frutas, utilizando o mofo das folhas que se renovava continuamente pelo ciclo natural.

[...] Antônio curou muitos enfermos com as plantas medicinais encontradas com fartura na Amazônia, utilizando o surpreendente conhecimento que possuía sobre suas propriedades. Enquanto estivemos por lá, pudemos testemunhar a recuperação de seu velho cão que foi curado após ter sofrido ferimentos à bala. Quando chegamos, o animal encontrava-se em estado precário, mas, após o tratamento com uma combinação de ervas engendrada pelo Antônio, começou a recuperar-se e no dia de nossa partida já estava de pé, abanando o rabinho.” p. 16

(2) “José, um jovem índio de sete anos, prontificou-se a me ajudar na colheita. Extremamente ágil e inteligente, escalava árvores com facilidade e a segurança de um pequeno mico, balançando pelos cipós até alcançar as árvores de mais difícil acesso. Ele conseguiu para mim algumas plantas adoráveis, incluindo uma *Aechmea sprucei*, que há muito procurava, e um *Billbergia* com um colar vermelho de brácteas e folhas escuras matizadas e listradas de cinza-prateado.

Mais tarde parti para nova colheita com Raimundo, que se ofereceu para me levar de canoa até uma ilha cujo acesso era impossível por outros meios.” p. 26

(3) “Paulo me ajudou fazendo um ótimo trabalho, enquanto curica, um pequeno papagaio que eu havia adquirido algumas semanas antes, observava sentado em uma árvore, se divertindo, se divertindo imensamente.” p.61

(4) “Ao chegarmos à Cachoeira dos Índios, Araken, o cacique da aldeia, levou-me a um passeio pela floresta em sua canoa artesanal. Chegamos a uma adorável clareira, verde de tantas samambaias e musgos, onde pequenas nascentes brotavam pelas fendas das pedras.” p.78

(5) “Em Nazaré, nadei nas águas negras do rio, um pouco receosa com as fortes correntezas, partindo, a seguir, em uma canoa artesanal com dois jovens índios chamados Gilberto e Francisco. Com uma agilidade espantosa, Gilberto escalou uma árvore alta e jogou de um galho apodrecido uma estranha bromélia que vira a distância.” p.86

(6) “Bento nadou até a árvore onde crescia um aglomerado dessas plantas e – com minha poderosa faca de jardinagem entre os dentes – escalou-a rapidamente. Com a agilidade retirou as grandes aranhas e escorpiões com a ponta da faca e começou a cortar as grossas raízes de madeira. Ele me trouxe duas plantas, sendo que uma estava completamente florida.” p. 92

(7) “Durante nossa estada, um índio presenteou-me com uma orquídea interessante, um labelo listrado, *Catasetum discolor*, enquanto remava sua canoa. Ao amanhecer, continuarei adicionando *Catasetums* e outras orquídeas, incluindo a adorável *Aganisia cerulea*, com inúmeras flores azuis à minha enorme coleção de espécies.” p. 94

(8) “Os índios pareciam ser bem independentes do mundo fora de sua aldeia, e sua cortesia silenciosa era reparadora.” p. 110

(9) “Pela manhã, o simpático Guilherme trouxe plantas para serem adicionadas à minha coleção, incluindo uma bromélia, *Neoregelia leviana*, uma linda espécie com cinco plantas formando um candelabro.” p.110

(10) “Heroicamente o Christopher se ofereceu para buscá-lo e, tentando evitar o mato impenetrável, acabou afundando até a cintura na lama negra de margem do rio, enquanto era torturado por mosquitos e formigas. Ele retornou abatido. O piloto, que estava acostumado com esses flutuantes de mato, pegou a canoa e com o remo lutou para atravessar e chegar até a árvore, alcançando a orquídea e retirando-a em seguida com a pá de remo. Era uma *Catasetum macrocarpum* tão linda que mal pude esperar para pintá-la.” p.112

	<p>(11) “Logo pela manhã chamamos o Raimundo, conhecido como o “guardião das corredeiras”, para pilotar neste trecho que se estendia por alguns quilômetros.” p. 116</p> <p>(12) “Bento nadou até a árvore onde crescia um aglomerado dessas plantas e – com minha poderosa faca de jardinagem entre os dentes – escalou-a rapidamente. Com a agilidade retirou as grandes aranhas e escorpiões com a ponta da faca e começou a cortar as grossas raízes de madeira. Ele me trouxe duas plantas, sendo que uma estava completamente florida.” p. 92</p> <p>(13) “A cabocla que vivia na choupana conseguiu me levar em sua canoa ao igapó mais próximo para procurar plantas. Uma mulher comunicativa e agradável que me disse que estávamos no rio Cuminá e não no Cuminá-Mirim – que somente seria acessível se navegássemos pelas cachoeiras.” p. 150</p> <p>(14) “Muito pouco havia mudado, graças aos cuidados do Gilberto, e muitas outras árvores estavam crescendo no local.” p.159</p> <p>(15) “Naquela primeira noite, deitada em minha rede debaixo das árvores sob o céu, no coração da floresta virgem, dormi pouco, prestando atenção aos estranhos sons enquanto admirava as árvores. A lua brilhava por entre as árvores. Um porco-espinho morava na copa das árvores e macacos noturnos brincavam ao seu redor. Eles ficaram sendo nossos companheiros constantes. Na verdade, comecei a gostar da companhia dos macacos que rondavam o acampamento após o anoitecer e que se tornaram corajosos o suficiente para brincar em minha rede. Era também ótimos vigias, sempre dando sinal de alerta no caso da aproximação de uma onça ou pequenos gatos selvagens.” p.24</p> <p>(16) “Enquanto saboreava meu café no Hotel Paris, em Manaus, corri os olhos pelo livro de visitantes e vi com surpresa o nome de uma amigo que veio de Gloucestershire. O jovem Christopher estava pouco desanimado e frustrado por não ter conseguido uma autorização para visitar o Alto Rio Negro e o rio Uaupés. Expliquei a ele que alguns jornalistas britânicos haviam visitado recentemente aquela região, e que a publicação de seus artigos e fotos não havia sido aprovada. Por esse motivo, Christopher aceitou com entusiasmo o convite para viajar comigo.” p.107</p>
<p>2) Recursos narrativos</p>	<p>a) Heterogeneidade discursiva</p> <p>- Constitutiva</p>
	<p>b) Narratário</p> <p>- Pergunta retórica (3X):</p> <p>(1) “De repente, fiquei cristalizada. A uma curta distância de onde estávamos crescia uma linda e estranha árvore – era uma árvore ou um enorme conglomerado de trepadeiras? – O caule grosso como uma corda se contorcia e se trançava em direção ao céu e onde se perdia nas copas da floresta. Não havia uma folha sequer nessa gigante enigmática.” p.56</p> <p>(2) “Fiquei triste em ter que deixar essas pessoas tão lindas, habitantes de um outro mundo, um mundo de natureza gloriosa – mas por quanto tempo?” p.56</p> <p>(3) “Era necessário ver a destruição das margens do rio Negro para acreditar. Diversos assentamentos no centro de queimadas que nada produziam ou, no máximo, uma miserável colheita de mandioca. Madeiras estavam sendo retiradas da floresta e o pau-rosa estava quase extinto, sendo encontrado somente nas cabeceiras dos rios, em locais distantes o bastante para não serem explorados. Coari-coari, laurel e itaúba também estavam em processo de desaparecimento. O que acontecerá quando essas e outras espécies desaparecerem? Como será o futuro?” p.96</p>

3) Efeitos patêmicos	Efeitos patêmicos de simpatia, de empatia e indignação.
4) Locais e datas	<p>Sumário pg. 5 Título de cada capítulo: - Nome da planta + local + ano da expedição Capítulo 1: Gustavias no Rio Gurupi, 1956 Capítulo 2: Catasetums no Mato Grosso, 1962 Capítulo 3: Heliconias à margem do Uaupés, 1964/5 Capítulo 4: Catleias na rota do Pico da Neblina, 1967 Capítulo 5: Heterostemons ao longo do Rio Marauíá, 1967 Capítulo 6: Oncidiums enfeitam o Rio Demini, 1970 Capítulo 7: Neoregelia ao longo do Rio Maués, 1971 Capítulo 8: Orquídeas nos rios Mamori e Marau, 1972 Capítulo 9: Catasetums nos arredores de Manaus, 1974/5 Capítulo 10: Em busca de Qualea Azul perdida e do extinto Rio cauhy, 1977 Capítulo 11: Loranthaceae no Arquipélago das Anavilhanas, 1982 Capítulo 12: Floresta perdida nas cercanias do Rio Trombetas, 1984 Capítulo 13: A “Flor-do-luar” no Rio Negro, 1988</p>

**Quadro 8 - Sur mer: impressions et souvenirs, 1933,
Virginie Hériot**

1) Ethos	<p>a) Intelectual Tal categoria aparece vazia em Virginie Hériot na referida obra analisada.</p>
	<p>b) Exploradora (13x)</p> <p>(1)“Je voudrais pouvoir vous raconter ce que je vis alors, afin de vous faire mieux comprendre combien cette lutte contre la fureur de l’Océan est émouvante.” p. 13</p> <p>(2)“Ma toute petite vie est grande par son détachement et par le don que j’ai fait d’elle. Ma vie ne m’appartient plus ... chaque instant est à la disposition de mon cœur et de mon esprit, orienté vers mon Idéal. Je vis sur la mer une sorte de légende que je dois continuer, si possible, et développer sans trêve afin d’être sûre de la bien terminer. Je veux que ma vie soit un ex voto, tout petit navire battant les océans avec sa voile lancée en plein ciel, croché par un filin poussiéreux à quelque voûte de cathédrale dont les clochers pointus se découvrent du large!” p. 30</p> <p>(3)“Voici ce que je désire faire: Orienter la jeunesse de France, avide d’aventures et des risques, vers cette Mer qui est une splendide école de volonté et d’énergie. Recruter de bons équipages dont notre flotte a besoin. Créer, en faveur de la Marine française, un mouvement qui n’arrêtera plus, car la mer est infinie! Faire de la France le pays maritime qu’elle n’est pas!” p.30-31</p> <p>(4)“Dans ce désir de don, dans ce vouloir de servir, je savais qu’il fallait partir, agir, offrir ma vie à mon Idéal. Je me sentais désignée pour devenir un petit exemple. Je savais que j’avais en moi la force d’entraîner des volontés vers la mer. J’ai navigué. En me vouant à toutes les branches de l’action sur la mer, j’ai voulu faire germer des vocations, en disant à la jeunesse de se tourner vers l’Océan. Par l’action et la parole, j’ai mis au travail mes muscles et mon cerveau. Aujourd’hui, mes yeux voient plus loin. Mon coeur, plus clair Mes muscles sont forts comme ma volonté et la discipline de fer de mon âme dispose de moi-même pour le service de mon pays.” 31-32</p> <p>(5)“Tandis que je me trouvais, l’an dernier, au retour dans les parages des Sanguinaires, luttant contre une terrible tempête de vent du nord, j’avais, par tribord, aperçu ces rochers rouges, frangés d’écume, je ne me doutais certes pas qu’un jour prochain je devais y passer des heures ensoleillées!” p.44</p> <p>(6)“Je suis encore trop imprégnée de ce qui m’entoure. Je ne puis arrêter les visions recueillies au fil d’heures si rapidement et qui me submergent. Tout cet exotisme et tout ce modernisme qui se côtoient brouillent encore mes pensées. Je suis trop la prisonnière du cadre ensorcelant où je vis pour pouvoir exprimer déjà tout ce que je ressens. J’assimile trop de choses. Les détails m’assaillent, les contours me hantent.” p.65</p> <p>(7)“Je recherche dans ma mémoire fidèle de marin mes plus belles impressions et je constate que cette vision est la plus complète et la plus touchante que je puisse ressentir.” p.79</p>

	<p>(8)“Il y a trois façons de se comporter dans la tempête: la lutte, ... la cape, ... la fuite. Au capitaine de choisir et de commander la manœuvre! Il a la responsabilité du corps du navire, de l'équipage qui le monte, de l'âme du bateau qui lui a été confiée." p. 95</p> <p>(9)“Mais, quand c'est une femme qui est à la tête d'une organisation, le devoir est pour elle quatre fois plus impérieux. Et en plus elle doit se faire aimer.</p> <p>Lorsque mes marins me voient avoir plus froid qu'eux, ils me regardent et ne songent plus à se plaindre.</p> <p>Je sens alors leur volonté fervente de me servir le mieux qu'ils peuvent et le faisant, ils servante aussi mon idéal!" p.97</p> <p>(10)“En accomplissant l'intéressant programme des réunions nautiques de Norvège et d'Esthonie qui rassemblent les meilleurs bateaux nordiques, j'avais participé cet été 1926 avec l'<i>Aile V</i> (huit mètres) et <i>Illusion</i> (six mètres) à plus de soixante régates.” p.107</p> <p>(11)“Je ne me souviens pas, enfant, d'avoir rencontré la peur. Le danger m'a toujours attirée. J'avais conscience de ne pouvoir jamais en souffrir. Plus tard je compris qu'affronter le péril était le moyen de s'élever si le sort voulait que l'on fût épargné.” p.114-115</p> <p>(12)“Je me prépare chaque jour à partir un peu plus loin, en pensant mieux, à voler avec des ailes au-dessus du mal, à planer là où rien ne peut plus m'atteindre.</p> <p>Il faut sans cesse se préparer à quitter la terre brusquement. Je suis déjà prête à laisser la mer pour l'infini." p.123</p> <p>13)“Lorsque je rencontrais à la mer le danger pour la première fois, face à face, je ressentis une très grande satisfaction. J'emprunte ici à Raymond de Mas cette pensée qui exprime mieux que je ne saurais le faire le sentiment exact que j'éprouvais: “Nous pensions bien être braves dans le danger, dit-il, mais quel apaisement cependant d'en être certains!”” p.115</p>
<p>c) Persistente (10X)</p>	<p>(1)“Ma vie est un acte de foi et mes actes sont le reflet de ma vie.</p> <p>Nombreuses sont les femmes qui, en perdant la jeunesse, découvrent une œuvre et s'y consacrent!</p> <p>Il vaut mieux commencer une carrière à vingt ans qu'à cinquante ans!</p> <p>Je ne regrette plus mes peines endurées dans ma jeunesse et je bénis le chagrin qui vint à moi si tôt, car j'ai pu guider mes vingt ans vers l'Idéal et travailler pour la Mer avec mes cheveux bruns, mes yeux clairs et toutes mes illusions vivantes.” p.25-26</p> <p>(2)“Le début d'une carrière est toujours décevant.</p> <p>Une âme de chef trouvera sa mesure dans la persévérance. Un jour, par la volonté, elle pourra se faire écouter.</p> <p>Dix années d'efforts m'ont valu d'atteindre ce but.” p. 27-28</p> <p>(3) “Rien ne m'a jamais plus encouragée que le découragement.</p> <p>Les étapes faciles sont des périodes d'inertie qu'il faut savoir éviter.</p> <p>C'est dans les difficultés que les âmes fortes se dénoncent et s'affirment.</p> <p>Heureux ceux qui souffrent jeunes. Il sont à la meilleure école.</p> <p>La maturité les trouve aptes à être heureux en offrant aux autres leur sérénité.” p.28-29</p> <p>(4) “Après deux jours de lutte, je me couchai avec une congestion pulmonaire. Soignée énergiquement au Cap Martin par ma mère, je me remis assez vite.” p.90</p> <p>(5) “Je n'avais presque rien: une côte enfoncée légèrement. Mais Front ne bougeait plus, la tête ensanglantée. Étendu sur le pont, des compresses d'eau froide sur la tête, nous lui fîmes avaler des gorgées de cognac sans qu'il donnât signe de vie.” p.103</p>

(6) "Cet équipage, fort et blond, se levait lorsque j'entrais me chauffer près du fourneau. Mes vêtements fumaient d'humidité. J'enlevais mon bérêt couvert de neige. Je m'asseyais sur un petit pliant attaché à la table. La mer démontée sur laquelle nous fuyions était si formidable que rien ne pouvait tenir." p. 106

(7) "Petite fille je fus. Ayant mis un fils au monde, je sais le rôle qu'une femme y doit tenir. J'étais de celles qui comprennent mieux le devoir que la vie.

Maintenant je suis un être façonné dans la volonté de lui-même pour un idéal trouvé: offrir ses jours dans l'action, par pureté, abnégation, exemple, en hommage patriotique à ceux dont la vie s'écoule sur mer.

D'où me vient cette volonté?

Je ne puis saisir dans mes mains frêles toute cette force qui s'échappe de mon âme!

Elle est surtout faite de tout l'espoir de bonheur que convoite la jeunesse et que je n'ai jamais connu.

Elle est faite de toutes les larmes, de toutes les peines, de toutes les désillusions et aussi de ma révolte devant la lâcheté de certains êtres!

Mais elle est enveloppée d'aspirations futures et de beauté qui plane au-dessus de tout!

J'ai voulu m'élever à ceux qui pensent bien et savent se dévouer. J'ai voulu embellir et magnifier les esprits ardentes et jeunes, les orienter vers le service de la Patrie et créer des âmes de chefs" p.126-127

(8) "Certains jours nous avons tout!

La rade est ensoleillée et bleue.

Notre bateau est superbe!

Tout est à sa place, pavillons et fleurs.

Nous allons revoir ceux que nous aimons, heureux, rajeunis sous un sourire de détente et de douceur.

La solitude fait place à la joie.

Il y a des jours où nous avons tout!

Il fait beau et nous avons à notre bord ceux que nous aimons, instants divins qui nous font louvoyer en plein ciel.

Il y a des jours où nous n'avons rien!

Et cela est l'ordinaire de notre vie.

Dans ces heures de méditation, nous sommes vraiment nous-mêmes!" p. 15

(9) "Plus j'avance dans la vie et plus je m'aperçois qu'elle est divinement belle; mais je constate la laideur de ceux qui la vivent.

Certains gaspillent, avec la même joie, ce que d'autres, en se privant, ont eu du bonheur à amasser.

Je vois l'ivresse des méchants à faire le mal et aussi la joie douce de ceux qui aiment à alléger le sort de ceux qui souffrent.

Je trouve ma joie à être chaque jour meilleure et, dans les sacrifices quotidiens et la discipline, la sérénité me comble en me faisant voir l'infini de l'œuvre de bonté." p.18

(10) "Une joie = un regret!

Une peine = une leçon!

Un chagrin = une évolution vers le bien, le large et l'infini!

Le bonheur est dangereux. La souffrance est meilleure, elle nous rapporte en vous dépouillant.

Une grande peine nous améliore toujours.

Il ne faut pas fuir devant la douleur. Il faut l'accepter en disant qu'elle est nécessaire à l'élévation de l'âme." p.123

<p>d) Legitimada (4X)</p>	<p>(1)“Lecteur assidu de l’Auto, n’ignorent rien de vos prouesses de yachtwoman aux Jeux Olympiques d’Amsterdam, ni de vos qualités de marin, j’aurais voulu baptiser mon langoustier: Virginie Hériot. Je vous serais très reconnaissant si vous vouliez bien accepter que votre nom soit l’emblème de mon gagne-pain.” 136</p> <p>(2) “Le lendemain, au ministère des Affaires étrangères, le ministre me remit les insignes d’officier du Christ du Portugal, au nom du Gouvernement portugais.” (p.179)</p> <p>(3) “Lorsque la séance fut terminée, le roi Gustave V me fit appeler pour me complimenter, et cela devant la salle entière debout. Le geste qu’il n’avait eu que pour moi fut commenté longuement en faveur de la France et de la Belgique. Le ministre de France, M.Gosen et le ministre de Belgique vinrent me remercier le lendemain. Ils devaient tous deux suivre à Sandham à bord de l’<i>Ailée</i> une belle régata.” p.202</p> <p>(4) “Alors, Virginie, vous ne vous doutez pas pourquoi je vous ai demandé de venir à Madrid?” “Voilà le motif: Si la France est fière de vous et reconnaît ce que vous faites pour elle et pour Sa marine, le Roi d’Espagne vous admire aussi sur mer et apprécie votre travail, votre volonté, votre dévouement pour tous ceux qui naviguent. J’aime votre coeur de marin, votre loyauté et je vous ai priée de venir pour vous décorer le Mérite Naval Espagnol.” “Et le Roi épingle la croix blanche à l’ancre bleue au-dessus de mon coeur qui bat très fort, il me donne l’accolade.” p.215-216</p>
<p>e) Viajante (3x)</p>	<p>(1) “Là, je reste un instant en contemplation, suivant chaque arabesque, chaque pan de mur, et je pars en voyage. Je vais avec mes yeux le long des toutes choses, à la découverte. Je monte à l’assaut de celle cité musulmane intacte et je découvre une autre petite mosquée dérobée, et puis encore une autre toute cachée, une Fontaine, une petite place adorable. Je passe un moment étonnant à contempler Mouley-Ldriss assise près du mur blanc de la mosquée, et je regarde ce grand décor, précieux comme une miniature, bien qu’il ne soit qu’abandon et ruines.” p. 70</p> <p>(2) “En partant pour la belle mission qui me conduisit en Méditerranée orientale, j’avais une joie réelle à me pencher sur la carte: l’Italie, la Grèce, l’Egypte, le Liban, la Syrie, l’Irak, la Palestine. Appareiller après la préparation minutieuse d’un grand projet, qui, dans l’action, va devenir la réalité, avec le butin du retour à vous faire fermer les yeux.” p.115</p> <p>(3)“Pour reconquérir la chère coupe de France que j’avais perdue en 1992 au Havre, je retournai em Norvège en 1924, 1925, 1926 à la conquête du trophée perdu et devins de ce fait un peu Norvégienne.” p.194</p>
<p>f) Conservacionista</p>	<p>Tal categoria aparece vazia em Virginie Hériot na referida obra analisada.</p>
<p>g) Benevolente (19X)</p>	<p>(1)“Je regardais Ailée lutter dans la tempête. C’était beau: nous étions mieux que nous-mêmes. Je voyais mes hommes à la manœuvre: ce qu’ils faisaient était bien, parce qu’ils se donnaient la peine de rechercher ce qu’il fallait accomplir de justesse pour être de taille et de force dans la tempête qui faisait rage.” p. 13</p> <p>(2)“Notre conducteur et sa femme sont Parisiens. Installés à Porto depuis cinq ans, ils aiment la belle nature du site qu’ils ont choisi pour vivre et semblent très heureux de leur sort. La femme, très vive, très aimable, m’offre de jolies fleurs de son jardin, dont elle est très fière.</p>

Au moment de l'appareillage, toute la famille, en barque, conduite par un pêcheur de l'endroit, vint assister à notre départ aux cris de "Merci, Madame, de votre bonne visite. N'oubliez pas le golfe de Porto."
Non, braves coeurs, je ne vous oublierai pas et je vous promets de revenir."
p.62

(3)"J'espère que ceux qui connaissent Marrakech ne m'en voudront pas de mes impressions, peut-être un peu hâtives. Je garde d'ailleurs tout ma reconnaissance à mes auditeurs qui, le soir de ma reconnaissance à mes auditeurs qui, le soir de ma conférence, voulurent bien marquer leur sympathie à celle qui, de si loin, était venue pour eux." p.76

(4)"C'est à Casablanca que j'ai pris contact avec l'Empire marocain! Ce que je voyais réalisé par notre protectorat, me combla d'enthousiasme. Que de belles impressions! Que de nobles sentiments!" p.85

(5)"Lorsque Ailée fut lancée à Gosport, une Jolie et touchant preuve de sympathie me fut donné par nos amis d'Outre-Manche." p.124

(6)"Ma reconnaissance est grande à lord Queenborough pour les relations si amicales qu'il doit créer entre nous tous." p.121

(7)"Je vous admire, ô dahabiehs, d'être restées semblables à vous-mêmes depuis l'histoire la plus reculée. Vous êtes une figuration vivante, majestueuse, impassible d'une parcelle d'éternité." p.145

(8)"Avant d'approcher les cours, j'avais entendu parler seulement de la politesse des rois; mais ce qui me surprit, ce fut leur bonté; ce qui me toucha, ce fut leur coeur." p.161

(9)"La sérénité, la bonté ont détendu et figé ce grand visage qui reflète le sacrifice et la résignation.

[...] Son coeur, toujours compatissant, trouve sa consolation à se pencher vers ceux qui souffrent et sont atteints par la douleur." p.173

(10)"Le Prince Axel a écrit des souvenirs très intéressants sur le Maroc et une période militaire qu'il fit comme engagé volontaire dans la Légion étrangère. Qu'un prince ait fait cela, est pour moi un sujet d'admiration. Il a révélé la droiture de son esprit, la noblesse de ses sentiments, la passion du dévouement à un idéal." p.190

(11)"Le prince Olaf, toujours gai et affectueux, s'intéressait beaucoup à mon effort maritime." p. 195

(12)"Comment décrire la simplicité, la noblesse, la bonté qui se dégageaient tout à la fois de la grande personnalité de la Reine Marie-Christine. Plutôt petite de taille, mais grande de maintien, de charme, elle personnifiait et reflétait le coeur et l'âme de l'Espagne." p.217

(13)"Recevoir, c'est peut. Donner c'est tout.

Une journée vide, inutile, laisse sa trace de tristesse en mon être. Un acte de bonté, un acte de courage accompli à terre ou à la mer ensoleillé un jour." p.19

(14)"Quelle erreur de penser que c'est par la force et la puissance que l'on peut dominer les êtres!

Le seul moyen que nous ayons pour communiquer avec un être ou une foule, c'est notre coeur.

Cherchez le coeur d'un être, vous le trouverez.

La bonté rayonnera toujours." p.19-20

(15)"L'humanité souffre. N'oublions pas que chacun a sa peine à porter, et c'est bien là le fardeau du monde!

C'est en allégeant la douleur des autres que vous vous sentirez libéré de la vôtre. Il faut savoir être indulgent.

Il faut savoir pardonner. Il faut devenir bon, car nous souffrons tous sans oser nous le dire!

Droit,

	<p>Il bat, Le coeur humain, Solitaire et douloureux.” p.20 (16)“Tous ces beaux reflétaient la sincérité, la confiance. Et les mains rudes de ces braves, émus de me parler, se tendent et des larmes passaient sur les visages tannés. J’entends encore les hurrahs joyeux qui saluèrent mon départ du club.” p.85-86 (17)“Mon brave marin avait une déchirure musculaire; j’avais une forte commotion et deux côtes cassées.” p.116 - Virginie recebe a notícia do marinheiro que desapareceu no mar a bordo do langoustier Virginie-Hériot: (18)“En lisant cette nouvelle, je fus consternée. J’écrivis de suite au patron René Faou, qui me répondit par la lettre suivante.” p.137 (19)“Soeurs inconnues, je vous salue, et j’aime votre révolte.” p.151</p>
<p>2) Recursos narrativos</p>	<p>a) Heterogeneidade discursiva Tal categoria aparece vazia em Virginie Hériot na referida obra analisada.</p> <hr/> <p>b) Narratário</p> <p>-Pergunta retórica + vous (1)“Comment vous exprimer ce qui est uniquement et purement dans nos cœurs de marins lorsque vous ne voyez pas? Lorsque que vous croyez nous découvrir, vous ne nous voyez pas comme nous sommes dans l’action, au milieu du danger, dans notre élément.” p.14</p> <p>- Vous + pergunta retórica: (2)“Vous ne voyez pas et vous ne nous avez jamais vus comme nous sommes. Cela est angoissant d’y songer. Nous nous sommes employés à vous camoufler l’austérité de nos bâtiments. N’avons-nous pas aussi par pudeur dissimulé nos cœurs et nos âmes trop farouches?” p.15</p> <p>-Pergunta retórica: (1)“Mais voici que la brise force. Le courant violent se renverse, et s’établissant à l’encontre du vent forme un si violent clapot que c’est à grand’peine que nous arrivons à force d’avirons à une demi-longueur de L’Aile qui, debout au vent, essaye de se présenter de la façon la plus commode pour l’embarquement. Que se passe-t-il?” p.100 (2)“Qui ne connaît la tête magnifique de cet être d’élite, inspire comme un apôtre, disciple, magicien, maître, saint peut-être?” p.192</p> <p>- Vous : (1)“Pour être plus près de vous, nous nous rendons plus semblables à vous lorsque vous venez nous voir, mais alors nous sommes moins nous-mêmes. Nous embellissons nos bateaux pour que vous gardiez d’eux un souvenir moins austère. Pour adoucir leur sévérité, des fleurs pour vous sont épanouies. Nous mettons aussi sous vos yeux des couleurs vivantes qui ondulent au vent, pavillons d’étamine qui sont pour nous à la mer toujours graves, solvants essentiels, et parfois tragiques. Nous vous masquons la dureté de notre vie, la lenteur de nos heures, l’angoisse et la déchéance du grand large où, privés de toute affection, nous vivons une vie intermédiaire magnifique, où le doute rôdait et l’amertume nous monterait au front si nous n’avions bénévolement déjà donné notre vie à notre métier.” p.14</p>

	<p>(2)“Lorsque que vous songez à nous à la mer, vous pensez à un être qui nous ressemble seulement. Vous voyez <i>Ailée</i> resplendissante avec des fleurs ... Vous me voyez en robe blanche, souriante près de la coupée; tout est simple, cordial, facile, et cela doit l'être aussi. Vous ne voyez pas <i>Ailée</i> à la mer, sous ses voiles de cape noyées d'embruns, faisant sont sous-marin, avec son pont glissant. Un marin de plus allant sur l'arrière tout balayé par les lames, qui traîne ses bottes, c'est moi!” p.16</p> <p>(3)“Si vous ne pensez jamais à vous, Si vous vous donnez inlassablement, Si vous éprouvez de la joie à épargner de la peine aux autres, vous ressentirez la consolation d'être dans le vrai chemin où la souffrance ne vous évite pas, mais où le devoir vous fait signe que la vie est noble! Ayez pour but suprême um Idéal et vous aurez droit à une place où le travail, le dévouement, l'abnégation vous élèveront chaque jour à la compréhension des sages. Demandez tout pour l'humanité et rien pour vous-mêmes.” p. 21</p> <p>(4)“La déchéance du gain! L'ingratitude du succès! Si c'est pour les autres que vous travaillez, c'est bien, vous avez votre récompense; mais si vous agissez pour vous-même, vous n'avez plus qu'à prendre votre tête entre vos deux mains et à sangloter.” p.29</p>
3) Efeitos patêmicos	Efeito patêmico de empatia
4) Locais e datas	<p>Cruzeiros feitos Total: 28 anos de cruzeiros - Relação completa na tabela 1 – Cruzeiros realizados por Virginie Hériot (1900-1932). Percorre: 143.232 milhas = 265.265, 66 km (1 milha marítima = 1.852 km)</p>